

The background of the cover is a close-up photograph of a woman's face, focusing on her mouth and chin. She has dark, glossy lipstick and is wearing a red garment. The lighting is dramatic, with strong highlights and shadows. The text is overlaid on this image.

Editora
Charme

BAD MOTHER

MIA
SHERIDAN

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



The book cover features a close-up, artistic photograph of a woman's face, focusing on her lips which are coated in a dark, glossy lipstick. Her hair is blonde and slightly tousled. The background is a soft, out-of-focus mix of warm orange and red tones, with a hint of a teal-colored garment on the right side. The publisher's logo is in the top right corner.

Editora
Charme

BAD MOTHER

**MIA
SHERIDAN**

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

Copyright © 2023. BAD MOTHER by Mia Sheridan

Direitos autorais de tradução© 2023 Editora Charme.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2023

Design da capa - Caroline Johnson

Adaptação da capa e Produção Gráfica - Verônica Góes

Tradução - Monique D'Orazio

Revisão - Equipe Charme

Esta obra foi negociada por Brower Literary & Management,
Inc.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S554b

Sheridan, Mia

Bad mother / Mia Sheridan ; tradução Monique D'Orazio. - 1. ed. - Campinas
[SP] : Charme, 2023.

Tradução de: Bad mother

ISBN 978-65-5933-119-2

1. Romance americano. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

23-83548

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

***Para minha equipe.
Gratidão é pouco.***



Reno, Nevada, o único lugar no mundo para o qual ela havia jurado nunca mais voltar. Infelizmente, essa promessa cuspidada para o céu havia caído bem na sua cara, um resultado que era uma mistura duvidosa de destino e de suas próprias decisões alimentadas por seu lado emocional.

Você faria diferente?, Sienna se perguntou pela centésima vez.

E pela centésima vez, ela ainda não tinha certeza da resposta.

Só que... sim, sim, *tinha* certeza da resposta. Ela faria de novo se tivesse escolha. Só não havia previsto a escolha que a levaria de volta até *ali*.

O céu sem nuvens do deserto — azul vívido e infinito — se estendia no alto quando ela puxou a porta para acessar o departamento de polícia, antes de entrar no abençoado alívio do prédio com ar-condicionado.

— Pois não, posso ajudar? — perguntou a mulher na recepção, com um sorriso.

Sienna sorriu de volta, embora não tão abertamente.

— Sienna Walker. Estou aqui para ver a sargento Dahlen.

— Ah, oi! Você é a nova detetive de Nova York, não é? Eu sou Chelle Lopez. Prazer em te conhecer. O que está achando de Reno até agora?

— Oi, Chelle. Prazer em te conhecer também. E, na verdade, eu sou de Reno. Natural daqui, quero dizer.

Um olhar de surpresa iluminou o rosto redondo de Chelle.

— Ah, então, bem-vinda de volta ao lar.

Sienna controlou a expressão, mesmo sentindo um nó no estômago com as palavras de Chelle, e observou a mulher pegar o telefone e avisar à sargento Dahlen que ela estava lá.

— Só um minutinho; ela já vem.

— Ótimo, obrigada — disse Sienna quando Chelle atendeu outra ligação. Logo a recepcionista estava rindo de algo que a pessoa do outro lado tinha dito e baixando a voz enquanto continuava a conversa que obviamente se tratava de assunto pessoal.

Sienna mal havia se sentado quando uma mulher muito alta e atraente entrou no saguão, com os olhos focados nela. Estava na casa dos cinquenta anos e tinha cabelo loiro-claro em um corte curto e espetado.

— Sienna Walker?

Ela se levantou.

— Sim. Sargento Dahlen? Prazer em conhecê-la pessoalmente.

A mulher mais velha, que usava um terninho preto, uma camisa preta e sapato vermelho de salto alto, aproximou-se dela e apertou sua mão rapidamente enquanto Sienna levantava o queixo, tentando olhar nos olhos da mulher, mas não conseguindo.

— Você pode me acompanhar por aqui.

A sargento Dahlen a conduziu pela delegacia, que estava agitada com as atividades do meio do dia típicas de uma força policial que estava sempre cheia de serviço, suas longas pernas fazendo com que Sienna tivesse que se apressar para acompanhá-la. Entraram em um escritório e a sargento Dahlen fechou a porta atrás delas. Indicou uma cadeira em frente à sua mesa com um gesto, e as duas se sentaram enquanto ela pegava o telefone e pedia a alguém que viesse até seu escritório. Sienna deu uma olhada rápida na sala — completamente despojada e de aspecto tão organizado quanto a mulher que a habitava.

A sargento recolocou o telefone no gancho, recostou-se e cruzou as pernas enquanto examinava Sienna.

— Seu capitão, Darrin Crewson, e eu somos veteranos do Exército.

— Sim, ele me disse, senhora.

— Ingrid. — Ela fez uma pausa, seus olhos se estreitando muito ligeiramente. — Não existe nada que eu não faria por meus irmãos e irmãs de armas.

Sienna assentiu, sentindo os nervos à flor da pele.

— Sim, e vice-versa, segundo disse Darrin. — *Se uma estalactite de gelo pudesse se transformar em gente, a sargento Dahlen seria essa pessoa*, pensou Sienna. *Bela de uma forma fria e afiada.*

A sargento Dahlen — *Ingrid* — ergueu o queixo como se lesse os pensamentos de Sienna e concordasse.

— Mesmo assim, não preciso, e também não quero, uma renegada encenqueira que me cause dores de cabeça e burocracia desnecessária. Eu *odeio* papelada desnecessária.

— Não, senhora. Não pretendo causar a este departamento... er, e especialmente à senhora... nenhum problema. O que aconteceu em Nova York foi uma... situação atípica. Não vou deixar isso acontecer de novo. — Seu tom soou *fraco*, até para si mesma. Ela endireitou as costas, tentando transmitir a mensagem de força com sua postura onde a voz havia falhado. Sienna tinha um forte pressentimento de que a sargento Dahlen não gostava de gente fraca.

A mulher mais velha estudou Sienna por mais um momento e esta resistiu à vontade de se contorcer no lugar. Se esse era o olhar que a sargento-detetive usava quando estava interrogando um suspeito, o departamento devia ter uma taxa de resolução de crimes absurdamente alta. Qualquer um se dobraria sob aquele olhar glacial. Os olhos da sargento Dahlen se moveram para a janela e Sienna soltou um suspiro silencioso.

— Temos uma grande falta de pessoal no momento no DP de Reno, então, quando Darrin solicitou a transferência, isso facilitou um pouco as coisas para nós. — Sienna resistiu a se encolher. — Apesar disso — continuou a sargento —, Darrin também me disse que você é uma detetive muito boa quando não está tomando decisões precipitadas e que qualquer delegacia teria sorte em ter

você na equipe.

Obrigada, Darrin. Por essa e uma dúzia de outras gentilezas.

— Vou fazer o possível para corresponder a essa generosa descrição, sargento.

— É o que eu espero.

Sienna se virou com a batida repentina no vidro da porta, e uma mulher de cabelos escuros a abriu e espiou para dentro.

— Entre, Kat — disse Ingrid.

A mulher chamada Kat entrou, sentando-se ao lado de Sienna. Ela estava com o cabelo preso em um coque apertado e seus lábios eram vermelhos e carnudos. Lembrava Sienna de uma Bond girl em um terninho, se é que uma Bond girl algum dia fosse ser vista em um terninho, por mais elegante e bem ajustado que fosse o de Kat.

— Katerina Kozlov, esta é Sienna Walker, sua nova parceira.

Kat se virou, avaliando-a muito diretamente, mas não de forma rude.

— Bem, graças a Deus a porcentagem de testosterona neste lugar acabou de reduzir mais um pouquinho. — Ela se inclinou ligeiramente. — Ingrid sendo a maior fornecedora dessa testosterona. — Ela lançou um sorriso para a mulher mais velha, cujas sobancelhas se ergueram ligeiramente, mas que, fora isso, não pareceu achar graça no comentário. Sienna lutou contra o sorriso que daria a impressão de que estava rindo às custas da chefe no primeiro dia de um novo emprego.

Kat estendeu a mão.

— Bem-vinda ao Departamento de Homicídios — falou sua nova parceira. — Pode me chamar de Kat.

Sienna estremeceu.

— Oi, Kat, prazer em conhecê-la.

— Enfim, agora que já fizemos as cerimônias, por que você não mostra a mesa da Sienna para ela se familiarizar com o ambiente? — pediu Ingrid.

Kat se levantou.

— Vamos, parceira. Vou te mostrar a sala mais importante deste prédio, aquela onde guardamos o café.

Sienna agradeceu à sargento Dahlen e seguiu sua nova parceira porta afora.

A sala do café era pequena, mas adequada, com uma área de cozinha no canto e uma mesa ao lado, onde ninguém estava sentado no momento. Kat pegou um copo de papel e o ergueu para Sienna, suas sobrancelhas se arqueando em questionamento.

— Claro, obrigada — disse Sienna.

Kat serviu dois copos de café e entregou um a Sienna antes de se virar e se encostar no balcão de fórmica.

— Então, o que você fez? — ela perguntou.

Sienna soltou uma risadinha de surpresa, depois tomou um gole de café fraco. Ela não esperava a pergunta direta logo de cara, embora soubesse muito bem que os rumores se espalhavam depressa entre os policiais.

— Eu negligenciei ordens.

Kat pareceu levemente desapontada.

— Insubordinação? Porra, eu esperava que você tivesse um caso com o chefe ou algo interessante.

Sienna soltou uma risada que morreu logo. *Antes fosse.*

— Bem, foi um pouco mais complicado, mas nada muito grave. As ordens que desrespeitei vieram do prefeito.

As sobrancelhas de Kat se ergueram.

— Ah. — Ela estava obviamente considerando aquele diamante de informação. — Então eles te fizeram um favor e te expulsaram da cidade antes que o prefeito exigisse que você renunciasse ou fosse demitida.

— Eles obviamente não chamam você de detetive à toa.

Kat sorriu, apontando para a porta e jogando o copo no lixo.

— Agora me deixe te mostrar a sua mesa. Vamos passar muito tempo juntas. Se decidir que quer me contar os detalhes dessa história, não vai precisar ir muito longe.

Ela seguiu Kat para sua área de trabalho — a única privacidade era uma divisória frágil, com duas mesas de metal padrão como a que ela tinha em Nova York. Ela abriu uma gaveta, esperando o rangido que se seguiu. A familiar peça de mobília parecia uma das únicas coisas em sua vida que não havia mudado. *Bem-vinda ao Departamento de Polícia de Reno, Sienna.*



Sienna ficou surpresa ao ver que o estacionamento de trailers parecia um pouco menos esquálido do que ela se lembrava. Talvez fosse devido à luz dourada do sol poente, que suavizava os trailers desmazelados e a grama irregular. Ou talvez fosse porque sua memória havia exagerado a decadência daquele lugar. Ou *talvez* porque, em algum momento, alguém houvesse aparecido e tivesse tentado rejuvenescer o Estacionamento de Trailers Paradise Estates — um verdadeiro nome impróprio, se é que já existiu algum mais impróprio — e tinha conseguido, de alguma forma, mesmo que minimamente.

Talvez uma mistura de todas essas coisas.

Em todo caso, ali estava, na frente dela, o layout igual, embora a garota que ela havia sido, aquela que crescera naquele lugar, parecesse diferente em todos os sentidos. Embora ela estivesse sentada em seu carro, olhando pela janela, tinha uma estranha sensação de desequilíbrio ao olhar para as fileiras em direção ao lote onde havia morado, como se o mundo tivesse mudado sutilmente abaixo dela.

Por que você foi puxada para cá? Ela se viu dirigindo naquela direção depois de se encontrar com sua nova chefe e parceira, sem nem mesmo decidir fazê-lo, quase como se fosse apenas pela memória muscular.

O coração também é um músculo. Sim, e talvez fosse o que ela estava usando naquele momento. Sienna tinha sido criada naquele estacionamento de trailers. Ela saía para a escola todas as manhãs dali, até o dia em que se formou no ensino médio. Tivera alguns de

seus momentos mais felizes naquele lugar e alguns dos piores.

Havia se apaixonado ali. Seu peito apertou quando ela virou a cabeça para a direita, olhando para a fileira onde ficava o trailer *dele*. Claro, não era mais dele. Ou da mãe dele, Mirabelle. Outra pessoa morava lá agora, ela tinha certeza. Ele tinha melhorado muito de vida. E embora ela não soubesse tanto sobre ele quanto acreditava, sabia no fundo do coração que a primeira coisa que ele faria com o dinheiro que ganhasse seria comprar uma casa para sua mãe. Uma casa *de verdade*, não um abrigo de paredes de plástico que balançavam com qualquer vento minimamente forte.

Ao pensar em Mirabelle, ela sentiu uma sensação de beliscão sob o esterno e, inconscientemente, levantou a mão para massagear a dor. Sentia falta dela. Ainda. Tinha sido a única mãe de verdade que Sienna já havia conhecido, sendo que a sua era uma casca oca encharcada de álcool, uma mulher que geralmente não dava indícios de se importar com a existência de Sienna. A mulher que havia lhe transmitido os olhos verdes e o cabelo loiro-dourado e, felizmente, quase nada mais, havia morrido cinco anos antes. Quando Sienna soube da notícia, sentiu pouco mais do que uma tristeza passageira que poderia acompanhar o conhecimento de que qualquer vida desperdiçada havia terminado.

Ela enviou um cheque ao pai para ajudar nos custos da cremação e fez uma doação em nome da mãe para uma instituição de caridade local que ajudava na recuperação de viciados em drogas e álcool. Foi encerramento suficiente para ela. E, embora seu pai tivesse descontado o cheque mais que depressa, ela não havia falado com ele desde então.

Tinha deixado o estacionamento de trailers havia onze anos, sem se despedir nem do pai nem da mãe. A dor em seu coração era apenas por Mirabelle. Na época, aquela dor em particular havia sido abafada por uma maior, e foi apenas depois que ela percebeu que sua dor tinha camadas.

Olhou, sem ver, na direção do que um dia fora sua casa. Sua mente retrocedeu no tempo.



Mirabelle abriu a porta do trailer, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Sienna? O que foi, menininha querida?

Sienna soltou um soluço baixinho, permitindo que Mirabelle a conduzisse para o trailer, onde a levou até o sofá xadrez e a sentou. Mirabelle sentou-se ao lado dela, virando-se para que ficassem joelho contra joelho, e pegou as mãos de Sienna nas suas, apertando de leve. Limão e lírios encontraram seu nariz, e o cheiro serviu de conforto antes mesmo de Mirabelle dizer uma palavra. Ela respirou fundo, trêmula.

— Fui convidada para a festa de aniversário da Amybeth Horton e meu pai disse que traria dinheiro para eu comprar um presente para ela, mas ele não o trouxe e agora não posso ir.

Verdade fosse dita, seu pai não tinha necessariamente esquecido. Ele provavelmente nunca tivera a intenção ou sequer havia pensado duas vezes sobre o pedido depois que ela falou. Ele voltara para casa bêbado naquela tarde, e ela não o “lembrou”, pois era melhor ficar longe quando ele estava bebendo. Ele era mau, em geral, e a bebida só aumentava esse atributo. O rosto de Sienna se contraiu, a decepção de ter esperado tanto por algo, de ter sido incluída e depois ser decepcionada — de novo — por seus pais, trazendo todo o seu infortúnio à tona. Mas ela não poderia ir sem um presente. Seria humilhante. As outras garotas com quem Amybeth andava não eram nada ricas, mas tinham mais do que a família de Sienna. De todas as formas concebíveis.

Sienna desejou não ser tão hiperconsciente disso, mas tinha quatorze anos: não era mais criança e essa era apenas sua personalidade. Ela percebia tudo. Sempre havia sido assim. Não como Gavin, que era sempre feliz e sortudo e não parecia se importar com o que os outros pensavam. Ele também era observador quando queria, mas suas observações não pareciam machucá-lo constantemente de uma forma ou de outra como as dela.

Gavin não estava em casa no momento. Ela sabia disso, e era a única razão pela qual tinha vindo. Ela não queria que ele a visse chorar, mas precisava de uma mãe. Ela precisava de Mirabelle.

Mirabelle franziu a testa, enxugando a bochecha de Sienna com o polegar quando uma lágrima escorreu de seu olho.

— Ah, queridinha. Eu sinto muito. — Uma expressão passou rapidamente por seu rosto bonito, parte tristeza, parte raiva, mas então ela apertou os lábios, inclinando a cabeça enquanto pensava. — Quando é a festa?

— Hoje — respondeu Sienna, respirando fundo enquanto a força da tristeza ia se dissipando. Ela ainda se sentia desapontada, mas estava ali, no trailer limpo e organizado de Mirabelle, sendo ouvida como se sua dor fosse importante. Só tinha vindo a ela pelo conforto. Ela sabia que Mirabelle também não possuía muito dinheiro. Trabalhava como assistente de um mágico chamado Argus, um grego de bom coração que chamava Sienna de “Siennoulla” e trazia baklava caseiro para Mirabelle às vezes em uma caixa branca com uma fita preta, do qual Sienna e Gavin se empanturravam até que estivessem bem cheios e seus lábios estivessem cobertos de mel. O espetáculo deles não era tão popular, porém, e mal pagava as contas. Mas Argus dizia que a alegria que trazia ao público valia muito mais do que as riquezas.

Sienna sabia que isso era uma pequena mentira, já que ele havia deixado Gavin, que era incrível nas cartas, jogar pôquer on-line em seu nome e dividir os lucros, um fato que haviam escondido de Mirabelle. Sienna não gostava de guardar segredos dela, mas também sabia que o dinheiro extra que Argus dizia a ela vir da venda de ingressos e era acrescentado à sua renda diminuía o estresse de Mirabelle e permitia que pagassem todas as contas, mesmo que não sobrasse muito no final do mês.

Sienna já tinha idade suficiente para saber que os truques que executavam eram apenas isso, truques, mas não podia deixar de assisti-los praticar, sentindo puro deleite em seu coração e um suspiro em seus lábios quando uma performance dava certo.

Havia algo de encantador e bonito na simples coreografia quando

se tratava de um show perfeitamente executado.

— Hoje... — repetiu Mirabelle. Sienna abriu a boca para falar, mas Mirabelle agarrou sua mão e a puxou para ficar de pé. — Venha comigo. Eu tenho uma ideia.

— Uma ideia? Mirabelle... — A mãe de Gavin puxou-a para seu quarto nos fundos do trailer. Ela soltou a mão de Sienna e se aproximou de uma cômoda ao lado da porta. Aquele quarto tinha um cheiro ainda mais forte de lírio do vale, e a cama exibia uma colcha de rosas amarelas. Mirabelle abriu a primeira gaveta da cômoda e tirou uma pequena caixa de madeira. Ela abriu e enfiou a mão dentro, e Sienna notou uma pilha de fotos, mas Mirabelle as cobriu com a mão antes que Sienna tivesse a chance de ver de quem eram. A família dela? Mirabelle nunca falava sobre a família. Ela não tinha nenhuma foto pendurada, exceto de Gavin, e ela e o filho nunca recebiam parentes nas datas comemorativas nem nada do tipo, mas talvez ela tivesse se desentendido com eles.

Sienna queria perguntar, mas também não queria invadir sua privacidade.

Mirabelle tirou algo da caixa e ergueu. Sienna piscou. Era uma linda e delicada pulseira de prata com pedras roxo-claras.

— Você acha que sua amiga gostaria disso?

O olhar de Sienna voou para Mirabelle.

— Gostar disso? Ah, sim, mas eu não poderia...

— Você pode, e você vai. — Mirabelle pegou a mão de Sienna e pressionou a pulseira na palma. Sem largar o punho fechado, Mirabelle olhou para baixo, parecendo considerar o que estava prestes a dizer. — Eu sei que não falei sobre o pai de Gavin — ela começou, hesitante, encontrando o olhar curioso de Sienna —, mas ele não era um bom homem, Sienna. Era violento e cruel, então peguei Gavin e o larguei.

— Ah — Sienna suspirou. — Eu sinto muito — disse, a voz pequena.

Mas Mirabelle sorriu.

— Não precisa, amor. Eu não lamento. Nossa vida é melhor sem

ele. — Mas algo mudou ligeiramente em sua expressão, como se ela não tivesse certeza do que tinha dito.

— E... e você tem o Argus — falou Sienna, querendo fazer desaparecer a expressão assombrada nos olhos de Mirabelle.

O semblante franzido e preocupado se transformou em um sorriso gentil.

— Sim. Sim, eu tenho Argus.

Mirabelle soltou a mão e Sienna a abriu, a pulseira refletindo a luz e brilhando para ela.

— Não é uma peça cara — disse Mirabelle, com palavras apressadas. — Mas mais do que isso, existem... memórias difíceis ligadas a ela. Eu deveria ter me desapegado há muito tempo. — Ela olhou para a pulseira, parecendo perturbada por alguns momentos antes de parecer se conter, seu sorriso se iluminando. — Deve ser o destino que me fez guardá-la e que a pulseira devesse pertencer a Amybeth. Vamos deixar que crie novas memórias. Boas.

Sienna refletiu, na dúvida. Era linda. E Amybeth era gentil. Sienna adoraria presenteá-la, mas não tinha certeza se deveria permitir que Mirabelle lhe desse algo que, apesar de suas palavras, parecia valioso.

Mas se fosse, ela já não o teria vendido? Várias vezes ela tinha visto Mirabelle torcendo as mãos, uma expressão preocupada enquanto examinava suas contas.

— Eu...

— Ah! E tenho uma caixa que vai ser perfeita para isso também. — Ela sorriu, puxando Sienna para um abraço. — Diga que aceita, Sienna, e você vai àquela festa e vai se divertir muito. Nada me deixaria mais feliz.

Sienna sorriu de volta, o amor e a gratidão a sobrepujando tanto que ela mal conseguia respirar.

— Então tá, Mirabelle. Obrigada. Muito obrigada.



Um garotinho chamou a atenção de Sienna, despertando-a da lembrança que havia provocado lágrimas no fundo de seus olhos. Deus, fazia muito tempo que ela não se permitia ficar tão completamente imersa em uma memória. A criança saiu correndo pela lateral de um dos trailers e se escondeu atrás de uma árvore, tapando a boca com a mão como se quisesse evitar uma gargalhada quando outras três crianças viraram pelo mesmo canto que ele, cada uma se agachando atrás de uma árvore ou lado de uma varanda. Estavam brincando de esconde-esconde. Mirabelle nunca os tinha deixado brincar disso. Ela se sentia nervosa, explicou, temendo que um deles fosse se esconder em algum lugar e ficasse preso. E ela parecia genuinamente perturbada quando dizia isso, então Sienna e Gavin obedeciam. Pelo menos enquanto ela estava em casa. Os lábios de Sienna se inclinaram ligeiramente, e ela engoliu a emoção enquanto observava a inocente brincadeira se desenrolar, o “mestre” fazendo os outros gargalharem de alegria quando os localizava. Essas crianças ainda eram pequenas. Elas viviam e brincavam com uma alegria otimista. Ainda não tinham idade suficiente para perceber que os outros iam menosprezá-las por causa de sua origem. Elas não tinham vergonha de suas roupas de segunda mão ou do carro quebrado de seus pais, que provavelmente acabaria fundindo o motor, fazendo as pessoas próximas mergulharem no meio dos arbustos com medo de que um lunático estivesse disparando uma arma contra a multidão.

O sorriso de Sienna derreteu quando ela lembrou a si mesma que seria melhor parar de projetar suas próprias inseguranças e memórias assustadoras naquelas crianças. Talvez elas fossem fortes o suficiente para não se definirem pelo local de onde provinham. Talvez seus pais — embora pobres — se importassem com elas. *Talvez tenham mães como Mirabelle e não como a minha.*

Ela fez um som doloroso de frustração no fundo da garganta, girando a chave na ignição e dando partida no carro. Não tinha

tempo para isso, nem era nada útil. *Por que* tinha vindo ali, ela realmente não fazia ideia, exceto talvez para provar a si mesma que era *capaz* disso. Então, tudo bem, ela tinha visto, *enfrentado*, sobrevivido e poderia continuar com sua vida, sabendo que, embora agora estivesse mais perto, ainda não tinha poder real sobre ela. Era apenas um lugar. Não vivia e respirava.

Ela virou o carro, pisando fundo no acelerador, fazendo os pneus girarem, e uma onda de poeira explodiu em uma nuvem granulada atrás dela.

Se o lugar não vive e respira, então por que você está fugindo como se ele pudesse encontrar uma maneira de te perseguir? Mas ela abafou o sussurro, sabendo que não havia uma boa resposta.



— Nada como pular de cabeça, eu acho — Kat disse quando Sienna saiu de seu carro, ainda um pouco grogue. Ela esperava ficar virando de um lado para o outro na cama, em conjunto com as emoções turbulentas que a agitavam na primeira noite em sua cidade natal, mas, em vez disso, depois de desfazer as malas um pouco e comer um sanduíche para viagem, ela havia caído em um pesado sono sem sonhos. Então, quando sua nova parceira ligou às 3h14 da madrugada, ela mal teve como localizar o celular quando apalpou o chão ao lado da cama.

Sienna caminhou com Kat em direção à rua vazia sob o viaduto onde alguns policiais estavam parados. Havia uma grande construção em frente que parecia ser uma fábrica e um ponto de ônibus vazio na esquina. Ela olhou para cima, para onde um holofote brilhava intensamente no topo do declive que descia até a parte inferior da rodovia.

— A equipe forense já está aqui. Eles vão ensacar a vítima em breve, então que bom que você vai poder ver como ela foi encontrada. Liguei para a sargento Dahlen também, e ela está a caminho, mas provavelmente vai demorar mais meia hora. — Kat enfiou a mão no bolso e tirou dois pares de protetores para calçados e entregou um para Sienna.

Os dois policiais que vigiavam a cena olharam por cima dos ombros enquanto se aproximavam da base da ladeira, acenando para Kat e olhando com curiosidade para Sienna. Ela não se incomodou em se apresentar, em vez disso foi direto para onde peritos trabalhavam, baixando a cabeça conforme a inclinação se tornava mais acentuada e o “teto” ficava mais baixo. Ao

aproximarem-se do local do crime, pararam, colocaram os protetores por cima dos sapatos e seguiram até onde trabalhavam três peritos, dois curvados devido ao espaço apertado e uma ajoelhada em frente a uma mulher, no que parecia ser uma cadeira de madeira, a área plana no topo da inclinação sendo alta e larga o suficiente para acomodá-la sentada.

Que diabos? Uma cadeira, debaixo de um viaduto? Aquela vítima tinha sido claramente colocada em um cenário montado.

Sienna absorveu os detalhes dos arredores. A cabeça da mulher não tão jovem estava inclinada para o lado, uma mordança na boca, os olhos abertos, embora abatidos em um perscrutar sem fim. A perita se mexeu ligeiramente enquanto usava uma pinça para arrancar algo da perna dela, e Sienna viu que a vítima estava usando uma saia preta curta e uma camisa branca específica das garçonetes que trabalhavam nos cassinos, embora não houvesse logotipos ou cores definidoras para ajudar a identificar um determinado estabelecimento. Se essa mulher já havia usado um colete ou outro item de uniforme que ajudaria a identificá-la, não o estava usando agora. Quando Sienna olhou mais de perto, viu dois pequenos furos na camisa onde um crachá deveria estar pendurado, mas havia sido removido ou tinha caído. As mãos da mulher estavam presas com fita adesiva à sua frente, embora esta parecesse solta e presa com indiferença, usada mais para prender as cartas de baralho em suas mãos do que para mantê-la restrita. *Estranho*. Suas pernas estavam amarradas à cadeira pelos tornozelos com fita adesiva e ela tinha marcas roxas e vermelhas em volta do pescoço. O sangue de Sienna gelou nas veias. Ela se aproximou um pouco mais, inclinando a cabeça e se abaixando ainda mais para olhar nos olhos da vítima.

Ao lado dela, flashes dispararam enquanto um dos peritos tirava algumas fotos.

— Você está vendo as petéquias? — Kat perguntou atrás dela, obviamente sabendo o que Sienna estava procurando: os pontos vermelhos reveladores nos olhos que indicavam que a vítima havia sido morta por estrangulamento. Sienna assentiu. Com a combinação de luzes brilhantes, o ar fresco da noite e a adrenalina

de ficar cara a cara com uma vítima de morte violenta, sua clareza de raciocínio voltou rapidamente.

Sienna estimou que a mulher tivesse cinquenta e poucos anos. Seu cabelo tingido de castanho com cinco centímetros de raízes grisalhas estava preso em um rabo de cavalo que havia se soltado, provavelmente durante a luta pela vida. A luta que ela tragicamente havia perdido. Sienna notou a pele de textura áspera, excessivamente enrugada e flácida e pensou que ela poderia ter tido uma espécie de “vida difícil”. Seu olhar se moveu para o pescoço manchado da mulher.

— Parece que algum tipo de instrumento foi usado — disse ela, observando os detalhes das marcas.

— Sim. — Kat apontou para uma mancha perto do lado esquerdo. — Você pode ver aqui onde o objeto que o assassino usou cortou a pele. — Mal havia começado a sangrar. Ela estava viva quando aquilo acontecera, mas não por muito tempo. Sienna esperava que tivesse sido uma morte rápida; mas, de qualquer forma, o sofrimento da mulher agora havia chegado ao fim. Ainda assim, sentiu-se dominada pela tristeza. Fosse rápido ou não, a mulher devia ter ficado apavorada no final. — Art, o médico legista, vai confirmar.

Uma perita, uma jovem de cabelos pretos lisos e dentuça de um jeito que lhe dava uma aparência de coelhinha, puxou as cartas com cuidado das mãos da vítima, retirou a fita adesiva e as estendeu para Sienna e Kat.

— As mãos dela ficaram amarradas às costas da cadeira em um certo momento — constatou a jovem, gesticulando com o queixo naquela direção.

— Há resíduos de cola e hematomas nos pulsos dela.

Sim, Sienna podia ver isso agora, manchas rosadas e vermelhas onde ela teria sido contida.

— Então, por que ele a desamarrou e colocou cartas de baralho nas mãos dela?

A perita, obviamente sabendo que Sienna não esperava uma resposta, apenas olhou para as cartas, espalhando-as ligeiramente.

— Parece que há seis ou sete aqui.

— Você pode virá-las? — Sienna perguntou. Será que aquela vítima tinha ganhado um jogo e enfurecido seu oponente? O uniforme dizia que ela trabalhava em um cassino, mas ela não estaria jogando em seu local de trabalho. Esse tipo de coisa não era permitido enquanto você estava em turno de trabalho, e provavelmente havia até regras para quando não estava. Não, se ela estivesse fazendo isso, teria sido pega pela supervisão, interrogada e provavelmente demitida, com as cartas confiscadas. Nada escapava da segurança do cassino. Ela tinha saído do trabalho e jogado cartas com os amigos? Mas se sim, por que não teria se preocupado em trocar de roupa? — As cartas são uma mensagem — ela murmurou.

— Deixada pelo assassino — disse Kat.

— Sim — concordou Sienna. — Mas por quê?

A perita virou as cartas, espalhando-as um pouco mais. Sim, havia sete delas. Um oito de espadas, um nove de copas, um valete de copas, um cinco de ouros, um valete de espadas, um ás de paus e um dois de ouros. Se havia algum tipo de mensagem nas cartas, Sienna não percebeu. Por outro lado, ela nunca havia sido muito boa com cartas. Qualquer coisa além do embaralhamento básico e ela era uma negação.

Se as cartas eram algum tipo de mensagem ou cartão de visita, não era algo imediatamente óbvio. Pelo menos não para ela.

— Significam alguma coisa para você? — ela perguntou a Kat.

Kat as estudou por um momento e então balançou a cabeça.

— Não, mas também não sou nenhuma jogadora de cartas. Só de Uno. Essa é a minha especialidade.

O canto do lábio de Sienna se curvou, mas ela não riu. Nunca pareceu certo para ela rir na presença do cadáver de uma vítima de assassinato. Outros policiais nem sempre se sentiam assim — na verdade, muitos deles se esforçavam para contar piadas —, mas ela sabia que era um mecanismo de enfrentamento e não os julgava por isso.

— Embale para nós, Malinda — Kat instruiu. — E, a propósito, esta é Sienna Walker, minha nova parceira — apresentou ela aos três peritos, gesticulando para eles um por um. — Malinda Lu, Abbott Daley e Gina Marr.

Sienna murmurou uma saudação.

— Você tem uma estimativa da hora da morte? — ela indagou a Malinda, que ainda era a perita mais próxima.

— Ela está morta há apenas algumas horas — disse Malinda. Ela falava muito suavemente e tinha um leve sotaque que Sienna não conseguia identificar. — O *rigor mortis* mal se instalou. Acho que quatro horas? Não mais do que seis.

Sienna franziu a testa, dirigindo-se a Kat.

— Quem a encontrou?

— Um morador de rua que às vezes dorme aqui. Ele estava muito bêbado e ficou agressivo com os policiais que responderam ao chamado, então eles o levaram para a prisão. Vou colher outro depoimento mais tarde e ver se ele se lembra de mais alguma coisa, mas parece que ele veio até aqui, a viu, deixou cair a bebida e correu para a loja de conveniência a alguns quarteirões de distância. Isso tudo foi há cerca de uma hora. Eles nos chamaram. Não há razão neste momento para considerá-lo um suspeito. Ele mal conseguia andar, que dirá carregar uma cadeira e um corpo em uma ladeira enquanto segurava uma garrafa de bebida. — Ela gesticulou para um ponto ao lado de onde estava uma garrafa quebrada, o concreto ao seu redor molhado com qualquer goró que tivesse derramado.

Kat olhou para trás, para a rua abaixo.

— Há um ônibus que passa por aquela rua e que teria uma visão direta para este ponto. Vou descobrir a que horas é a última viagem e entrar em contato com o motorista. Meu palpite, apesar disso, é que o assassino a matou em outro lugar e depois colocou o corpo em uma cena montada aqui.

Uma cena montada.

— Por quê? Por que sentá-la em uma cadeira? — Sienna murmurou, inclinando-se ao redor da cadeira e verificando atrás dela.

Nada além de cascalho solto. — Por que não simplesmente largar o corpo e encerrar o assunto?

— Não sei — respondeu Kat. — Mas obviamente não era para mantê-la confortável se ela já estava morta.

— E por que aqui? — Sienna acrescentou, inclinando a cabeça para baixo. — É estranho. — Ela olhou para o prédio escuro do outro lado da rua. — Que tal um trabalhador ou alguém de lá? Talvez eles tenham visto alguma coisa.

— Pesquisei a empresa, Armstrong and Sons. Eles fazem ferramentas. Mas fecha aos sábados.

Ela olhou de volta para a mulher, um pequeno arrepio serpenteando por sua espinha. As cartas nas mãos da mulher foram ensacadas, mas Sienna as percorria em sua cabeça. Parecia a mão de alguém que perderia o jogo. A mulher sentada, fria e silenciosa, na frente dela parecia ter perdido mais do que simplesmente nas cartas.



— Bom dia — cumprimentou Sienna, entregando a Kat o copo de café gourmet que ela havia comprado ao chegar para o trabalho e fechando a porta da sala de reuniões com o pé. Embora mal lhe parecesse que era de manhã, considerando que ela só tinha conseguido dormir algumas horas depois de deixar a estranha cena do crime e caído na cama assim que o sol começou a nascer.

Kat praticamente agarrou o copo oferecido.

— Eu soube imediatamente que ia gostar de você e que seríamos melhores amigas para todo o sempre — disse ela, e Sienna riu, colocando seu próprio café e o saquinho de papel branco contendo creme, açúcar e palitinhos para mexer na mesa, antes de pendurar a bolsa na lateral da cadeira. Ela ofereceu o saquinho a Kat, e ambas removeram os copinhos de creme e os pacotes de açúcar e começaram a misturá-los ao café enquanto Kat acenava para o quadro na frente da sala. Ela havia pendurado uma fotografia das cartas, frente e verso, mas nada mais. — Ingrid chegará em breve. Vou colocar todas as fotos da cena do crime aqui em um minuto — falou Kat, dando um tapinha na pasta à sua frente. — E então vou começar a vasculhar os sites de cassinos para ver se consigo pelo menos restringir aqueles em que as funcionárias usam saia preta curta e camisa branca.

Sienna receou que as peças fossem os itens básicos de vestuário para a maioria dos cassinos.

— Vamos dividir a lista — propôs ela. Se pudessem descobrir onde a mulher trabalhava, seriam capazes de descobrir seu nome.

— Ótimo.

Ela esperava que o legista tivesse encontrado algo mais para acrescentar ao que tinham, o que não era o suficiente, mas também não se podia dizer que não era nada. A sargento Ingrid Dahlen as havia encontrado na cena do crime, mais cedo naquela manhã, e repassado o que Kat e Sienna já haviam percebido sobre a vítima e os objetos na cena do crime. Apesar da hora, a mulher mais velha havia aparecido com aspecto bem desperto e completamente controlada, como se nunca dormisse e pudesse estar sentada à sua mesa cuidando da papelada, que ela disse a Sienna que odiava, quando recebeu a ligação. Ela também não tinha nenhum palpite sobre as cartas e não sabia o que fazer com elas, no entanto, se ofereceu para se encontrar com o legista logo pela manhã e depois informá-las do que ele havia descoberto. Sienna estava ansiosa para começar a caçar a pessoa que havia cometido o crime, mas sentia-se grata por não ficar em uma sala gelada com um cadáver aberto enquanto o legista apontava todas as maneiras pelas quais a vítima havia sido brutalizada. Era uma parte necessária do trabalho, mas ela preferia ler o relatório. E se isso a tornava uma detetive menos endurecida do que outras em sua profissão, que eram capazes de olhar com imparcialidade para um cadáver que estivera vivo e cheio de vitalidade poucas horas antes, então que assim fosse.

A porta se abriu e Sienna olhou para trás, esperando ver a sargento, mas, em vez disso, um homem de trinta e poucos anos, barba curta e uniforme de faxineiro entrou, carregando uma grande lata de lixo. Ele olhou para cima, obviamente surpreso ao vê-las, levantando a mão que não segurava a lata de lixo e removendo um dos fones de ouvido.

— Ah, desculpe. Não sabia que tinha gente usando esta sala. — Ele apontou para a lata de lixo perto da frente da sala e depois para outra perto da estação de café. — Tudo bem se eu esvaziar isso bem rápido, e aí eu deixo vocês em paz?

— Oi, Ollie, tudo bem — disse Kat, e Sienna não pôde deixar de notar que o homem parecia surpreso por Kat ter usado o nome dele.

Ollie colocou o fone de ouvido de volta, empurrando a lata de lixo para a frente, enquanto Kat olhava para a pasta de papéis que ela

tinha sobre a mesa.

— Ah — falou ela, dirigindo-se para Sienna —, o motorista do ônibus que fez aquele trajeto ontem vem hoje às onze da manhã. A última parada em frente à cena do crime é às oito da noite, então, considerando a hora da morte, é provável que não houvesse nada para ver quando ele passou e parou.

— E considerando que o local onde a vítima foi colocada provavelmente foi escolhido com antecedência, o assassino saberia a que horas um ônibus de linha passaria, certo? — acrescentou Sienna.

— Se ele tiver mínimas habilidades em matar pessoas e colocá-las em pose, sim.

Sienna suspirou. Ela esperava que ele não fosse muito bom nisso, porque tornaria muito mais fácil pegá-lo.

— Ok. Que outros itens temos na nossa lista? — Quando Kat não respondeu de imediato, Sienna olhou para cima para ver Kat observando Ollie, com um ar pensativo.

— Ollie — ela falou, acenando para chamar a atenção dele. Com o gesto, ele ergueu os olhos, mais uma vez tirando o fone de ouvido, e olhou para ela com expectativa.

— Você joga cartas, não é? Ouvi você falando sobre isso com alguns dos policiais.

Ele deu a ela um sorriso torto.

— Às vezes, jogo *blackjack* nos fins de semana se minha namorada quiser ir a um cassino, mas só jogo por diversão. Por quê?

Ela inclinou a cabeça em direção ao quadro onde as cartas estavam penduradas.

— Essa mão de cartas significa alguma coisa para você?

Ele olhou para onde ela estava apontando, inclinando a cabeça enquanto estudava os naipes, então fez que não.

— Os dois valetes são um bom começo se você estiver jogando pôquer, certo? Ou talvez o nove de copas e o valete de copas, se você quiser completar um *straight flush*... ou é um *royal flush*? — Ele

franziu a fronte em concentração. — Não, essas são todas cartas de figuras, certo? — Ele encolheu os ombros. — Como eu disse, *blackjack* é mais a minha, e nem sou tão bom nisso. Desculpe.

— Tudo bem — disse Kat. — E os naipes dessas cartas ficam nesta sala, ok?

— Sim, claro.

— Obrigada pela ajuda.

Ollie assentiu, mas seus olhos ainda estavam no quadro.

— Gavin Decker — ele murmurou.

Uma pontada de calor disparou pela nuca de Sienna, e seu olhar, que havia voltado para o bloco de notas à sua frente, saltou para o zelador, que estudava a imagem das cartas no quadro.

— Oi? — Sua voz soou estranha, ligeiramente sufocada. Ela pigarreou para encobrir sua reação.

Ollie balançou levemente a cabeça, parecendo sair de um transe.

— Desculpe, desculpe, não ajudei muito com os naipes das cartas, mas o desenho no verso dessas cartas... os cisnes... — Ele estendeu a mão e levantou uma pequena lata de lixo e distraidamente despejou o conteúdo na maior e colocou a lata vazia de volta no chão.

— Sim? — Kat disse, fixando-o com um olhar especulativo.

— Sim, então o desenho parecia familiar, só que eu não conseguia entender por que ou onde eu poderia ter visto antes. Então, tão rápido quanto questionei, a resposta veio até mim. Gavin Decker.

O coração de Sienna disparou. *Esse nome de novo. Esse maldito nome.* E como diabos isso estava sendo mencionado a ela nem mesmo uma semana inteira desde que ela havia retornado para sua cidade natal?

— Por que esse nome soa familiar? — Kat perguntou.

Sienna não disse nada, deixando-os falar sobre Gavin Decker como se não tivesse ideia de quem ele era. E ela supôs que — naquele momento — era verdade.

— Ele ganhou a Série Mundial de Pôquer por dois anos consecutivos — explicou Ollie. — Ele é bem conhecido em Reno porque é daqui. — Sua testa enrugou. — Eu acho que ele trabalha com algum tipo de segurança no Emerald Isle. Os fãs adoram tirar fotos com ele e tudo mais.

— Ok, e quanto às cartas? — Sienna perguntou, fazendo um esforço concentrado para recuperar o equilíbrio. A menção do nome de Gavin a havia pegado de surpresa. E agora que ela prestava mais atenção, podia ver que o desenho que tinha pensado ser apenas um intrincado padrão de redemoinhos era, na verdade, a imagem repetida de dois cisnes, seus pescoços posicionados de modo a formarem um coração.

— Ah, sim, acho que ele tinha uma tatuagem no pulso pela qual ficou conhecido. Algumas empresas usaram a arte da tatuagem para imprimir um baralho de cartas, que começou a ser vendido em lojas de presentes dos cassinos.

Cisnes. Tatuagem. Ela engoliu em seco.

— Então eles ainda são vendidos em lojas de presentes aqui em Reno? — Kat indagou.

Ollie deu de ombros.

— Não são mais tão populares, e é por isso que não reconheci imediatamente o desenho. Eu costumava vê-los com muito mais frequência, mas, sim, tenho certeza de que você pode encontrá-los, talvez no Emerald Isle, onde ele trabalha.

— Tudo bem — disse Kat. — Que bom que você entrou aqui. Foi um golpe de sorte para nós. Obrigada, Ollie.

Ollie assentiu, lançando um rápido olhar para Sienna.

— Oi, Ollie — cumprimentou Sienna. — Sou Sienna Walker, a propósito. Eu acabei de começar aqui. Obrigada pela ajuda. Se você lembrar de mais alguma coisa sobre as cartas, nos avise, tá?

Ele balançou a cabeça, começando a empurrar a lata de lixo em direção à porta.

— Sim, eu aviso. Sem problemas. — Ele saiu, e a porta se fechou com um clique suave atrás dele.

Kat estava escrevendo algo no bloco de papel à sua frente.

— Precisamos descobrir todos os lugares da cidade onde essas cartas são vendidas e ver quem comprou um baralho recentemente. Droga, talvez o criminoso tenha usado um cartão de crédito. *Isso não seria um golpe de sorte? O que acha de fazermos uma visita ao Emerald Isle depois de nos encontrarmos com o motorista do ônibus? Parece um bom lugar para...* você está bem? — ela questionou quando olhou para a parceira.

Sienna forçou um sorriso.

— Claro. Sim, também acho que é um bom lugar para começar. Estou só um pouco decepcionada. Achei que a gente poderia ter um baralho de cartas raro que serviria como uma vantagem maior. — E, apesar de ela ter perdido o chão por um momento, o que tinha dito era verdade.

A porta se abriu novamente e a sargento Dahlen entrou, uma maleta na mão, vestindo um terninho em um tom de azul-acinzentado-claro que parecia feito especialmente para ela. Todas se cumprimentaram e ela colocou a maleta sobre a mesa antes de se sentar.

— Diga que Art tinha alguma coisa de onde a gente possa continuar — pediu Kat.

— Ele ainda tem vários exames para fazer, mas recebeu o corpo assim que ela chegou esta manhã e conseguiu fazer um relatório inicial — disse Ingrid, puxando a maleta para si e removendo uma pasta de arquivo sanfonada marrom. Ela desenrolou a cordinha que a mantinha fechada enquanto falava. — Primeiro, a causa da morte foi definitivamente estrangulamento. O melhor palpite de Art é algum tipo de cabo, já que não havia fibras de corda e era fino, mas não tão afiado quanto um arame.

Sienna viu que Kat estava fazendo anotações, mas ela própria nunca anotava, a menos que fosse uma informação a que sabia que não teria acesso depois e que pudesse esquecer ou confundir os pormenores. Mas algumas pessoas escreviam tudo. Seu ex-parceiro, Garrod, também era assim. Ao pensar no homem de quem ela havia

sido parceira por cinco anos, um peso invadiu seu peito. Sentia falta dele. Ele tinha sido um amigo, uma espécie de figura de tio, e ela também havia se tornado próxima da família dele.

Ela se perguntou quantas famílias substitutas a vida a forçaria a dizer adeus antes que estivesse pronta. E ao mesmo tempo, sentiu um redemoinho de gratidão por ter recebido pelo menos uma. Ela deu a si mesma uma sacudida interna. Sua mente vagou por apenas alguns segundos, mas ela devia à vítima seu foco total naquele caso. E o tempo era crítico. Os primeiros dias após um assassinato eram cruciais para resolver o crime. E, *Deus*, ela queria resolver o crime, não apenas pela pobre mulher que havia perdido a vida, mas porque estava determinada a provar seu valor para aquele departamento depois do que havia acontecido no último.

Ingrid removeu uma pilha de papéis grampeados — o relatório inicial do legista, presumivelmente — e começou a folheá-los, lendo os detalhes que poderiam ser relevantes.

— Art encontrou algo estranho nas roupas. Vou mostrar a vocês depois de examinar os detalhes da autópsia, para que as duas possam se inteirar. — Ela fez uma pausa, olhando para o papel e batendo na mesa com uma unha pintada ao estilo francesinha. — Tinha comido recentemente. Bife, batatas e feijão-verde. Um relatório toxicológico mais completo ficará pronto em breve. Mas ela havia inalado clorofórmio. Havia vestígios nos pulmões e também no nariz e na boca.

— O assassino a drogou.

Ingrid deu um leve aceno de cabeça, continuando a ler o relatório.

— Ela tinha hematomas nos pulsos e tornozelos, onde tinha se esforçado para se livrar da fita adesiva; mas, fora isso, nenhum ferimento, sexual ou de outro tipo.

— Então pode ter sido uma mulher que a amarrou na cadeira e a estrangulou — opinou Sienna.

— Pode, mas teria que ser uma mulher bem fortuna para carregá-la até a encosta onde ela foi encontrada — Kat apontou.

— Quanto pesava a vítima? — Sienna perguntou, pensando na

mulher pequena que tinha visto naquela manhã.

— Tinha 52 quilos — revelou Ingrid depois de virar uma página do relatório.

— Leve, então — concluiu Sienna. — E a cadeira não devia pesar mais do que alguns quilos.

— Kat está correta, teria que ser uma mulher forte — disse Ingrid —, mas não acho que possamos ter certeza sobre o gênero neste momento.

— Se bem que estrangulamento geralmente indica uma conexão pessoal com a vítima — Kat apontou. — Raiva. Ciúmes. E o jantar de bife? Poderia ter sido um encontro.

— Pode ser — concordou a sargento. — Mas, mesmo assim, não foi necessariamente a pessoa com quem ela saiu que a matou.

Kat fez um som de clique e bateu com a ponta da caneta no bloco. Ela contou a Ingrid sobre Ollie e o desenho das cartas.

— É um lugar específico para começar, pelo menos — disse Ingrid. — Mas essas cartas podem ser vendidas em centenas de lugares na cidade. — Ela puxou um saquinho para provas com um pedaço de papel da pasta e o entregou a Sienna, que o colocou entre ela e Kat. Era uma folha de caderno amassada como se já tivesse sido dobrada em quatro. Estava cheia de escritos, a caligrafia clara e certinha. — Isso foi encontrado no cós da saia da vítima — disse Ingrid.

Sienna se inclinou para a frente, assim como Kat, alisando o plástico que cobria o papel, e elas começaram a ler.

Eu tinha treze anos quando minha mãe matou meu pai. Ela teve que fazer isso; realmente não havia outra escolha. Veja só, o homem era um cretino odioso que não merecia chamar a si mesmo de pai. Minha mãe tinha dado a ele certa

margem de manobra, já que ele havia passado grande parte da minha vida na estrada, trabalhando como vendedor, e não precisávamos aturá-lo regularmente. E embora nenhum de nós apreciasse sua presença volátil ou personalidade repugnante, o que a gente apreciava era o salário que ele deixava antes de, novamente, encolher seu corpo alto dentro do carro e sair da cidade. Ele deve ter sido uma pessoa agradável de alguma forma no passado, porque chamou a atenção da minha mãe, mas quaisquer que fossem as qualidades que a tivessem atraído no começo, ela nunca explicou. Em todo caso, eu ficava longe dele quando ele estava em casa, para não achar que eu o havia desprezado de alguma forma e extravasasse sua agressividade usando o cinto ou os punhos ou, uma vez, um peso de porta em forma de gato que resultou na perda total da minha audição em um ouvido e em uma dor de cabeça que durou mais de um mês.

Minha mãe ficou furiosa depois disso e, embora ela não tivesse dito uma palavra, percebi que estava planejando a morte dele.

— O gato comeu sua língua, Danny Boy? — ela dizia quando estávamos sozinhos e eu estava particularmente quieto.

— Não, mãe — eu respondia, compartilhando um sorriso secreto. — Mas ele acertou minha orelha. — E então ríamos e ríamos porque,

embora não tivéssemos falado sobre isso, ambos sabíamos que papai não duraria muito e que minha mãe iria lhe dar o que ele merecia na primeira oportunidade. Ela não precisava dizer uma palavra. Eu tinha visto isso claro em seus olhos.

Kat terminou segundos antes de Sienna e recostou-se na cadeira. Confusa, Sienna olhou para Ingrid assim que concluiu a leitura.

— Isso é do assassino?

— Pode ter sido escrito pela vítima, eu acho, embora o nome Danny Boy diga o contrário.

— A menos que ela estivesse escrevendo uma história?

— De qualquer forma... — Ingrid pegou a carta contida no saco transparente de provas e colocou-a de volta em sua pasta — ... é outra peça do quebra-cabeça. Vou pesquisar no banco de dados e ver se encontro alguma mulher desaparecida que se encaixe na descrição dela, especificamente aquelas que faltaram ao trabalho nos últimos dias, e quaisquer crimes que tenham elementos semelhantes. Se não conseguirmos nenhuma pista até o final do dia, podemos considerar fazer uma pressão e pedir ajuda ao público para identificá-la.

Kat enfiou o bloco de notas em que estava escrevendo na pasta à sua frente e fechou-a, depois deslizou a cadeira para trás.

— Vamos compilar uma lista de cassinos onde ela pode ter trabalhado, com base no uniforme, e depois vamos para o Emerald Isle. Pronta, parceira? — ela perguntou a Sienna.

O Emerald Isle.

Onde *e*/e trabalhava.

Tão pronta quanto ela poderia ficar; ou seja, nem um pouco.



Cara, tinha sido uma merda de dia. Gavin jogou o casaco sobre a cadeira da sala, afrouxando a gravata enquanto caminhava até o minibar e se servia de uma generosa dose de uísque.

Tinham feito uma atualização em seus sistemas e tudo o que poderia ter dado errado deu. Sem mencionar que ele tinha ficado trancado em uma sala pequena e sem janelas durante a maior parte do tempo, o que não ajudava em nada no seu humor. Tomou um gole muito necessário do álcool, deixando-o queimar na garganta. Não conseguia se lembrar da última vez que havia pegado uma bebida forte simplesmente para relaxar a tensão em seus ombros depois de um dia de trabalho, mas aquele havia sido brutal o suficiente para justificá-la. Ele ficou na frente da janela, o último andar de seu prédio proporcionando uma visão estelar do horizonte de Reno e do deserto além. O resto da bebida desceu suavemente. *Tudo fica bem quando termina bem.* Ele colocou o copo vazio na mesa ao seu lado e girou o pescoço, movendo-o para a esquerda e depois para a direita. Seus músculos estavam menos tensos agora. Melhor.

Claro, sua mãe diria que ele precisava encontrar uma boa mulher que massageasse seus ombros *para ele*, de modo que não dependesse de uma dose de uísque ou de uma boa meia hora na sauna que havia construído no seu banheiro para aliviar o estresse.

Talvez sim. E talvez em breve ele levasse a sério a procura. Mas, até o momento, não havia conhecido ninguém em quem estivesse interessado para mais do que um relacionamento breve e descomplicado. Se é que *relacionamento* fosse mesmo a palavra certa. Ele suspirou e massageou o pescoço para aliviar o restante da tensão.

Sua mente vagou, o uísque causando uma confusão agradável. O problema era que ele comparava todas as mulheres a *ela*. E todas ficavam aquém. O que era ridículo àquela altura do campeonato. Na sua cabeça, ele a havia colocado em um pedestal porque se sentia culpado pelo que havia feito. Some isso ao fato de que ela havia sido seu primeiro amor, seu primeiro tudo, e é claro que ela se destacaria. Era psicologia simples, e ele precisava superar. Seguir em frente de uma vez por todas. Dar a outra pessoa uma chance real de derrubá-la daquele lugar elevado que ela ainda ocupava em seu coração.

Ele esfregou a ponte do nariz para afastar a dor de cabeça que sentia se formar aos poucos.

Jesus. Por que ele estava pensando nela agora, hein? Gavin não pensava nela havia muito tempo — pelo menos não em reflexões conscientes.

— Induzido pelo estresse — murmurou para si mesmo enquanto se afastava da janela, pegava seu copo e voltava para o minibar. Algumas doses depois de um dia longo nunca tinham feito mal a ninguém. Ele pegou o controle remoto, ligou a TV de tela plana afixada na parede e desabou no sofá, onde se esparramou, tomando um gole de sua segunda bebida enquanto afundava no couro macio que parecia amanteigado.

Apoiou as pernas no divã à sua frente e mudou de canal até localizar o noticiário. Gostaria de ter posto em um jogo ou algo mais fácil de se concentrar, mas não havia nada passando. Tentava se manter atualizado sobre os eventos atuais da cidade, porém — por motivos de segurança, era sempre bom saber o que estava acontecendo ao seu redor —, e o noticiário serviria.

— *Vamos ao vivo agora para uma coletiva de imprensa no DP de Reno, onde estão pedindo ajuda do público para identificar uma mulher que foi encontrada morta na noite de ontem.*

Gavin virou o resto da bebida, franzindo a testa enquanto olhava para o desenho da mulher na tela. Ela não parecia imediatamente familiar, mas, por outro lado, também não tinha nenhuma característica marcante. Tinha mais ou menos a idade de sua mãe, e era um pouco abatida, daquela maneira que geralmente significava

que a vida não tinha sido boa ou que tinha feito más escolhas uma atrás da outra a ponto de isso deixar uma marca, por assim dizer.

Ainda assim... mãe de alguém... ou talvez avó, irmã ou esposa. Seria um chute no estômago descobrir no noticiário noturno que um ente querido seu havia sido assassinado. Ele não achava que a polícia geralmente tomasse essa rota, a menos que fosse um caso que acreditavam que precisasse ser resolvido o mais rápido possível porque outros poderiam estar correndo risco.

A câmera se moveu para o lado por um momento, e Gavin estremeceu, ficou completamente reto e colocou o copo no divã sem ver o que estava fazendo.

Ele errou, e o copo caiu no chão, mas não se estilhaçou no tapete grosso. Ele o deixou lá, em vez disso pegou o controle remoto e aumentou o volume. *Não podia ser.*

O ângulo da câmera se ampliou novamente e Gavin fitou a tela. *Putá merda.* Sienna Walker. Ele se sentiu atordoado, como se, de alguma forma, seus pensamentos muito recentes houvessem surgido porque ele *tinha sentido* a presença dela por perto. Olhou para o logotipo da rede de notícias, perguntando-se se talvez tivesse ligado a TV em alguma emissora de alcance nacional e ela estivesse, na realidade, em uma coletiva de imprensa no DP de Nova York, onde presumiu que ela ainda trabalhava. Mas não, ela estava ali, em Reno, entre os policiais da cidade; seus uniformes eram aqueles que ele conhecia bem porque às vezes trabalhava com os oficiais em algum assunto ou outro relacionado à segurança. E mais frequentemente do que isso, ele precisava chamá-los para o cassino devido a alguns clientes bêbados e desordeiros que precisavam ser forçados a se retirar do estabelecimento.

Seus nervos estavam tensos de novo, mas ele se recostou, absorvendo a informação que a detetive estava apresentando enquanto ela pedia ao público que ligasse para a polícia se soubessem de qualquer pessoa desaparecida nas últimas semanas ou dias que se parecesse com a mulher do retrato. Aparentemente, não havia suspeitos no momento e nenhum caso de desaparecimento que se encaixasse com a vítima.

Ele se sentiu um pouco zozzo, os olhos fixos em Sienna. Mesmo com o cabelo preso para trás e suas simples calça cinza e blusa branca, não havia como negar sua beleza. Ela era linda onze anos antes, e estava ainda mais bonita agora, e ele foi honesto o suficiente consigo mesmo para admitir que a agitação em seu estômago era saudade. Atingiu-o como uma marreta.

Ele nunca a havia superado.

Mesmo que tivesse feito de tudo para que ela nunca mais fosse dele.



O bar estava quase vazio, a iluminação baixa, *Fly Me to the Moon* tocando suavemente no sistema de som, então não passava de um ruído de fundo abafado. Sienna pegou uma batata frita, mergulhou-a no ketchup e colocou-a na boca enquanto virava a página do relatório inicial da autópsia.

Havia repassado todos os detalhes do caso naquela tarde, mas às vezes algo que não havia se destacado antes saltava aos olhos se você repassasse um relatório ou um item de evidência em circunstâncias diferentes e em um local alternativo, e então ela estava fazendo isso naquele momento, enquanto comia sozinha.

O motorista do ônibus não conseguira oferecer nenhuma informação, então haviam passado a tarde vasculhando sites de cassinos em busca de fotos de uniformes e depois reduzindo para dez. Visitaram cada um dos locais, mas não havia funcionárias desaparecidas, então foi um beco sem saída. Claro, poderia haver outros locais de trabalho — restaurantes, bares, diabos, até *clubes de strip-tease* — onde usassem uniformes semelhantes, então, de fato, tinha sido um verdadeiro jogo de azar (sem trocadilhos) buscar primeiro nos cassinos. Ela não pôde deixar de se perguntar quanta demanda haveria em qualquer clube de strip-tease para uma mulher de cinquenta e poucos anos que não era tão atraente, mas decidiu se desviar rapidamente dessa linha de questionamento em particular.

Ela e Kat tinham ido ao Emerald Isle Hotel e Cassino, os nervos de Sienna à flor da pele, mas não viram Gavin Decker. Ela tentou se preparar caso algo no estabelecimento as levasse a falar com a segurança, mas não foi o caso. *Havia* alguns baralhos à venda que batiam com os que haviam sido colocados na mão da vítima, mas,

quando pediram à gerente da loja de presentes para verificar no computador, ela lhes disse que os únicos quatro baralhos comprados nos últimos três meses haviam sido pagos em dinheiro. Quais eram as chances? Sienna raramente pagava alguma coisa em dinheiro, e percebia que a maioria das pessoas agia como ela.

— Não os turistas — disse Kat, quando expressou o pensamento em voz alta. — Os turistas sempre carregam dinheiro para comprar bugigangas, dar gorjeta etc. — Bem observado, mas uma pena para o caso delas.

Elas partiram sem pistas, mas também sem sinal de Gavin Decker, uma grande confusão na mente de Sienna. Tinham ido pessoalmente ao Emerald Isle por causa da conexão entre as cartas e o chefe da segurança, mas quando a pista não deu certo, acharam mais eficiente fazer ligações para as outras lojas de presentes de cassinos da região. Várias tinham as cartas em estoque e estavam fazendo uma verificação dos baralhos que haviam sido comprados nos últimos três meses usando um método de pagamento rastreável, mas isso levaria pelo menos alguns dias.

Kat havia mencionado falar com Gavin Decker para ver se ele poderia ter alguma ideia sobre as cartas com o desenho do cisne, mas não era imediatamente necessário. As cartas eram vendidas em toda a cidade. Se decidissem que haveria algum benefício em fazer perguntas a Gavin, Sienna não tinha certeza de como lidaria com isso. Ela provavelmente teria que dizer a Kat que o conhecia de tempos passados e deixar a parceira aceitar o trabalho. No entanto, se houvesse algum conflito de interesse, era fraco. Ela não falava com o homem havia onze anos.

Enquanto Sienna enfiava distraidamente outra batata frita na boca, seu olhar fixou-se em um casal no bar, suas cabeças unidas enquanto o homem dizia algo e a mulher ria, cruzando as pernas e balançando o cabelo. Sienna não precisava ser detetive para reconhecer as pistas.

Ela gosta de você, cara. Espero que não seja um babaca.

Ela se concentrou nas anotações do caso, puxando a cópia dos escritos encontrados na última pilha antes de lê-los pelo que parecia

ser a centésima vez. Isso a perturbava. Quem havia escrito? O assassino? Ele havia plantado os escritos na cintura da vítima para oferecer um pequeno vislumbre de sua vida? Para dizer aos investigadores que os descobririam que ele já havia sido uma criança abusada?

Ou era algo totalmente diferente? Uma obra de ficção que o criminoso havia escrito por razões desconhecidas? Ou algo, ficção ou não, escrito por outra pessoa — um amigo da vítima? Ora, talvez fosse algo aleatório que a mulher tivesse pegado na rua e que não tinha nenhuma conexão com o crime cometido contra ela.

Mas aquilo não parecia certo.

Não, aquilo significava alguma coisa. Só não tinham informações suficientes ainda para descobrir o quê.

Sienna recolocou o pedaço de papel na pilha e fechou a pasta. Ela precisava de uma boa noite de sono. Precisava de clareza de pensamento. E esperava que uma solução ao caso viesse no dia seguinte.

Depois de um dia sem novas pistas, a coletiva de imprensa era a melhor aposta, mas não houve nenhuma ligação imediata para o DP. E assim Sienna saiu depois de um dia longo e cansativo e, sentindo-se extraordinariamente solitária, decidiu parar naquele bar no caminho. Supôs que estava com saudades de casa, mesmo que, de certa forma, Reno fosse sua casa. Ou tivesse sido. Mas ela era uma estranha agora, e isso trazia todos os tipos de emoções complicadas.

Sienna suspirou, baixando a cabeça e esfregando a nuca distraidamente. No entanto, ergueu-a quando alguém se sentou no nicho em frente ao dela, e o choque ricocheteou em sua espinha. Choque e uma estranha quietude interna, logo abaixo da surpresa. *Você sabia, não é? Em algum lugar lá no fundo, você sabia que isso era inevitável.* Ela sentiu como se fosse a aproximação distante de um trem — o horizonte vazio, mas o chão tremendo levemente sob seus pés. Ele estava se aproximando. Todos aqueles longos anos, sua colisão de alguma forma havia sido destinada.

— Gavin — ela disse, e estava orgulhosa de si mesma pela firmeza de sua voz.

— Sienna. — Eles se encararam, dois estranhos que já tinham sido almas gêmeas. E ela acreditava, realmente acreditava do fundo do coração, que “alma gêmea” não era um status temporário. — Eu liguei no noticiário — ele falou, a voz baixa. — E lá estava você.

Como se ela tivesse ficado *inacessível* ao longo da última década. Ela desviou o olhar. O casal no bar estava juntando suas coisas, saindo juntos. Ela voltou o olhar para ele e pigarreou.

— O que está fazendo aqui? — Ela girou o dedo no ar, indicando o bar em que estavam sentados. Não explicou nada sobre seu retorno a Reno; não lhe devia nada.

Ele semicerrou os olhos, e ela levou um momento para estudá-lo mais atentamente, seus olhos fazendo uma varredura rápida das feições. Ele parecia mais velho, sim, mas era um daqueles homens que melhoravam com a idade. Claro que sim.

Ela o havia procurado uma vez fazia alguns anos, depois de várias taças de vinho. Queria provar a si mesma que o havia superado, de uma vez por todas. Doeu, mas ela sobreviveu. Ele não havia ficado diretamente na frente dela, porém, nem em carne e osso. Ela não tinha sido capaz de ver a textura de sua pele ou sentir o perfume amadeirado de sua colônia. Isso era... mais difícil. E ele ainda não tinha respondido a sua pergunta.

Ela abriu a boca para indagar novamente quando ele disse:

— Fui à delegacia ver você. Eu vi você sair e te segui até aqui. — Ele lhe mostrou um pequeno sorriso torto que a lembrou do menino que ele tinha sido. Mas também era o garoto que a magoara tão profundamente. — Fiquei sentado do lado de fora, no meu carro, me convencendo a não vir aqui — admitiu.

Ela não sorriu de volta, batendo os dedos levemente na mesa.

— Vejo que não teve sucesso.

Ele soltou uma pequena risada, mas depois ficou sério.

— O que está fazendo em Reno, Sienna?

Ela deu de ombros.

— Me ofereceram um emprego.

Ele a estudou por alguns segundos.

— Isso não pode ser tudo.

— Não é, mas também não é da sua conta.

Algo cintilou na expressão dele, mas ela estava muito preocupada com sua presença inesperada para ler.

— Você ainda está com raiva de mim.

Uma explosão de indignação disparou em suas veias, e ela se inclinou para a frente.

— Não estou com *raiva* de você, Gavin. Porque eu estaria? Nem te conheço. Minha vida e minhas circunstâncias atuais simplesmente não são da sua conta.

Ele olhou para ela por alguns batimentos cardíacos pesados, e então um sorriso lento se espalhou em seu rosto.

A fronte dela afundou em uma careta.

— Qual é a graça?

— Você está brava comigo.

Sienna suspirou, recostando-se e colocando uma batata frita na boca apenas para ter algo para fazer. Sua mandíbula não queria funcionar, e ela praticamente engoliu tudo. O babaca gostava da raiva dela — provavelmente alimentava seu ego — e então ela mudaria de rota.

— O que você quer? Uma reunião? — ela perguntou depois de forçar a batata frita goela abaixo, mal conseguindo evitar o engasgo.

— Talvez. — Ele fez uma pausa. — Mas primeiro, me fale sobre as cartas.

— As cartas?

— As do seu caso. A mulher que foi assassinada ontem à noite.

— Desculpe, mas não posso revelar nada sobre um assassinato que ainda está sob investigação.

— Você, ou alguém do Departamento de Polícia de Reno,

provavelmente viriam me questionar de qualquer maneira se não tivessem nenhuma pista sobre essas cartas, então por que não faz isso agora e me conta um pouco sobre elas?

Ela estreitou os olhos.

— Imagino que a gerente da loja de presentes tenha mencionado para você que passamos lá hoje.

— Sua mente trabalha rápido. — Ele sorriu novamente. — Sempre foi assim.

Ela soltou um suspiro lento, mas sua explosão de raiva havia desaparecido. Talvez ele estivesse certo. Agora que estava sentado na frente dela, por que não aproveitar a oportunidade para questioná-lo sobre as cartas? Tinham planejado fazer isso, de qualquer forma, então, em essência, ela já havia recebido permissão.

— Está bem. Encontramos várias cartas de baralho na cena do crime. Mais tarde, fomos informados de que o desenho no verso delas foi originalmente inspirado em uma tatuagem pela qual você era conhecido durante seus dias de pôquer.

Ele parou por um momento e então virou o braço, puxando a manga da camisa para revelar a arte na parte interna do pulso. O estômago dela afundou, embora tivesse uma boa ideia de como seria a tatuagem com base na arte da carta. O que *não* estava nas cartas era o pedaço de lago atrás dos cisnes, a localização da árvore que ela conhecia bem. Ela encontrou os olhos dele.

— Quando você fez essa tatuagem?

Gavin puxou o braço para trás, abaixando a manga. A garçonete se aproximou da mesa e perguntou se poderia trazer alguma coisa para ele.

— Uma xícara de café seria ótimo.

Ela assentiu.

— Algo mais para a senhora?

— Não, obrigada. Só a conta quando você puder. — Sienna queria poder ir embora assim que estivesse pronta.

— Quando saí de Reno, entrei para o Exército. — Ele sorriu, um

pouco triste. — Eu teria começado a competir nas cartas imediatamente, mas...

— Você tinha apenas dezoito anos. Sim, estou bem ciente.

Lá estava aquele piscar de novo.

— Sim. Enfim, eu e os caras saímos para beber no nosso primeiro fim de semana de folga e todos fizemos tatuagens. Eles fizeram cobras, insígnias do Exército, leopardos e espadas, e eu fiz...

— Cisnes flutuando em um lago. Bonito.

— Certo. Eles ainda me zoam por causa disso. — Ele sorriu, e, caramba, ela suavizou. Não muito, mas, sim.

Ela balançou a cabeça, o pequeno sorriso que lhe mostrou se dissipando. Não ia perguntar mais sobre o *porquê*. Tinha sido um belo lago. Havia boas lembranças ali, mesmo que, para ela, tivessem sido feridas mais tarde. Foi uma parte feliz de sua infância. Algo bonito no meio do feio.

— Calhou de eu passar por Paradise Estates outro dia — ela disse a ele, e se ele duvidou da afirmação “calhou de”, sua expressão não demonstrou. — Mas eu estava indo para o leste, então não passei pelo lago.

— Ainda bem que não foi — falou ele quando a garçonete apareceu com sua xícara de café. Ela o colocou com uma tigelinha de creme e se afastou antes que ele continuasse com o que estava dizendo. — Todo o estacionamento de trailers virou um inferno. Está infestado de traficantes e até de prostituição.

Sienna soltou um gemido de decepção.

— Deus, que pena. Não posso dizer que estou completamente surpresa, mas esperava que...

Ela não precisou terminar a declaração. Ele assentiu, com certeza sabendo exatamente o que ela estava pensando. *Eu esperava que as pessoas da comunidade onde Paradise Estates estava localizada mostrassem algum orgulho pelo estacionamento que haviam recebido de presente de um filantropo que tentara embelezar a área com boas intenções, mas com lógica falha e pouca compreensão da*

pobreza e da natureza humanas. Ele esperava que trabalhassem para manter o estacionamento limpo e bem conservado. Seguro. Mas isso tinha sido um sonho impossível. A maioria das pessoas na comunidade mal conseguia manter suas próprias residências habitáveis. Por que manteriam um parque todo? Elas não tinham propriedade real de nenhum dos dois. *Algumas* pessoas tinham feito o possível para usar o estacionamento como pretendido — um local esteticamente agradável e familiar em um lugar onde não precisavam atravessar metade da cidade para chegar. Mas era uma batalha difícil que aparentemente haviam perdido.

— Sim — ele suspirou. — Foi à ruína. Mas Otis e Odette tiveram filhos, quatro.

Os olhos de Sienna se arregalaram de surpresa e prazer. *Otis e Odette.* Ela tinha esquecido que eles haviam batizado seus cisnes favoritos uma vez. Mas Gavin levantou a mão como se ela devesse moderar seu óbvio deleite.

— Infelizmente, Odette faleceu. Eles tentaram salvá-la, mas...

Sienna respirou fundo.

— Ah, não. — Pobre Otis. Cisnes encontram parceiros para toda a vida. — Otis ainda está lá?

— Não. Eles o levaram para outro lugar. Não tenho certeza de onde. O lago havia se tornado um pântano cheio de lixo.

Ela abriu a boca para perguntar mais sobre o pobre pai solo, mas pensou duas vezes, apertando os lábios. Como eles voltavam tão facilmente para uma conversa casual? Ela se sentou ereta.

— Então... as cartas. De quem é o desenho?

Ele se recostou, passando o braço por cima do encosto do nicho.

— Da líder do meu fã-club.

— Você tem um *fã-club*? — Ela tentou evitar que suas sobrancelhas se levantassem, mas não obedeceram.

Ele fez uma careta.

— Tive. Ele se desfez quando parei de jogar... — Ele balançou a cabeça como se o pensamento de um fã-club o ofendesse

profundamente.

— Você *era* muito famoso — ela admitiu. — Não estou surpresa que tivesse um fã-clube. Na verdade, fiquei surpresa por não ter fotos suas na parede do Emerald Isle, como uma celebridade local e tudo.

Gavin riu.

— Tinha. Eu os fiz remover todas, uma por uma. Quem quer olhar para uma fuça como esta, ampliada até três vezes o tamanho real? — Ele circulou a mão na frente do rosto.

Muitas mulheres, ela supôs. Era uma fuça muito bonita. Sempre tinha sido. Atualmente, pelo que ela podia notar, a garçonete que os havia servido e outra estavam discutindo isso em tom baixo e abafado enquanto olhavam para ele do lado do bar. *Nada mudou*. Todas as garotas do ensino médio também queriam a atenção de Gavin. Naquela época, porém, ele só tinha olhos para ela. Sienna acreditava então que ele sempre teria. Ela olhou para Gavin, e seus olhos encontraram os dela por um instante, depois dois, antes que ela desviasse o olhar de novo.

— De qualquer forma — ele disse, obviamente notando seu súbito desconforto —, eu provavelmente poderia desenterrar o nome dela se você precisar, da presidente do fã-clube. Ela me manda e-mails de vez em quando. Ainda mora na cidade, até onde sei.

— Sim, se pudesse me enviar o nome, seria ótimo. — Parecia um beco sem saída, mas não poderiam deixar pedra sobre pedra e tudo mais. — Pelo que sabemos, as cartas são vendidas em várias lojas da cidade.

Gavin tomou um gole de café.

— Eu as vejo às vezes, mas duvido que as vendas cheguem perto do que eram durante minha carreira no pôquer. — Ele a encarou. — Quais eram os naipes? — ele perguntou. — Das cartas que a vítima estava segurando. — Antes que ela pudesse responder, seu celular, que estava sobre a mesa ao lado do copo de água, tocou de repente. *Meu boy* apareceu na tela, o apelido que Brandon havia programado de brincadeira no celular dela para se identificar. Ela o

pegou, mas não antes de ver o olhar de Gavin fixo onde o celular estava. Ele obviamente tinha visto o “nome” do interlocutor. Não que isso importasse nem um pouco.

Exceto que era uma piada interna entre ela e o homem com quem estava saindo. O homem que havia ligado para ela meia dúzia de vezes naquele dia e para quem ela ainda não ligara de volta.

— Com licença — ela pediu, saindo da cabine e pegando o arquivo do caso. Não podia imaginar que a sargento Dahlen acharia fofo se ela deixasse um arquivo de caso ativo em uma mesa de bar. — Preciso atender esta ligação.

Ela caminhou em direção ao fundo do bar, enfiando a pasta debaixo do braço, e respondeu enquanto se esgueirava para o pequeno e escuro corredor que levava aos banheiros.

— Oi, Bran.

— Oi, querida. Acabei de ver a entrevista coletiva em Reno.

— Sim, o dia foi uma loucura.

— Parece que sim. Já é um caso de assassinato?

— É. O corpo foi encontrado ontem à noite e começamos a correr. Eu estava comendo alguma coisa, e depois ia te ligar. Estou terminando aqui. Posso te ligar assim que chegar em casa?

— Claro. — Ele parecia um pouco desapontado, mas com Gavin Decker tendo aparecido ou não, ela preferiria chegar em casa e conversar com Brandon lá do que em um bar público. Ela lhe devia toda a atenção, mesmo que fosse apenas por telefone. De muitas maneiras, seu relacionamento havia sido colocado em banho-maria enquanto ela estava envolvida em seu próprio escândalo pessoal e nas consequências. — Vou esperar. E, ei, estou com saudades.

— Também estou. Nos falamos em breve. — Ela pressionou a tela para desligar, então parou por um momento no corredor vazio, onde respirou fundo várias vezes. Tinha uma sensação confusa por dentro, como se seu mundo estivesse contido em um globo de vidro e alguém tivesse acabado de sacudi-lo para que tudo o que ela conhecia ainda estivesse lá, mas completamente fora de lugar. Ela fechou os olhos por um momento, como se isso pudesse colocar as

coisas em ordem.

Mas o sentimento permaneceu.

Ela caminhou lentamente de volta para a mesa onde Gavin ainda estava sentado, o olhar dele varrendo seu corpo enquanto ela voltava para o assento em frente a ele. Seus olhos estavam ligeiramente semicerrados, sua expressão vazia daquele jeito decidido que ela conhecia. Abafou o pensamento. Não tinha mais ideia de quais eram os “jeitos” dele. Talvez, na realidade, nunca tivesse sabido. Ela pegou o cartão de crédito e o colocou sobre a mesa onde a garçonete deixara a conta.

— Eu já cuidei disso — avisou Gavin.

Ela bufou uma respiração irritada.

— Você não deveria.

Ele encolheu os ombros de forma evasiva, como se a opinião dela sobre o que ele deveria ou não fazer tivesse pouco peso. E agora sua indignação estava de volta. Parecia que tinha só dado uma breve pausa. Ela começou a juntar suas coisas.

— Eu tenho que ir.

— Vou precisar do seu endereço — disse ele.

— Como?

— Para enviar um e-mail com o nome da mulher que fez a arte das cartas.

Cartas. Presidente do fã-clubes.

— Ah. Certo. Sim. — Ela pegou um cartão de visita branquíssimo da pequena pilha que havia colocado na bolsa, depois de separar um pouquinho da caixa em sua mesa quando foi trabalhar no dia anterior. Ele olhou para o cartão, batendo-o na mesa por um momento e, em seguida, guardando-o em sua carteira sobre a mesa.

Sienna deslizou para fora no nicho, colocando a bolsa no ombro e pegando a pasta de arquivo sobre a mesa.

— Obrigada pela sua... ajuda, e... foi... Fico feliz em ver que você está indo tão bem.

Ele pareceu um pouco entretido e um pouco irritado.

— Fico feliz em ajudar. Vou te passar a informação. — Com um rápido aceno do queixo, ela se virou. — E, Sienna... — Sua cabeça estava virada para o lado, mas ele não girou o suficiente para encontrar os olhos dela. Quando ela olhou de volta para ele, só viu seu perfil masculino: mandíbula marcada, nariz reto, cílios dourados sob uma sobrancelha pesada. — Estou feliz em ver você também.

Ela se afastou, apressada. Não conseguiu ler o tom na voz dele, ou talvez simplesmente não quisesse tentar.



Um e-mail de Gavin apareceu em seu celular na manhã seguinte assim que ela estava se sentando a sua mesa.

Era breve e direto ao ponto, listando o nome e o número de telefone da mulher que coordenava seu fã-club e havia desenhado à mão a ilustração que estampava o verso das cartas de baralho da cena do crime.

Ele assinou: *Atenciosamente, Gavin.* Ela não sabia dizer exatamente o motivo de isso a ter irritado e decidiu não ponderar.

Muito.

Ainda era cedo. Kat não chegaria pela próxima hora ou mais, mas Sienna tinha acordado ao raiar do dia, e mesmo que aquela sensação de mundo de pernas para o ar que ela experimentara na noite anterior tivesse diminuído depois que ela chegara em casa e conversara com Brandon, ainda estava presente e não permitiu que voltasse a dormir. Ela se levantou em vez de ficar deitada na cama e deixou os pensamentos desenfreados, depois saiu para uma corrida, o que ajudou a clarear sua mente. Apesar de ser muito cedo, ela decidiu ir para o DP.

Será que 7h30 era muito cedo para ligar para... — ela olhou para a tela do celular, onde o e-mail ainda estava aberto — ... Lucia Pechero, a fã número um de Gavin Decker? Ela copiou o número do telefone, fechou o e-mail e colou o número no teclado. Se a mulher estivesse dormindo, Sienna deixaria uma mensagem de voz.

Mas, aparentemente, Lucia Pechero era madrugadora, pois atendeu no primeiro toque, parecendo bem acordada e extremamente animada.

— Oi, sra. Pechero, meu nome é Sienna Walker e sou detetive do Departamento de Polícia de Reno.

Houve uma longa pausa antes de Lucia dizer, em um tom muito menos animado:

— Você está brincando comigo.

— Ah, não. Não tem com o que se preocupar. Só tenho uma pergunta sobre uma arte que a senhora fez há alguns anos e que foi impressa no verso de cartas de baralho que fazem parte de uma investigação em andamento.

— *Sienna*, você disse?

— Sim. Detetive Sienna Walker.

Lucia Pechero soltou um longo suspiro.

— Ok, agora estou assustada. Ontem à noite, quando cheguei em casa, havia um envelope na minha caixa de correio. Dentro tinha outro envelope e, na frente, dizia: “Sienna vai te ligar. Dê isto a ela, e somente a ela”.

Um arrepio percorreu a espinha de Sienna.

— Você abriu?

— Abri, mas só porque achei que era algum trote ou que tinha sido deixado no endereço errado. Eu não sabia o que fazer com isso e não tinha ideia de quem era “Sienna”. Até agora.

— O que tinha dentro?

— Apenas uma página de diário estranha ou algo assim; bem sombrio, na verdade. Está escrito à mão e parece uma confissão. Pensei em chamar a polícia, mas também pensei que fosse uma pegadinha ou algo assim.

O pulso de Sienna disparou.

— A senhora guardou?

— Guardei, guardei sim.

— Isso é ótimo, sra. Pechero. Eu preciso pegar. Também gostaria de fazer algumas perguntas sobre esse desenho. A senhora está disponível agora?

— Hum... Posso estar. Dou uma aula de spin que acabou de terminar, então eu estava indo para casa tomar banho. Mas a carta está no meu carro, onde a deixei depois de retirá-la da caixa de correio. Tem uma cafeteria na rua que faz um chá gelado de melão incrível.

— Parece bom. Posso chegar aí em vinte minutos.

Lucia deu a ela o nome da cafeteria, e então Sienna pegou a bolsa e se dirigiu para a porta pela qual havia acabado de passar meia hora antes. Ela mandou uma mensagem de texto para Kat informando para onde estava indo antes de programar seu GPS e sair do estacionamento.

A cafeteria cheirava fortemente a grãos torrados de café e gostosuras assadas frescas. Estava fervilhando com o movimento matinal intenso, com clientes sonolentos tomando grandes goles de café em copos para viagem enquanto passavam apressados por ela, lembrando a Sienna que ainda eram apenas oito da manhã.

A mulher chamada Lucia obviamente estava esperando por ela, porque se levantou e fez um aceno quando a detetive entrou. Lucia era graciosa e esbelta, com olhos grandes e testa alta, e deu a Sienna um sorriso que continha ao mesmo tempo calidez e uma dose de preocupação.

— Obrigada por vir me encontrar, sra. Pechero — disse Sienna, enganchando a bolsa nas costas da cadeira e sentando-se em frente à mulher.

— Me chame de Lucia — respondeu ela. — E não tem problema algum. — Ela acenou com a cabeça para duas bebidas geladas verde-claras com canudos listrados de vermelho e branco na mesa. — Tomei a liberdade de pedir um chá para você. De verdade, são os melhores. Mas se quiser outra coisa...

— Não, está ótimo. Obrigada. — Ela tomou um gole da bebida. Não era uma grande bebedora de chá, mas tinha que admitir que era delicioso, e disse isso a Lucia.

Lucia sorriu, distraída, sua expressão se transformando em preocupação.

— Não preciso me preocupar com minha segurança, preciso? — Enquanto falava, ela enfiou a mão em uma bolsa de ginástica no chão e tirou um envelope pardo antes de deslizá-lo sobre a mesa para a detetive.

Sienna não olhou para ele naquele momento; em vez disso, pegou uma luva e um saquinho para provas de sua bolsa, calçou a luva e colocou o envelope no saco. Ela queria ler a carta sozinha mais tarde para poder se concentrar em cada palavra.

— Não tenho nenhuma razão para acreditar que esteja em perigo, Lucia. Mas se fizer você se sentir melhor, posso mandar um carro de patrulha fazer algumas viagens até sua casa esta noite e nos próximos dias. E se encontrarmos evidências que digam o contrário, entro em contato imediatamente — ofereceu ela, enquanto tirava a luva.

— Ok, obrigada. É que é tudo tão... inesperado.

— Eu gostaria de poder te dar mais respostas. Mas agora, ainda estamos reunindo fatos. Posso te fazer algumas perguntas?

— Sim, claro. Sobre o desenho que fiz para o baralho de Gavin Decker? — Ela deu de ombros. — Deve ser a essas cartas que você estava se referindo. São as únicas que têm um dos meus desenhos. E isso só porque eu era a presidente do fã-clubes dele. O desenho foi inspirado em uma tatuagem que ele tem no pulso — explicou ela, virando o braço e tocando no mesmo lugar da tatuagem de Gavin. — Eu tinha um amigo que trabalhava em uma gráfica e ele fez um pequeno lote para mim só para usar como brinde para os membros do fã-clubes e tal. Também enviei um conjunto para Gavin, e ele postou sobre as cartas nas redes sociais. — Sienna só poderia descrever a expressão que ela abriu como de adoração. — Ele é o melhor. Muitas mulheres ficavam loucas com ele por causa de sua aparência, mas ele é o pacote completo. Fiz um perfil no Instagram com tudo sobre Gavin Decker, e ele viralizou, então formei o fã-clubes. — O olhar de adoração aumentou, passando para o reino da *veneração*, antes que ela risse baixinho. — Ele sempre foi *muito* generoso com seus fãs, inclusive comigo. — Ela suspirou, sonhadora.

Sienna percebeu que os círculos do inferno eram profundos e cheios de sofrimento, e não queria ser excessivamente dramática, mas ver alguém praticamente desmaiar por causa do ex que havia partido seu coração tinha que ser pelo menos um desses círculos.

— Você teve muito contato pessoal com o sr. Decker? — ela perguntou, tentando fazer seu tom parecer profissional e casual.

— *Bem que eu queria.* Não, ele era um homem ocupado e viajava muito naquela época, mas sempre foi ótimo em responder mensagens na internet e arranjar tempo para autografar itens e enviá-los. E então, depois que ele postou uma foto dessas cartas de baralho nas redes sociais dele, me dando crédito, uma empresa entrou em contato e comprou os direitos da arte. Recebi um bom dinheiro e eles venderam bem.

— Você tem o nome da empresa que comprou os direitos?

— Tenho. Eles se chamam Mister Ace. Ainda imprimem as cartas, mas não nas mesmas quantidades de quando Gavin jogava profissionalmente.

Sienna digitou o nome no aplicativo de anotações do celular, depois o colocou de volta sobre a mesa. Não havia razão para falar com eles imediatamente, mas guardaria o nome para o caso de as coisas mudarem. Então, pensou por um momento.

— Você tem uma lista dos membros do fã-clubes que receberam esses baralhos?

Lucia semicerrou um olho enquanto pensava.

— Posso encaminhar uma lista dos antigos membros, mas não guardei nenhuma informação sobre quem ganhou os sorteios. Eu nem sei se as informações dessas pessoas estão atualizadas. Já se passaram vários anos.

Sienna enfiou a mão na bolsa e tirou um cartão.

— Se pudesse me enviar essa lista por e-mail, eu agradeceria. E se pensar em mais alguma coisa que possa ser útil, mesmo que pareça um detalhe pequeno, por favor, me ligue.

Lucia assentiu, pegando o cartão e olhando para ele antes de colocá-lo na carteira, que estava ao lado de sua bebida.

— Eu envio, sim. E se houver algo que eu deva saber sobre a carta que recebi pelo correio, você poderia me ligar?

— Claro. Ah, e mais uma coisa, posso pegar aquele canudo para descartar seu DNA no envelope? — Sienna perguntou.

Lucia olhou para o canudo por um minuto.

— Ah. Sim, claro. — Ela pegou o canudo do chá e o entregou a Sienna, que o embrulhou frouxamente em um guardanapo.

— Agradeço por se encontrar comigo. — Sienna pegou o chá e tomou outro longo gole. — Isso estava uma delícia. Obrigada.

Recostada no carro, Sienna calçou outro par de luvas do kit que trazia no porta-malas e tirou da bolsa o envelope contido no saco de provas. Ela abriu o envelope externo e puxou o menor branco de dentro. A mensagem, manuscrita na frente, era exatamente como Lucia tinha dito: *Sienna vai te ligar. Dê isto a ela, e somente a ela.* O que era assustador pra caramba, considerando que ela havia se mudado para Reno fazia menos de uma semana. Por que não estava endereçado a Kat ou à sargento Dahlen? Quem sabia o nome dela? Quem diria que ela ligaria especificamente para Lucia?

Ela achou a caligrafia muito parecida com a do bilhete encontrado na cintura da vítima de assassinato, mas ia compará-los quando voltasse à delegacia.

Virou o envelope, mas não havia nada no verso. Tinha sido aberto às pressas por Lucia, que provavelmente rasgara a ponta e depois arrastara o dedo pela parte superior, rasgando a emenda. Esperava que não tivesse destruído o DNA ou outras provas sem saber. Sienna pegou o relato e começou a ler.

Uma semana depois do meu décimo terceiro aniversário, um cachorro de rua havia aparecido na nossa vizinhança e eu o alimentava secretamente na varanda dos fundos todas as

manhãs, antes da escola. Ele era um vira-lata tímido, mas obviamente tinha fome, e eu sentava perto dele enquanto ele comia a comida oferecida, um olho em sua tigela e outro em mim. Nos primeiros dias, ele se esgueirava, mas enfim começou a cheirar minha mão estendida timidamente, então me permitindo acariciar sua cabeça. Isso me deu uma sensação estranha que eu nunca tinha experimentado antes — a ideia de que eu poderia ser importante para uma criatura que eu poderia machucar se quisesse. Era um poder estranho a considerar. Mas eu não queria machucar o cachorro. Exatamente o oposto — eu queria cuidar dele. Queria ajudá-lo porque ninguém mais havia se incomodado em fazê-lo.

Naquele dia, antes de ir para a escola, alimentei o cachorro, que comecei a chamar de Valete, e ele fez carinho na minha mão depois de comer, balançando o rabo enquanto se deitava na varanda para tirar uma soneca ao sol. Pensei em Valete naquele dia, me perguntei se a mamãe poderia me deixar trazê-lo para dentro e ficar com ele. Fiquei preocupado que talvez ela não deixasse. Minha mãe mantinha uma casa muito arrumada e gostava das coisas assim. Talvez se eu desse um banho nele lá fora com a mangueira e escovasse seu pelo preto até brilhar, mamãe me deixasse ficar com ele. Imaginei Valete enrolado na ponta da minha cama, me protegendo

enquanto eu dormia e, com a imagem, aquele mesmo sentimento desconhecido passou por mim, cintilante e quente. Aposto que você já experimentou essa sensação. Aposto que já experimentou muita coisa. Mas era novo para mim.

Meu estômago embrulhou quando cheguei em casa e vi o carro do meu pai na garagem. Corri para dentro, colocando minha mochila no gancho perto da porta, como mamãe gostava, e alinhando meus sapatos embaixo. Meu coração começou a disparar, meu estômago embrulhou do jeito que fazia quando meu pai chegava em casa de suas viagens, cansado e faminto e, se os negócios não estivessem indo muito bem, procurando alguém para descontar sua agressividade.

Primeiro, fui para a varanda dos fundos para ver se Valete ainda estava lá, enrolado em sua poça de sol, mas, quando olhei pela janela, nada de Valete. Foi quando ouvi o que pensei ser um gemidinho abafado vindo do lado da casa. Corri saindo pela porta dos fundos, contornei a varanda, meus pés com meias escorregando na grama. Um grito escapou dos meus lábios quando vi Valete, coberto de sangue, usando as patas dianteiras para se arrastar para a frente, as patas traseiras abertas inutilmente atrás dele como se, de alguma forma, ele tivesse ficado paralisado.

O horror me encheu e o mundo pareceu

desacelerar quando olhei para cima, meu pai a poucos metros de distância, uma arma na mão, apertando os olhos enquanto apontava para o cachorro ferido. Abri a boca para gritar, mas minha voz não parecia sair, e apenas um gorgolejo terrível subiu pela minha garganta. Meus braços se estenderam para a frente, em direção a Valete, que estava olhando para mim agora, o terror em seu rosto, seus olhos me implorando por ajuda.

Meu pai o havia torturado. Ele estava quebrado e moribundo, mas ainda estava tentando rastejar para longe. Escapar. Eu sabia como era isso. Eu sabia exatamente como era.

Algo retiniu alto dentro da minha cabeça, pontos pretos aparecendo diante dos meus olhos, o mundo ondulando ao meu redor como se um terremoto estivesse em erupção, mas apenas em nosso quintal. Além de nós, havia um céu azul. Havia quietude. E segurança.

Mas não aqui. Nunca aqui.

O tiro ecoou, e a parte superior do corpo de Valete caiu na grama, o sangue escorrendo do buraco em sua cabeça, seu corpo imóvel. Sem vida. Minha voz irrompeu então, quebrando meu horror, meu grito perfurando o silêncio enquanto tudo ficava totalmente escuro.

Acordei no chão da cozinha, minha garganta áspera e ferida, minha cabeça latejando.

— Calma, calma. — Era a voz da minha mãe. — Sem pressa. Você desmaiou, menino bobinho.

Eu gemi e me levantei, o cômodo flutuando enquanto eu colocava as mãos na cabeça e levava um minuto para me orientar. Uma vez que o pior do nevoeiro se dissipou, abaixei as mãos, abrindo os olhos, e fiquei boquiaberto com a cena na minha frente. Meu pai estava sentado à mesa, os braços e as pernas amarrados a uma cadeira com fita adesiva, uma mordaca na boca e sangue pingando de um corte na cabeça. Ele me seguiu com seus olhos arregalados e vidrados enquanto eu me levantava, olhando para mamãe, que estava encostada casualmente no balcão, com um copo de limonada na mão. Ela o estendeu para mim.

— Tome um suco. É bem refrescante.

Peguei o copo dela. Limonada era minha bebida favorita e eu estava com muita sede. Bebi até a última gota antes de colocar o copo vazio na mesa e passar as costas da mão pela boca.

— Melhor? — perguntou mamãe.

Balancei a cabeça, meus olhos grudados no meu pai agora, sua expressão mudando. Eu nunca o tinha visto assustado ou confuso, e eu estava hipnotizado e com medo.

— Eu bati nele com uma pá — ela explicou com uma pequena risada tilintante. — Um golpe direto e ele caiu como um saco de batatas. — Ela

esfregou as mãos como se não tivesse exigido nenhum grande esforço de sua parte.

Então minha mãe se afastou do balcão, cruzando os braços esguios sobre o peito, o colete de cetim vermelho esticando-se sobre o busto, as lantejoulas da saia curta preta de babados espalhando a luz. Minha mãe sempre se mantivera esguia e esbelta, e tinha o corpo de uma modelo de biquíni. Ela suspirou.

— Eu não aguentava mais — continuou. — Já estava farta! — Meu pai e eu pulamos com a mudança repentina de tom e volume. Obviamente nenhum de nós estava acostumado a ouvi-la gritar ou perder a paciência. — O cachorro foi a gota d'água.

O cachorro. Valete. Um gemido me escapou com a visão que seu nome trouxe. Seu sofrimento. A imagem da minha mãe vacilou diante de mim, mas lutei para segurá-la, respirando fundo enquanto ela se solidificava mais uma vez.

Ela estava calma agora. Firme. Tão rapidamente quanto sua raiva explodiu, ela estava de volta sob controle. Seu sorriso paciente voltou, e ela deu alguns passos até a mesa, seus saltos altos estalando no chão, e ela pegou um baralho de cartas e as deixou cair em cascata habilmente e sem esforço pelos dedos finos, do jeito que eu nunca consegui dominar.

Quando meu pai estava fora, minha mãe e eu jogávamos todo tipo de jogo. Os jogos de cartas eram seus favoritos, mas também jogávamos xadrez, damas e, às vezes, se tivéssemos tempo, Banco Imobiliário. Ela também sublinhava palavras nos meus livros para formar mensagens secretas só para mim que meu pai nunca encontraria. Minha mãe era um gênio com jogos e, por mais que tentasse, eu nunca poderia vencê-la.

Ninguém poderia vencer minha mãe.

— Danny Boy — ela me dizia. — Pense na vida como um grande tabuleiro de jogo. Se controlar as peças, se for o mestre de cada movimento, você vai ser uma espécie de deus. Se decidir jogar, sempre, sempre jogue para ganhar.

Eu gostava da ideia de controlar o tabuleiro, controlar a vida e criar todas as regras. Muitas vezes imaginei meu pai como um peão, pegando-o e colocando-o onde eu quisesse, movendo-o ao meu capricho. Ou talvez eliminando-o completamente do tabuleiro para que ele não existisse mais.

Parecia que minha mãe tinha tido a mesma fantasia.

E ela decidiu que era a hora de torná-la realidade.

Meu coração acelerou, mas desta vez não de medo e, sim, de emoção. Os olhos do meu pai

dispararam para um lado e para o outro, e uma gota de suor escorreu lentamente por uma bochecha, o rastro de sangue de seu ferimento escorrendo pela outra.

Minha mãe parou de embaralhar, colocando as cartas na mesa enquanto se virava devagar antes de deslizar uma faca de trincar do bloco no balcão e colocá-la ao lado das cartas. Os olhos do meu pai se fixaram nos itens à sua frente.

Observei minha mãe sentada, alisando a saia sobre as pernas, a mesma expressão plácida em seu rosto lindo. Ela pegou as cartas e começou a distribuir. O olhar do meu pai disparou para o dela, e ele tentou dizer algo através da mordada. Parecia zangado. Estava com certeza recuperando sua força e sua clareza depois de ser atingido na cabeça com a pá. Seu rosto ficou vermelho e ele balançou a cabeça, olhando para minha mãe.

— Tsc, tsc — disse minha mãe. — Não há necessidade de se preocupar. Claro que vou libertar você. — Meu coração afundou. — Se você ganhar este jogo de Seven-Card Stud. — Ela lhe deu um sorriso atrevido. — Pode pensar que minha aparência é melhor do que meu jogo, amor, mas, ah, você estaria errado. — Respirei fundo, meu coração acelerando mais uma vez à medida que ela começava a distribuir as cartas.

Como eu disse, ninguém poderia derrotar minha

mãe. Ninguém.

Jesus.

Sienna dobrou os dois pedaços de papel, cobertos frente e verso com a letra certinha, e as devolveu ao envelope, depois colocou tudo de volta no saco de provas. Ela flexionou as mãos, agora livres das luvas, e ficou sentada por um momento, olhando pela janela. *Meu Deus.* Aquela era claramente uma continuação da anotação encontrada na cintura da vítima assassinada. Tinha sido entregue a uma pessoa que o autor dos escritos, de alguma forma, sabia que seria interrogada pela polícia. O que fazia algum sentido, já que ele ou ela — não, ele, *Danny Boy* — havia colocado na mão da vítima as cartas que levavam a Lucia. Ela balançou o joelho, sua mente em disparada. Supôs que seria fácil descobrir quais detetives estavam trabalhando em um caso e então enviar um bilhete para um deles. Para *ela*. Não havia como aquilo ser pessoal. Ela não estava no DP de Reno — ou na cidade — por tempo suficiente para isso.

E o escrito em si? Era algum tipo de confissão? *Qual é o objetivo disso?*

Seu celular tocou, e ela o atendeu, o nome de Kat na tela.

— Oi, Kat.

— Bom dia. Você chegou cedo. O que a presidente do fã-clubes tinha a dizer?

Sienna a atualizou sobre tudo o que acabara de descobrir, incluindo sua suposição de que o suspeito havia descoberto o nome de pelo menos um detetive — *ela* — que estava trabalhando no caso, e também a essência do escrito.

— Há muito o que revisar e algumas informações nas cartas que podem nos dar algumas pistas sobre quem é esse cara. — O nome Danny; potencialmente um homem morto a facadas; sua esposa, a suspeita, condenada ou não, se era para onde essa história estava caminhando... o menino havia perdido a audição após ser atingido na cabeça. Certamente, isso significaria uma visita ao pronto-

socorro? Todas essas pistas em potencial passaram por sua mente enquanto ela ligava o carro para ir à delegacia, onde ela e Kat poderiam ler a carta juntas e descobrir o melhor lugar para começar. As palavras que Kat tinha dito na cena do crime debaixo do viaduto correram por sua mente: *Nada como pular de cabeça.*



— Isso é uma merda fodida — disse Kat.

Sienna deu uma risadinha agradável.

— Essa é uma maneira de colocar as coisas. Comecei uma lista de possíveis pistas sobre a identidade dele. — Ela listou os elementos que passaram por sua mente enquanto estava sentada no carro depois de sair da cafeteria.

— Precisamos verificar tudo isso. Mas... como sabemos que não é uma completa armação? — indagou Kat, dando a cópia dos escritos que estava segurando e fazendo um movimento com o dedo.

— Não sabemos. Mas até a gente ter certeza, vamos supor que não.

Kat mordeu o lábio por um momento.

— Ok. Então esse assassino sofria violência em casa e, por causa disso, a mãe psicopata finalmente se cansou e assassinou o pai? Ele está tentando se defender?

— Não faço ideia. Como você disse, ele pode estar brincando com a gente. Ou se divertindo. Quem vai saber? Mas vou começar a vasculhar o banco de dados em busca de vítimas de esfaqueamento de esposa contra marido. Se ele acabou morrendo ou não, isso se destacaria.

— A menos que ela estivesse blefando e nunca tivesse chegado a esfaqueá-lo.

— Mas ele começou dizendo que a mãe tinha assassinado o pai — lembrou Sienna.

Kat deu de ombros.

— Talvez tenha sido uma provocação para nos atrair. Acho que teríamos que saber como a história terminou. De qualquer forma — Kat continuou —, se ela o matou, poderia ter enterrado o corpo no quintal.

Sienna franziu a testa.

— Você tem razão. Ou seja, existe a possibilidade de a morte, se de fato aconteceu, nunca ter sido relatada ou descoberta. — Ela se inclinou, pegou o celular e acrescentou um recado para se lembrar de fazer uma verificação sobre desaparecimento. Podia ser como procurar uma agulha no palheiro. Afinal, não tinha ideia de em que ano o homem poderia ter desaparecido, se havia desaparecido, ou qual era sua descrição ou idade. Ele poderia ter se libertado e acabado matando a mãe de Danny Boy. Elas só podiam continuar com o pouco que tinham. Mas se as páginas do relato eram confiáveis, o homem tinha um emprego. Aparentemente, ele era uma espécie de caixeiro-viajante. Isso poderia ajudar tanto quanto uma notificação de desaparecimento. Talvez algum cara houvesse parado de aparecer no trabalho de repente, e isso estivesse no banco de dados.

De qualquer forma, era tudo um esforço para levá-las até a pessoa que tinha escrito as cartas, a pessoa que havia tirado a vida de uma mulher.

— Também... — Sienna começou, depois que ela e Kat dividiram a lista de possíveis pistas que haviam extraído a partir do texto — ... eu te disse que consegui o nome da mulher que fez a arte daquelas cartas de baralho, mas não mencionei onde consegui o nome.

— Achei que tivesse encontrado na internet.

— Não. Eu nem tinha começado a procurar. Consegui com Gavin Decker. — Seus nervos estavam elétricos. Ela realmente não queria falar sobre o assunto, mas precisava. Devia isso ao fato de sua nova parceira ser completamente transparente no que dizia respeito ao primeiro caso em que haviam trabalhado juntas.

Uma pequena ruga apareceu entre as sobrancelhas de Kat.

— Você foi ao Emerald Isle e o questionou? Por que não me

avisou antes de...

— Não. Na verdade, ele me encontrou no bar ontem à noite. — Sienna fez uma pausa. — Temos um passado, eu e ele. Não mencionei isso porque não sabia se ele se tornaria parte dessa investigação para além... bem... de algumas perguntas de rotina, mas...

— Você está brincando.

— Não. Crescemos no mesmo estacionamento de trailers. A gente namorava. Acabou mal e eu não falava com ele havia onze anos. Então, você sabe, não tem realmente nada para ser dito, mas eu ia mencionar mesmo assim e deixar você lidar com qualquer conversa em potencial se fosse necessário. Mas como eu disse, ele me encontrou no bar, então...

— Sienna.

— O quê?

— Você está tagarelando como um criminoso culpado.

Sienna soltou uma pequena risada envergonhada.

— Eu estou, não é? — Ela suspirou. Não disse a Kat que, no passado, chegou a pensar que ele era sua alma gêmea. Não mencionou que eles planejavam se casar e que ele a havia deixado no altar. Esses detalhes não eram pertinentes e, francamente, ela tentara por muito tempo esquecê-los. — A verdade é que é um pouco estranho para mim estar de volta aqui. Nunca pensei que voltaria e, por muitos anos, ele foi o principal motivo disso. Agora... Estou namorando alguém em Nova York. E há uma boa chance de eu me casar com ele. Não é como se eu ainda tivesse uma quedinha pelo Gavin. Mas voltar é quase como um estranho choque de passado e presente. Acho que vai demorar pelo menos algumas semanas para eu sentir que tenho uma base sólida aqui. — Ela sorriu de leve. Não era uma pessoa reservada. Sienna confiava naqueles que considerava dignos de sua confiança, e gostava de conversas profundas sobre tópicos que *importavam*, muito mais do que de conversas superficiais. Sempre tinha sido assim. Mas ela raramente se abria com as pessoas tão depressa. *Essa é uma*

situação excepcional, porém, lembrou a si mesma. Sim, ela havia sido empurrada para um novo emprego, uma nova parceria na qual elas potencialmente deveriam confiar uma à outra a própria vida. E ela queria que Kat confiasse nela, especialmente considerando que haveria uma nuvem compreensível de suspeita em torno dela com base nas circunstâncias de sua transferência.

A expressão de Kat falava de compreensão.

— Entendo. Obrigada por se abrir comigo. — Ela inclinou a cabeça. — Então, por que ele te procurou e como ele sabia que você estava de volta à cidade? Ah, espere, a coletiva de imprensa?

Sienna assentiu, sorrindo distraída pela forma como Kat havia ligado os pontos um mero instante depois que uma pergunta saíra de seus lábios.

— Sim. De qualquer forma, aproveitei para perguntar sobre o baralho e ele me indicou Lucia Pechero, *a presidente do fã-clube*. — Havia um tom mordaz em sua voz que ela não pretendia ter usado, mas Kat riu.

— Caramba, deve doer quando seu ex tem um verdadeiro fã-clube. — Ela riu de novo.

Sienna revirou os olhos exageradamente, mas não pôde deixar de se juntar a Kat em uma risadinha.

— Não é a circunstância ideal para você ter esfregado isso na minha cara, vou te falar a verdade. Você deveria ter visto a mulher: parecia que ia desmaiar com a simples menção do nome dele. Eu meio que esperava algo mais parecido com ele morando em uma van perto do rio. — Ela sorriu. E, caramba, era *bom* fazer piada com alguém depois de ficar sozinha em sua cabeça com isso por... bem, desde que ela havia concordado com a transferência para Reno. Sentiu uma afeição repentina por Kat e teve certeza de que seriam não apenas parceiras, mas também amigas.

E por causa do sentimento, seu mundo se endireitou um pouco.

— Então é possível que nosso suspeito tenha trazido Gavin Decker para este caso de propósito? — Kat perguntou. — As cartas... e agora a presidente do fã-clube. *Você*.

— Não sei — respondeu Sienna, com uma estranha pontada no estômago. — Mas acabei de me mudar para cá. Isso não pode ser pessoal. Na verdade, parece que está em fase de planejamento desde antes de eu chegar à cidade.

Ela quase não notou Ingrid se aproximando delas, mas isso seria impossível, visto que sua chefe era uma amazona de mais de um metro e oitenta com pernas infinitas. Seu sorriso sumiu quando ela viu a expressão de Ingrid.

— Podemos ter um nome para a vítima encontrada sob o viaduto.

— Como? — Kat indagou, levantando-se, todas as risadas apagadas de sua expressão também.

— Acabamos de receber uma ligação de um bar e restaurante em South Central. Uma das garçonetes não aparece há três dias, e o gerente assistiu à coletiva de imprensa reproduzida esta manhã. Ele achou que ela não ia mais aparecer no trabalho e a havia cortado do quadro de funcionários, mas disse que o retrato parecia familiar.

South Central. Não a pior região de Reno, mas longe de ser a melhor.

— Tenho uma reunião com o chefe daqui a pouco — avisou Ingrid, entregando a Sienna dois papéis. O de cima tinha o nome Reva Keeling escrito e, abaixo, um endereço. — É onde ela mora. A foto dela na carteira de motorista é tão antiga que é difícil dizer se é a nossa vítima. — Sienna olhou para a segunda impressão, observando a foto da jovem com o sorriso radiante, e o rosto quase sem rugas. Se era a vítima que haviam amarrado a uma cadeira debaixo do viaduto, Sienna estava certa em sua avaliação sobre a vida difícil. Porque a vida *normal não envelhecia uma pessoa tão dramaticamente*.

— Pelo menos podemos fazer uma verificação de bem-estar, já que ela não apareceu para trabalhar — disse Sienna.

Quinze minutos depois, Kat e Sienna estacionaram em frente a um complexo de apartamentos decadente, com lixo espalhado no meio-fio. Havia um cara magro e tatuado fumando um cigarro, encostado em um carro na frente, e, quando passaram por ele, ele

assobiou e gritou:

— Caramba, as Panteras. Eu sou culpado! Me prendam. Me levem para a *sua* delegacia. — Ele, de alguma forma, fez a palavra soar pornográfica, combinando-a com um movimento obsceno de quadris. *Encantador*. Ele riu, mas as duas o ignoraram quando se aproximaram da frente do prédio e subiram os degraus externos do apartamento 4b.

Sienna ficou ao lado da janela e Kat se posicionou do outro lado da porta antes de estender a mão e bater ruidosamente.

— DP de Reno — ela anunciou. Houve alguns sons de movimento lá dentro que fizeram Sienna franzir a testa e olhar interrogativamente para a parceira. Kat bateu uma segunda vez e as duas se inclinaram o máximo possível em suas posições, ouvindo. Os sons de movimento ficaram mais altos. Kat abriu a boca para dizer algo quando a cortina foi puxada, e Sienna se afastou dela, a mão indo para a arma, mas exalando um suspiro quando o rosto que olhou para elas foi o de uma criança pequena.

Kat deu um passo para trás, tirando seu distintivo e segurando-o. Ela sorriu e gesticulou para que o menino abrisse a porta. Seus olhos estavam arregalados e assustados, e ele hesitou, mas então a cortina voltou ao lugar e, um segundo depois, ouviram a fechadura se abrindo por dentro. A criança, um menino, vestia um pijama da Marvel, o cabelo espetado em todas as direções, os olhos vermelhos como se tivesse chorado.

— Oi, querido — disse Kat. — Sua mãe ou seu pai estão em casa?

O garotinho balançou a cabeça, seus lábios tremendo de leve.

— Tem alguém em casa?

Ele balançou a cabeça de novo.

— Você está sozinho aqui?

Ele assentiu.

— Quando sua mãe saiu, querido?

— Minha avó saiu faz muitos dias — revelou ele, um pequeno

solução seguindo as palavras. O coração de Sienna se apertou. *Oh, Deus, este menino está sozinho? Por... dias? Certamente não.* Ela pediu a Deus que a mulher que eles haviam encontrado morta sob o viaduto não fosse a avó dele, mas, se não fosse, algum monstro havia deixado aquele garotinho à própria sorte.

— O nome da sua avó é Reva? — Kat perguntou, e o garotinho piscou e então assentiu.

— Sua avó já te deixou sozinho antes?

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Ela me deixava sozinho quando ia trabalhar, mas não por tantos dias.

O coração dela se partiu. *Não por tantos dias.* Aquela criança pequena não deveria ter ficado sozinha nem por algumas horas, muito menos um dia inteiro de trabalho.

— Quantos anos você tem? — Sienna questionou gentilmente.

Os olhos do menino permaneceram nela por um momento antes de responder.

— C-cinco e meio.

— Qual é o seu nome, querido? — Kat perguntou.

— Trevor.

— Trevor, podemos entrar? Está tudo bem. A gente quer te ajudar.

Ele pareceu brevemente incerto, mas então assentiu, abrindo mais a porta para que elas pudessem entrar. O apartamento fedia. De qual combinação de odores nocivos, Sienna não sabia dizer — comida velha, roupa suja, algum tipo de animal de estimação? O que ela conseguiu identificar foi o cheiro distinto de urina vindo de Trevor. Ele obviamente não havia tomado banho e provavelmente tinha feito xixi na calça em algum momento. Mas, embora o fedor coletivo a fizesse querer correr para a saída mais próxima que oferecesse ar fresco e limpo para encher seus pulmões, ela estava grata por uma coisa: não cheirava a cadáver.

Trevor sentou-se no sofá. Parecia que ele tinha feito uma espécie

de ninho com três bichos de pelúcia, um cobertor bem gasto e o controle remoto da TV. A televisão estava desligada no momento, e havia embalagens de fast-food e copos de papel na mesa de centro.

Os olhos de Sienna percorreram rapidamente a sala desordenada. Todas as superfícies estavam cobertas de *coisas*: pilhas de revistas, correspondência aberta e outros papéis, um copo da Starbucks com o nome *Allegra* escrito na lateral em caneta preta, um frasco de protetor solar, uma bola de tênis aleatória, uma jarra vazia, o que parecia ser uma pulseira que havia se desfeito, as contas espalhadas... Deus, havia muita *tralha* para tentar categorizar. Ela não entendia as pessoas que viviam assim. Se bem que ela própria estava usando caixas de papelão como mobília, então talvez não devesse julgar. O olhar de Sienna voltou-se para o menino.

— E sua mãe ou seu pai, querido? — Kat perguntou, sentando-se em uma cadeira em frente ao menino.

— Eu não tenho pai nem mãe, e minha avó nunca voltou do trabalho.

Ah, não. O coração de Sienna afundou e seus músculos ficaram tensos.

— Você tem uma foto da sua avó, Trevor? — Kat indagou.

O menino assentiu e então pulou e caminhou para um quarto antes de retornar com a mesma rapidez, um porta-retratos na mão. Ele o entregou a Kat, e Sienna deu um passo à frente, olhando sobre o ombro de Kat. A foto mostrava Trevor, sorrindo timidamente, e sua avó, inclinando-se para o menino, um olho semicerrado, uma expressão que fez Sienna pensar que ela não estava preparada para a foto. Uma imagem estranha para colocar em um porta-retratos. Mas essa reação fugaz foi rapidamente substituída pela tristeza. A mulher na foto era a mesma que ela vira pela primeira vez morta e posando com um punhado de cartas.

Kat colocou a foto gentilmente sobre a mesa de centro.

— Trevor, você já andou em um carro de detetive?

Os olhos avermelhados do menino se arregalaram.

— Não.

— Gostaria de andar?

Ele sorriu pela primeira vez, a expressão quase imperceptível de lábios finos da fotografia, e acenou com a cabeça. Mas então seu sorriso se desfez.

— Você sabe onde está minha avó?

— Não, querido — disse Kat. — Mas não se preocupe agora. Nós vamos cuidar de você. Não vai mais ficar sozinho aqui.

Algo incomodou Sienna, e ela olhou ao redor da sala novamente antes de seu olhar parar na mesa de centro, onde a fotografia havia sido colocada, junto com as embalagens de comida. Havia um copo de plástico transparente ainda meio cheio de refrigerante e alguns pedaços de gelo quase derretidos.

— Trevor? Quem trouxe esta comida para você? — ela perguntou. Porque a bebida tinha que ter menos de algumas horas, e o hambúrguer meio comido ao lado parecia quase fresco também.

— O homem — disse ele.

Kat e Sienna franziram a testa ao mesmo tempo.

— Que homem, Trevor? — Sienna insistiu.

Trevor deu de ombros, com lágrimas enchendo seus olhos novamente.

— Não sei. Ele me trouxe comida, mas não ficou.

Os nervos de Sienna arrepiaram-se, e ela olhou para a porta como se o homem desconhecido de quem Trevor acabara de falar pudesse de repente passar por ela. Mas a porta estava fechada. Ela olhou para as embalagens outra vez, representando vários locais diferentes de fast-food. Ele devia estar trazendo comida para Trevor havia dias. Alguém tinha cuidado para que aquela criança continuasse alimentada. Mas quem?



Reva Keeling, 54 anos, havia saído para trabalhar três dias antes, feito um turno de oito horas aparentemente sem incidentes, batido o ponto, e não tinha sido vista novamente até que apareceu em uma cadeira, morta e segurando um punhado de cartas de baralho.

Seu chefe suspeitava de que ela pudesse ter se envolvido com drogas, já que recentemente exibia um comportamento errático e havia se tornado cada vez menos confiável nos últimos meses. Ele parecia um pouco culpado quando admitiu que planejava demiti-la, mas adiou, sabendo que ela estava criando um neto sozinha depois que a filha teve uma overdose.

— Você pensaria que, depois do que aconteceu com a filha, Reva não tocaria nessas coisas — disse o chefe. — Mas as pessoas são estranhas.

Sim. Sim, certamente elas podem ser, pensou Sienna.

Antes de sair do trabalho, Reva havia usado o desconto de funcionários para pedir o jantar com carne que eles encontraram praticamente não digerido em seu estômago, anulando a probabilidade de ela ter saído para um encontro.

Eles não conseguiram localizar nenhum membro da família e, portanto, o menino, Trevor, estava sob custódia do Serviço de Proteção à Criança. Sienna o havia deixado lá pessoalmente, e seu estômago revirou ao se lembrar de como o menino tomara resolutamente a mão da mulher que administrava o lar coletivo, sua pequena bolsa de lona pendurada no ombro ossudo.

— Oi — falou Kat, erguendo os olhos da papelada à sua frente enquanto Sienna se aproximava das mesas. — Como foi?

— Tão comovente quanto você poderia esperar.

Kat assentiu como quem compreendia.

— Fica pior. Os pais da vítima ainda estão vivos e, embora estejam na casa dos setenta anos, saudáveis, ao que tudo indica, não mantêm contato com a filha há mais de três décadas. Eles vivem em Boulder e nem sabiam da existência do bisneto, nem querem nada com ele. “Tenho certeza de que esse menino é tão inútil quanto a mãe e a avó”, foi o que disse a mulher que atendeu o telefone, pouco antes de desligar na minha cara. Como se não fossem sangue do próprio sangue dela, sabe. Gente fria, né?

Sienna bufou. Isso resumia tudo. Seu trabalho estava cheio de histórias comoventes envolvendo crianças, mas cada caso novo doía. Esses casos ao mesmo tempo a faziam querer largar a profissão para que as carinhas parassem de passar por sua cabeça, quando ela acordava no meio da noite, e também lhe davam vontade de desempenhar seu trabalho com uma vingança louca, trabalhar até altas horas, assim como nos fins de semana e feriados, e nunca tirar férias para não perder a oportunidade de ajudar uma pessoa que fosse.

Nem que fosse *uma*.

— Não entendo as pessoas — disse ela.

— Seja grata por isso — Kat respondeu. — No minuto em que você começar a *entender* pessoas assim, deve se trancar no carro e ligar o escapamento.

Apesar da declaração macabra, Sienna riu. Ela se sentou à mesa, de frente para Kat.

— Os restaurantes de fast-food puderam oferecer alguma coisa?
— Kat havia feito um inventário dos lanches que o estranho não identificado havia levado para Trevor nos últimos dias e foi a alguns locais próximos enquanto Sienna se certificava de que Trevor estivesse se adaptando.

— Nada. Sem uma descrição ou um horário em que o cara possa ter parado, ninguém soube me dizer nada.

Sienna suspirou.

— Imaginei. — Haviam requisitado ao laboratório forense que apressasse o relatório de DNA e de impressões digitais na embalagem, mas isso ainda levaria vários dias, pelo menos. Quanto ao restaurante em que o lanche tinha sido comprado, se o cara fosse esperto e não quisesse ser descoberto, certamente teria ido a uma lanchonete do outro lado da cidade, e não na mesma rua do garotinho que ele estava alimentando misteriosamente. — Você acha que o cara que estava levando comida para Trevor é o assassino e o estava alimentando por algum sentimento de culpa?

Kat bateu com uma caneta no queixo.

— Poderia ser, mas esse cenário fala mais de um crime passional. Sabe, briga de casal que ficou fora de controle; ela morre, ele sente remorso, entra em pânico, fica sabendo sobre o garoto em casa e garante que ele permaneça vivo até que a polícia o encontre. — Kat deu mais batidas com a caneta no queixo enquanto seu olhar se movia para cima. — Não, o corpo de Reva Keeling foi plantado ali. E não houve outros ferimentos, exceto os causados pela arma do crime. Não acho que foi um crime passional. Havia um propósito na morte dela. Se fosse uma briga que tivesse terminado mal, o corpo estaria escondido em algum lugar.

Sienna assentiu. Ela concordava com a avaliação de Kat. E, para acrescentar, Trevor disse que sua avó não tinha nenhum amigo homem, e que ele também não reconhecia o homem que havia lhe trazido comida.

Mas se ele não estava alimentando Trevor por um sentimento de culpa ou responsabilidade pelo fato de o garoto estar sozinho e indefeso, qual era o motivo? Haviam interrogado Trevor um pouco mais quando chegaram à delegacia, mas ele não foi capaz de oferecer muito. Sua descrição do “homem” era vaga, na melhor das hipóteses. Ele não era tão velho quanto a avó, mais próximo da idade de Kat e Sienna, e tinha cabelo castanho. Ou talvez preto. Sienna quase sentiu frustração com a incapacidade de Trevor de fornecer detalhes adicionais, mas o garoto não tinha nem seis anos e estava traumatizado.

— A perícia encontrou o celular no quarto dela — Kat disse como

se estivesse lendo sua mente. — Eles vão dar prioridade, ver se surge alguma coisa interessante.

— Você acha que ela simplesmente esqueceu o celular em casa?

Kat deu de ombros.

— Provavelmente. Se ela estava se drogando regularmente, era provável que andasse esquecendo muitas coisas.

Como o neto. Por dias seguidos. E isso foi antes de ela ter a desculpa de estar morta. Sienna pegou as cópias das duas anotações e as examinou novamente. Ela e sua parceira de investigações haviam seguido todas as pistas que puderam, mas, até o momento, não tinham conseguido nada. Ela olhou para a foto das cartas deixadas na mão de Reva Keeling. Não significavam nada para ela.

Quais eram os naipes? Das cartas que a vítima estava segurando.

A pergunta de Gavin no restaurante voltou a ela. Não havia respondido porque, naquele momento, seu celular tocara — e ela se considerou salva pelo gongo, porque não queria prolongar a interação e *também* porque não podia compartilhar informações de uma investigação em andamento. *Só que...*

Gavin era bom com jogos de cartas. Alguns — provavelmente os integrantes de seu *fã-clube* — argumentariam que não havia ninguém melhor. Elas precisavam de um especialista em áreas nas quais nem ela nem Kat tinham expertise. Talvez Gavin pudesse lançar alguma luz, se houvesse alguma luz a ser lançada. Claro, ok, ela não gostava exatamente da ideia de ver Gavin Decker novamente, mas se isso significava resolver o assassinato de uma mulher e obter justiça para um menino órfão, Sienna era madura o suficiente para lidar com isso.

— Kat? — Ela ergueu os olhos da papelada para a qual tinha voltado. — O que acha de pedir a Gavin Decker para dar uma consultoria nesse caso? — A expressão de Kat registrou surpresa, e Sienna entendeu o porquê. Ela recentemente havia expressado interesse na vida de Gavin na miséria, na pobreza e na vergonha em

um trailer perto de um rio. — Eu poderia passar no escritório dele pela manhã. Ele pode enxergar algo que não conseguimos na mão de cartas encontradas com Reva Keeling — disse ela. — Ele pode até ver algo nesta anotação. — Ela a ergueu e deu uma leve sacudida. — Não sei — ela continuou. — Só tenho a sensação de que estamos deixando de ver alguma coisa. E ele é extremamente adequado para fornecer informações que podemos estar ignorando ou não estarmos preparadas para ver. — Ele não era apenas um jogador profissional de pôquer, mas também um segurança. E tinha estado no Exército antes disso, o que devia significar que tinha credenciais de segurança.

— Teríamos que obter a aprovação de Ingrid, mas acho que é uma boa ideia. Ainda mais porque tudo o que estamos fazendo é esperar que uma pista surja.

Sienna se levantou, enrijeceu a coluna — mais para si mesma do que para se preparar para a resposta de sua chefe — e se dirigiu para a sala de Ingrid.



— Gavin? Tem uma detetive aqui para ver você — anunciou Stef, pelo viva-voz do telefone.

Sua mão parou e então retomou, terminando a assinatura que acabara de colocar na papelada à sua frente.

— Detetive Sienna Walker — Stef esclareceu, e Gavin soltou a respiração que estava presa momentaneamente, irritado consigo mesmo com a reação.

Se controle. Já se passaram onze anos. Ela tem alguém na vida dela. E provavelmente está aqui a trabalho.

— Mande entrar — respondeu. Gavin se levantou e abriu a porta, esperando enquanto Sienna virava a esquina da mesa de Stef a uma curta distância da curva.

Ela pareceu surpresa ao vê-lo parado ali, mas se recuperou rapidamente, suas feições se reorganizando em um sorriso educado. Ele fez uma varredura rápida de seu corpo. Ela estava usando calça justa azul-marinho, uma blusa cor de pêssego e sapatos de saltos não muito altos. Havia uma maleta com uma longa alça pendurada no ombro. Seu cabelo estava penteado para trás novamente, e ela parecia ao mesmo tempo casual e fresca. Jovem, mas não a garota que ele havia conhecido. Ela era uma mulher agora, mas as linhas de seu corpo e a maneira particular como se movia ainda eram familiares. Enquanto a observava caminhar em sua direção, lembrou-se da sensação dela embaixo dele naquela velha caminhonete que rangia e balançava...

Ele afastou essas memórias de sua mente, pigarreando e dando um passo atrás para lhe dar espaço para entrar.

— Desculpe passar aqui sem avisar antes — disse ela, estendendo a mão. Ele olhou para ela sem reação por um momento antes de perceber que ela queria que ele apertasse sua mão. Ele o fez, sentindo-se um pouco ofendido com o esforço óbvio dela de fingir que eram estranhos que mal se conheciam, embora pensasse que eles haviam falado como pessoas que reconheciam o fato de terem tido uma história juntos ao mínimo no bar, algumas noites antes. Bem, se “estranhos” era o que ela queria, era o que ele lhe daria.

— Não tem problema. Só estava colocando a papelada em dia. — Ele apontou para uma cadeira na frente de sua mesa, e ambos se sentaram. — O que posso fazer por você, detetive Walker? — ele perguntou, seu tom formal.

O sorriso dela caiu um pouco. Se seus olhos não estivessem focados na boca dela, ele não teria percebido. Quando ele se sentara à mesa do bar na sua frente, os olhos dela tinham faiscado de raiva, e ele entendera. Havia abandonado a garota que amava, partindo sem se despedir. Não tinha ideia de quanto tempo ela ficaria em Reno, mas devia a Sienna pelo menos um pedido de desculpas e uma explicação para suas ações, se ela permitisse. A raiva deu a ele um pequeno vislumbre de esperança de que ela sentia algo por ele. E talvez ela estivesse com raiva na superfície, mas se ainda sentia alguma emoção, ele esperava que houvesse algo mais por trás disso. Sentia a mesma centelha de esperança agora. A apatia a teria extinguido, mas Sienna, por mais que tentasse, não era apática em relação a ele.

— Ontem à noite você me perguntou sobre as cartas que a vítima do meu caso estava segurando. Eu precisava de permissão para te consultar sobre os detalhes do caso e, portanto, não estava preparada para compartilhar essas informações naquele momento, mas recebi aprovação. Minha chefe disse que o departamento trabalhou com você no passado em alguns casos em que o cassino exigia o envolvimento da polícia. De qualquer forma, espero que possa nos dar alguma luz.

Gavin recostou-se na cadeira de couro, unindo as pontas dos

dedos.

— Seria um prazer.

— Ótimo. Obrigada. — Ela se inclinou, abrindo a pasta e removendo uma pilha de papéis. Escolheu um e deslizou sobre a mesa, virado para cima. Ele estendeu a mão, só quebrando o contato visual com ela quando a cópia de uma fotografia de uma mão de cartas foi posta bem na sua frente.

— Um oito de espadas, nove de copas, valete de copas, cinco de ouros, valete de espadas, ás de paus e dois de ouros — ele leu em voz alta, sua mente organizando e reorganizando da maneira que lhe vinha naturalmente. Sentiu o olhar esperançoso de Sienna sobre ele, sua testa franzida enquanto pensava. Droga, ele *queria* ter algo perspicaz para dizer, mas não tinha.

— Um par de valetes é um começo decente se o jogo está bem no início e você ainda tem a chance de descartar — ele sugeriu.

— E se remover os valetes?

— Então é melhor saber blefar.

Ela deu a ele um meio-sorriso irônico.

— Não ajudou muito, hein? — ele perguntou, odiando o desapontamento em sua boca.

— Está tudo bem. Você confirmou o que eu pensava. Ainda não há informações suficientes para descobrir o que essas cartas significam, se é que existe significado. Droga, o suspeito podia ter colocado cartas aleatórias na mão da vítima. — Seus olhos se desviaram rapidamente e uma carranca apareceu em sua boca como se ela estivesse dizendo que tudo era possível, mas seu instinto estava expressando algo diferente. Ele via. Ele sabia sem que ela dissesse uma palavra.

Gavin não era detetive. Ele era bom em cartas, mas não necessariamente em quebra-cabeças. No entanto, era capaz de ler as pessoas. Era por isso que, além de sua habilidade com cartas e números, ele era um ótimo jogador de pôquer. Ele via pequenas contrações. Notava pequenas cintilações e as menores entradas de ar, mesmo em sua visão periférica. Ele as *catalogava*. E sempre lera

Sienna Walker melhor do que ninguém. Pelo menos naquela época do passado. Talvez se essa habilidade tivesse mudado à medida que *ela* mudava e crescia, não tinha sido muito. Sim, Sienna sentia em seu íntimo que a mão de cartas significava algo importante.

E ela viera a ele para obter ajuda.

— Tem mais uma coisa — ela falou, inclinando-se novamente e tirando mais algumas folhas de papel de sua pasta. — Parece que a pessoa que matou nossa vítima deixou um bilhete, tanto na cena do crime quanto com Lucia Pechero.

As sobrancelhas de Gavin se franziram em confusão.

— Com Lucia? Como isso é possível?

— Não sei exatamente. Não está claro. — Ela contou sobre a carta que lhe tinha sido endereçada e sobre a surpresa de Lucia quando ela havia ligado. — Você disse a alguém que ia me enviar o contato dela?

— Não. E eu te enviei do meu computador de casa, usando meu endereço de e-mail pessoal.

— Você mora com alguém?

Ele notou que ela continuava a olhar para o caderno em seu colo até que ele respondeu:

— Não.

— Então parece que essa pessoa está, de alguma forma, um passo à nossa frente, e não tenho ideia de como isso é possível, a menos que seja uma trama bem elaborada. Você consegue pensar em alguém que possa querer te colocar dentro de uma investigação policial?

— Não. — Ele passou um dedo sob o lábio, pensando. — Vivo uma vida bastante tranquila, para falar a verdade. — O olhar dela se deteve nele por um momento, e ela fez um aceno positivo com a cabeça antes de estender a mão, colocando algumas folhas de papel sobre a mesa novamente.

Gavin as pegou, notando que eram cópias de anotações manuscritas, a primeira curta e só na frente da página; a segunda

com duas páginas, ambas frente e verso, preenchidas com a mesma caligrafia.

— Você se importa de dar uma olhada nelas? — Sienna perguntou. — Desculpe, mas não posso deixar essas cópias com você...

— Eu tenho tempo — disse Gavin, pegando-as e recostando-se na cadeira. De sua visão periférica, ele viu Sienna mexer no celular enquanto ele lia.

Quando terminou, colocou as páginas sobre a mesa e as empurrou de volta. Ela as recuperou e colocou sobre o colo, em cima do bloco de notas que ainda estava lá.

— O que é isso? — ele perguntou. — O diário de alguém?

— Ou uma obra de ficção trazida para mexer com a gente por razões desconhecidas. Eu não tenho certeza. Achei que talvez o nome do cachorro pudesse significar alguma coisa. Alguma coisa se destacou para você?

— Valete?

— Sim, o nome é esse. — Sienna pegou as cópias e passou os olhos rapidamente até encontrar o local ao qual ela se referia e, então, leu: — “Primeiro, fui para a varanda dos fundos para ver se Valete ainda estava lá, enrolado em sua poça de sol, mas, quando olhei pela janela, nada de Valete.”

— Valete. Como na carta do baralho?

Sienna soltou um suspiro.

— Talvez. — Ela esfregou a têmpora, e Gavin teve o desejo de confortá-la. Isso o assustou. Não a necessidade de oferecer conforto a Sienna Walker com sua óbvia frustração, mas a força dessa vontade. Como se fosse ontem que ela teria recebido bem o gesto, em vez de onze anos antes.

Mas o fato era que já haviam se passado onze anos e, independente da força do sentimento, pertencia a ele e somente a ele.

— Posso ver de novo? — ele pediu, apontando para as páginas

na mão dela. Ela as entregou sem dizer nada, e ele examinou as linhas novamente, mas não havia mais números ou naipes de cartas. Ele usou as pontas dos dedos para tamborilar nas páginas, voltando ao que ela tinha dito sobre o cachorro.

— Nada de Valete. Ok, então vamos dar uma olhada nas cartas restantes — ele disse, percebendo por que ela havia feito aquela pergunta alguns minutos antes.

— Eu tentei isso, mas as outras cartas ainda não fazem sentido para mim. E para você?

Ele estendeu a mão e ela obviamente sabia o que ele estava pedindo, porque entregou a foto das sete cartas colocadas na ordem em que tinham sido exibidas na mão da vítima. Seus olhares se demoraram por mais alguns instantes, e Sienna desviou o dela primeiro, observando enquanto ele tirava a foto, colocava-a sobre os outros papéis em sua mesa e estudava as cartas. Nada de Valete. Portanto, sem eles, as cartas diziam: oito de espadas, nove de copas, cinco de ouros, ás de paus e dois de ouros. Oito, nove... cinco, um, dois.

Gavin olhou para Sienna e a encontrou estudando-o. Seus olhos se arregalaram e ela pareceu brevemente envergonhada antes de sua expressão voltar ao estado neutro.

— Oito, nove, cinco, um; isto é, se você contar o ás como um. Por último, dois. É um código postal aqui da cidade — concluiu ele.

— Ah. — Ela piscou duas vezes, seu olhar indo para o lado. — Sim. *Sim*. De onde?

— Na região nordeste de Reno, eu acho. Espere. — Ele abriu o laptop e usou um site de busca para confirmar o que tinha dito. — Sim. Nordeste. Mas corresponde a uma área muito grande.

Sienna estava batendo no joelho de novo do jeito que fazia quando sua mente estava indo tão rápido que o corpo inconscientemente tentava acompanhar.

— Mas ele está... — disse ela, como se estivesse pensando em voz alta e apenas expressando metade de seu pensamento.

— Dando pistas nas anotações?

— É. — Ela parecia um pouco incrédula, mas também animada. Recostou-se na cadeira, o joelho imóvel. — Se é um código postal que as cartas representam... o que é coincidência demais para não ser, né?... Então o que devo fazer com isso?

Gavin colocou as cartas de lado e voltou para a anotação, lendo-a pela segunda vez. *Algo* havia se destacado para ele, mas não estava pensando da forma como que Sienna obviamente pensava — como se houvesse pistas contidas dentro... *do que quer que fosse*. E não apenas pistas que usavam números, mas...

— Isto — falou ele, batendo na linha com o dedo indicador. — A mãe dele diz: “Pode pensar que minha aparência é melhor do que meu jogo, amor, mas, ah, você estaria errado”. É uma frase feita. Nas cartas, chamamos um conjunto de cartas que tem a aparência melhor do que o jogo propriamente dito de um Anna Kournikova.

— Um Anna Kournikova? A... jogadora de tênis?

— É.

— Tá. Então, o que isso significa? Ela tem a aparência melhor do que o... — A compreensão surgiu em sua expressão, e ela revirou os olhos exageradamente. — Bem, que grosseria.

Ele soltou uma risadinha com um encolher de ombros. Ele concordava, mas não era ele que tinha inventado a expressão.

— A verdadeira questão é: o que isso tem a ver com... — Sua boca fez um O, e ela ficou imóvel. — Havia uma bola de tênis na casa dela.

— Casa de quem?

— Da vítima.

— Havia uma bola de tênis na casa da vítima?

Ela parecia distraída ao assentir, pegar o celular e discar um número. Seu joelho começou a balançar outra vez enquanto ela obviamente ouvia o celular chamar, e Gavin a observou, os lábios se contraindo, querendo sorrir. Ela estava claramente fazendo o que sabia fazer de melhor, e um ataque de algo que ele não tinha certeza de como chamar o invadiu: alegria, alívio, *uma noção de que era certo*, a consciência de que a coisa terrível que ele tinha feito tanto

tempo antes e que causara sofrimento a ambos era definitivo. Ele estava sentado na primeira fila, observando o resultado de seus atos em tempo real.

Ele continuou a observá-la, vivendo simultaneamente em duas décadas separadas — partes iguais de menino e homem. Sim, o que ele estava sentindo continha alegria, mas havia tristeza também. Tinha um preço.

— Droga, Kat — ela murmurou e largou o telefone na pasta. — Eu tenho que voltar para aquele apartamento. Preciso pegar a bola de tênis.

Ele entregou-lhe as cópias que estavam à sua frente e ela as guardou na pasta antes de se inclinar para fechá-la.

— Eu vou com você — decidiu ele.

— Não. Você tem sido muito, muito útil, e eu agradeço. Mas isso é assunto de polícia.

— E se tiver algo naquele apartamento em que eu possa ajudar? Quem quer que seja essa pessoa, obviamente está um passo à frente. Não sou só um ex-jogador de cartas profissional, trabalho na área de segurança. Talvez eu possa identificar alguma coisa que você não veria. Além disso, se isso tiver algo a ver comigo...

Sienna hesitou, obviamente refletindo.

— Pode não resultar em nada. A coisa do código postal pode ser uma coincidência, e a passagem sobre Anna Kournikova podia não ser nada. — Mas ele podia dizer pelo brilho nos olhos dela que Sienna não acreditava nisso.

— Pode ser. — Ele fez uma pausa. — E pode não ser.

Ela hesitou por mais um momento, então se levantou.

— Está bem. Venha comigo e dê uma olhada. Veja se vê algo fora do comum. Mas não pode tocar em nada a menos que eu diga que está tudo bem.

Ele também se levantou.

— Sim, senhora.

Gavin notou o pequeno revirar de olhos e sorriu.

— Estou falando sério — ela murmurou.

— Vou fazer o que me disser para fazer, Sienna. Você lidera e eu sigo. — E ele mostrou que estava falando sério ao sair atrás dela pela porta.



Sienna discou o número de telefone de Kat, mas, novamente, caiu na caixa postal. Ela e Kat haviam se dividido para que esta pudesse se encontrar com os técnicos de informática que analisariam o celular de Reva, enquanto Sienna se encontrava com Gavin. Ela ainda devia estar com eles. Mandou então uma mensagem de texto para sua parceira informando que Gavin tinha enxergado uma possibilidade de algo nos escritos e eles estavam indo para o apartamento da vítima. Por sorte, ela ainda tinha a chave que haviam obtido com o proprietário. Sienna a usara para buscar algumas roupas e acessórios para Trevor, logo que garantiram uma vaga para ele no lar de acolhimento onde ela o havia deixado.

Ao pensar em Trevor, seu coração deu um aperto repentino. Ela o imaginou naquele momento, sentado em algum lugar estranho onde nada era familiar, pouco era reconfortante ou seguro, tentando processar a noção de que nunca mais veria sua avó novamente, depois que ele já havia perdido — de uma forma ou de outra — tanto sua mãe quanto seu pai.

O aperto da mão dela no volante se intensificou. Mas precisava se lembrar de que era melhor do que ficar sentada sozinha em um apartamento esperando por alguém que nunca apareceria.

Sim, saber era melhor. Ao saber, era possível seguir em frente. E ela precisava manter a esperança e rezar para que os adultos que agora tinham a tarefa de cuidar do menino levassem seu trabalho a sério.

— Afinal de contas, como você acabou trabalhando no ramo da segurança? — Sienna perguntou a Gavin em uma tentativa de afastar sua mente de pensamentos obsessivos sobre crianças pelas

quais ela havia feito tudo o que podia e agora devia confiar a outros.

Ele a olhou, parecendo surpreso com a pergunta. Não haviam conversado muito durante o trajeto, o que foi bom para Sienna, pois permitiu que sua mente repassasse o que ela esperava — acreditava — que fossem pistas intencionais, mas também não tinha sido estranho ou constrangedor. Gavin usara o celular para responder ou enviar mensagens ou o que quer que ele estivesse fazendo enquanto olhava para a tela, digitando nas teclas.

Ela estava grata a ele e feliz por ter deixado o orgulho de lado e pedido sua ajuda. A coisa de Anna Kournikova... ela nunca teria percebido isso nem em um milhão de anos, e poderia facilmente ter passado despercebido até mesmo por alguém que conhecesse bem os jogos de cartas. E ela tinha a *sensação* de que ia dar frutos.

— Quando voltei para Reno, precisava de um emprego de verdade. Vi o anúncio no Emerald e, com minha formação militar, fazia sentido — ele respondeu.

Interessante. Ela tinha alguma ideia de quanto ele ganhava nos torneios que havia jogado. Pelo menos, ela ouvira alguns valores, de passagem. Se tivesse sido sábio com seus ganhos, ele era rico. *Muito mais* que rico. Ela duvidava de que ele *precisasse* de um emprego, “real” ou não.

— Achei que você poderia se aposentar mais cedo — disse ela.
— Viver uma vida de luxo. Dormir até altas horas, almoçar em clubes chiques, passar tardes no spa e frequentar festas sofisticadas carregadas de caviar até o raiar do dia.

Ele gemeu.

— Deus, isso parece um pesadelo.

Ela não pôde evitar o sorriso que surgiu em seus lábios. Parecia um pesadelo. Além disso, Gavin sempre foi alguém muito esforçado no trabalho. Sienna não se lembrava de uma época em que ele não tivesse feito bicos, mesmo quando criança — pequenos reparos nos trailers dos vizinhos, cuidando de animais dos outros, passeando com cachorros — e, mais tarde, ele trabalhou entregando pizzas, qualquer coisa para trazer alguns dólares extras para tirar o fardo de

Mirabelle.

— O que sabe sobre festas chiques carregadas de caviar? — ele provocou.

— Absolutamente nada. O *crème de la crème* da cidade de Nova York não considera os servidores públicos como parte da elite. — Ela esticou o pescoço e proferiu a última parte da frase em sua melhor voz arrogante.

Gavin riu, mas depois ficou sério.

— Mas você adora, não é? Ser uma detetive.

Ele colocou isso como uma afirmação, não como uma pergunta, mas ela assentiu enquanto entrava no estacionamento do complexo onde Reva Keeling morava. *No passado*.

— Adoro.

— Onde está morando agora? — ele perguntou. — Você comprou uma casa?

— Não. Só estou alugando. É um apartamento na Arlington, com um cacto de formato questionável na frente — ela falou com uma risada curta. — Não é ruim, mas definitivamente não chega nem perto de ser *elegante*.

Gavin riu. Saíram do carro de Sienna, e ele a seguiu escada acima até a porta no segundo andar, isolada por uma fita da polícia. Ela olhou ao redor enquanto enfiava a chave na fechadura. Era uma pena que aquele apartamento fizesse frente para a lateral de um prédio e a unidade ao lado estivesse desocupada. Um vizinho intrometido ou dez poderiam ter vindo a calhar.

Sienna abriu a porta, depois passou por baixo da fita e indicou que Gavin fizesse o mesmo. O cheiro era tão agradável quanto ela se lembrava, o que significava que fedia como o inferno, e ela notou que Gavin recuou um pouco com o fedor.

Para seu crédito, ele não reclamou.

— Uma criança mora aqui? — ele indagou, seus olhos nos bonequinhos quebrados caídos no chão.

— Morava. Ele está no serviço social agora. — Ela não notou a

reação dele, mas se dirigiu para a bola de tênis em meio à confusão.

Sienna havia colocado um par de luvas no bolso e, naquele momento, ela pegou uma e calçou antes de pegar a bola. Ela a sacudiu, mas nenhum som veio de dentro. Parecia uma bola de tênis comum. No entanto, agora que pensava sobre isso, o que uma bola de tênis estava fazendo naquele apartamento? E aquela parecia novinha em folha, então Sienna duvidava de que Trevor brincasse com ela. Sabia muito pouco sobre a vítima até o momento, além do que fazia no trabalho e como vivia. Mas, mesmo assim, a mulher não parecia alguém que jogava tênis nas horas de lazer ou que socializava com quem jogava. Observando a bola mais atentamente, ela jurou que podia ver uma fenda finíssima circundando a bola por todo o comprimento. *Caramba*. Se não tivesse trazido a bola a alguns centímetros do rosto, nunca teria notado. Ela agarrou os dois lados e puxou com cuidado; e a bola se partiu com um estalo quando a cola que havia sido usada se quebrou, de modo que agora Sienna tinha uma metade em cada uma das mãos. Ela ergueu os olhos para Gavin, que se aproximara e agora estava olhando para a bola aberta nas mãos dela.

— Alguém a cortou ao meio e depois colou de volta — disse ela. Sentiu sua pulsação aumentar, como acontecia durante uma descoberta em um caso. *Empolgação. Vitória reforçada*. Ela virou as duas metades para poder ver dentro da concha oca e notou a chave presa com fita adesiva no interior da metade esquerda. Não era de admirar que não tivesse chacoalhado quando ela balançou a bola. Ela colocou-a no chão e removeu a chave, então segurou-a entre os dedos e puxou a fita para o lado. O número 315 estava escrito em caneta preta na parte redonda da chave. Os olhos de Sienna encontraram os de Gavin, e um arrepio subiu por sua espinha. O código postal nos cartões podia ter sido uma coincidência. Isso com certeza não era. Alguém havia direcionado a polícia, e mais especificamente a ela, naquele sentido e depois deixado o que parecia ser uma pista para onde ela havia sido conduzida. Alguém estava jogando. Guiando as autoridades... *a algum lugar* para propósitos obscuros.

— O número significa alguma coisa para você? — Gavin perguntou.

— Não.

Ela olhou ao seu redor pela sala superlotada uma segunda vez, seu olhar notando diferentes itens. Os peritos haviam passado por lá antes e coletado mais alguns itens — especificamente, os lençóis de Reva, na esperança de encontrar algum DNA que apontasse para um suspeito. Eles borrifaram luminol para localizar sangue como uma questão de protocolo, embora o assassinato de Reva não tivesse sido da variedade sangrenta. Fizeram testes, colheram evidências e fizeram a devida diligência necessária, embora parecesse improvável que ela tivesse encontrado um crime em seu apartamento. De acordo com o neto, Reva nunca tinha voltado para casa. Além disso, estava usando uniforme quando seu corpo foi encontrado, o que mostrava o fato de que o que quer que tivesse acontecido com ela ocorrera logo depois que saiu do trabalho.

Gavin também estava olhando em volta, inclinando-se sobre uma coisa e outra. Ela o observou por um momento, notando sua expressão curiosa e ligeiramente perturbada, embora não detectasse julgamento ali. Aquela não teria sido necessariamente a reação que *qualquer* magnata das cartas teria àquele chiqueiro de apartamento — alguém que agora liderava uma equipe de segurança em um dos maiores e mais elegantes cassinos do país. Sem dúvida ele morava no último andar de algum prédio de aço e vidro nas proximidades e dormia em lençóis de seda. Não que ela quisesse pensar em que lençóis ele dormia, mas a questão era que Gavin Decker estava muito longe dos que viviam *naquelas* condições precárias.

Nem sempre fora assim, embora a mãe de Gavin, Mirabelle, mantivesse uma casa limpa e confortável. Se Sienna fechasse os olhos e imaginasse, ainda podia sentir o cheiro do jarro de folhas e frutos secos de morango feito para perfumar a casa sobre a mesa de centro e o desinfetante de limão que Mirabelle usara para limpar os balcões, cantarolando docemente ao fazê-lo. Era o trailer *de Sienna* o que tinha o aspecto de desordem, confusão e poeira em que eles estavam agora. E embora tivesse feito o possível para manter as

coisas organizadas, era uma missão inútil quando se coabitava com gente que só podia ser classificada como — e ela não achava isso duro ou injusto, mas apenas a verdade — desleixada. Em geral, Sienna tentava ficar longe. Estar *fora* era melhor para sua saúde mental e emocional do que um trailer temporariamente limpo.

Não era de admirar que ela tivesse sentimentos tão intensos em relação ao garotinho que morava ali e agora residia em um lar coletivo administrado pelo Estado. De muitas maneiras, ela *tinha sido* esse garotinho.

E se não fosse pela influência de Mirabelle, só Deus sabia o que teria acontecido com ela.

— Olhe esse copo — disse Gavin, trazendo-a totalmente de volta de suas memórias aleatórias e turbulentas. Sienna se virou, seu olhar pousando no copo da Starbucks da mesa lateral onde a bola de tênis estava, aquele que tinha *Allegra* escrito com caneta marcadora preta.

— Não toque em nada — ela o lembrou.

— Não vou tocar.

— O que tem? — ela perguntou.

Ele se inclinou para mais perto.

— Não tem nenhum resíduo nele. Parece que nunca teve nenhuma bebida dentro. Quero dizer, talvez água. Se já está aqui há algum tempo, acho que o que quer que tenha sobrado pode ter evaporado. Mas quase parece sem uso nenhum.

Sienna também se inclinou, aproximando a cabeça da de Gavin enquanto confirmava o que ele acabara de dizer. Ela pegou o copo com a luva, virando-o para um lado e para o outro. O número na chave também estava escrito em caneta marcadora preta. Sienna sentiu uma pontada no estômago quando uma ideia lhe ocorreu. Ela colocou o copo de volta na mesa. Levaria o copo e a bola de tênis antes de partir. Como estava de luvas, pediu a Gavin:

— Você pode usar seu celular para ver se tem uma rua Allegra, 315 naquele código postal 89512?

Gavin pegou o celular e fez o que ela pediu. Ele olhou para cima

depois de um momento, seu olhar como laser focado nela.

— Tem.

Ela soltou um suspiro de empolgação moderada. Poderia ser alguma coisa. Mas poderia não ser. E se *fosse* algo, esse algo poderia ser ruim... ou perigoso. Rua Allegra, 315. Ela tirou as luvas devagar, colocou-as de volta no bolso e pegou o próprio celular. Ligou para Kat mais uma vez e, desta vez, ela atendeu, parecendo um pouco ofegante.

— Oi.

Sienna se afastou de Gavin.

— Oi, eu estava te ligando.

— Desculpe. Desliguei o celular enquanto estava com os técnicos de informática. Estou indo para a minha mesa agora.

Sienna entrou na cozinha e parou do outro lado da parede.

— Imaginei. Eles encontraram alguma coisa?

— Sim, e bate exatamente com o que o chefe da Reva pensava.

— Sienna ouviu uma porta se fechar e o eco da voz de Kat voltou ao normal. Ela devia ter saído da escada. — Ela mantinha contato regular com um traficante.

— Ok. Bem, isso pode ser uma pista, não pode?

— Pode ser, só que não parece que fez planos específicos para se encontrar com ele no dia em que foi assassinada — disse Kat. — A outra coisa que aponta para longe do traficante — ela continuou — é que, se foi ele quem a assassinou e depois levou comida para o Trevor, por que não pegou o celular no apartamento dela? As informações e detalhes sobre o esquema de trabalho dele estão bem ali. Ele tinha que saber disso.

— Só que o celular dela estava no quarto — falou Sienna, pensando por um momento. — Agora, por outro lado, se foi ele quem a matou, ele saberia que o celular não estava com ela. Saberia pelo menos que deveria dar uma olhada no apartamento dela.

— Exatamente. De qualquer forma, vou falar com ele e depois podemos trazê-lo e ver o que tem a dizer. Sobre o que você queria

falar quando me ligou?

Ela se concentrou em onde estava, o que havia ocorrido mais ou menos na última hora.

— Tenho um endereço que precisamos verificar. Não faço ideia do que esperar, se é que vai dar em alguma coisa. Posso explicar quando for te buscar?

— Claro, tudo bem. Vejo você já, já.



— Eu nem sei o que pensar sobre isso — disse Kat, depois que Sienna explicou como ela e Gavin haviam chegado à casa de Reva Keeling e partido ao meio uma bola de tênis que, ao que parecia, era um adereço deixado pela pessoa que ela só poderia supor ser o assassino.

— Eu também não — Sienna murmurou, virando à esquerda, na direção apontada pela voz eletrônica do GPS. Elas pararam em um quarteirão de casas claramente abandonadas e lotes vazios cheios de lixo e, provavelmente, seringas usadas. Ela viu um colchão em um dos quintais e desviou o olhar, optando por não notar os detalhes do que com certeza era um sujo e infestado perigo para a saúde.

— Fico feliz por termos pedido uma consultoria ao Gavin — falou Kat, com o olhar voltado para fora da janela. — Como está se sentindo em relação a isso?

— Está tudo bem — respondeu Sienna. E isso era verdade. Claro, a presença dele trazia à tona memórias que não eram resgatadas fazia muito tempo, mas ela era uma profissional e, como sempre, quando estava focada em resolver um caso, isso tendia a ocupar sua mente por inteiro. O que era um presente e, segundo Brandon, um aborrecimento. — E eu nunca teria entendido essa frase como relacionada a cartas de forma alguma — continuou, expressando o pensamento que tivera antes.

Se Gavin não tivesse reconhecido aquela expressão específica, ela não teria imaginado a bola de tênis aleatória... provavelmente o apartamento teria sido desocupado, o lixo seria levado para o lixão e a pista teria sido perdida para sempre. Ela ainda estava chocada com isso. Era estranho e confuso que o assassino o tivesse colocado

lá para eles encontrarem. *Especificamente, eu.*

Sienna parou em frente a uma casa dilapidada, metade do telhado cedendo e a varanda da frente afundando. Parecia que o gramado já havia incorporado as características da paisagem do deserto — pedras e cactos —, mas agora estava cheio de mato e lixo espalhado, os cactos nada mais do que cascas murchas. O que mostrava que às vezes até aquilo que estava exatamente onde deveria estar murchava com a negligência.

Kat e Sienna saíram do carro, olhando para a casa por um momento, o sol poente criando um halo derretido. A justaposição era lindamente brutal, e Sienna sentiu aquele estranho arrepio na espinha de novo, como se alguém as estivesse observando. Ela olhou em volta, mas tudo estava quieto e silencioso. Se as pessoas usavam aquele lugar, o fariam assim que o sol se pusesse e pudessem agir sob o manto da escuridão.

As duas calçaram luvas e seguiram pela calçada rachada até a porta, testando a parte da varanda que parecia estável antes de colocar todo o peso sobre ela. A janela ao lado da entrada estava um pouco aberta, e quando Sienna olhou para a porta, pareceu-lhe que a maçaneta era nova.

— Alguém acessou a casa e trocou a fechadura da porta da frente — Kat murmurou, obviamente notando o mesmo detalhe que Sienna acabara de notar.

Ela ergueu a chave que havia tirado da bola de tênis e a inseriu na fechadura. Funcionou, como de alguma forma Sienna sabia que funcionaria, e ela encontrou o olhar de Kat quando a porta se abriu com um rangido alto. A pessoa que as havia trazido até ali tinha instalado uma nova fechadura, garantindo que a chave fosse se encaixar no orifício. A pele de sua nuca se arrepiou e ela olhou para trás. Alguém que havia tido tanto trabalho em armar tudo não ia gostar de ver seu joguinho se desenrolar? Não havia movimento em nenhum lugar, porém, e poucos espaços longe dos olhos para se esconder.

Kat gritou para dentro da casa:

— Polícia de Reno. Tem alguém aqui? — Elas pararam e escutaram, mas nenhum som veio, então ambas entraram, Kat fazendo uma varredura da entrada, Sienna atrás dela.

Kat chamou pela casa de novo, mas, outra vez, tudo estava quieto. Havia raios de luz entrando pelas janelas descobertas e, surpreendentemente, embora velho e precisando de cerca de mil reparos, o local estava livre de lixo, e a estrutura e as paredes estavam intactas, sem pichação à vista.

Talvez o telhado caído e a varanda fossem um impedimento para aqueles que pudessem usar a propriedade ilegalmente, quando havia outras casas abandonadas nas proximidades que não pareciam prestes a desabar a qualquer momento.

Elas foram de cômodo em cômodo, vasculhando a casa inteira, e acabaram na cozinha dos fundos. O piso de ladrilhos estava sujo, mas sem rachaduras, apenas uma porta de armário marrom pendurada torta. O papel de parede floral muito estampado estava descascando, uma folha inteira caída até a metade como uma mulher vestida de maneira espalhafatosa que havia pegado no sono ainda de pé, mas não havia caído no chão.

Sienna abriu um armário, e o cheiro de mofo do ar de lugar fechado a fez estremecer. Ao lado dela, Kat tinha a mesma reação, mas foi sábia o suficiente para ficar à distância de um braço enquanto o fazia. Sienna aprendeu com seu erro e recuava à medida que abria uma gaveta e depois outra. No fundo havia um kit de primeiros socorros de aparência antiga. Sienna o pegou e abriu, mas tudo o que havia dentro era uma garrafa corroída por um líquido cor de ferrugem. Não achava que fosse uma pista — parecia que estava lá havia tanto tempo quanto a casa —, mas ela se certificaria de que os peritos a coletassem mesmo assim.

Os outros armários e gavetas estavam vazios.

— Ah... — Sienna suspirou logo depois de abrir a porta de uma velha despensa. Kat se aproximou, parando ao lado dela, e, juntas, olharam para outra anotação manuscrita, presa do lado de dentro da porta do jeito que uma receita antiga poderia ficar. O coração de Sienna acelerou ao ver a caligrafia familiar.

Ela olhou por cima do ombro e Kat sussurrou:

— Você ouviu alguma coisa?

Sienna balançou a cabeça.

— Não. É assustador pra caramba. Ele está nos guiando de um lado para o outro, Kat.

Ela assentiu uma vez, pegando a anotação e depositando-a em um saco de provas.

— Vamos sair daqui — sugeriu Kat. — Podemos ler isso na delegacia.

— Concordo. E vamos chamar um perito para fazer uma revisão rápida. — Ela tinha a sensação de que aquele cara era inteligente o bastante para usar luvas, mas talvez encontrassem uma pegada de sapato ou um fio de cabelo... alguma coisa. Sienna se sentiu um *alvo fácil*, e isso era extremamente desanimador.

Estavam de volta no carro alguns minutos depois e entrando na delegacia em mais trinta minutos. Ingrid estava fora, então usaram a sala dela para abrir o papel abaixo da cópia do primeiro. Sienna refrescou a memória com as linhas finais do bilhete anterior e, de repente, estava de volta à cozinha, onde imaginou o “pai” amarrado a uma cadeira, com uma mordaca na boca. A “mãe” havia desafiado o “pai” para um jogo de pôquer Seven-Card Stud, e Sienna teve a nítida impressão de que ele estava prestes a perder.

Os olhos do meu pai continuaram a transmitir uma mistura de raiva e confusão. Ele não sabia sobre as cartas. Minha mãe e eu nunca jogávamos enquanto ele estava em casa, e eu guardava os tabuleiros, os quebra-cabeças e os baralhos no fundo do armário, debaixo de uma tábua solta. A incerteza no olhar dele ultrapassou a raiva quando minha mãe foi distribuindo dois

conjuntos de cartas: alternando uma para ele e outra para ela.

Ela fitou meu pai, parecendo sem emoção, embora eu visse o brilho de fogo em seu olhar porque eu a conhecia melhor do que ninguém. Minha mãe sempre mostrava as emoções à flor da pele, ao contrário de mim, que achava difícil conter meus sentimentos.

— Eu gosto dessa palavra — ela disse ao meu pai. — Stud: garanhão. Você gosta dessa palavra, Roger? Não, claro que não. — Seus lábios se inclinaram diabolicamente, e ela ergueu o dedo mindinho, balançando-o. Meu rosto queimou com sua insinuação. — Ela zomba de você, não é, Roger? — Ela estalou a língua. — Pobre Roger do pinto fino. Nem um pouco garanhão. Nem de perto.

Por baixo da mordaça, meu pai soltou um grunhido de raiva.

— Danny, as mãos do seu pai não estão disponíveis no momento, então você vai precisar lidar com as cartas para ele. — Fiquei um pouco nervoso por chegar tão perto do meu pai, mas minha mãe me deu um aceno encorajador com a cabeça, então me aproximei. — Essas são as suas hole cards, Roger, ninguém pode ver — explicou minha mãe. — Sei que está em desvantagem quando se trata de cartas. Isso te

irrita, não é? Mas a vida é assim, certo, Danny Boy?

— Certo, mãe.

— Vou explicar o que precisa saber para jogar este jogo, mas o resto vai ter que ser com você — continuou ela.

Uma espiral de prazer girou dentro de mim. Meu pai não era páreo para minha mãe e estava prestes a descobrir essa verdade. Eu me perguntei se seria uma lição dolorosa.

Esperava que fosse.

A faca ainda estava sobre a mesa na frente da minha mãe, a lâmina prateada brilhante refletindo a luminosidade do spot de luz no teto.

Ela deu a ele uma carta virada para cima — um sete de ouros — e fez o mesmo para si. Eu me abaixei, inclinando as duas cartas viradas para baixo apenas o suficiente para ver o que ele tinha: um dez de espadas e um quatro de ouros. Nada. Ele não tinha nada. A espiral se intensificou.

Olhei para minha mãe, sinalizando para ela silenciosamente usando nossa linguagem especial de minuciosos movimentos faciais e sutis piscadelas. Ela nem parecia estar olhando para mim, mas eu sabia que estava. Ela espiou suas cartas e então pegou a carta exposta — um ás de espadas — e bateu levemente na mesa como se estivesse pensando.

— Aqui está a parte complicada, Roger. Não tenho dinheiro porque você é um mesquinho que não me deixa nada extra. — Ela bateu na carta de novo por um momento antes de seus olhos se iluminarem com uma inspiração repentina. Eu poderia dizer que o olhar era fingido, no entanto. Minha mãe estava sempre dois passos à frente de todos, embora eu tivesse uma maneira especial de interpretá-la. — Que tal apostarmos valendo sua pele?!

Meu pai soltou um rosnado abafado debaixo da mordança.

— A pele dele, mãe?

— Isso mesmo, Danny Boy. — Ela pegou a faca. — Se eu ganhar, posso abrir um buraco nela. Se ele ganhar, eu não abro.

Meu pai fez um estranho som de uivo que nós dois ignoramos. Eu estava começando a entender o jogo dela e, embora a emoção aumentasse, também crescia um nó de ansiedade.

Eu respirei através dele. Só o que eu precisava fazer era relaxar e deixar tudo nas mãos da minha mãe.

— Faça sua aposta, Roger — minha mãe instruiu com calma. Ela estava quebrando as regras. No Seven-Card Stud, os jogadores apostam antes que as cartas fechadas sejam distribuídas. Mas meu pai não sabia disso, e eu

certamente não pretendia dar uma pista para ele. Por que eu daria? Ele nunca tinha jogado limpo, nem eu. Em vez disso, entendi o que minha mãe queria de mim, então virei as cartas, mostrando que ele não tinha nada de substancial. Uma mão perdedora. Minha mãe estalou a língua, virando a própria mão. Ela tinha duas damas e três pares, a mais alta possível. — Eu ganhei — ela anunciou e, rápida como um chicote, pegou a faca, ergueu a mão bem alto e cravou-a no esterno do meu pai antes de puxá-la rapidamente com um som de sucção úmida.

Por baixo da mordaça, meu pai gritava, inclinando a cabeça para trás o máximo possível e fazendo a cadeira dançar e estalar alto no chão de ladrilhos. Eu olhei, hipnotizado, enquanto o sangue jorrava de seu ferimento no peito. Eu ganhei.

— Isso é pelo Valete — sussurrei.

Minha mãe olhou para mim, um doce sorriso nos lábios e orgulho no rosto.

— Isso mesmo, Danny Boy. Isso é pelo Valete. E nós só começamos. Ainda temos muitas mãos para jogar.

E com isso, ela começou a cantarolar docemente enquanto distribuía outra mão. No fim das contas, meu pai era péssimo no Seven-Card Stud. A cada mão perdida, seus gritos e uivos se

transformavam mais em lamúrias, sua cabeça pendendo enquanto o sangue empoçava no chão embaixo de sua cadeira, escorrendo dos furos em sua pele. Estavam por toda parte, aqueles furos. Nos braços e no pescoço. Em sua barriga e no peito.

— Devemos permitir que ele morra e acabar com a miséria dele, Danny Boy? — perguntou minha mãe.

Ela se serviu de um copo de limonada no meio da jogada e tomou um longo gole — parecendo tão fresca quanto aquele copo gelado —, enquanto eu considerava sua pergunta. Parecia-me que meu pai já estava praticamente morto. Certamente não poderíamos chamar uma ambulância para ele, então o que mais tínhamos a fazer senão acabar com ele e enterrar seu corpo no quintal ou talvez levá-lo ao lixão e descarregá-lo como o lixo que ele era? De repente, me senti muito cansado e minha cabeça latejava.

— Está tudo bem, Danny Boy — disse minha mãe. Ela obviamente havia notado meu cansaço e o compreendia. Minha mãe me conhecia tão bem quanto eu mesmo. — Pode descansar, meu querido. Baixe a cabeça na mesa e deixe que eu termino.

Fiz como minha mãe disse. Eu sempre fazia o que minha mãe dizia.

Sienna terminou primeiro, e cobriu a boca com a mão. *E se tudo isso for verdade?* Kat terminou de ler um momento depois e fez o mesmo, olhando para a parceira.

— Ela o matou. Assim como a gente pensava. Aquela vadia maluca matou o pai dele, que se chama *Roger*, aliás, não que isso ajude muito nesse momento.

Sienna mordeu o interior da bochecha enquanto pensava.

— É possível que o fato de Reva deixar o neto sozinho por horas, senão dias seguidos, seja o motivo desse cara? — ela perguntou, apontando para o bilhete. — Ele pode ter descoberto de alguma forma e... relacionado a esse garoto? Percebo que Trevor foi mais negligenciado, enquanto Danny Boy foi abusado fisicamente, mas, na opinião dele, eles podem não ser tão diferentes. Será?

— Ou talvez ele tenha visto a negligência como uma progressão natural para o abuso no futuro — opinou Kat, captando as reflexões de Sienna sem esforço enquanto assentia.

— Tudo bem — continuou Sienna —, então ele decide matá-la antes que ela cause mais danos ao neto. Então percebe que o garoto pode não ser descoberto por um tempo, por isso leva comida para ele. — Ela parou por um momento. — Faz algum sentido como teoria.

— Sim, quero dizer, pense em todas as coisas que poderiam ter acontecido com aquele garotinho deixado sozinho assim — Kat disse. — As maneiras pelas quais ele poderia ter se machucado. Ou morrido. Cá entre nós, talvez ele esteja melhor onde está. Pelo menos agora tem a supervisão de um adulto.

— Cá entre nós — Sienna repetiu, mordendo o lábio. Ela entendia a necessidade básica de fazer algo para proteger os desprotegidos quando ninguém mais faria isso. Ela conseguia se identificar com esse tipo de desamparo, e o pensamento era preocupante.

— E ainda é apenas uma teoria, de qualquer maneira — falou Kat.

Sienna fez uma pausa. Sim, e esse era o trabalho delas — *teorizar*. Ela já havia se identificado com outros criminosos em um grau ou outro, e tinha certeza de que Kat também. Alguns criminosos eram pura maldade, mas a maioria, não, e era a humanidade que ainda existia dentro deles que enchia o trabalho — e a aplicação da lei em geral — de tantos dilemas morais.

Identificar-se com aspectos de certos crimes podia ser difícil e até causar uma sobrecarga emocional, mas Sienna tinha que acreditar que era isso que a tornava boa no seu trabalho. Tinha a capacidade de se colocar no lugar de uma pessoa — para o bem ou para o mal — e descobrir quem essa pessoa era, para que pudesse então descobrir o que a pessoa tinha feito. E por quê.

— Esse motivo teórico podia parecer meio compreensível — disse Sienna —, mas pessoas sãs não matam mulheres. Pessoas sãs chamam a polícia quando têm informações sobre abuso ou negligência de uma criança.

— Então... ele não é exatamente são, mas não tão louco que não sinta algum remorso perverso. Então é por isso que está escrevendo sua história pessoal de sofrimento para nós. É uma tentativa de amenizar sua culpa ou explicar por que ele é do jeito que é. A mãe ensinou tudo o que ele sabe.

Sienna assentiu, distraída.

— Sim. Mas se fosse esse o caso, ele não se incomodaria com todos os jogos. A pose da vítima. Não, ele está gostando disso. Provavelmente está até nos observando — ela falou, pensando nos estranhos arrepios que haviam subido por sua espinha quando tinha ido ver Lucia Pechero na cafeteria e depois quando estava na casa abandonada com Kat.

— Então, o que devemos esperar agora? Esse é o fim da história dele?

O celular de Sienna acendeu com uma mensagem de texto, e ela olhou. *Gavin*. Seu coração deu um tremor estranho.

— Um segundo — ela murmurou para Kat, abrindo a mensagem.

Só para saber se está tudo bem. Teve algum retorno com

aquele endereço em Allegra?

Ela enviou uma resposta rápida, não gostando da reação que sentiu ao nome dele no seu celular.

Sim. Encontramos outra página. Vou verificar amanhã. Indo para casa já, já.

Sienna desligou o telefone, olhando para o bilhete de Danny Boy e forçando seu foco de volta ao assunto em questão.

— Parece que pode ser o fim da história dele — disse ela, retomando a conversa onde havia sido interrompida. — Mas acho que devemos considerar que não, e procurar os mesmos tipos de pistas nesta carta que ele colocou na última. — Ela fez contato visual com Kat. — Sinto que ele está um passo à nossa frente. Como podemos dar um passo à frente dele?

— Por ora? Acho que temos que seguir enquanto ele está mostrando o caminho e torcer para que estrague tudo e se revele sem querer. — Os ombros de Kat subiam e desciam enquanto ela respirava fundo. — Mas acho que fazer um perfil criminal pode ajudar. Tem um cara que é muito bom, e o departamento já o usou. Ele é professor da Universidade de Nevada. Vou perguntar à Ingrid se ela pode ver se ele está disponível.

— Parece uma boa ideia — concordou Sienna, enquanto ambas se levantavam. Kat ia colocando a página que tinham acabado de ler em um saquinho de provas para que a perícia pudesse processá-la.

— Vou fazer uma cópia disso — disse ela. — A gente vê se consegue fazer alguma coisa pela manhã, depois de termos dormido um pouco. — Ela bocejou, e Sienna percebeu como também estava exausta. Tinha sido outro maldito longo dia.



Sienna estacionou na garagem, e teve um pequeno sobressalto quando uma sombra escura apareceu na luz. Ela relaxou os músculos que acabara de contrair, desligando o motor. *Gavin. Uma pizza na mão. Como assim?*

Ela conseguiu sair do carro, levantando a maleta sobre o ombro enquanto acenava para o cacto fálico ao lado da passarela, a flor rosa em cima brotando de uma forma que o tornava especialmente... sugestivo, se não totalmente lascivo.

— Suponho que foi assim que você me encontrou.

Ele sorriu.

— A rua Arlington é curta. — Ele inclinou a cabeça em direção à planta. — E isso chama bastante a atenção.

Ela reprimiu um sorriso.

— Você não deve aparecer do nada na frente de alguém que está carregando uma arma — ela aconselhou.

— Mesmo se eu aparecer carregando pizza? — perguntou ele, segurando a caixa à sua frente com as duas mãos como se apresentasse uma caixa de joias.

E, francamente, no momento, para ela, parecia tão valioso quanto. Não tinha comido no dia todo. O cheiro de queijo derretido e molho de tomate chegou até Sienna, e o estômago dela roncou, denunciando-a completamente.

— Cogumelo e azeitona, certo? — Gavin indagou.

— Você não joga limpo — ela murmurou. — Além disso, isso não é realmente apropriado, sabe. — Ela passou por ele e pelo cheiro da comida de dar água na boca que ele estava segurando.

— Por que não?

Sienna pegou a chave.

— Você é um consultor no meu caso.

— E? — ele perguntou quando ela inseriu a chave na fechadura.

— O fato de eu ser um consultor no seu caso praticamente nos torna parceiros de trabalho — continuou ele. — Você almoça ou janta de vez em quando com colegas de trabalho?

— Além disso, você apareceu sem ser convidado. Na minha casa.

— Com pizza — ele repetiu. — Você parecia com fome no telefone.

Ela soltou uma risada curta e revirou os olhos.

— Foi uma mensagem de uma linha.

Ele encolheu os ombros.

— Sou bom em ler nas entrelinhas.

— Ah. — Ela abriu a porta e então se virou para ele, olhando para a pizza novamente. — Tudo bem. Entre. Mas só porque você está trazendo comida e eu estou morrendo de fome.

Gavin sorriu triunfante, e aquele maldito sorriso fez o coração dela dar uma cambalhota estranha e, ao mesmo tempo, ela rangeu os dentes em aborrecimento. Sienna se afastou, e Gavin entrou no apartamento atrás dela enquanto ela acendia a luz do corredor e o lustre da sala. Os passos de ambos ecoavam enquanto caminhavam, Gavin seguindo Sienna pelo corredor até a cozinha, localizada nos fundos. As luzes do teto inundaram o espaço com um brilho cálido, e ele ficou parado na porta por um momento, olhando ao redor.

— Estou vendo que ainda não desfez as malas — disse ele, indicando com a cabeça as poucas caixas no chão perto da porta dos fundos.

Ela deu de ombros, colocando sua maleta no final do balcão.

— Já caí de paraquedas no meio de tudo assim que cheguei — falou ela. E embora quisesse dizer aquilo em termos de trabalho, percebeu que o que tinha dito provavelmente encobria o fato de que

Gavin Decker também estava em seu apartamento.

Ele colocou a pizza no balcão perto de onde havia parado.

— Pratos? E você ia preferir que fosse de outra maneira?

Sienna abriu um armário e tirou dois pratos de papel de uma pilha, depois pegou o rolo de papel-toalha perto da pia.

— Cair de paraquedas no meio de tudo? — Ela encolheu os ombros, inclinando os lábios enquanto lhe entregava os pratos. — Acho que não. Eu sou boa nisso — concluiu ela. — Em desvendar pistas.

— Eu sei que é — disse ele, colocando uma grande fatia de pizza em um prato antes de passá-lo de volta a ela. — Você está exatamente onde deveria estar. — Gavin lançou-lhe um olhar significativo, mas ela optou por não tocar no assunto porque, francamente, embora adorasse estar no meio da ação em termos de trabalho, em todos os outros aspectos, ela ainda se sentia pisando apenas parcialmente sobre terra firme. Se estivesse bem onde deveria estar, com certeza não se sentiria tão perturbada. Sienna pegou a pizza e deu uma grande mordida, fechando os olhos enquanto mastigava.

— Ah, obrigada, Jesus, pela pizza — ela falou, e ele riu. — Não tenho muita coisa para beber — prosseguiu Sienna, colocando o prato na mesa e abrindo a geladeira.

Dentro havia várias garrafas de água, uma caixa de suco de laranja, uma caixa de bicarbonato de sódio e nada mais. Ela havia comprado o bicarbonato de sódio junto com as bebidas, em um esforço para refrescar a geladeira alugada. Havia planejado sair para uma compra completa *mais tarde*, mas esse momento ainda não havia chegado.

— Água ou suco de laranja?

— Água seria ótimo — ele respondeu, e ela lhe entregou uma garrafa e pegou outra para si.

Sienna gesticulou de volta para a sala.

— Tenho algumas caixas lá dentro. É o melhor assento que posso oferecer. — Ela passou por ele, e ele a seguiu outra vez, levantando

uma caixa da pilha junto à janela antes de colocá-la perto da que ela já havia sentado, o prato de pizza no colo. — Você não vai comer? — indagou ela.

Gavin negou com a cabeça.

— Eu já comi. Só usei isso para colocar meu pé na porta. — Ele lançou a Sienna o mesmo sorriso que sempre usava quando Mirabelle o pegava com as mãos no pote de biscoitos, e Sienna resistiu a revirar os olhos; em vez disso, deu outra mordida na pizza. O suborno havia funcionado, e ela estava grata pela comida, então se deixou levar. — Me conte, você fez algum progresso no caso? — ele perguntou. — Havia algo na última mensagem que fez as coisas avançarem?

— Ainda não. Não temos certeza do que fazer com aquilo. Pode ser que eu tenha algumas perguntas amanhã, se você estiver disponível, mas não esta noite. Preciso dormir um pouco e olhar tudo de novo com novos olhos.

Ele ergueu de leve o queixo.

— Isso é compreensível. — Em seguida, Gavin olhou ao redor. — Aliás, onde estão todos os seus móveis?

— Vendi ou doei antes de sair de Nova York — disse ela. — Eu não tinha muito. Todo o meu apartamento não era muito maior do que o tamanho deste cômodo. — Ela não mencionou que não estava planejando comprar muitos móveis ali, apenas o suficiente para viver de maneira confortável. Ela *havia* arranjado tempo para sair e comprar um colchão e uma cama com estrutura de metal temporária no dia de sua chegada. E havia comprado uma cafeteira barata no mercado/loja de artigos domésticos, mas tinha sido o máximo quanto a montar a casa. Porque estava planejando ficar em Reno apenas por um ano ou algo assim, tempo suficiente para que a situação em Nova York se acalmasse e para que não parecesse que ela havia simplesmente pulado de um departamento de polícia para outro. E então se mudaria de volta para a costa leste para morar com Brandon, e eles comprariam uma casinha no subúrbio. Ela encontraria um emprego em uma força policial menor e eles começariam a planejar uma família.

Pelo menos esse tinha sido o plano que havia exposto para Brandon quando ele tentou convencê-la a pular direto para a parte em que eles se mudavam para os subúrbios e começavam a planejar uma família. No entanto, Sienna amava sua profissão. Era *muito boa* fazendo o que fazia, caramba, e não estava pronta para jogar a carreira fora quando outra opção lhe foi apresentada.

Especialmente dadas as circunstâncias.

Eles ficaram em silêncio por um minuto enquanto ela mastigava, e ele tomou um longo gole de água.

— Como o homem que deixou em Nova York se sente sobre você morar do outro lado do país?

Ela o olhou, e ele olhou para ela, a expressão de Gavin casual, embora ela notasse que o corpo dele havia ficado imóvel. Estava esperando que ela falasse.

— Ele sabe que foi a melhor escolha para minha carreira. — Parecia uma mentira, mas o que ela deveria dizer? *Ele não se importa com a minha carreira, mas sabe que eu me importo, então concorda. Para falar a verdade, não dei a ele outra escolha.*

— É? Por quê? — ele perguntou.

Ela colocou o último pedaço de pizza na boca, demorando alguns momentos para mastigar antes de responder.

— Tivemos um incidente em Nova York — explicou, e metade dela estava surpresa por ter dito isso, mas a outra metade não estava nem um pouco.

Havia algo natural naquilo — sentar em uma sala sem móveis, comer comida para viagem de uma caixa e conversar tranquilamente com Gavin. Não importava que não tivessem feito nada parecido em onze anos. O tempo era uma coisa estranha, estendendo-se como um elástico e então, parecendo não fazer esforço algum, nos levando de volta para onde a gente estava antes. E embora uma parte da pessoa sentisse a vertigem da viagem repentina, outra parte se alegrava com a sensação de voltar para casa.

É isso que Gavin é? Meu lar?

Não, não, claro que não. É só força de expressão.

— Que tipo de incidente? — ele indagou.

Sienna pegou a garrafa de água no chão ao lado dela e tomou um gole antes de recolocar a tampa, devagar.

— Em poucas palavras? Uma mulher me procurou para relatar que o filho dela estava sendo molestado. Eu investiguei e acreditei que tinha muitas evidências para uma prisão. Só que, no final das contas, o homem que ela acusou estava trabalhando na campanha do prefeito.

— Xiiii — disse Gavin, fazendo uma pequena careta. — Deixe-me adivinhar. Pediram para você fingir que não era nada.

Ela assentiu.

— A notícia de que eu estava investigando esse cara vazou. Encontrei outras vítimas com histórias semelhantes que também poderiam ter apresentado queixa se não tivessem sido ameaçadas. Pelo que apurei, o prefeito temia que, se os casos viessem a público com uma prisão, a campanha de reeleição dele sofreria o impacto. Ele seria publicamente associado a esse canalha, e isso prejudicaria sua imagem. Então o chefe me chamou na sala dele e me deu ordens de abandonar a investigação.

Uma mistura de emoções perpassou pelo rosto de Gavin — raiva, exasperação... tristeza.

— Maldita corrupção — xingou ele.

Sienna suspirou, lembrando-se daquele momento no escritório do chefe. Ela sabia que o trabalho da polícia podia envolver política: oficiais e detetives conhecidos — mas especialmente nos altos escalões — às vezes eram usados como peões e bodes expiatórios por políticos que procuravam se esconder. E pior, muitos deles estavam dispostos a aceitar a corrupção flagrante, mas, até então, Sienna não havia percebido o mal absoluto que poderia estar por trás daquilo. Ela havia recebido ordens de fazer vistas grossas enquanto um pedófilo continuava a arruinar vidas e vitimar crianças inocentes. Para que a chance de um homem assumir o cargo não fosse ameaçada. Para que os *números da pesquisa eleitoral não caíssem. Parecia uma piada de mau gosto.*

E realmente, quem queria “líderes” capazes de tal desrespeito flagrante pela maldade?

Sienna decidiu que não poderia se olhar no espelho depois de seguir tal ordem. Se o fizesse, seria cúmplice e não poderia viver com isso.

— O que você fez? — Gavin perguntou.

— Eu o prendi.

Ela não queria admitir o quanto o orgulho que enchia a expressão dele significava para ela, mas significava. Ah, significava. Porque, verdade fosse dita, ela não havia recebido aquele olhar de mais ninguém. Nenhuma pessoa. Até mesmo seus colegas de trabalho, alguns dos quais que tinham expressado apoio em particular, praticamente desapareceram na hora H, não querendo se alinhar publicamente com ela. Sienna disse a si mesma que compreendia, mas na realidade? Aquilo tinha doído. Muito. Até mesmo Brandon pareceu chocado e em dúvida quando ela lhe contou o que planejava fazer, perguntando se ela tinha certeza de que valia a pena arriscar sua carreira. Gavin, no entanto, estava olhando-a com um respeito claro e evidente. Ela sentiu um nó na garganta que interrompeu sua respiração. Não tinha percebido o quanto estava precisando disso. O fato de ter vindo *dele* provocava emoções conflitantes que estavam causando estragos físicos.

— Claro que sim — ele disse, baixinho, como se desde que ela começara a contar sua história, ele não tivesse nenhuma dúvida de que terminaria daquela forma.

Ela pigarreou, desviando o olhar.

— De qualquer forma, tudo correu tão bem quanto você pode imaginar com meus chefes — continuou. — Eles poderiam ter ficado satisfeitos com uma repreensão ou folga não remunerada, e eu poderia ter aceitado qualquer uma das duas coisas, porque, caso contrário, plantariam a ideia de que não havia provas suficientes e que eu tinha agido de acordo com minhas próprias intenções, à revelia da corporação, difamado um homem, desrespeitado o procedimento, etc., mas o prefeito ligou, irado. A história da prisão de

seu assessor de campanha explodiu e saiu em todos os noticiários. Eu fiquei simplesmente esperando para ser demitida.

— E aí?

— E aí um dos meus chefes me ligou e disse que poderia me oferecer uma transferência para Nevada. Que Ingrid, a sargento aqui de Reno, estava disposta a me aceitar apesar da controvérsia.

— *Ingrid*. É um nome e tanto.

— Ela é uma mulher e tanto, acredite em mim.

Gavin sorriu.

— Então você cedeu, apesar do fato de ter jurado nunca mais voltar a esta lata de lixo do inferno.

Sienna não pôde conter o riso.

— Tipo isso.

Ele sorriu para ela.

— Você fez a coisa certa, Si.

Sí. O apelido a fazia sentir como se o *mar*¹ houvesse inundado seu estômago — como um oceano turbulento rolando e revirando dentro dela. O tom de Gavin era gentil, e eles trocaram um longo olhar. Ela quebrou o contato visual, desviando os olhos. Teve a estranha vontade de pegar alguma coisa e segurar, mas não havia nada ali. Estava sentada em uma caixa cheia com as poucas coisas que havia empacotado e colocado no porta-malas do carro antes de deixar sua vida para trás e voltar para a Maior Cidade Pequena do Mundo.

— Então, como ele é? — Gavin perguntou. — Esse “seu *boy*”.

— Ah. — Sienna inclinou a cabeça, pensando em Brandon. Por que é que estava tendo problemas para formar o rosto dele na memória? Ela se sentiu franzir a testa e a relaxou em seguida. — Ele é advogado.

— Essa é a qualidade que o define?

Sienna revirou os olhos.

— Não, essa não é a qualidade que o define. O que quer ouvir? O

nome dele não é *Meu Boy*, é Brandon Guthrie. Ele é gentil. Bonito. As pessoas gostam dele. É empreendedor. Dá apoio. — *Na maior parte do tempo*. Só que ele não queria exatamente que ela se mudasse para lá e aproveitasse a oportunidade de salvar sua carreira. Poderia culpá-lo? Ele a amava e queria começar uma vida com ela, não deixar isso em compasso de espera em troca de um inesperado relacionamento à distância.

— E você? — ela perguntou, tentando atingir um tom irreverente e suspeitando de que havia errado o alvo. — Nunca se casou?

Ele parou por um momento, seu olhar percorrendo as feições dela, catalogando alguma coisa.

— Não.

— Já chegou perto? — ela continuou.

— Já, uma vez — disse ele. — Há muito tempo.

Ela sentiu um formigamento na caixa torácica, e então percebeu que Gavin estava se referindo a ela, e, do formigamento, brotaram espinhos.

— Não é engraçado — comentou Sienna.

Ele deu o mais simples dos sorrisos irônicos, mas seu tom foi gentil quando respondeu:

— Eu sei. — E fez uma pausa. — Mas não, nunca cheguei perto.

— Por que não?

Era difícil para ela acreditar que um homem como ele — lindo, rico, bem-sucedido — não tivesse um bando de mulheres ao seu redor. E talvez ele tivesse. Talvez simplesmente não estivesse interessado em se casar com nenhuma delas. Talvez tivesse descoberto há muito tempo — no mesmo dia em que ela ficara esperando em uma capela cheia de flores de plástico — que a vida de solteiro era a vida que ele queria e então foi com essa vida que decidiu ficar.

Talvez significasse que ela não deveria ter levado para o lado pessoal. Não era *ela*. Eram todas as mulheres do mundo. E por que pensar *naquele dia* ainda a fazia se sentir amarga e triste, mesmo

agora?

Em resposta à sua pergunta, Gavin encolheu os ombros, e de repente ela percebeu como ele parecia grande sentado na pequena caixa e que provavelmente estava desconfortável. Era meio cômico, mas meio que não era, e, Deus, havia uma mistura de emoções em conflito e em ondulações dentro dela. Ou talvez fosse simplesmente exaustão.

— Passei anos na estrada e depois me joguei neste trabalho. E também tem o fato de que nunca conheci a pessoa certa.

— Humm — ela disse, recusando-se a deixar que suas emoções tomassem conta de seus pensamentos como haviam feito um momento antes. *Corta essa, Sienna*. Ela tomou outro gole de água, e ele a observou por um momento e então olhou ao redor da sala.

— É assim que teria sido no começo se tivéssemos nos mudado para aquela casa — ele falou, a voz calma, fazendo com que o corpo dela ficasse imóvel.

Aquela casa.

Aquela em que ela não pensava havia muito tempo e, de repente, havia ficado claro como o dia em sua mente. Ah, ela sabia de que casa ele estava falando.

— Gavin — ela alertou.

Algo brilhou nos olhos dele.

— Você nunca pensou na casa? Imaginou?

— Não. Ou se pensei, não consigo me lembrar. — Ela se saiu melhor dessa vez, ou pelo menos pensou que sim.

Porém, quando olhou para Gavin, questionou essa suposição. Ele a observava com um pequeno sorriso, como se soubesse muito bem que ela estava mentindo. E, claro, ele provavelmente sabia. Ele sabia ler rostos; não apenas o dela. Porém, Sienna sabia muito bem que tinha centenas de pistas e, se ele ainda se lembrasse de alguma coisa sobre ela, captaria pelo menos uma dessas.

Isso a fez se sentir fraca e exposta, quando antes a fazia se sentir amada e conhecida. Muito tempo atrás.

Gavin desviou o olhar, e ela teve a estranha sensação de que ele estava lhe dando um pouco de privacidade.

— Eu contei à Mirabelle que você está de volta à cidade — revelou ele.

Ela mal conteve a hesitação, mas sabia que não conseguira disfarçar a dor em seus olhos.

— Ela sente sua falta, Si — ele disse gentilmente. E lá estava aquele *Si* de novo. Ela queria dizer a ele para parar de chamá-la assim, mas não sabia como fazê-lo sem soar má. Não parecia calculado, apenas um velho hábito, então ela deixou para lá. A melhor solução era encerrar o caso e nunca passar mais um momento que fosse com ele. Nunca olhar nos olhos dele. Nunca mais ouvi-lo chamá-la de *Si*, ou de qualquer outra coisa. E por que esse pensamento fugaz fez com que emoções ainda mais conflitantes a atingissem? E por que isso só acontecia perto de Gavin e de mais ninguém?

— Eu também sinto falta dela — ela admitiu, porque era verdade e de repente a verdade parecia mais fácil do que tentar mentir quando ele, pelo menos parcialmente, ainda conseguia enxergar através dela.

— Sinto muito — falou ele, e os olhos dela encontraram os dele, arregalados porque ela ficou surpresa com as palavras. — Sinto muito, Si, mas principalmente sinto muito por você ter sentido saudades da Mirabelle.

Sienna fez um pequeno som de dor, mas balançou a cabeça.

— Essa parte não foi culpa sua. A culpa foi minha. Eu deveria ter mantido contato. Se bem que, no começo... era melhor para mim cortar todos os laços. — Ela pegou na borda do rótulo de sua garrafa de água. — Então, mais tarde, quando me acomodei na minha nova vida em Nova York, quando encontrei a felicidade... segui em frente... parecia que entrar em contato com ela... ah, eu não sei... poderia me atrapalhar, acho. — Talvez Sienna até tivesse se preocupado que isso anulasse sua felicidade por completo e ela fosse se encontrar de volta à estaca zero, o mesmo lugar em que

estivera no dia em que bateu à porta do trailer de Mirabelle trajando um vestido de noiva alugado e manchado de terra. Sienna balançou a cabeça. — Eu ficaria tentada a perguntar sobre você... e eu realmente não queria saber... — Só que ela queria. Ela queria. E esse realmente era o problema. Ela soltou uma pequena risada que continha pouco humor. — Então, deixei minha vida aqui completamente para trás.

Ambos ficaram em silêncio por alguns momentos, o espaço entre eles cheio de palavras que nunca haviam sido ditas, o arrependimento que ambos poderiam carregar, embora Sienna não necessariamente quisesse entrar no âmago da questão. Não havia nenhum sentido real para isso, havia? Ambos tinham seguido em frente. Ela estava praticamente noiva e, embora o destino os tivesse reunido, era de natureza temporária.

Talvez uma pequena parte dela realmente nunca tivesse superado, apesar do que ela acabara de dizer a ele. *Talvez*, se ela fosse dar crédito ao destino por seu reencontro, o propósito cósmico — para ela, de qualquer maneira — fosse que ela pudesse trabalhar para remover aquela parte final dele de seu ser completamente. Isso lhe provava que ela poderia passar um tempo com Gavin sem derreter em uma pilha de gosma emocional; poderia até desenterrar o passado e admitir velhas mágoas e ainda dormir em paz naquela noite. E então, quando seu tempo juntos chegasse a uma conclusão natural com a resolução do caso, ela poderia seguir seu caminho alegremente e saber que Gavin Decker não era dono de mais nenhuma parte de seu coração.

Era o que ela queria.

Brandon merecia. *Eu também mereço.*

— Então — Gavin disse depois de uma curta pausa, e ela viu o brilho provocador em seus olhos quando ele inclinou a cabeça e olhou para ela —, você nunca me procurou? Nem uma vez em onze anos? — Ele fez a pergunta para aliviar a tensão, ela sabia, ou talvez para irritá-la um pouco, e ambas as estratégias funcionaram, o que a fez rir baixinho.

— Meu Deus, você ainda é vaidoso, não é?

Ele riu também.

— Nunca fui vaidoso.

— Você era. Totalmente cheio de si. Não consigo imaginar que o *fã-club*e tenha ajudado nesse sentido.

Ambos sorriram e, por um momento ponderado, olharam um para o outro, seus sorrisos desaparecendo em conjunto.

— Com toda a sinceridade, eu procurei você — Sienna admitiu com um encolher de ombros e um aceno de mão. — Sabe, anos depois. Eu estava orgulhosa de você. Feliz. — E essa era a verdade, embora também tivesse doído.

Ela se levantou antes que ele pudesse responder, estendendo a mão para a garrafa de água vazia. Ele a entregou, e ela foi até a cozinha e jogou o lixo fora. Quando voltou, ele estava de pé.

— Você está cansada. Melhor eu ir.

Ela assentiu. Já estava exausta antes de chegar em casa, e estava ainda mais naquele momento, mas *agora* era mais do que apenas a variedade física de cansaço.

— Obrigada pelo jantar. Como viu, os armários estão basicamente vazios. Era capaz que eu acabasse comendo colheres de bicarbonato de sódio no jantar. — Ou pedir algo que ela não teria ficado acordada por tempo suficiente para comer.

— Você nunca precisa chegar a esse nível de desespero. Estou sempre pronto para uma entrega de pizza quando e se você precisar de uma.

Houve uma pausa estranha, e então ele se moveu em direção à porta e a abriu.

— Gavin, espere — pediu, e ele se virou rapidamente, com o que ela só poderia chamar de antecipação no rosto. — Você está disponível amanhã se tivermos algumas perguntas sobre os escritos que encontramos hoje?

Um lampejo de expressão, mas muito breve e ilegível.

— Claro, sem dúvida. — Ele sorriu, virando-se novamente e dizendo por cima do ombro: — Você tem meu número.

Sienna fechou a porta e trancou a fechadura antes de ir direto para o chuveiro. Já estava além do cansaço, então por que suspeitava de que não conseguiria dormir?

1 Em inglês, mar é sea, mesmo som do apelido. (N.E.)



Sienna ergueu os olhos quando Kat irrompeu no escritório de Ingrid, sacudindo algo em sua mão.

— O *closet* — disse ela.

— E um bom dia para você, Kat — Ingrid falou, sarcástica.

Kat lançou-lhe um olhar acompanhado por um sorriso fugaz enquanto se sentava ao lado de Sienna.

— Você a atualizou?

Sienna havia chegado apenas cerca de vinte minutos antes e, embora ela e Kat tivessem dado à chefe a essência do que havia sido descoberto na casa abandonada, Sienna havia examinado as fotos das evidências, e Ingrid levava alguns minutos para ler a parte mais recente dos escritos.

— Estou atualizada — confirmou Ingrid.

— Ok, que bom. Ouça, liguei para os peritos que estão na casa onde encontramos a carta ontem à noite e pedi que verificassem embaixo das tábuas de assoalho de todos os armários e *closets*.

Sienna baixou as sobrancelhas.

— As tábuas do assoalho... — Seus olhos se arregalaram com compreensão. — As tábuas do armário onde ele disse que escondia os jogos do pai.

— Sim — Kat respondeu, animada. — Isso parecia muito específico, certo? Algo estava me incomodando, então coloquei Rachmaninoff no carro a caminho daqui. O *Concerto para piano número dois em dó menor* faz isso todas as vezes. Ela posicionou os dedos no ar e os moveu de forma dramática, como se estivesse tocando piano ao mesmo tempo em que “cantava” a melodia, antes

que Ingrid a interrompesse.

— Planeta Terra chamando Kat.

— Não ingeri cafeína suficiente, com certeza. É melhor que o café esteja pronto. O que quero dizer é que eu precisava limpar minha mente, e o gênio clássico faz isso. De qualquer forma — ela fez um aceno circular com a mão —, os peritos encontraram uma bolsa sob o piso do armário do andar de cima, e uma perita está vindo para cá agora, para que a gente possa dar uma olhada.

— Você está brincando — disse Ingrid, sua cadeira rangendo quando ela se recostou. — Qual é o sentido de fazer essas brincadeiras com a gente? Porque eu duvido que seja para ser pego.

— Não sabemos. — Elas analisaram algumas das teorias que haviam discutido na noite anterior e Ingrid concordou com a avaliação.

— Você já conseguiu ligar para Armando Vitucci e saber se ele está disponível para nos fazer um perfil? — Kat perguntou, obviamente referindo-se ao perfilador criminal que ela mencionara.

— Já — confirmou Ingrid. — Pedi para ligarem para ele.

O celular de Kat tocou, e ela olhou para o aparelho, levantando-se.

— A perita está aqui. Vou recebê-la lá na frente se vocês puderem liberar a mesa da sala de reuniões.

Sienna e Ingrid percorreram a curta distância até a sala, onde começaram a pendurar as fotos, cópias dos escritos e outros itens específicos do caso no quadro na parede. Sienna tinha acabado de arrumar os blocos de anotações aleatórios e canetas sobre a mesa quando Kat entrou com uma bela jovem que Sienna reconheceu da primeira cena do crime, segurando um saco de provas.

— Sienna, lembra de Gina Marr? Ela é a perita que encontrou os objetos sob o assoalho.

— Sim, claro. Oi. — Todas se cumprimentaram e Gina deu um passo à frente, colocou o saco de provas sobre a mesa e tirou uma caixa de luvas da bolsa pendurada em seu ombro. Elas calçaram as luvas descartáveis azuis, e então Gina abriu o saco de provas e

removeu o que parecia ser uma abelha de metal dourada e uma garrafa com um pedaço de papel enrolado dentro.

— Ele nos deixou bastante coisa naquela casa — observou Sienna. A recompensa delas por desvendar as várias pistas que levavam ao endereço?

Gina virou a garrafa e usou as pontas dos dedos para desenrolar o bilhete. Estava preenchido com a mesma escrita concisa. A história continuava.

Kat usou o celular para tirar uma foto da carta e, em seguida, Gina enrolou-a novamente e colocou-a com o frasco de volta nos sacos de provas. Sienna e Ingrid estudaram a abelha de metal, virando-a para um lado e para o outro, mas não parecia nada mais do que exatamente aquilo que parecia. *Um pingente?* Sienna tirou várias fotos do objeto de diferentes ângulos, terminando assim que Kat voltou com três impressões da página escrita.

Gina empacotou tudo e foi para o laboratório para adicionar os itens à lista de artigos a serem processados. Sienna não estava muito esperançosa.

Então as três se sentaram para ler.

Minha mãe sempre foi uma mulher de peso, forte e capaz de mover vontades, mas depois que deu o descanso final ao meu pai, tornou-se imparável. É como se matá-lo tivesse lhe dado um sopro extra de vida. Ela não permitia que ninguém a contrariasse, nem que ninguém me contrariasse. Se algo infeliz acontecesse, ela daria um jeito.

— Não dê a mínima para eles, Danny Boy — ela dizia, com um brilho nos olhos azul-celeste. — De

forma alguma. — E então ela sorria, com um zumbido melódico em seus lábios enquanto voltava a assar um bolo ou dobrar nossas roupas ou alguma outra tarefa que tinha o objetivo de criar uma casa bonita e confortável para nós desfrutarmos.

As coisas ficaram calmas por um tempo e, pela primeira vez, senti a felicidade de uma vida sem a ansiedade constante de saber que meu pai entraria pela nossa porta a qualquer momento. Às vezes, no meio da noite, eu acordava e ouvia um carro parar na frente da casa e entrava em pânico pensando que era meu pai. A cena toda sangrenta na cozinha com minha mãe não tinha acontecido de verdade. Não, ele apenas estava ausente como tantas vezes, e agora ele estava de volta.

De volta para me bater, me chutar e me dizer como eu era inútil.

Não importava onde eu tentasse me esconder.

Ele me encontraria.

De alguma forma, minha mãe sempre percebia quando isso acontecia e vinha ao meu quarto, me acalmava suavemente e me levava de volta para a cama, onde ela me aconchegava de novo, acariciando meu cabelo enquanto cantava baixinho até que eu caísse no sono outra vez.

Depois de um tempo, comecei a acreditar que

meu pai não poderia mais me machucar — não poderia machucar nada nem ninguém — e não o ouvi mais voltar.

Minha mãe e eu jogávamos à noite, ela elogiando meu novo nível de habilidade no pôquer nos estilos Texas Hold'm, Omaha e 2-7 Triple Draw. Eu também melhorei em damas, xadrez e Banco Imobiliário. Agora que metade da minha mente não estava focada no medo que eu tinha do meu pai, consegui direcionar meu intelecto para as cartas, e isso fez toda a diferença.

Infelizmente, esse tempo de paz duraria pouco. Meu algoz seguinte apareceu em um par de calças cáqui, uma camisa de botão e um paletó esporte com cotoveleiras. Ele parecia bastante inofensivo à primeira vista, mas logo descobri que as primeiras impressões podem enganar.

Enganar muito, muito.

Costumo inventar nomes para as pessoas antes de aprender o verdadeiro, e imediatamente o chamei de sr. Cotoveleiras por causa do traje e, na minha cabeça, o nome ficou.

Sr. Cotoveleiras.

Ele precisou de muitos remendos como aquelas cotoveleiras quando minha mãe terminou com ele.

Mas estou me adiantando na conversa.

Deixe-me voltar um pouco.

O sr. Cotoveleiras era meu professor de

ciências.

Nunca fui muito bom em ciências. Como eu já disse, minha praia eram jogos. Eu não era tão bom quanto minha mãe, mas era bom.

Melhor que a maioria.

Pior que alguns.

O sr. Cotoveleiras era um professor de ciências envolvente e compassivo. Se ele nos chamasse e a gente não soubesse a resposta, ele falava: “Não tem problema. Dê uma repassada na página 60”, ou algo assim, para não sentir vergonha na frente dos colegas. E então ele piscava, oferecia um sorriso e seguia em frente. E se você soubesse a resposta, ele batia palmas duas vezes, batia uma vez na mesa e dizia em voz alta: “Oh, doo-dah day!”. E a classe ria e batia palmas com ele, e se fosse eu quem acertasse a resposta, eu sentia um zumbido quente incomum no peito e percebia que estava sorrindo também, embora meu rosto tivesse reagido por vontade própria.

Um dia, depois que a turma foi dispensada e todos os alunos estavam arrumando as coisas para ir embora, o sr. Cotoveleiras chamou meu nome e perguntou se eu poderia ficar mais alguns minutos. Isso me confundiu, mas não me assustou, então coloquei meus livros na mochila lentamente enquanto o resto dos alunos saía, e o sr. Cotoveleiras estava parado na porta, sorrindo e

dizendo a eles para terem um bom dia conforme iam passando. Ele virou a fechadura da porta e então se aproximou de mim onde eu estava, ao lado de sua mesa, fazendo sinal para que eu sentasse na cadeira ao lado dele. Nós dois nos acomodamos e o sr. Cotoveleiras se virou para mim e me deu um sorriso.

— Você teve uma melhora tremenda nesta aula — disse ele, e mais uma vez percebi aquele zumbido no peito que me fez sentir feliz e mais leve de uma forma que não consigo descrever.

— Obrigado, senhor — respondi. — Estou me esforçando bastante. — E era verdade. Sem a ansiedade de saber que meu pai poderia voltar de uma de suas viagens a qualquer dia, sem ter que dar desculpas e inventar mentiras descaradas para os hematomas, cortes e ossos quebrados, pude me concentrar mais plenamente nos estudos. Eu sabia que ainda estava atrasado em relação aos outros alunos, mas, pela primeira vez, pensei que talvez não fosse por ser burro ou imbecil, mas por ter me distraído com problemas que os outros não tinham e talvez fosse de admirar que eu tivesse chegado tão longe, dadas as circunstâncias. A ideia era libertadora.

— Sim, percebo que você tem se esforçado muito — disse o sr. Cotoveleiras. — É notável. — Ele recostou-se na cadeira e olhou para mim e,

pela primeira vez, senti uma pontada de desconforto. Apesar disso, deixei a sensação de lado. O sr. Cotoveleiras estava orgulhoso de mim. Era isso que ele estava dizendo. — Você tem muito potencial — ele concluiu, fazendo um aceno positivo com a cabeça.

— Obrigado, senhor — repeti, sem palavras, o que não era incomum para mim.

Porém, o sr. Cotoveleiras sorriu com carinho, do jeito que um pai sorriria para o filho, se esse pai gostasse do filho.

— Mas, embora tenha melhorado tremendamente — continuou —, ainda está um pouco atrasado. — Ele levantou a mão como se afastasse meus sentimentos feridos, embora não fosse necessário. Eu já estava bem ciente de que o que ele estava dizendo era verdade. Ele se inclinou para a frente. — Só que eu tenho um plano. O que acha de fazer algumas aulas particulares?

Aulas particulares. Meus olhos se moveram para o lado, e de repente eu estava nervoso. Minha mãe e eu não tínhamos mais a renda do meu pai e, embora ela fosse extremamente criativa e conseguisse manter uma casa bonita e confortável na ausência do dinheiro dele, nunca haveria o suficiente para despesas extras como aulas particulares.

— Bem, eu... hum... — murmurei.

O sr. Cotoveleiras pareceu entender meu desconforto, e se adiantou imediatamente e disse:

— Não haveria nenhuma cobrança. De vez em quando ofereço esse serviço para alunos que considero muito especiais.

Eu sorri, sentindo aquela agradável sensação de zumbido voltar, embora não tão forte. Muito especiais.

— Ok, sim — respondi.

— Oh! Doo-dah day! — disse o sr. Cotoveleiras com um largo sorriso, olhando para a porta. De alguma forma, eu soube, naquele momento, que nunca mais gostaria daquela expressão. Do lado de fora, o corredor estava totalmente silencioso. Todos naquele andar tinham encerrado o dia e ido para casa. — Podemos começar imediatamente. — Ele parou por apenas um momento. — A propósito, eu conheço alguém que trabalhou com seu pai — ele contou, e meu sangue gelou, a sala pulsando ao meu redor. Ah, não. Ah, não. Ele ia chamar a polícia. Eles iam vir até nossa casa, borrifar aquela coisa que fazia o sangue brilhar com aquelas luzes especiais. O suor brotou no meu lábio superior. O sr. Cotoveleiras inclinou a cabeça, me observando. — Ele mencionou que o filho de um homem com quem ele trabalhava, um homem que desapareceu, está na minha classe.

Ele mencionou o seu nome, perguntou se eu te conhecia. Não é uma coincidência? — Ele me olhou mais de perto, e eu engoli em seco. — Lamento saber sobre seu pai. — Ele deu uma torcida soturna na boca. — Às vezes os pais vão embora. Eles decidem que não gostam da vida que levam, fazem as malas e apenas... vão. Começar novas vidas, eu acho. O meu também fez isso. É assim que sei o que é ser deixado para trás.

Meus ombros caíram apenas um fio de cabelo. Ele achava que meu pai havia abandonado a família, como a dele. Ele se identificava comigo. Deixei escapar um suspiro lento.

— Então — ele continuou —, o que acha de amanhã, depois da escola na sua casa?

Antes que eu tivesse a chance de dizer uma palavra, ele se inclinou para a frente, dando um tapinha no meu joelho. Baixei o olhar para a mão dele, que permaneceu lá, mesmo depois que os tapinhas pararam. Tive a sensação de algo afundando no meu estômago — algo grande e pesado. Os dedos do sr. Cotoveleiras tremeram ligeiramente, e então ele ergueu os olhos, focando nos meus enquanto sua mão começava a subir em direção à coxa. Fiquei paralisado. Não sabia o que fazer. Aquele peso dentro de mim cresceu, esticando o interior do meu estômago, fazendo o

conteúdo subir pela minha garganta. A mão do sr. Cotoveleiras parou na junção da minha coxa com a virilha e moveu-se ligeiramente para a parte interna, mas então, tão rápido quanto fez isso, ergueu-a, recostando-se e sorrindo como se eu tivesse imaginado o que acabara de acontecer. Ou interpretado mal.

O que era totalmente possível. Afinal, eu havia sido criado com uma mente desconfiada. Meu pai tinha feito de tudo para que o resultado fosse esse.

— Eu te levo para casa — anunciou o sr. Cotoveleiras, e embora minhas pernas estivessem rígidas e desajeitadas, me obriguei a ir até a porta e sair para o estacionamento com ele, onde entrei em seu carro e ele me levou para casa. Ele acenou e me desejou uma boa noite.

Meu pai havia me batido, quebrado meus ossos e me feito sangrar, mas nunca tinha me tocado do jeito que o sr. Cotoveleiras começou a me tocar depois da escola, todas as tardes, enquanto nos sentávamos à mesa da cozinha, um livro de ciências na nossa frente, nada além de um mero objeto de cena.

— Gosta disso? — ele perguntava, com os olhos vidrados e a respiração curta. E se eu hesitasse, sua expressão ficava dura e ele dizia: — Não me faça reprovar você. Se não se formar,

vai ser um ninguém na vida. Você não quer ser um ninguém, quer?

Não. Eu não queria ser um ninguém.

Mas eu já era.



Foi logo depois do almoço que Gavin abriu a porta de seu escritório para cumprimentar Sienna. Ela parecia um pouco atormentada ou talvez preocupada, com uma pequena ruga entre as sobrancelhas. Aquele trabalho obviamente a estava deixando abatida, e ele teve o forte desejo de aliviar seu fardo. Esperava que pudesse.

— Obrigada por me receber. Sei bem que você tem um trabalho de verdade que o mantém muito ocupado — ela disse enquanto entrava. — Agradeço a sua ajuda, e não vou tomar seu tempo.

— Eu tenho tempo — ele garantiu. Ele havia *arranjado* tempo.

Haviam se sentado à mesa dele da última vez que ela estivera em seu escritório; desta vez, porém, ele a conduziu para a pequena área de estar, tanto para que ela pudesse espalhar os itens que trouxera, se necessário, quanto para que não houvesse uma grande extensão de mesa entre eles.

Sienna disse que ligaria na noite anterior, e ele tentou se convencer de que não estava esperando como um adolescente, mas seria mentira. Tinha passado a manhã inteira olhando distraidamente para o celular, desapontado cada vez que tocava e não era ela. O que era ridículo em vários níveis, principalmente porque, se ela ligasse, seria para perguntar sobre as provas do caso, nada mais. Ela enfim havia entrado em contato, uma hora antes, e ele se pusera a cancelar duas reuniões para estar disponível — não que fosse dizer isso a *e/a*, mas estava feliz, até mesmo ansioso, para conseguir todo o tempo livre de que ela pudesse precisar.

Havia gostado demais da companhia dela, por mais que às vezes tivesse sido limitado e truncado. Ele queria ter ficado. Droga, para

ser sincero, ele queria se levantar daquela *caixa* idiota e desconfortável em que estava sentado, cedendo sob seu peso, agarrá-la em seus braços e beijá-la até perder a consciência. Ele se perguntou se o gosto dela seria familiar, completamente novo ou uma mistura exótica dos dois. Perguntou-se se suas mãos conheceriam os declives e curvas de seu corpo, como uma memória muscular que estava adormecida, mas poderia despertar com um único toque. No entanto, se forçou a deixar esses pensamentos de lado. Ela estava envolvida com outra pessoa, e ele havia desistido da possibilidade de reatar com ela quando partiu sem dizer uma palavra.

Tinha desistido mesmo? As reações dela, os lugares em que ela demorava o olhar — a boca dele, por exemplo — o faziam pensar. E Gavin não era um homem que gostava de deixar perguntas sem resposta.

Sienna sentou-se na ponta da poltrona de couro e Gavin, na cadeira ao lado dela; ficaram separados apenas por uma mesa lateral de madeira e metal.

Ela colocou a pasta no chão e se curvou para pegar os itens que trouxera, e ele aproveitou o momento para deixar seus olhos recaírem sobre cada parte dela. Varreu a linha elegante da coluna, a lateral esguia da coxa e a curva suave da panturrilha. Ela era uma perfeição graciosa, e ele sempre se perguntara como uma garota tão bonita podia ter vindo de duas criaturas feias e atarracadas como aquelas que se intitulavam seus pais. Os genes eram uma coisa engraçada.

Ou talvez se seus pais tivessem vivido uma vida livre de vícios e mesquinhez, más escolhas de saúde e desrespeito geral, isso não teria se manifestado de maneiras fisicamente horríveis.

Ou talvez eles fossem especialmente feios aos olhos dele por causa da maneira como haviam feito mal à filha.

Sienna colocou sobre a mesa uma fotografia em close de uma abelha dourada, com uma moeda ao lado para fins de comparar o tamanho, e retirou o que pareciam ser quatro ou cinco folhas de papel. Gavin reconheceu a mesma caligrafia das anotações que

havia lido antes.

— Os peritos encontraram mais um pedaço dos escritos de Danny Boy na casa em Allegra esta manhã. — Ela apontou para a foto do amuleto de abelha, ou o que quer que fosse. — Suponho que isso não signifique nada para você, mas foi encontrado com o último escrito, e pensei que pudesse ter algo a ver com uma mão de cartas ou... — Sua expressão registrou frustração e ela suspirou. — Eu não sei, mas aí está.

Dois novos escritos. Caramba. E uma bugiganga. Gavin pegou a foto, examinou-a atentamente por um momento e depois pousou-a. Uma abelha?

— Existe uma marca de baralho chamada Bee, “abelha”.

— Sim. Achei isso em uma pesquisa no Google. Algum significado particular?

— Muitos cassinos usam essa marca. Esses baralhos são conhecidos pela durabilidade.

Ela parou por um momento, pensando.

— Hum. Ok.

Ele apontou para a pequena pilha de papéis.

— Posso ler as anotações?

Ela assentiu, pegando-as e passando-as para ele junto com um marca-texto.

— Também incluí as que você já leu, caso precise consultar. Existem algumas referências a jogos e mãos de cartas nas últimas que não significam nada para nós. — Ela ainda parecia perturbada, mas esperançosa, e ele fez uma oração silenciosa para que, se houvesse algo que ele pudesse encontrar que lhe desse algum *insight*, que saltasse imediatamente aos olhos dele. — Em todas essas cópias, você pode fazer anotações. — Gavin assentiu enquanto se recostava em sua cadeira, papéis e caneta na mão enquanto começava a ler.

Ele ficou imerso nas palavras, anotando cada coisa que chamasse sua atenção ou o detivesse, mesmo que por um breve

instante. Ele passou por ambos os escritos, linha por linha. Eram mais intensos que os primeiros, o que surpreendeu Gavin até certo ponto.

Quando terminou, colocou as páginas de volta na mesa, franzindo a testa.

— Eu sei que você me fez ler esses para tentar encontrar qualquer pista escondida no jargão das cartas, mas, caramba, se for verdade, é... — Ele fez uma pausa, com dificuldade de selecionar apenas as palavras certas.

— Chocante e deprimente?

Ele deu um riso breve.

— Basicamente, isso resume. — Ele fez uma pausa, imaginando quem era aquele cara: algum garoto desajustado procurando atenção da única maneira que achava que poderia conseguir, ou algum psicopata de boa-fé. E, para falar a verdade, por acaso a diferenciação importava se significava que aquela pessoa representava uma ameaça para a sociedade em geral e para Sienna, em específico?

Sienna se inclinou para a frente, cruzando as pernas e desviando-o de suas reflexões momentâneas.

— Você destacou algumas coisas.

Ele pegou os papéis outra vez.

— Ah, sim. Isto aqui... — ele disse, apontando para o primeiro traço de marca-texto amarelo-neon — ... faz referência ao Texas Hold'em, mas ele escreve errado, sem o "e": *Hold'm*. Pode ser apenas um erro, mas destaquei só para garantir.

Ela fez que sim, pegando a página que ele oferecia.

— Obrigada. Eu não tinha notado.

— Então isso aqui — continuou, apontando para outro ponto destacado —, ele se refere à mão da mãe dele, duas damas e três dois, como a mão mais alta possível. Isso só seria verdade se eles estivessem jogando Deuces Wild.

— Deuces Wild — ela repetiu.

— Isso. Ela tem duas damas e, com três curingas, são cinco iguais. A mão mais alta possível na variante Seven-Card Stud. — Ele entregou a ela o resto dos papéis. — Desculpe, foi tudo o que encontrei. — Ele fez uma pausa. — Obviamente não sou policial, e você já deve ter considerado isso, mas e o sr. Cotoveleiras dizendo que conhecia um cara no trabalho do pai do garoto?

— Não temos como saber quem é essa pessoa, ainda mais sem saber a identidade do sr. Cotoveleiras. Pode ter sido um vizinho ou um barista da cafeteria local que ele frequentava. Qualquer um, de verdade.

— Ou ele poderia ter olhado para o garoto e percebido que era a vítima perfeita.

Sienna pareceu perturbada por um momento, mas esboçou um pequeno sorriso.

— Eu realmente gosto da sua ajuda.

— Eu gostaria de poder oferecer mais.

— Talvez não *tenha* nada mais. — Ela suspirou. — Pode não *ter* nada. Talvez ele tenha parado de jogar e agora só queira contar a história da vida dele.

Ele a estudou por um momento.

— Mas você não acredita nisso.

Ela curvou o lábio.

— Isso é óbvio, né? Eu nunca tive uma expressão de jogadora de pôquer muito boa.

Não, você nunca teve.

Não era só porque Gavin era bom em ler rostos que ele conseguia ler o dela. Ela sempre tinha sido um livro aberto com os sentimentos. Nunca tinha sido muito boa em esconder sua raiva ou sua alegria.

Sua tristeza.

Foi por isso que ele não teve coragem de enfrentá-la no final.

Ela juntou os papéis e começou a devolvê-los à maleta.

— Obrigada mais uma vez. O departamento agradece.

O departamento.

Eles se levantaram, e Gavin a seguiu até a porta, aquele desespero desconhecido cravando as unhas nele para impedi-la de ir embora.

Calma, Gavin. Ela tem um trabalho a fazer.

— Antes de você ir — disse ele, suas palavras saindo apressadas —, Mirabelle queria que eu te convidasse para jantar. Segunda-feira.

Sienna se virou para ele, piscando.

— Ah...

— Argus vai estar lá.

Ele viu a felicidade surpreendida brilhar no rosto dela.

— Eles ainda estão juntos — falou ela.

— Você está surpresa? — ele perguntou com um sorriso. Ela havia falado aquilo como uma declaração, então ele sabia que ela não estava.

Ela deu uma risada curta que foi basicamente uma respiração, mas inclinou a cabeça como se concordasse com o argumento dele.

— Não, embora já tenham passado por muita coisa. Ela finalmente se casou com o pobre coitado?

— Ainda não. Eles nem moram juntos, mas ele continua pedindo-a em casamento.

Nesse momento, Sienna deu um sorriso completo.

— Ele é persistente; isso eu tenho que admitir.

Gavin riu.

— Não sei se *persistente* é correto. Argus merece uma palavra muito além de *persistente*.

O sorriso dela cresceu, e seus olhos se encontraram por um instante ou dois, antes que ela desviasse, seu sorriso desaparecendo.

— Vou pensar — disse ela. Não foi um *sim*, mas foi melhor do que um *não*.

— Ok. Ótimo. Espere só um segundo. — Gavin caminhou

apressado até sua mesa, de onde tirou um post-it e anotou rápido o endereço de Mirabelle.

Ele entregou o post-it para Sienna, que o pegou, olhando para o pequeno quadrado de papel verde-menta. Ela ergueu as sobrancelhas.

— Isso fica em South Reno, não é?

— Sim, eu, ah, assim que pude, eu a tirei daquele estacionamento de trailers.

O que quer que Sienna tivesse visto no rosto dele fez seus olhos se demorarem por um momento. Ela enfiou o pedaço de papel no bolso lateral da maleta e inalou, seus ombros subindo e descendo novamente.

— Aquilo nunca foi lugar para ela, de verdade. Obrigada mais uma vez, Gavin.

— De nada, Sienna. — E com isso, ela se virou e saiu. Ele observou até que ela dobrasse o corredor para o hall dos elevadores, e então voltou para sua mesa. Ficou sentado por um momento, batendo as pontas dos dedos enquanto trabalhava para afastar a mente de Sienna e dos meninos que viam suas mães matarem brutalmente os pais.



— Você parece distraída — disse Kat, pegando um pouco de molho com uma tortilha frita e comendo metade de uma só vez.

Ela estava mesmo distraída. Distraída e frustrada. Sienna e Kat haviam trabalhado a manhã toda antes de finalmente fazerem uma pausa para um almoço tardio em um restaurante mexicano próximo. Ambas concordavam que sentar-se para uma refeição de verdade era importante, não apenas para a saúde mental, mas para que pudessem atualizar uma à outra sobre o que haviam trabalhado individualmente e fazer um pequeno *brainstorming*. O criador de perfis criminais para o qual Ingrid ligara estava examinando todas as informações que tinham até o momento, incluindo as cartas mais recentes e algumas de suas teorias. Com sorte, ele poderia ajudá-las com o que já haviam especulado e oferecer novas ideias.

Sienna deu um gole no canudo de seu chá gelado e o largou antes de falar.

— Continuo revisando essas anotações. É difícil não pensar em cada pequena linha, avaliar se pode ser uma pista que nos leve a algum lugar. — Palavras, frases e trechos dos escritos de Danny Boy continuavam girando em sua mente, mantendo-a acordada metade da noite.

— Tudo bem, mas onde?

— Você quer dizer qual é o destino final, se aquele não for simplesmente o fim da história dele? Eu não faço ideia. — Ela pensou por um minuto. — Ingrid mencionou que o objetivo de tudo isso não pode ser ele querer ser pego. Mas e se for? E se estiver nos levando até *e/e* e planejar desistir assim que o encontrarmos? Todas essas anotações são uma tática para protelar e encontrar uma

maneira de ele nos contar sua história antes de o prendermos.

— Para conquistar nossa compaixão?

— Talvez. Talvez pense que vamos pegar leve com ele se entendermos as motivações. Talvez seja apenas porque ninguém nunca o ouviu e ele acredita que deve empregar métodos extremos para ser ouvido?

— Não sei. Não consigo imaginar nenhum assassino contemplando um cenário em que ele acabe passando a vida na prisão. Não importa o quanto considere intoleráveis suas próprias circunstâncias ou o que aconteceu, ele não pode considerar a prisão algo *melhor*.

— É verdade. — Talvez ainda mais esse cara, com um passado de abuso sexual.

Todo mundo estava bem ciente das coisas que poderiam acontecer e frequentemente aconteciam atrás das grades da prisão.

— Além disso, para alguém que pode querer ser pego, ele foi extremamente cuidadoso em não deixar impressões digitais ou DNA — disse Kat, referindo-se ao relatório que tinham recebido do laboratório para os dois primeiros escritos, pouco antes de saírem para o almoço. Um relatório secundário as informou também de que não havia impressões digitais úteis ou DNA na embalagem de fast-food levada para Trevor Keeling.

Sienna suspirou e então colocou outra tortilha frita gordurosa na boca. *Trevor Keeling*.

— Eu liguei para a assistente social responsável pelo caso do Trevor esta manhã — contou a Kat. — Só para verificar.

— Como ele está?

Sienna deu de ombros.

— Ela disse que ele está bem. Quietos.

Sienna ainda não conseguia tirá-lo da cabeça: imaginava-o sentado naquele apartamento sujo e sozinho, no pequeno ninho de cobertores e bichinhos de pelúcia que ele havia montado.

O único conforto disponível. Conforto que teve que proporcionar a

si mesmo.

— Ei, Sienna — Kat chamou, seu tom gentil. — Ele vai ficar bem.

Sienna assentiu, erguendo os olhos quando as refeições chegaram. As duas comeram distraídas por alguns minutos, a conversa sobre Trevor Keeling fazendo com que sua mente viajasse para o estacionamento de trailers onde havia crescido, para o grupo desorganizado de crianças com quem convivia e brincava. Viviam tão próximos que todos geralmente conheciam as circunstâncias uns dos outros. A maioria tinha pais decentes, embora não muito educados e obviamente pobres, mas havia alguns, como ela, cujos pais eram fracassados em todos os sentidos da palavra. Na verdade, era de causar admiração que ela tivesse se saído tão bem. E talvez sem Mirabelle, não tivesse.

— Uma vez, uma gata teve gatinhos debaixo da varanda de alguém no estacionamento de trailers onde cresci — contou Sienna, olhando para o nada, imaginando as minúsculas carinhas frajolinhas.

Kat inclinou a cabeça quando Sienna encontrou seus olhos.

— Infelizmente, a mãe deles foi morta e os bebês ainda eram muito pequenos para cuidar de si mesmos. Um grupo de crianças pegou um gatinho cada e usou conta-gotas para alimentá-los durante as semanas seguintes. Todos sobreviveram, mas depois, aquele que Timmy Lauden pegou chupava a ponta de cobertores e roupas e até mesmo o próprio rabo às vezes. Todos nós o conhecíamos porque ele tinha a ponta da cauda úmida o tempo todo. Ela olhou para trás do ombro de Kat novamente, e a visão daquele gatinho tentando encontrar conforto de qualquer maneira que pudesse saltou para o primeiro plano de sua mente.

— Isso é ao mesmo tempo nojento e lamentável.

— Era. — Sienna deu de ombros. — Fora isso, ele era um gato doce e brincalhão. Nenhum dos outros fazia isso, só ele. Todos tinham sido afastados da mãe muito cedo, mas, por alguma razão, aquele carinha nunca se adaptou.

Kat estava olhando para ela com um olhar intenso.

— Sienna, as pessoas não são gatos.

Ela balançou a cabeça de leve, soltando um sorriso.

— Não, claro que não. — Parou por um instante, pensando naquele gato carente outra vez. — As pessoas são muito mais complicadas — ela murmurou.

A música *mariachi* tocava suavemente nos alto-falantes enquanto elas continuavam a refeição, e Sienna fazia um esforço concentrado para afastar sua mente de meninos órfãos e gatinhos sem mãe, uma linha de pensamento que era menos do que produtiva.

— Mais alguma informação sobre o traficante nos contatos do celular da Reva Keeling? — ela perguntou, depois de alguns minutos.

Quando foram atrás, descobriram que ele estava preso havia uma semana e meia. O que o eliminava como o assassino. Claro, não ia ser tão fácil assim. Mas, por outro lado, na experiência de Sienna, os casos envolvendo fornecimento de drogas que davam errado nunca terminavam com a vítima numa pose elaborada debaixo de um viaduto. A cena não se encaixava naquele crime em particular, e ela não estava surpresa por ter se transformado no que provavelmente era um beco sem saída.

— Ele é um traficante de baixo escalão, entrou e saiu da prisão várias vezes desde os quatorze anos. Principalmente posse, alguns carros roubados. Também não tem nenhum crime violento no registro dele. Quando não está traficando, está engravidando as mulheres. Ele tem quatro filhos de três mulheres diferentes e não paga pensão alimentícia para nenhuma delas.

Sienna tomou um gole de chá. As mulheres férteis de Reno que poderiam ser — inexplicavelmente, na sua opinião — atraídas por aquele cara estariam melhor com ele atrás das grades, mesmo que temporariamente.

— Podemos planejar ter uma conversa quando ele sair, o que deve acontecer nos próximos meses, mas minha aposta é que não há nenhuma conexão entre ele e o que aconteceu com Reva Keeling — disse Kat.

Sienna concordou com um gesto da cabeça.

— O que você descobriu sobre a casa na rua Allegra? — perguntou Kat.

— Pertence a um banco. Antes era propriedade de uma mulher que morreu sem parentes conhecidos. Infelizmente, não há vizinhos naquele quarteirão para perguntar se alguém se lembra dela. Quase todas as casas naquela rua são o resultado de execuções hipotecárias. Houve alguma conversa sobre um shopping center alguns anos atrás que nunca se concretizou. — Ela fez uma pausa enquanto comia um pouco. — Acho que podemos considerar que é simplesmente uma casa abandonada escolhida pela localização errada entre outras casas abandonadas. Deve ter sido fácil para o nosso suspeito entrar, trocar a fechadura da porta, plantar evidências para encontrarmos, sair e não se preocupar em ser pego por câmeras na área ou que algum morador de rua encontrasse o que ele nos deixou antes de nós.

— Então, outro beco sem saída — disse Kat.

— Parece que sim.

— Droga. — Ela parou por um momento. — Alguma nova ideia sobre aquilo que Decker foi capaz de te falar sobre as anotações?

Sienna balançou a cabeça, mas removeu as cópias das anotações que Gavin havia destacado com marca-texto.

— Ele só viu essas duas coisas pequenas. — Ela dissera isso a Kat e Ingrid quando voltara da reunião com Gavin no dia anterior. Desde então, tinha lido as anotações cerca de cem vezes e, embora houvesse algumas coisas que se destacavam para ela, sozinhas não significavam nada.

Kat limpou as mãos no guardanapo e empurrou o prato para o lado.

— Me deixe dar uma olhada de novo, depois de uma boa noite de sono.

Uma boa noite de sono. Bem, fale por você, pensou Sienna. Ela entregou as cópias e pegou o último pedaço de seu burrito enquanto Kat lia as anotações mais uma vez. Quando Kat terminou, colocou as duas páginas lado a lado.

— Texas Hold'em sem o "e" — ela murmurou para si mesma. — Você se lembra de algum erro ortográfico nas outras anotações?

Sienna pensou nisso, limpando os cantos da boca.

— Não. Mas não sou a melhor pessoa do mundo em ortografia. Posso ter deixado de notar um ou dois.

— Bem, nunca ganhei nenhum concurso, mas sou uma boa revisora em geral. É por isso que Ingrid geralmente me pede para revisar os memorandos importantes dela. Por mais precisa que ela seja sobre todo o resto, a mulher não sabe escrever direito merda nenhuma. De qualquer forma, meu ponto aqui é que já lemos quatro das anotações do suspeito, e este é o único erro ortográfico que foi encontrado.

— Para falar a verdade, é mais uma abreviação que tem variações do que uma palavra. Qualquer um pode escrever do mesmo jeito e não considerar um erro de ortografia.

Kat levantou uma sobrancelha.

— Nosso mestre dos jogos não sabe escrever o nome de um jogo, abreviado ou não?

Sienna fez uma careta, concordando. Mesmo depois que Gavin havia apontado, ela meio que descartou o erro de ortografia como nada muito importante, mas, quando Kat expressava dessa forma, Sienna tendia a concordar.

— Então, o que acha que isso pode significar?

Kat bateu com o dedo no queixo.

— Tirar o "e". Ou... "Sem e"? Seme? A palavra *seme* significa alguma coisa para você?

Sienna pegou o celular e abriu um site de busca, depois procurou a mesma palavra relacionada a Reno. Aparentemente, era um nome próprio, e havia algumas ocorrências.

— Encontrei um Seme Investimentos — disse Sienna, olhando para Kat. — Mas isso é tudo.

— Esse não é o nome do banco dono da casa em Allegra, é?

— Não.

— Hum. — Kat olhou de volta para os destaques de marca-texto nas páginas, seus olhos se movendo entre os dois. — Bom, as duas partes mais recentes da história foram encontradas no mesmo local. Então talvez devêssemos considerar que as pistas encontradas em cada uma delas devem andar juntas.

— Faz sentido. Se elas são de fato pistas.

Kat assentiu.

— “Deuces Wild” — falou, batendo no papel onde Sienna havia escrito o termo do pôquer, ao lado do destaque de Gavin, o termo que havia sido deixado de fora, intencionalmente ou não. — E se você usar o *sem* “e” como uma instrução?

Sienna levou um momento para pensar nisso. *Deuces Wild, sem “e”. Então ducs wild, se a gente tirar os dois “e”. Ou duces ou deucs wild se a gente retirar apenas um.*

— Isso também não faz o menor sentido. — Ela pegou o celular para fazer uma pesquisa sobre *ducs*, *duces* e *deucs* mesmo assim. — *Duces* é um termo latino — disse ela, lendo a página da web em que havia clicado. — *Duces tecum* é uma espécie de intimação. — Ela leu a definição básica do termo jurídico porque, embora fosse policial, não conseguia se lembrar exatamente do que significava. No entanto, até onde ela sabia, não havia relevância para aquele caso em particular. Clicou para voltar à página de pesquisa original e rolou para baixo. Um momento depois, seus olhos se arregalaram e ela olhou para Kat. — Tem um estabelecimento chamado Duces Wild, sem o “e”, no centro da cidade.

A expressão de Kat refletia a que ela tinha de certeza de ser a sua também naquele momento.

— Você está falando sério? Que tipo de estabelecimento?

Sienna clicou no link e examinou rapidamente a cópia limitada de um site bem ruim.

— É uma loja de música que vende discos.

O rosto de Kat se contorceu.

— Achei que não existiam mais lojas que vendiam discos.

Sienna deu de ombros.

— Achei que fosse principalmente um item on-line também, mas acho que não.

Sienna clicou em outra página.

— O dono se chama Duces Reynolds, daí o nome Duces Wild, e ele... — Ela rolou a página. — Ele também trabalha como DJ.

Kat sinalizou para a garçonete, e ela se aproximou, entregando a conta.

— Poderíamos ir falar com ele. Não sei exatamente o que perguntar, mas talvez ele tenha algo para nós, como a presidente do fã-clube. Não serviria para alguma coisa?

Pagaram a conta e saíram alguns minutos depois, logo deixando o estacionamento no veículo de trabalho de Kat.



A Duces Wild ficava espremida entre um bar e o que parecia — pela multitude de correntes, chicotes e manequins de biquíni de couro na vitrine — ser um sex shop chamado Empório Porta dos Fundos.

A loja de vinis era pequena e sem janelas, mas as luzes eram fortes e o interior parecia limpo e bem-organizado. Quando elas chegaram, um homem com um topete preto *à la* Elvis dos anos 1970 saiu de uma porta no lado oposto da loja.

— Oi, senhoritas. Como posso servi-las?

— Duces Reynolds? — Kat perguntou, abrindo seu distintivo e segurando-o. — Detetives Kozlov e Walker.

Ele pareceu brevemente confuso, e não demonstrou reconhecimento aos nomes delas à medida que se aproximava.

— Detetives? Há algum problema?

— Não. Nenhum problema. Estamos seguindo uma pista que localizamos em um caso. Pode não ser nada, mas achamos que não faria mal a ninguém darmos uma passada para saber se aconteceu

alguma coisa digna de nota na sua loja nas últimas semanas. Algum cliente incomum? Problemas?

Ele balançou a cabeça.

— Bem, nada fora do comum. Tenho um bom movimento aqui. Vocês podem se surpreender, considerando que hoje está tudo bem morto. Mas, na verdade, eu uso o espaço mais para guardar meu equipamento de DJ... — ele apontou para a porta pela qual acabara de entrar, um espaço que Sienna presumiu ser um depósito, talvez um escritório — ... e para ter um lugar para atender clientes, esse tipo de coisas. O vinil é minha paixão, então eu os coleciono e vendo os que tenho repetidos ou não quero. — Ele apontou para as fileiras de cestos atrás de si, e Sienna se virou e olhou para os álbuns alinhados verticalmente, que pareciam estar organizados em ordem alfabética, com letras grandes escritas na frente dos cestos.

— Ok, bem, obrigada pelo seu tempo.

— Vocês têm toca-discos? — ele perguntou.

— Meus pais têm — disse Kat. — Um pouco esganiçado demais para mim. — Ela torceu o nariz.

Mas Duces riu, obviamente sem se ofender.

— Bem, esse é o charme do vinil. Fique à vontade para dar uma olhada, ver se tem alguma coisa que seus pais possam gostar de ganhar de Natal.

— Claro. Obrigada. — Kat entregou-lhe seu cartão. — Se precisar me ligar por algum motivo.

Ele olhou para baixo e acenou com a cabeça, e ao som de um telefone tocando, ele se dirigiu ao caixa e atendeu a ligação.

— Duces Wild. Duces falando.

Ela se inclinou para Sienna.

— Ouvir discos antigos parece uma lixa no meu cérebro. — Ela fez uma expressão dramática, fechando bem um olho e levantando o outro.

Sienna riu.

— Lixa no cérebro. Bela imagem.

— Vamos indo.

— Espere aí — pediu Sienna, puxando uma das fileiras de discos, passando a mão na capa dos artistas cujos nomes começavam com A e, em seguida, usando o dedo para puxá-las para a frente para conseguir ver as capas. ABBA... AC/DC... The Association. Ela se virou para Kat, que a seguia. — Havia alguma banda mencionada nesses textos?

— Não que eu tenha captado. Deixei o arquivo no carro, mas podemos sair e vasculhar tudo de novo. — Ela deu de ombros. — Não sou aficionada por música, mas talvez, se estivermos procurando especificamente o nome de um artista, apareça algo que não enxergamos antes.

Sienna piscou quando algo lhe ocorreu.

— Kat, e aquela frase que ele disse que o sr. Cotoveleiras usou...

— “*Oh, doo-dah day*”. — Kat franziu a testa. — Isso é uma música?

— Não sei, mas parece que poderia ser. — Ela jurou que já a tinha ouvido em algum lugar, embora não conseguisse se lembrar de uma melodia em específico.

Kat voltou-se para o balcão, onde Duces acabava de desligar o telefone.

— Ei, Duces, você conhece uma música com a letra “*Oh, doo-dah day*”? — ela perguntou.

— Ah, sim. É um clássico. Chama-se *Camptown Races*, de Stephen Collins Foster. Hoje em dia é mais considerada uma canção infantil, embora fale sobre jogos de azar. Normalmente não tenho nada da época em que essa música foi escrita, mas Johnny Cash fez uma versão foda dela naquela série do rádio The Bell Telephone Hour, em 1959. — Ele apontou para trás delas. — Você vai encontrar uma cópia na letra “C”, bem ali.

Elas agradeceram Duces. Nesse momento, a porta se abriu e uma garota vestida toda de preto com seu cabelo preto em marias-chiquinhas curtas e encaracoladas e franja picotada entrou e cumprimentou Duces taciturnamente, então se dirigiu para trás do

balcão onde ele também estava. Uma funcionária?

Kat se virou para Sienna, parecendo incrédula.

— Quem mais saberia coisas assim de cabeça?

— Ninguém exceto ele — Sienna murmurou, com um formigamento sob sua pele que dizia que elas estavam no lugar certo.

— *Camptown Races*. — Ela se lembrava da música agora, e a melodia passou por sua cabeça enquanto ela e Kat caminhavam rapidamente para a seção do “C”. Sienna separou os álbuns até chegarem ao que estavam procurando. E na frente havia um post-it verde-menta com uma sequência de números.

Sienna sentiu uma explosão de triunfo, seguida rapidamente por uma pequena pontada de irritação. As duas emoções se misturaram, deixando-a ligeiramente sem fôlego. Ela se virou para Kat, segurando o disco. Na frente da loja, Duces estava conversando com a garota.

— Duces? — Kat chamou. — Podemos pedir para você olhar uma coisa? — Ele disse algo para a garota, e ela começou a tirar a bolsa pendurada em seu corpo e colocar suas coisas atrás do balcão enquanto ele se dirigia para Kat e Sienna.

— E aí?

Kat apontou para o post-it.

— Foi você que colocou esse post-it aí?

Ele franziu a testa, inclinando-se para ver melhor.

— Não. Mas eu compro esses álbuns antigos em todo lugar... vendas de imóveis, vendas de garagem, brechós... então poderia já estar aí quando eu trouxe. — Ele se endireitou e chamou a garota atrás do balcão. — Ari, você colocou um post-it verde neste álbum?

— Um o quê?

— Um post-it verde com alguns números aleatórios nele.

— Porque eu faria isso?

— Sim ou não?

— Não.

Ele se virou de volta para Kat e Sienna.

— A molecada — disse ele.

— Você se lembra de ter visto alguém mexendo nesta seção recentemente?

Duces coçou a nuca.

— Não que eu me recorde. — Ele se virou outra vez. — Ari, você se lembra de alguém olhando os vinis nesta seção?

A garota revirou os olhos.

— Não.

Duques deu de ombros.

— Desculpe.

— Você tem câmeras de segurança aqui? — Kat perguntou.

— Não. Faz tempo que estou tentando pôr. Não pelos álbuns; é mais pelo meu equipamento. — Ele encolheu os ombros. — Mas tem seguro aqui, então acho que não tem sido uma prioridade.

— Ok. Vamos comprar este disco e levar o post-it junto — anunciou Kat, acenando com a cabeça para o papelzinho.

— Claro. O que é?

— Talvez nada — respondeu Kat.

Duces deu de ombros, apontando para o balcão.

— Ari vai passar a compra para você.

A transação durou apenas um minuto e Ari entregou-lhes o disco, dentro de uma sacola plástica com o logotipo da Duces Wild na frente.

— Obrigada, Duces — disse Kat. — Nos dê um toque se te ocorrer alguma coisa sobre quem pode ter colocado isso aqui.

— Pode deixar. E me ligue para ser DJ no próximo baile da polícia. Te dou dez por cento de desconto.

Kat riu e elas abriram a porta. Sienna olhou para dentro da loja rapidamente antes que a porta se fechasse. Ele tinha passado por lá. Ela tinha certeza disso. Danny Boy estivera ali.



A ligação de Ingrid sobre um cadáver havia chegado bem quando Sienna vestia o pijama. Ainda não era tarde, mas ela tinha acumulado muito mais horas extras do que sono real desde que estava no DP de Reno e planejava deitar e tentar recuperar o atraso em um descanso muito necessário. A ligação acabou cancelando esses planos e, em vez disso, Sienna se vestiu novamente e foi para o local. Ao que parecia, a localização de um corpo havia sido informada por telefone por uma prostituta que tinha ido atrás de um prédio para atender um fulano. O fulano viu o cadáver primeiro e saiu correndo, deixando a mulher sozinha no beco. Um cara bem corajoso, ao que parecia.

Quando Sienna e Kat chegaram, Ingrid já estava lá, junto com uma equipe de peritos. As luzes brancas brilhantes destacavam a área suja e cheia de lixo, e uma cerca de arame separando o pequeno pátio de outro prédio atrás dele. O espaço estava um tanto abandonado, mas claramente era usado, agulhas sujas e camisinhas amareladas espalhadas pelo asfalto manchado.

E sentada ereta em uma cadeira no que certamente era um canto escuro antes que as luzes de LED dos peritos chegassem, estava uma mulher — pelo menos 23 quilos acima do peso, se não mais — vestindo leggings e uma camiseta *oversized*, um braço pendurado frouxo ao seu lado, o outro preso com fita adesiva nas costas da cadeira, o queixo apoiado em seus seios fartos.

— Estrangulada? — Sienna perguntou a Ingrid, calçando as luvas descartáveis. Kat havia se afastado para falar com um dos peritos, que estava tirando algumas amostras da calçada próxima.

— Sim — Ingrid confirmou, e quando ela sinalizou para a perita

chamada Malinda, a jovem usou as mãos enluvadas para inclinar a cabeça do cadáver apenas o suficiente para que Sienna pudesse ver as marcas do instrumento utilizado em seu pescoço. Pareciam iguais à da vítima encontrada debaixo do viaduto.

Como se Ingrid tivesse lido a mente dela sobre conectar essa vítima à outra, ela disse:

— Sem cartas, mas isso foi encontrado na mão que não estava presa com fita. — Ela enfiou a mão em um dos saquinhos de provas próximos e tirou um pequeno objeto preto. Sienna se inclinou um pouco mais para perto.

— Uma peça de xadrez?

— Sim. Os jogos continuam. — Ingrid suspirou, colocando a peça de volta no saquinho.

— Eu não jogo xadrez — falou Sienna. — Que peça é essa?

— A dama ou a rainha.

Ela olhou para a mulher morta. Estava usando uma peruca que havia deslizado para trás, revelando uma touca de náilon suja. Um cílio postizo estava quase soltando, dando a impressão de que uma grande aranha estava subindo por seu olho. Ela podia ter sido uma “rainha” em vida, mas na morte... não muito. Bom, mas a morte era gentil com poucos. Ingrid se virou quando Malinda lhe fez uma pergunta, e Sienna caminhou até Kat.

— O mesmo cara? — Kat perguntou.

— Tem que ser — Sienna disse, e contou a ela sobre a peça de xadrez.

— Que merda — reagiu Kat. — Já estou bem cansada disso. Estou muito cansada, e talvez seja esse o ponto, certo? Nos desgastar? Nos fazer ficar pulando de um lado para o outro na cidade, até a gente ficar exausta demais para fazer qualquer esforço investigativo verdadeiro para o pegarmos?

— Talvez. Ou talvez ele esteja apenas gostando de controlar tudo isso. — De qualquer forma, elas estavam empregando todos os recursos de que dispunham para resolver aquele caso. Mesmo que tivessem que delegar alguns das linhas de busca para certos

policiais de confiança e tivessem entrado em contato com a faculdade local em busca de um estagiário. Talvez Sienna realmente sentisse que estava comendo, dormindo e respirando aquele caso, mas o que mais poderia estar fazendo? Parte dela sentia-se agradecida por não ter um minuto de sobra para ficar em casa e pensar em coisas nas quais não gostava de pensar.

Ela olhou em volta mais uma vez, então apontou para o prédio do outro lado da cerca, na direção em que o corpo estava virado.

— Que estabelecimento é esse? — Ela apertou os olhos, mal conseguindo ler o nome na frente através da cerca. *Med Plus*.

— Acho que é uma empresa de suprimentos médicos, mas eles só estariam abertos durante o horário comercial. — Kat fez uma pausa, semicerrando os olhos. — Além disso, não consigo imaginar que alguém que trabalha lá possa ter visto algo de tão longe.

Sienna concordou, virando-se para o prédio que dava para o beco. Ela já sabia pelo estacionamento em frente que era um centrinho comercial abandonado. Nenhuma ajuda viria de lá.

Kat suspirou, e Sienna falou:

— Escute, vou fazer um acordo com você. Vou terminar aqui. Vai demorar um pouco, e você se encontra com o legista amanhã.

Kat olhou para ela de soslaio.

— Parece meio injusto. — Mas ela sorriu. — Eu aceito, obrigada.

— Então vá lá e dê o fora daqui — disse ela, e Kat fez que sim, dirigindo-se para seu carro estacionado do outro lado do prédio, onde a fita de isolamento da cena do crime havia sido pendurada. Podia ser uma coisa estranha ser parceira de outros policiais. No começo, você pode saber poucos detalhes da vida familiar da outra pessoa e, no entanto, entender completamente que tipo de pessoa era, com base em como ela reagia às situações cotidianas de trabalho. Antes de conhecer Garrod em um nível mais pessoal, ela podia reconhecer a expressão exata de sua boca quando eles se depararam com um garoto de doze anos morto a tiros na rua. Ela sabia que, quanto mais suave a voz dele se tornava e quanto mais pesado seu sotaque, mais zangado ele estava. Centenas de coisas

assim, antes mesmo de ela saber qual era a comida favorita dele ou o apelido carinhoso que tinha para a esposa. Sienna nem teve chance de fazer mais perguntas a Kat sobre sua vida pessoal. Sabia que não era casada, mas não tinha certeza se estava namorando... se seus pais viviam em Reno, ou mesmo em que parte da cidade ela morava.

Assim que aquele caso desacelerasse de uma forma ou de outra, ela convidaria Kat para jantar, para que pudessem se conhecer melhor.

Sienna se virou e começou a caminhar de volta para o local onde Ingrid estava falando com os peritos, respirando fundo enquanto se concentrava em sua tarefa: coletar, observar, anotar e questionar tudo e qualquer coisa que ainda fizesse parte de uma nova cena de crime.

Quando Sienna estava pronta para voltar para casa, eram quase dez horas. Ela andou com os peritos enquanto eles vasculhavam os cantos e olhavam embaixo da cadeira em que a vítima estava, mas não encontraram nem uma única página de Danny Boy. Ela e Ingrid também questionaram todas as testemunhas em potencial que puderam e chegaram a lugar nenhum. Claro, não tinham como encontrar o sujeito que havia fugido, mas, pelo que parecia, ele era apenas um cara que tinha descoberto o crime junto com a prostituta que largara para trás.

Sienna ligou o carro antes de sair do estacionamento quase vazio, fazendo uma pequena saudação ao policial ao lado de sua viatura, perto da entrada. Ela ligou o celular e viu que tinha várias ligações perdidas.

Brandon.

Ele havia ligado no início do dia também, mas ela estava ocupada resolvendo enigmas e procurando lojas de discos. Era quase uma hora da manhã em Nova York, mas Brandon era um notívago e sua última ligação havia acontecido dez minutos antes, então ela acionou a discagem rápida.

— Oi, sumida — ele atendeu.

Irritação a percorreu, e ela nem sabia exatamente por quê. Era como se estivesse chateada por ele a fazer se sentir culpada por não ter dado notícias, o que era ridículo e injusto da parte dela. Ele sentia sua falta; era só isso. Ela não queria que ele sentisse sua falta? O caso só a estava deixando cansada e irritável. Esfregou os olhos quando parou em um sinal vermelho.

— Desculpe não ter ligado até agora — disse ela, fazendo questão de inserir gentileza em seu tom. — O dia foi muito maluco e eu acabo de sair de uma cena.

— Uma cena? Você quer dizer uma cena de assassinato?

— Sim, infelizmente. Parece que nosso jogador atacou de novo.

— Ahhh, caramba, querida. Eu esperava que esse seu emprego em Reno fosse uma trégua aos assassinatos e aos casos de sempre que você via nas ruas de Nova York.

— Infelizmente, não existem muitos lugares onde se possa ir para evitar uma certa quantidade de assassinatos e caos hoje em dia.

— Acho que você está certa. Então, estou encerrando alguns casos no início da próxima semana e provavelmente vou poder tirar uns dias de folga. Que tal eu ir aí ficar com você? Pode me mostrar como são as coisas.

— Eu adoraria, Bran, mas não sei se a semana que vem é boa para mim. Parece que esse caso não para de crescer, e eu odiaria que você chegasse aqui e eu tivesse que trabalhar o tempo todo. As coisas estão meio que... imprevisíveis agora, e o DP de Reno está com poucos funcionários. Foi por isso que fui jogada direto no meio do fogo cruzado. O que... eu realmente não achei ruim. Tornou a adaptação um pouco mais fácil.

Brandon suspirou.

— Que ruim isso, Sienna. Sinto sua falta. Me parece que está tudo errado.

— Eu sei. Também estou com saudade. Mas se lembra do que a gente disse? Um ano. Este é um pit stop temporário antes de a gente se instalar em algum lugar permanente, não é? E, Brandon, eu já acho que estou fazendo a diferença aqui, sabe? Estou em Reno há

menos de duas semanas e já faço parte dessa equipe. Eles me receberam bem e eu ganhei a confiança deles. Isso é... bem, é o que eu não sabia que precisava — ela concluiu suavemente.

— Você merece. — Então, por que ele parecia irritado, como se tivesse feito muitas concessões em relação ao que ela “merecia”?

Sienna entrou em sua rua tranquila, a lua iluminando no alto, a claridade bruxuleante das televisões brilhando suavemente dentro das casas pelas quais ela passava.

— Obrigada, Bran. Então, estou chegando em casa e estou exausta. Vou cair de cara no travesseiro. Posso te ligar amanhã?

— Queria estar aí para ir para a cama com você.

— Eu também. Não vai demorar. Durma bem, ok?

— Ok. Boa noite. — Ela notou que ele havia parado de dizer que a amava bem quando ela disse que estava pensando em aceitar a oferta em Reno. Por que não tocava nesse assunto com ele? *Não deveria mais importar para você?*

Sienna desligou o celular e ficou sentada no carro por alguns minutos, sentindo-se cansada, mas nervosa e estranhamente emotiva. *O que há de errado com você?* Talvez nada. Talvez tudo. E não fazia parte do jogo? Toda a sua vida tinha sido virada de cabeça para baixo. Ela estava do outro lado do país em relação ao homem com quem supostamente planejava passar o resto da vida. Praticamente tivera que fugir da cidade por causa da vergonha ou seria demitida. Ela havia sido jogada em uma loucura com aquele caso. E agora entraria sozinha em seu apartamento silencioso, onde havia apenas caixas onde se sentar.

E ela não *tinha* tempo para — nem era apropriado — uma festa de autocomiseração quando acabava de sair de uma segunda cena de crime.

Mesmo assim, ficou sentada por alguns minutos, a cabeça inclinada para trás no encosto, os sons da noite silenciosa ao seu redor mal penetrando no vidro de suas janelas. Grilos, o latido distante de um cachorro, depois outro, um carro passando por uma ou duas ruas adiante.

Ela colocou a mão na bolsa e tirou o post-it em que Gavin havia escrito o endereço de Mirabelle, sacudindo-o levemente entre os dedos. O papelzinho quadrado era da mesma cor e tamanho do post-it da loja de discos com a fileira de números. Apenas uma coincidência, claro. Tinha que ser. Sim... mas por que ela sentia que nada do que esse suspeito fazia era aleatório? Ele estava brincando com a mente dela. Como é que ele poderia saber que Gavin tinha lido um post-it verde? Não teria como. Custavam muito baratinho. Poderiam ser comprados em qualquer drogaria, mercearia ou papelaria da cidade. E estavam em praticamente todas as mesas dos Estados Unidos. Ela soltou um gemido baixinho, devolvendo o endereço à bolsa.

Saiu do carro, cumprimentando o cacto a que havia se apegado estranhamente. Não era obsceno, ela decidiu. Era bonito e único. O pobrezinho não deveria ser criticado só porque Sienna tinha uma mente suja. Ela se arrastou para o apartamento e trancou a porta atrás de si.

Sua bolsa e maleta caíram no chão, e ela pegou uma garrafa de água da geladeira ainda vazia e bebeu metade antes de colocá-la no balcão. Os detalhes do caso passaram por sua mente, deixando-a inquieta, frustrada. Visões de cartas, escritos e mães psicopatas empunhando facas giravam em seu cérebro. Devia arranjar tempo para comprar uma televisão e mergulhar numa série ou noutra, fazer algo que não fosse ponderar sobre aquele caso e as pistas que podiam estar escondidas nas palavras de algum maluco. Seu cérebro estava trabalhando demais e, de repente, parecia que *tudo* poderia ser uma pista se associado com a combinação certa de palavras, frases, itens ou locais. Talvez fossem apenas peças em algum tabuleiro de jogo cósmico, sendo movidas pelo capricho de um mestre divino de jogo. “A mãe” não tinha dito algo semelhante? Todo o conceito era deprimente, mas, no fundo do coração, ela não acreditava em nada disso. Esfregou as têmporas. Sim, o escapismo da Netflix faria maravilhas. Ou talvez alguma noite ela fosse a um parque ou lago, sentasse e ficasse olhando para a água do jeito que ela e Gavin costumavam fazer vendo Otis e Odette deslizando

elegantemente pela água. E, de repente, Sienna se viu sentada no chão acarpetado da sala, onde havia comido pizza com Gavin, fazendo uma pesquisa no Google.

— Seu maldito — ela murmurou alguns minutos depois, procurando o número dele.

— Sienna? — ele atendeu falando baixo. Ela podia ouvir barulho, retinir de sininhos e risadas ao fundo. Ele ainda estava no trabalho ou desfrutando de uma reunião social.

— Você mentiu — ela acusou.

O barulho ficou mais fraco, como se ele tivesse entrado em outra sala e fechado a porta atrás de si.

— Como assim?

— Sobre a Odete.

Houve uma pequena pausa, e então ela o ouviu suspirar baixinho.

— Eu não menti...

— Você mentiu por omissão. Fez parecer que ela tinha morrido de causas naturais. Mas ela foi *apedrejada* até a morte.

Outra pausa.

— Sim. Ela morreu apedrejada por degenerados que provavelmente estavam sob o efeito de drogas ou álcool ou apenas pela emoção de ferir uma criatura mais fraca do que eles. Foi terrível e cruel, e pensei em poupar você disso...

— Você pensou que ia me *poupar*? — Ela riu, mas não havia humor no som. Na verdade, parecia, e soava, estranhamente como um soluço que antecedia o choro. — Você pensou que *podia decidir* com que eu era capaz ou não de lidar e mentir de acordo com isso? Hein?

— Sienna. — Seu tom era suave, como se ele tivesse percebido que estava falando com uma pessoa maluca e não quisesse dizer nada muito alto ou com a inflexão errada e correr o risco de inflamar mais os ânimos. — É. Peço desculpas se ficou chateada por eu não ter falado. Foi a primeira vez que te vi em onze anos, caramba, e eu não queria falar sobre crueldade contra animais.

Crueldade contra animais. Ela tinha visto uma mulher morta estrangulada naquela noite, sentada numa pose em um beco cheio de agulhas e preservativos usados, e foi só quando soube do assassinato de um *cisne* que ficou naquele estado emocional. *Deus, estou cansada.* Tão repentinamente quanto suas emoções explodiram, elas se esvaíram, deixando-a sentindo-se apática e derrotada. Com vergonha. Ela suspirou, afundando de volta contra a parede.

— Eu não sou fraca e propensa à histeria, Gavin. Não precisava se preocupar que eu fosse fazer uma cena. — Ela tentou inserir um pouco da rigidez do aço em seu tom, mas podia ouvir que ela mal conseguiu chegar a estanho.

— Estamos realmente falando sobre cisnes? — Gavin perguntou com suavidade.

Sienna fechou os olhos, fazendo uma careta. Bem, talvez não estivessem. E apesar de sua afirmação de não ser propensa à histeria, ela andava agindo menos com os pés no chão. Suas emoções pareciam distorcidas; seus pensamentos, complicados. Ela soltou um longo suspiro.

— Escute... Me desculpe. Acabei de chegar em casa e estou exausta. Entrei na internet para descobrir onde o Otis poderia estar... se ele ainda estivesse vivo... enfim, foi errado eu ter te ligado.

— Tudo bem. Fico contente que tenha ligado. — Ela ouviu um homem dizer o nome dele, e o barulho que ouvira pela primeira vez explodiu ao fundo novamente, como se a porta para onde quer que ele tivesse ido tivesse se aberto. — Ah, espere um minuto. Estou no trabalho e...

— Vá lá. Eu claramente preciso ir para a cama, de qualquer maneira. Desculpe te interromper.

— Sienna, se você...

— Boa noite, Gavin. — Ela desligou o celular e então se levantou e foi para seu quarto para se deitar. O dia precisava terminar.



— O nome dela é Bernadette Murray, também conhecida como Queen Bee, Rainha Abelha, em homenagem a uma loja de perucas da qual era dona e operava com o mesmo nome — informou Ingrid.

— Rainha... *Abelha*? — Sienna repetiu. — A abelha de metal e a peça de xadrez — disse ela quando percebeu. — Esperto.

— Não é? — Ingrid perguntou, embora seu tom parecesse menos impressionado do que irritado. — A irmã ligou para informar que ela não havia aparecido para um evento familiar há dois dias. Ela esperou um dia, pensando que Bernadette tinha esquecido, mas quando ela parou de atender o celular ou o telefone do trabalho, a irmã ligou para a polícia.

Sienna assentiu, grata por pelo menos ter conseguido reunir as pistas da abelha e da peça de xadrez sem ter corrido por toda a cidade.

Então agora tinham um nome. Um movimento para a frente.

— Já sabemos alguma coisa sobre ela? — Sienna indagou. Ingrid e Sienna haviam chegado à delegacia algumas horas antes, mas Kat ainda estava no escritório do legista.

— Ainda não, mas estou obtendo algumas informações sobre ela agora.

Sienna mordeu o lábio por um momento.

— Ele está planejando tudo isso com antecedência — disse ela, pensando alto. — Encontramos a abelha dias atrás. Não poderíamos ter montado tudo sem a peça de xadrez, mas isso significa que ele já estava de olho nela antes. Não são vítimas aleatórias.

— Não. Definitivamente não.

A porta se abriu e Kat entrou, agitando algumas folhas de papel no ar. Ela largou todas as suas coisas — bolsa, maleta e o que parecia ser o almoço em um saco de papel pardo — sobre a mesa.

— Fomos presenteadas com outra parte dos escritos — anunciou ela, entregando os papéis a Sienna. — Art os encontrou dobrados e enfiados debaixo da peruca da vítima. — Os olhos de Sienna se arregalaram quando ela pegou os papéis, olhando para baixo para confirmar que eram o que presumia que eram: cópias da continuação da história de vida do suspeito. *Mais*. Claro que havia mais. Ela sabia que esse cara não tinha acabado. Ela e os peritos haviam revistado a cena do crime, e os peritos fizeram uma rápida verificação nas roupas da vítima antes que ela fosse colocada em um saco para cadáveres e levada embora. Mas não tinham pensado em olhar debaixo da peruca. Ela soltou um suspiro quando Kat entregou também a Ingrid cópias. — As anotações reais estão no laboratório, mas...

— Nem precisamos esperar que haja mais impressões digitais nestas páginas do que em qualquer uma das outras — concluiu Ingrid.

— Correto. Esse cara é cuidadoso.

— Até agora — Sienna murmurou.

— Ah, atitude muito otimista — observou Kat. — Eu gosto disso.

— Vou tentar continuar assim. — Sienna sorriu. — Obrigada por ir falar com o legista. Temos algumas informações sobre a vítima. — E então ela relatou o que Ingrid havia contado sobre o nome da mulher e sua loja.

— Caramba. Rainha Abelha. Ok. Bom, isso nos poupa um pouco de ginástica mental.

— O que mais Art te falou? — perguntou Ingrid.

— Todas as hipóteses que levantamos sobre a morte da nossa vítima foram confirmadas — respondeu Kat. — Parece o mesmo método e a mesma arma do crime. Clorofórmio também foi usado nesta vítima. A hora da morte foi estimada em 48 horas atrás, então se a irmã tiver sido precisa no tempo, esse cara a matou e então

manteve o corpo em algum lugar por um tempo muito curto antes de montar a cena.

— Sim, então, definitivamente é o mesmo cara — disse Ingrid. — Além disso, os escritos... — ela sacudiu os papéis que segurava — ... confirmam.

— Mais uma coisa interessante — Kat continuou. — Havia uma série de números escritos na parte de trás da coxa dela. Assim que Art a examinou, ele viu. — Kat pegou uma fotografia e a entregou a Ingrid, que a estudou por um momento e depois a entregou para Sienna. A sequência de números havia sido escrita com a mesma precisão que os textos manuscritos da história, certamente com a mesma caligrafia, e parecia que uma caneta marcadora preta havia sido usada na vítima.

Ingrid largou os papéis e bateu neles com a unha.

— Alguma de vocês sabe algo sobre latitude e longitude?

— Eu sei que é usada para encontrar um local específico, mas eu não... espere, você está pensando que esses números são coordenadas? — Kat perguntou.

— Não sei. Conheci um homem de férias em Miami que era dono de um iate...

— Ahh — disse Kat, erguendo as sobrancelhas. — O que aconteceu com o Riquinho?

— No fim das contas, o iate era a única coisa impressionante sobre ele — revelou Ingrid. — Saí com ele por uma semana e fiquei feliz em voltar para casa em um avião.

— Talvez não exista um homem no planeta que seja impressionante o suficiente para você. — Kat deu um sorriso doce.

— De qualquer forma — prosseguiu Ingrid —, ele me explicou esse negócio de latitude e longitude, e eu esqueci os detalhes, mas lembro que cada coordenada é uma sequência de números. E conheço alguém que pode nos dizer se estou no caminho certo. — Ela pegou o telefone e pediu à pessoa do outro lado da linha para vir ao seu escritório. Um minuto depois, um homem atarracado vestindo um uniforme de policial entrou, cumprimentando-as. — Sienna, se

você não conhece Tony Wallace, ele é um dos nossos patrulheiros mais antigos. Quanto tempo ainda tem com a gente, Tony?

— Sete meses e dezesseis dias — disse ele, sentando-se em uma cadeira vazia do outro lado da mesa em que elas estavam.

— Até você partir para navegar no oceano azul em tempo integral?

Tony riu.

— Não o oceano, o lago, mas sim, esse é o plano.

— Tony e Carol têm uma casa adorável no lago Tahoe — contou Kat, dando-lhe um sorriso largo. A esposa de Tony devia ganhar muito dinheiro, porque Sienna sabia muito bem que o salário de um policial sozinho nunca compraria uma “casa adorável”, ou mesmo um lugar *semi*adorável, no lago Tahoe.

— É por isso que preciso da sua experiência — disse Ingrid, entregando-lhe a série de números escritos no bloco de notas encontrado na Duces e os números encontrados no corpo da noite anterior.

Tony os estudou.

— Poderiam ser coordenadas, mas sem os graus, minutos e segundos. Posso escrever nisso? — ele perguntou.

— Pode. — Ingrid entregou-lhe uma caneta. Tony pegou, marcando um sinal de grau ao lado do primeiro conjunto de números em ambas as cópias, um apóstrofo próximo ao segundo conjunto e uma aspa após o conjunto final, onde também inseriu um decimal. Ele bateu com a caneta no número final do primeiro conjunto. — Não tem a direção, mas se a localização for aqui em Reno, esta primeira seria ao norte e a outra ao oeste. Dá para programar no Google Maps.

— Obrigada, Tony. Eu sabia que você era a pessoa certa para perguntar.

— Espero que ajude. — Ele se levantou. — Foi um prazer conhecer você, Sienna.

— Igualmente, Tony, obrigada. — Ele deu um aceno para Ingrid e

Kat e saiu do escritório.

— Vamos verificar isso — Kat falou para Ingrid.

A chefe esfregou a testa.

— O noticiário vai ficar louco para fazer perguntas, então talvez a gente tenha que fazer outra coletiva de imprensa. Eu aviso vocês duas. Mais uma cena como a da noite passada e temos um verdadeiro assassino em série nas nossas mãos, embora eu ache que já seja o caso. E, vocês duas: sejam extremamente diligentes verificando esse local hoje. Se não parecer seguro, peçam reforços. E, independentemente disso, fiquem de olho uma na outra. — Ela pegou as cópias na mesa. — Vou ler isso o mais rápido possível. Por que não vão para esse local?

Kat e Sienna se levantaram.

— Vou procurar o endereço para o qual estamos indo, e você pode ler o próximo capítulo do Danny Boy para mim no caminho, parceira — disse Kat. — E leia com entonação.

Sienna riu enquanto saíam da sala de Ingrid e se dirigiam para o carro.

Minhas “aulas particulares” com o sr. Cotoveleiras duraram meses. Minhas notas caíram de novo, mas nenhum dos meus outros professores pareceu surpreso. Eu estava profundamente, profundamente envergonhado. Escondi isso da minha mãe.

Mas eu só conseguia esconder coisas da minha mãe até certo tempo.

Em um dia de inverno com neve, minha mãe voltou para casa mais cedo.

Nos últimos meses, as coisas haviam piorado

dramaticamente, e o sr. Cotoveleiras não se contentava mais com uma mera mão na coxa. Basta dizer que eu ficava de bruços na mesa, o sr. Cotoveleiras em cima de mim.

Não vou descrever os detalhes do que estava acontecendo, mas tenho certeza de que você pode imaginar.

Ele agarrou minha nuca, e não sei se foi o contato rude da minha testa na superfície da madeira ou a dor que eu estava sofrendo, mas perdi a consciência momentaneamente, tempo suficiente para que minha mãe entrasse, visse a cena e atingisse o sr. Cotoveleiras com força na cabeça usando uma frigideira de ferro fundido que estava no fogão.

Agora que penso nisso, talvez eu tenha desmaiado quando a força do crânio dele atingiu o meu.

De qualquer forma, quando abri os olhos, estava sentado no chão, quase encostado na parede, uma bolsa de gelo no topo da cabeça, e o sr. Cotoveleiras estava amarrado à cadeira e amordaçado da mesma maneira que meu pai tinha ficado.

Minha mãe estava sentada em frente a ele, com um sorriso agradável no rosto adorável, os olhos azul-celeste cheios de raiva. Ela olhou para mim.

— Você deveria ter me contado o que ele estava

fazendo com você, Danny Boy. Estou brava por não ter me contado. Bem brava.

— Desculpe, mãe — eu ofeguei. Os olhos do sr. Cotoveleiras disparavam de um lado para o outro entre mim e minha mãe, as pupilas dilatadas enquanto ele piscava rapidamente. Sua calça ainda estava abaixada e eu desviei os olhos de seu pênis flácido, engolindo o vômito que ameaçava subir.

O rosto da minha mãe se derreteu em compreensão.

— Não é você que precisa se desculpar, meu precioso Danny Boy, meu querido. É esse bosta obsceno sentado na minha frente. — Ela suspirou, percebendo minha surpresa. Minha mãe nunca falava palavrão. — Desculpe a minha boca, mas, neste caso, sinto que é bem justificado, não é?

— S-sim, mãe — respondi. — M-muito justificado.

— Ele ameaçou você, Danny? Ele descobriu que seu pai se foi e aproveitou essa informação?

— Sim, mãe. — Minha voz aumentou de tom na última sílaba, a vergonha me envolvendo.

Minha mãe respirou lenta e profundamente.

— Não é culpa sua, querido. Essas pessoas — ela praticamente cuspiu a palavra como uma cobra vomitando veneno — são mestres da manipulação e da trapaça. — Ela bateu com o

punho uma vez no tampo da mesa, assustando tanto a mim quanto ao sr. Cotoveleiras.

Foi quando notei a faca de açougueiro na mesa ao lado da mão dela, ainda em punho, ao lado de nosso tabuleiro de xadrez, tudo armado e pronto para uma partida, as peças pretas voltadas para o sr. Cotoveleiras e as brancas, para minha mãe. Vários peões caíram com a força de seu soco e, naquele momento, ela respirou fundo antes de endireitá-los mais uma vez.

— Ouvi dizer que você está no comando do clube de xadrez na escola do meu Danny Boy — disse ela. O sr. Cotoveleiras pareceu brevemente confuso antes que o medo evidente em sua expressão tomasse conta mais uma vez. Olhei para o rosto dele, bebendo de seu medo, deixando-o me recarregar. Eu estava caído contra a parede, e, naquele momento, eu me endireitei. Minha mãe olhou para mim, dando um sorriso encorajador e me soprando um beijo. Seu batom ainda estava perfeito, sua maquiagem de bom gosto como sempre. Minha mãe nunca estava suja. Minha mãe nunca suava. Nem mesmo naquele momento.

Mas então ela olhou para o sr. Cotoveleiras e seu rosto endureceu.

— Não é justo ter uma vantagem agora, não é? — ela perguntou ao sr. Cotoveleiras, que

simplesmente a encarava, olhos arregalados, a mordança tremendo em sua boca enquanto um fio de saliva pendia de seu queixo. — Você é praticamente um profissional, e isso não seria uma boa ideia, não é? Vamos ter que nivelar no campo de jogo, por assim dizer, não vamos?

O sr. Cotoveleiras fez um estranho som estrangulado, algo entre um palavrão e uma súplica.

Gostei desse som vindo do sr. Cotoveleiras. Foi bastante satisfatório.

Mas minha mãe não precisava da aprovação dele, nem da de ninguém. Rápida como um chicote, ela se levantou, pegou a faca e investiu contra o sr. Cotoveleiras, da mesma forma que tinha feito com o meu pai. Mas, em vez de esfaqueá-lo no peito, ela fez um arco com a arma para baixo, cortando sua virilha nua e exposta.

O sr. Cotoveleiras ficou totalmente rígido, um grito agudo abafado pelo pano em sua boca. Minha mãe puxou a faca com um delicioso som úmido de sangue e o homem ficou rígido novamente, seu grito crescendo mais uma vez, sangue espirrando em sua camisa de botão e se derramando no chão.

Minha mãe deixou a faca cair na mesa. O sr. Cotoveleiras agora estava ofegante, o suor brotando em sua testa enquanto as lágrimas

escorriam rapidamente por suas bochechas. Ele balançou como se fosse desmaiar, mas minha mãe o ignorou.

— Agora — disse ela, empurrando o tabuleiro de xadrez para a frente quando o homem pareceu se controlar, embora continuasse a suar e chorar. E sangrar. — O que é justo é justo, não é, sr. Cotoveleiras?

Ele respondeu com um soluço abafado. Seus ombros tremiam e a área entre as pernas era um mar vermelho de sangue e carne estraçalhada.

— Danny Boy, já que as mãos deste ser patético estão ocupadas, você vai ter que ajudá-lo. Sei que é terrivelmente injusto te pedir para ajudar esse desviado vil de qualquer maneira, mas acho que você vai gostar do rumo que isso vai tomar. Você tem força, não tem, querido?

— Sim, mãe — respondi, e minha voz já soava mais forte.

Eu me sentia mais forte. Melhor. Porque eu gostava do rumo que isso estava tomando. Gostava muito.

— Você detesta pervertidos tanto quanto eu, não é, Danny Boy?

— Sim, mãe.

— O mundo é melhor sem eles — afirmou.

Sim, mãe. Sim, é mesmo.

Eu me levantei, inspirando fundo e deixando o

ar percorrer meu corpo. Caminhei até onde o sr. Cotoveleiras estava amarrado à cadeira e fiquei ao seu lado, pronto para fazer uma jogada.

Minha mãe sorriu doce e gentilmente, as pálpebras tremulando. Nossa, mas ela era bonita, a minha mãe. Linda e perfeita em todos os sentidos.

Ela olhou para o sr. Cotoveleiras, que estava tremendo e sangrando em sua cadeira.

— Vamos jogar um jogo, que tal? — ela perguntou. — O vencedor leva tudo.

Sienna pôs os papéis no colo.

— Enfim. — Suas mãos estavam trêmulas. Isso era *real*?

— Outra leitura agradável — disse Kat, obviamente tentando adicionar um pouco de humor ao seu tom, mas não conseguindo. Ela parou em um sinal vermelho e se virou para Sienna. — A mãe fala como uma lunática total. Vou presumir que o sr. Cotoveleiras não se saiu bem contra ela.

— Acho que é uma suposição segura — concordou Sienna. Ela pensou por um momento quando o sinal ficou verde e Kat acelerou no cruzamento. Era o bairro onde ela e Gavin haviam alugado aquela casinha tantos anos antes. Aquela em que nenhum dos dois jamais havia morado. Ela se perguntou o que teria acontecido. Depois do casamento-que-não-aconteceu, ela ligou para o proprietário e deixou uma mensagem na secretária eletrônica dizendo que eles precisavam rescindir o contrato de aluguel. Ela não havia tentado reaver o depósito de caução que haviam feito, embora precisasse dele, mas supôs que o proprietário poderia ter tentado forçá-los a cumprir o contrato e pagar integralmente, e ele não o fez, então Sienna havia aceitado a contenção de danos nesse aspecto. Sienna

havia feito muita contenção de danos naquele ano. Perder algumas centenas de dólares era a menor delas.

Sua mente começou a vagar enquanto ela olhava para a vizinhança, e ela forçou seus pensamentos de volta à ordem.

— Você sente uma estranha vibração de Édipo com esses escritos? — perguntou a Kat.

Kat fez um som de clique com os dentes.

— Essa é uma boa maneira de colocar as coisas. Há definitivamente algo estranho na maneira como ele fala sobre a mãe. É por isso que ainda questiono a natureza factual da história — disse ela, apontando para os papéis no colo de Sienna. — Tem uma qualidade ficcional.

— Sim, concordo. E pode ser *ficcionalizado* também. Como se fosse real, mas ele estivesse colocando seu próprio toque fantástico no relato.

— Certo. Porque se é *tudo* uma ficção, qual é o sentido, sabe?

— Ainda acho que devemos presumir que haja algo verdadeiro na história, mas continuar a questionar o que parece esquisito... — As palavras de Sienna desapareceram quando o GPS instruiu Kat a virar, e Sienna percebeu que não era apenas o bairro onde ela e Gavin haviam alugado a casa em que planejavam morar como marido e mulher; era a mesma rua.

Kat parou na frente de uma casa em ruínas, uma grande árvore sombreando o meio-fio. *Bem, isso é diferente. Tem que ser.* Kat estava dizendo alguma coisa, mas Sienna estava apenas ouvindo pela metade quando saiu do carro, seguindo atrás da parceira, tentando se situar. Com certeza ela estava enganada. Estava pensando na casa e por isso tinha se confundido. *Não é a mesma, só é parecida.* O lugar que eles alugaram era pobre, mas não estava em ruínas como aquele. Antes não havia uma placa de execução de hipoteca caída sobre a grama malcuidada e falha. A árvore perto da cerca antes era pequena como um arbusto. Kat e Sienna se aproximaram da casa, a porta aberta apenas uma fresta. Um zumbido surgiu sob a pele de Sienna, e ela prendeu a respiração

quando Kat abriu a porta azul-turquesa com o pé, o ar reprimido saindo com uma lufada forte.

Ela se lembrava daquela porta, de como a cor turquesa parecia um presságio tão feliz. O que seria um belo novo começo. A maneira como a cor turquesa sempre fazia seu estômago se revirar agora.

— De jeito nenhum — ela sussurrou, um tom gutural em sua voz.

— O que foi? — Kat perguntou, obviamente sentindo seu choque quando, de armas em punho, elas entraram na casa.

Ela piscou para a sala, sentindo como se tivesse voltado no tempo, uma viagem que a deixou trêmula e cambaleante. Era ela. Era a casa.

— Aluguei esta casa há onze anos — revelou.

Kat parou, virando-se para ela.

— Espere. O quê?

— Eu te disse que Gavin e eu namoramos, mas foi mais do que isso. Tínhamos planejado nos casar... e esta é a casa que alugamos. Nunca moramos aqui, mas...

Antes que Kat pudesse responder, a música começou a tocar no cômodo além. Os olhos de Kat e Sienna se encontraram, e os de Kat se arregalaram antes de elas avançarem. Sienna sabia que o cômodo para o qual estavam indo era uma cozinha tipo caixa de sapatos com armários amarelos e linóleo estampado de tijolos. Ela sabia porque quase tinha sido sua.

— Que encantador! — Mirabelle dissera ao entrar, naquela época. Mesmo assim, Sienna sabia que era uma descrição extremamente generosa, mas o olhar cor-de-rosa que ela usava naquele momento significava que concordava de qualquer maneira. Seria linda. Porque seria deles.

Kat gesticulou para Sienna ficar de um lado da porta e ela do outro, ao exclamar:

— Polícia de Reno! Apareça!

Nem um rangido podia ser ouvido, embora a música tocasse suavemente, uma versão infantil de *Camptown Races*, uma gaita

jubilosa acompanhando os vocais.

The Camptown race track's five miles long. Oh! Doo-dah day!

Ah, não.

Kat chamou várias vezes e elas ouviram com atenção, mas não houve nenhum outro som. Sienna conseguiu limpar sua mente do choque de para onde tinham sido... atraídas, essa era a palavra certa? Certamente era o que parecia. No entanto, não conseguia pensar sobre o que aquilo significava. Não naquele momento.

Com um gesto e um aceno de cabeça, elas viraram pela porta, cada uma fazendo uma varredura do cômodo, de forma que todos os cantos fossem cobertos.

— Ai, que droga — Kat falou, soltando um suspiro. Havia uma janela, mas tinha sido fechada com tábuas do lado de fora, finos feixes de luz fluindo por ela. No entanto, havia muita luz vindo da frente da casa e nenhum canto para se esconder. Ambas baixaram as armas. O homem no centro do espaço não ia machucá-las. Ele estava praticamente mumificado, com roupas puídas dependuradas em seus ossos. Ao lado dele havia um caixote velho e, em cima dele, o que parecia ser um rádio a bateria. Inclusive, havia uma bateria extra ao lado desta, como se a pessoa que havia armado aquilo tivesse trazido uma sobressalente para o caso de elas não haverem conseguido seguir as pistas até ali antes que acabassem as pilhas do rádio. Sienna inclinou-se ligeiramente, confirmando seu palpite, vendo que não havia fio de tomada no rádio no momento em que a música parou e, segundos depois, recomeçou. — Está em um loop — disse ela, soltando um suspiro.

Kat deu um passo à frente antes de puxar lentamente algo de debaixo do rádio. Mais uma das páginas escritas de Danny Boy, quando elas mal haviam acabado de terminar outras.

Sienna olhou para o cadáver em decomposição, se curvando e inclinando a cabeça.

— Kat, olhe. — Ela apontou para o tecido apodrecido pendurado no braço. Era difícil dizer de que cor o material tinha sido, mas uma coisa estava clara: havia uma cotoveleira redonda de couro.

Kat se curvou, olhando para onde Sienna indicava.

— Sr. Cotoveleiras?

— Pode ser — murmurou Sienna, endireitando-se.

— Vamos sair daqui e chamar o legista — decidiu Kat.

Sienna assentiu. *E ler o relato mais recente de Danny Boy*. Seus músculos estavam doloridos e tensos, e ela não se apressou enquanto atravessavam a casa e voltavam para o carro. O homem lá dentro não ia a lugar nenhum.



Outro capítulo da minha vida felizmente terminou. O sr. Cotoveleiras desapareceu. Ninguém sabia para onde ele tinha ido quando deixou a escola naquele dia frio de inverno. Mamãe dirigiu o carro dele até nossa garagem anexa e o cobriu com uma lona, esfregando as mãos e cantarolando enquanto nos afastávamos. A melodia era familiar e assombrosa. Doo-dah! Doo-dah! Oh! Doo-dah day! Apesar da voz doce e melódica da minha mãe, estremeci.

*— Que tal jantar sorvete esta noite, Danny Boy?
— ela perguntou. — Eu diria que a gente mereceu, não é? Menta com pedacinhos de chocolate?*

A sra. Cotoveleiras foi ao noticiário, com os olhos vermelhos, a voz trêmula, enquanto falava ao microfone sobre como seu marido era um homem gentil e bondoso, um amante do aprendizado, pilar da comunidade, e todas as coisas que as pessoas às vezes dizem antes de saberem que seu ente querido é — ou era, no caso do sr. Cotoveleiras — , na verdade, um

demônio disfarçado. Havia uma garotinha de olhar solene ao lado da mãe no pódio, e me perguntei se ele a havia violado também, ou se preferia meninos e tinha uma afinidade especial por órfãos como eu, que tinham pouca proteção. Mas quando a polícia se deparou com um grande estoque de pornografia infantil no computador pessoal dele, a investigação parou. Se isso foi devido à falta de pistas ou porque a polícia silenciosamente decidiu que o mundo estaria melhor se ele continuasse desaparecido, eu não sabia. Tudo o que me importava era que minhas “aulas” haviam terminado. Por outro lado, ainda me sinto enjoado quando ouço uma menção à tabela periódica, já que era nessa página em que estava aberto o livro de ciências que o sr. Cotoveleiras havia trazido para a minha casa na primeira vez que me violou. Felizmente, as conversas que podem trazer à mente a tabela periódica não surgem com tanta frequência, e talvez você se surpreenda que elas sequer sejam mencionadas no dia a dia. Mas são. Ah, eu é que sei. Elas são.

“Ah, olhe esse pôr do sol. É ouro puro.”

“Espinafre é tão bom para você! É cheio de cálcio.”

Você entendeu.

Enfim, seguindo em frente. Eu tinha aversão a ser tocado antes do sr. Cotoveleiras, mas agora,

embora alguns anos tivessem se passado, ainda recuava ao contato humano. O problema é que eu queria gostar. Notava as meninas na minha escola. Minha boca ficava seca com a visão de pernas nuas e blusas justas. Gostava quando elas passavam perto o suficiente de mim para que eu pudesse sentir o cheiro de seus cabelos, mas não tão perto que roçassem em mim. Então, quando a garota da minha aula de inglês que se sentava ao meu lado, aquela que comecei a chamar de Sorrisos não apenas porque ela sorria com frequência, mas porque ela dava esses sorrisos na minha direção, começava a conversar comigo antes e depois da aula, eu ficava feliz e cheio de esperança de que talvez pudesse ser normal de alguma forma.

Talvez meu pai não tivesse me arruinado completamente. Talvez o sr. Cotoveleiras também não.

Ninguém tinha que saber o que havia no meu passado. Eu o esconderia. Minha mãe não teria motivos para machucar ou matar ninguém em meu nome. As coisas que ela havia feito poderiam ficar escondidas, apenas entre mim e ela. A confiança que eu tinha na minha mãe era sólida e inquestionável. Além disso, eu era maior e mais forte agora, ninguém me vitimizaria novamente. Ninguém me ameaçaria ou me enganaria.

Sorrisos perguntou se eu queria ir ver um filme

que era a adaptação de um livro que tínhamos lido na aula de inglês. Eu não sabia se ela estava me convidando para um encontro ou se só queria ir como amiga. E não tinha certeza de qual das duas coisas eu esperava que fosse. Bem, isso é mentira, e estou fazendo o possível para não mentir. Será que estamos sempre cientes das nossas mentiras? Todos nós não mentimos constantemente, quer seja algo importante ou não? Quer a gente reconheça ou não? Eu me vejo sob uma certa luz, e assim, mesmo aqui, mesmo agora, estou me apresentando a você como a pessoa que percebo que sou. Mas talvez essa percepção seja imprecisa. Talvez sua percepção de mim não seja a mesma? Uma falsa percepção é o mesmo que uma mentira? Acho que não. E se você se apegar a essa falsa percepção porque a verdade seria insuportável? Estas são questões que eu gostaria de explorar com alguém. Talvez importasse. Talvez isso tivesse mudado as coisas.

Mas estou me desviando do foco.

Esperava que Sorrisos gostasse de mim mais do que como um amigo. Eu estava incrivelmente nervoso. Como saberia o que fazer? Como saberia o que dizer? Nunca tive um homem na minha vida para me ensinar as coisas que eu precisava saber. E não poderia perguntar à minha mãe. Os meninos não perguntavam a suas mães sobre essas coisas.

No ano anterior, eu havia conseguido um emprego como repositor de prateleiras em um mercadinho local, então tinha meu próprio dinheiro. Quando chegou o dia do nosso encontro no cinema, vesti um jeans novo e uma camisa bem-passada e vi Sorrisos do lado de fora. Sorrisos me disse que eu estava bonito e aceitou quando ofereci pipoca e um refrigerante. Ela conversou tranquilamente e eu pensei que estava balançando a cabeça em todos os pontos certos. Nos sentamos no cinema escuro, e fiquei mais relaxado. Esperançoso. Quando o filme começou, Sorrisos se aproximou de mim, ficando tão perto que nossos ombros se tocaram e depois nossos joelhos. Minha respiração acelerou, e meus nervos ficaram tensos de uma nova maneira que era ao mesmo tempo de prazer e dor. Ela estendeu a mão e pegou na minha, o toque frio de seus dedos me assustando tanto que quase pulei da cadeira, e ela deu uma risadinha suave, apertando minha mão. Ficamos sentados assim por longos minutos que pareceram séculos. Eras.

Eu estava hiperconsciente de cada respiração, cada movimento, cada gorgolejo suave do meu estômago. Poderia jurar que era capaz de sentir as moléculas do meu corpo se rearranjando na nova pessoa que eu poderia saber que uma garota como aquela queria segurar minha mão e descansar sua cabeça perfumada no meu ombro.

Me senti ficando duro, o zíper do novo jeans pressionando dolorosamente meu pênis inchado. Isso me lembrou da dor terrível e do prazer confuso que eu já tinha sentido naquela região antes. Não, não, não, não. Tentei desesperadamente dissipar meu pensamento, mas não consegui. Aquilo me lembrou do sr. Cotoveleiras, e comecei a suar, um zumbido tomando conta da minha cabeça. Eu não queria pensar no sr. Cotoveleiras. Ai, Deus. Não queria pensar nele nunca mais, mas especialmente não ali, com os cachos de Sorrisos fazendo cócegas na minha bochecha e seus dedos macios entrelaçados nos meus.

Não queria me sentir sujo. Não queria me afastar. Mas meu corpo se alternava entre quente e frio, e eu podia sentir minhas mãos ficando úmidas, minha ereção inchando na calça, apesar de tentar o meu melhor para me controlar e fazê-la passar. Quanto mais chateado eu ficava — quanto mais revoltado comigo mesmo —, mais excitado meu corpo ficava. Era uma agonia. Meu coração estava batendo forte no peito, minhas bolas doíam pedindo alívio e as imagens na minha cabeça continuavam se alternando, rápidas e furiosas. Náusea. A textura de madeira da mesa logo abaixo do meu rosto. Os quadrados coloridos da tabela periódica. Níquel. Cobalto. Magnésio. A pipoca revirou no meu estômago. E então, quando

Sorrisos virou a cabeça, colocando sua boca macia e quente no meu pescoço e me beijando ali, sua mão vagando para minha virilha, eu ejaculei em uma inundação literal de prazer e vergonha, um grito de confusão e nojo quebrando o relativo silêncio da sala de cinema.

A cabeça de Sorrisos se ergueu rapidamente e sua mão se afastou com a mesma rapidez, e eu pude sentir seu olhar na lateral do meu rosto, que já estava queimando de humilhação.

Ouvi o barulho de tecido quando outras cabeças se viraram, senti seus olhares chocados e me levantei, chutando a pipoca pela metade que estava no chão e tropeçando nos pés das pessoas enquanto me espremia pelo corredor, correndo para a saída. Corri todo o caminho até minha casa antes de destrancar a porta e entrar. Só então permiti que as lágrimas caíssem. Só então procurei minha mãe.

Ela me pegou nos braços e me confortou.

— Calma, calma, meu querido — disse ela. — Todo menino precisa de sua mãe às vezes. Você nunca precisa ficar sozinho.

Sorrisos ainda foi legal comigo depois disso, mas de uma forma distante. Ela me cumprimentava com educação na aula e até conversava um pouco aqui e ali. Mas assim que o sinal tocava, ela pegava suas coisas e corria para a porta. Um dia, no final do nosso último ano, eu a

vi sentada em um banco perto do ginásio. Me aproximei com timidez, reunindo coragem, formulando o pedido de desculpas — a explicação — que eu sabia que estavam chegando com muito atraso. Mas quando parei na frente dela, e ela olhou para mim com interesse paciente, as palavras se misturaram em incoerência na minha mente, e sem uma única expressão, eu a deixei onde ela estava sentada.

O gato comeu sua língua, Danny Boy?, pensei, lembrando-me da velha piada da minha mãe enquanto me afastava correndo. Sim, aparentemente, ele havia levado isso também. O que mais me faltava que eu só descobriria com o tempo? O que mais havia sido roubado de mim que eu nunca recuperaria? E onde realmente tudo havia começado?

A cadeira de Kat rangeu quando ela se recostou, esperando que Sienna terminasse de ler. Por um momento, ambas ficaram em silêncio antes de Kat dizer:

— É obviamente proposital que um corpo e este texto — ela bateu na cópia em sua mesa, à frente — tenham sido deixados naquela casa em particular. Então agora — ela continuou — não é só que nosso cara descobriu o nome de um dos detetives que estão trabalhando no caso, você, e acrescentou seu nome a algo que ele queria que a polícia lesse. Desta vez, ele investigou o seu passado. Ou o de Decker. Ou vocês dois estão envolvidos no joguinho perverso dele de alguma forma. De qualquer maneira, ele está tornando isso muito mais pessoal agora.

Sienna soltou um suspiro suave. Ela concordava com a avaliação. Simplesmente não sabia como ele teria descoberto que ela ou Gavin haviam alugado a casa onze anos antes. Mas se ele *tinha* envolvido Gavin nisso, *por quê?* Isso simplesmente apontava para ela também? Ela virou o pescoço de um lado para o outro, tentando aliviar um torcicolo repentino.

— Que tipo de registros públicos conteriam informações antigas sobre aluguel?

Kat deu de ombros.

— Alguns desses sites de “pesquisa de pessoas” listam todos os endereços conhecidos que remontam a anos. Se você assinou um contrato de aluguel, pode estar lá. Vamos verificar, ver se seria fácil ou difícil obter esse endereço quando ele se conectou a você. — Ela fez uma pausa e Sienna a viu avaliando-a com sua visão periférica. — Tente não se preocupar, ok? Esses psicopatas gostam de ter uma conexão pessoal com a polícia. Isso faz com que se sintam importantes.

— Bem, eu sei. Não estou preocupada. — *Muito*. Sienna carregava uma arma e era boa com ela. Poderia se proteger. Era mais... mais estranho do que qualquer coisa saber que essa pessoa que ela conhecera de uma forma estranha através de suas cartas pudesse estar observando-a.

Kat girou sua caneta.

— Já pedi para nosso novo estagiário descobrir quem é o dono da casa e quaisquer ocupantes recentes.

— Certo, ótimo.

Considerando a falta de pessoal que estavam enfrentando no momento, tinham a sorte de ter um estagiário que aceitou o trabalho após a requisição ao programa de justiça criminal da faculdade local. Sua verificação de antecedentes havia acabado de chegar, então agora o jovem estava ajudando-as a seguir pistas e outras informações que poderiam ser obtidas por meio de pesquisas no computador — tanto confidenciais quanto não — para que Kat e Sienna pudessem estar em campo.

Independentemente disso, ainda não tinham pessoal suficiente no trabalho e os crimes continuavam a surgir, um atrás do outro, não relacionados a esse assassino, mas que ainda precisavam da atenção das autoridades. Sienna lembrou-se do que Ingrid tinha dito sobre a escolha de aprovar sua transferência sendo facilitada pela falta de pessoal, mas não havia percebido a extensão do desespero do departamento. Bem, pelo menos ela era necessária, se não inicialmente desejada.

Como se seus pensamentos o tivessem convocado, o jovem estagiário, Xavier, entrou correndo.

— Acho que encontrei algo aqui — anunciou ele. — Sabe, sobre o professor que você queria que eu pesquisasse? Alguém que pode ter desaparecido e mais tarde descobriram pornografia infantil no computador dele?

— Sim? O que conseguiu? — Sienna perguntou, um trinado de esperança reverberando dentro dela. A última parte tinha sido... triste? Essa era a palavra certa? Alguém poderia, ou mais precisamente, *deveria* ficar triste por um assassino que cometia assassinatos brutais? *Provavelmente não*. Mas, bem, esse era um dilema moral a ser ponderado mais tarde. No momento, eles só precisavam pegar esse cara para que ele não machucasse mais ninguém.

Xavier entregou algumas páginas impressas.

— Ok, então Sheldon Biel, um professor de ciências da Copper Canyon High School, desapareceu há vinte anos.

Kat aproximou-se de Sienna e sentou-se na beirada da mesa.

— Vinte anos?

Sienna olhou para ela, sentindo um clique interno, como se uma peça do quebra-cabeça tivesse acabado de se encaixar.

— Isso combinaria com o estado do corpo mumificado que acabamos de encontrar — disse ela, antes de olhar para Xavier. — Ótimo trabalho. Algo mais?

— Dê uma olhada na página depois dessa — continuou ele, apontando para os papéis na mão dela. Ao lado dela, o telefone

tocou e Kat se afastou enquanto atendia a ligação. Sienna olhou para o que Xavier havia indicado. No topo da pilha de papéis havia uma foto da escola que ele acabara de mencionar. Abaixo dela estava o cartaz de “desaparecido” que havia sido montado após o desaparecimento de Sheldon Biel. Ele era um homem razoavelmente bonito com o que parecia ser um sorriso genuíno. Mas um sentimento de profundo desgosto tomou conta dela quando olhou da camisa abotoada para seus óculos de armação de arame, a descrição que “Danny Boy” havia feito do abuso passando por sua mente. Ela deu uma olhada no restante das informações no cartaz e depois o colocou atrás da terceira impressão, que era um artigo de notícias detalhando uma atualização sobre o caso. A foto que a acompanhava era de uma coletiva de imprensa de quando o homem havia desaparecido. Nela, uma mulher estava em frente a um microfone, um policial de um lado e uma garotinha do outro. A garota parecia muito séria, até mesmo assustada. *Olhos solenes*. O coração de Sienna apertou. O artigo detalhava o infeliz fato de que pornografia infantil havia sido encontrada no computador do homem desaparecido. A investigação estava tomando outro rumo e a polícia questionava se o desaparecimento estava relacionado a suas tendências ilegais. As palavras das páginas manuscritas que ela tinha lido recentemente sobre a paralisação do caso voltaram a ela.

Se isso foi devido à falta de pistas ou porque a polícia silenciosamente decidiu que o mundo estaria melhor se ele continuasse desaparecido, eu não sabia. Tudo o que me importava era que minhas “aulas” haviam terminado.

A impressão final trazia uma foto de Sheldon Biel em pé com um pequeno grupo de alunos. O slogan abaixo da foto os identificava como o time de xadrez da Copper Canyon High School. Ele estava vestindo calça cáqui, uma camisa de botão e um paletó esporte com cotoveleiras.

Sienna sentiu aquele trinado novamente, embora mais forte.

Kat desligou o telefone e voltou-se para eles.

— Era Art, o legista — anunciou. — Ele deu apenas uma olhada preliminar no corpo, mas pode confirmar que há o que parecem ser

marcas de faca nos ossos. E isso também se encaixa — ela murmurou, pensando na descrição de Danny Boy do violento assassinato do sr. Cotoveleiras.

Sienna ergueu as fotos que acabara de ver para Kat, que as observou antes que seu olhar encontrasse o de Sienna.

— Bem, olá, sr. Cotoveleiras — disse ela.

Sienna olhou para Xavier, que as encarava com expectativa. Ele era um garoto bonito, alto e meio desajeitado, com pele morena suave e olhos atentos com longos cílios que se curvavam para cima.

— Peguei tudo o que pude encontrar sobre ele — contou —, mas pode haver mais.

— Continue procurando, por favor — pediu Kat. — Mas você pode ter acabado de reabrir este caso. Excelente trabalho.

A forma como o sorriso do garoto explodiu fez Sienna sorrir também.

— Claro. Ok, sim, pode deixar. — Ele se virou e quase pulou de volta para a pequena mesa de metal designada a ele no canto da sala.

— Sheldon Biel, seu homem sujo, imundo — Kat murmurou, olhando com mais atenção para as impressões que Sienna acabara de lhe entregar.

— É ele, não é? — Sienna indagou, mas não precisava realmente perguntar. Só podia ser.

— Sim, e os registros dentários confirmarão se o corpo que acabamos de encontrar pertence a este homem também, mas se eu fosse apostadora, o que não sou, a propósito (o jogo de azar me enoja), eu diria que absolutamente, sim.

— Se este é o nosso sr. Cotoveleiras, Kat, estamos a apenas um grau de distância do próprio Danny Boy.

— O que significa que essas cartas não são fictícias, Sienna. Ele está contando a história dele. Essas coisas realmente aconteceram. Pelo menos... algumas delas, sim.

Sienna bateu no queixo por um momento.

— Se este é o sr. Cotoveleiras, ele o entregou para nós. Literalmente. Ele tinha que saber que a identidade do sr. Cotoveleiras poderia levar à dele. Então, por que faria isso?

— Não sei. Mas sei que precisamos ir à escola pegar a lista de turmas do ano em que ele desapareceu — disse Kat, ao apanhar a bolsa. — Um desses alunos pode muito bem se chamar Daniel e ter um pai que também desapareceu.

— De acordo. Vamos pedir a Xavier para verificar se Reva Keeling ou Bernadette Murray tiveram alguma conexão com Copper Canyon, o que vai nos liberar para nos encontrarmos com a irmã de Bernadette se ela também puder nos receber — falou Sienna, pegando suas coisas e seguindo Kat até a porta. Ela tinha um forte pressentimento de que estavam prestes a dar outro passo adiante naquele elaborado jogo de tabuleiro que Danny Boy havia preparado para elas jogarem.



Sienna abriu o anuário no topo da pequena pilha em seu colo enquanto Kat ligava o carro e acionava o ar-condicionado. Havia uma grande representação desenhada à mão da Copper Canyon High School na página interna, e Sienna tomou um momento para observá-la.

— É uma boa escola — disse ela, olhando para a esquina do prédio que podiam ver de onde estavam estacionadas. O interior também era bom, para o padrão dos antigos edifícios de estilo paroquial. Bem construído. Bem conservado. Obviamente atualizado quando necessário. O distrito ficava localizado em uma área de classe média-alta, onde os residentes pagavam impostos significativos e se orgulhavam de seus sucessos acadêmicos.

A indignação coletiva ao saber que um fornecedor de pornografia infantil havia ensinado seus melhores e mais brilhantes alunos devia ter sido significativa. Mas eles não tinham lido os escritos de Danny Boy. Não sabiam nem a metade.

Kat e Sienna se encontraram com o diretor e explicaram tudo o que precisavam sobre o que estavam procurando. O homem estava lá havia pouco mais de dez anos, então não era do tempo de Sheldon Biel, o sr. Cotoveleiras. No entanto, o diretor lhes dera vários anuários que agora elas estavam folheando.

Sienna começou a virar as páginas do primeiro, do ano em que Sheldon Biel havia desaparecido, deixando escapar um suspiro frustrado quando viu que nenhum dos meninos nas fotos da turma se chamava Daniel.

— Não tive essa sorte — ela murmurou.

— Danny pode não ser o nome dele, assim como o sr. Cotoveleiras não era. E Sorrisos não nos dá nada específico para continuar. Você esperava que ele facilitasse as coisas? — Kat perguntou.

— Acho que não — disse Sienna, seu olhar se movendo de um menino para o outro como se fosse *reconhecê-lo* no momento em que o visse na foto. Mas nenhum deles se destacava por qualquer motivo em particular. Todos pareciam muito *jovens*, e partiu seu coração saber que um menino que, se não fosse um desses, algum parecido com eles, havia sido tão horivelmente abusado. Seus olhos se moveram pelos rostos, contando o número de meninos e comparando-os com o número de meninas. — Vinte meninos e dez meninas — ela murmurou.

— Vamos ter que verificar cada um dos meninos — resolveu Kat.

Sienna assentiu, folheando o livro seguinte da pilha. Elas imaginaram que Danny Boy poderia não ter tirado a fotografia no ano em que o sr. Cotoveleiras desapareceu. Mas talvez ele tivesse tirado em um dos anos consecutivos. Sienna havia pesquisado a série em que a tabela periódica era ensinada e descobriu que estava no plano de aula do nono ano, que correspondia à turma que o sr. Cotoveleiras lecionava.

— Esse ano foi difícil para Danny Boy — Sienna comentou com Kat. — Mas talvez ele estivesse mais apto para o dia das fotos quando estivesse no ensino médio no segundo ano, no primeiro ou no último. — Aqui — disse Sienna, com uma nota de entusiasmo na voz quando apontou para um garoto do segundo ano do anuário seguinte. — Daniel Forester. — Ela virou o livro na direção de Kat, e ambas estudaram o menino por um momento. Ele era loiro com um queixo pontudo e uma aparência geral meio élfica. Seu sorriso era grande e torto e diferente de tudo o que Sienna teria imaginado, mas... bem, ela não podia deixar suas próprias suposições guiarem o caminho.

— Pode ser — opinou Kat, mas havia dúvida em sua inflexão. — Ele parece um pouco...

— Feliz? — Sienna ofereceu.

Kat soltou um pequeno som de fungada.

— Eu acho. Embora a felicidade possa ser falsa.

Sienna pegou o livro seguinte e encontrou a turma do segundo. Daniel Forester também estava nessa, parecendo tão alegre, mesmo que tivesse começado a ter acne naquele ano.

Sua acne havia desaparecido visivelmente quando ele estava no último ano e, de acordo com seu sorriso, a alegria havia se multiplicado. Quando ela o encontrou em uma das fotos do clube com o braço passado frouxamente sobre o ombro de uma garota ruiva igualmente alegre e bonita, Sienna imaginou que esse poderia ser o motivo.

— Ele estava em quatro clubes — apontou Sienna, passando de uma foto para outra.

— Esse não parece o nosso Danny Boy — disse Kat.

Sienna suspirou, fechando o livro.

— Não, mas acho que vamos descobrir. — Ela colocou a pilha no banco de trás do carro e elas se afastaram do meio-fio, seguindo para o compromisso seguinte do dia.

A irmã de Bernadette Murray, Jasmine, morava em uma casa em Midtown, na fronteira com o Reno Arts District. Sienna se lembrava dessa área como popular entre os jovens por causa da vida noturna, lojas de roupas descoladas e livrarias, e enquanto seguiam o GPS até o endereço de Jasmine Murray, ela viu que o lugar continuava com as mesmas características. Pararam na beira da calçada em frente a uma casa térrea branca com venezianas pretas, com uma faixa de quintal em miniatura e uma cerca baixa de arame.

Quando bateram à porta, o cachorro começou a latir alto e loucamente, um som estridente.

— Droga. Odeio cachorros — lamentou Sienna.

— Ahh, uma fenda na armadura — comentou Kat. — Talvez eu tenha que rescindir o título de “melhor amiga para a vida toda”.

Sienna bufou. Não que ela odiasse *todos* os cachorros... exatamente. É que havia muitos deles que corriam soltos no

estacionamento de trailers quando ela era criança, e alguns não eram confiáveis. Alguns arreganhavam os dentes e rosnavam baixinho quando você passava. Outros puxavam as correntes em que estavam presos e praticamente se estrangulavam para atacar você. Ou isso era o que, para ela, parecia ser sua intenção. Talvez apenas não tivesse encontrado o cachorro certo ainda, mas sua reação aos cães era se preparar para o confronto.

Uma mulher de quarenta e poucos anos abriu a porta, magra, quando sua irmã não era, com o cabelo cortado rente à cabeça e um cachorrinho nos braços que soltou outra explosão de ganidos agudos.

— Ah, fique quieto, Cookie — comandou ela. — Detetives?

— Sim, Kat e Sienna — confirmou Kat, gesticulando para cada uma delas ao dizer os nomes. — Sra. Murray?

— Jasmine. E, por favor, entrem.

Entraram na casa, um pouco antiga, com carpete verde-escuro que definitivamente já tinha visto seu auge de todas as maneiras possíveis, mas, apesar disso, era organizada e limpa. Ela as conduziu até a sala de estar, onde Sienna se sentou no sofá de couro preto e Kat se sentou ao lado dela.

Jasmine Murray sentou-se em uma das duas poltronas em frente a elas, o cachorro no colo.

— Obrigada por nos receber, Jasmine — disse Kat. — Sentimos muito por sua perda.

Jasmine sorriu tristemente, acariciando a cabeça de Cookie. O cachorro olhou para Sienna, a cabeça inclinada, como se desconfiasse tanto dela quanto ela dele.

— Obrigada. Eu simplesmente não consigo acreditar. Ainda não é real. Eu via minha irmã toda semana. Ela começou a frequentar a igreja com a gente há uns cinco anos, e depois fazíamos um grande jantar em família. Ela raramente fazia alguma coisa de errado. Ela colocou a vida de volta nos trilhos de verdade.

Sienna franziu a testa.

— Pode nos contar mais sobre isso?

— Sobre os problemas dela?

Sienna assentiu e Jasmine olhou para o lado como se enxergasse o passado.

— Bem, você sabe, ela era jovem quando teve a primeira filha, Maya. Ela começou a sair demais, se envolveu com drogas e álcool, e quando ela e Herb, o pai da Maya, se separaram, a filha foi morar com ele.

O cachorro, Cookie, saltou de cima de Jasmine, correu até Sienna e olhou para ela antes de pular em seu colo.

— Oh — ela reagiu, inclinando-se para trás e levantando as mãos.

— Cookie! — exclamou Jasmine. — Desculpe, é só afastá-lo.

Sienna fez uma pausa, mas depois relaxou os braços, estendendo-se para deixar Cookie cheirar seus dedos. Cookie, aparentemente aprovando o cheiro, a aura de Sienna ou qualquer outro método canino usado para determinar o valor de uma pessoa, sentou-se, balançando o traseirinho para ficar confortável. Ela deu uma risadinha fraca.

— Tudo bem, então — disse ela, dando um tapinha na cabeça em miniatura de Cookie.

— Quantos anos Maya tem agora? — Kat perguntou, pressionando os lábios, obviamente tentando conter um sorriso enquanto desviava o olhar de Cookie.

— Ela tem 25 anos e está indo muito bem. Trabalha em um banco e mora com o namorado no centro.

— E como era a relação dela com a mãe?

— Era boa, pelo que pude perceber. Quero dizer, Maya foi um pouco amarga com a mãe por um tempo, especialmente na adolescência, sabe? Mas, nos últimos cinco anos, elas começaram a ficar muito próximas. Maya trazia Trey para jantar quando eles podiam, e as coisas sempre pareciam estar bem. — Ela desviou o olhar, balançando a cabeça antes de olhar para trás. — O que é tão difícil sobre tudo isso é que Bee cometeu seus erros, especialmente quando se trata da maternidade, mas ela aprendeu. Ela cresceu.

Estava feliz e o negócio dela era um sucesso. Ela arrumou a vida dela. — Jasmine parou por um instante, balançando a cabeça novamente. — Ela havia corrido muitos riscos no passado, e então foi morta quando começou a viver na linha.

Sienna observou a mulher por um minuto, a verdadeira tristeza, até mesmo a dor absoluta, gravada em suas feições. O pequeno peso quente em seu colo se contorceu, lembrando-a de que estava lá e que ela estava inconscientemente acariciando suas costas.

— Você consegue pensar em alguém que pudesse ter guardado rancor contra ela? — Kat perguntou. — Alguém do passado, ou talvez o ex-marido?

— Herb? — Jasmine riu suavemente. — Bem, Herb é um velho molenga, e ele e Bernadette fizeram as pazes. Ele frequentava a mesma igreja que nós quando morava aqui. Mas, de qualquer maneira, ele se mudou para San Diego, a trabalho, no ano passado. Maya me mantém atualizada, mas ele não voltou para cá desde que se mudou.

Sienna assentiu.

— Você ou algum familiar tem uma conexão com a Copper Canyon High School?

O rosto de Jasmine se contraiu quando ela balançou a cabeça.

— Eu já ouvi esse nome, mas não, nenhuma conexão que eu consiga pensar.

Kat olhou para Sienna, que lhe deu um pequeno aceno afirmativo com a cabeça.

— Acho que é só por enquanto — concluiu Kat. Ela tirou um cartão de visita da bolsa e o entregou a Jasmine. — Obrigada pelo seu tempo. Posso te pedir para entrar em contato comigo se pensar em alguma coisa?

— Ah, com certeza. Sim. Obrigada por se esforçar tanto para descobrir quem fez isso com a minha irmã — disse ela, levantando-se. Kat também ficou de pé e Sienna, sem saber como tirar Cookie do colo, permaneceu sentada, sem jeito.

— Claro — respondeu Kat, olhando para Sienna. Jasmine,

obviamente percebendo que Sienna não havia se mexido, chamou o nome de Cookie, e o cachorrinho pulou de seu colo. Jasmine pegou-o e colocou-o na curva de seu braço outra vez.

Elas se despediram da mulher e saíram da casa, voltando para o carro.

— Você não gosta de cachorros, mas aparentemente o sentimento não é mútuo — comentou Kat, erguendo uma sobrancelha e se afastando do meio-fio com o carro.

— Aquilo mal era um cachorro — falou Sienna.

Kat riu.

Elas viraram a esquina e pegaram o caminho de volta para a delegacia.

— Então, o que acha do que Jasmine disse sobre o passado de Bernadette?

— A filha? — Sienna perguntou.

— Sim. Temos uma semelhança entre a primeira vítima e a segunda. Algo que as liga.

— Mulheres que eram más mães — disse Sienna. — Ou figuras maternas, pelo menos. — Sienna fez uma pausa, olhando pela janela lateral enquanto Kat entrava na rodovia. — Nenhuma delas cuidava dos filhos como deveria; ou neto, no caso de Reva Keeling.

— Definitivamente existe uma tendência aí — observou Kat. — Mas a mãe de Danny Boy o *protegia*. Então ele foi... inspirado por ela?

Sienna olhou pela janela perdida em pensamentos, desejando ter uma resposta.



— Assassinos em série normalmente são definidos como aqueles que matam três ou mais pessoas em um período de cerca de um mês, com um tempo de resfriamento entre cada morte — disse Armando Vitucci, sua voz profunda e clara, com a leve cadência de um sotaque italiano.

Os que estavam na sala — Sienna, Kat, Ingrid e dois detetives que, embora estivessem trabalhando em outros casos, haviam pedido para participar da reunião — o observavam, fascinados. O homem parecia a Sienna alguém que acabara de sair de um comercial de charutos ou de uma página brilhante de um anúncio de uma boa bebida.

Suave. Polido. Distinto. Seu terno listrado cinza parecia feito sob medida, e seu cabelo preto e grosso estava penteado para trás, uma covinha forte no queixo e reflexos grisalhos pontilhando sua têmpora. Sienna não necessariamente o chamaria de bonito, mas ele definitivamente era marcante.

E, no entanto, apesar da aparência sofisticada e maneirismos graciosos — se graciosa pudesse ser uma qualidade masculina, porque ele era definitivamente isso —, havia calor nele também, nas rugas que se afastavam de seus olhos e na maneira como ele olhava tão diretamente para cada um deles à medida que falava.

— Embora nosso assassino tenha matado apenas duas pessoas até agora, acredito que, à luz do grande esforço e planejamento que está realizando, ou houve outras vítimas no passado que ainda não foram descobertas, ou... — ele olhou ao redor incisivamente — ... ainda haverá mais.

Sienna não discordava e sabia que Ingrid também não

discordaria, pois ela já tinha dito algo nesse sentido. Teria apostado seu último dólar que ele ainda não havia terminado, nem de longe.

— Então, em um esforço para chegar na frente desse suspeito, vou tratá-lo como um assassino em série e montar um perfil como tal. Existem quatro categorias principais de assassinos em série, e acredito que o nosso se encaixa em duas — continuou ele, batendo no quadro que continha cópias atualizadas e fotos referentes ao caso. — Talvez em uma categoria mais do que na outra, mas ainda assim, a ambas em certo grau. — Ele fez uma pausa, encontrando os olhos de Sienna momentaneamente. — O objetivo do assassino orientado para a missão é “melhorar o mundo” ao eliminar um grupo definido de pessoas por um motivo específico. Por exemplo, prostitutas, porque o assassino as considera pecaminosas ou impuras, ou os gays, porque o assassino os considera uma abominação diante de Deus. No caso do nosso sujeito, as detetives Kozlov e Walker estão teorizando que ele está eliminando mães, ou figuras maternas, que falharam com os filhos.

Sienna anotou a expressão *orientado para a missão*. Já fazia um tempo que ela não estudava assassinos em série, e nunca havia trabalhado em um caso assim. Planejava fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre o que o professor Vitucci estava dizendo a eles ali.

— Isso é porque ele próprio sofreu abuso? Ele está se identificando? — Kat perguntou. — Porque, pelos escritos dele, parece o contrário. Que a mãe era a única protetora que ele tinha.

— Não posso atestar a honestidade dos escritos — respondeu o professor Vitucci. — Mas, de um modo geral, muitos assassinos em série sofreram abuso físico ou sexual quando crianças.

— Seria de se pensar que ele escolheria matar pais abusivos em vez de mães negligentes — disse a detetive mais velha, de sobrenome Harris.

— Talvez, já que a mãe *dele* o protegia, ele ache particularmente ofensivo que outras não protejam? — sugeriu o detetive mais jovem, de nome McGee.

— Deus, eu já estou com dor de cabeça — falou a detetive Harris, ao que o professor Vitucci deu uma risada suave.

— Isso é o que acontece quando você tenta entrar na mente de um louco — respondeu ele, com um tom de provocação na voz.

— Confie em mim, eu sei — contou a detetive Harris. — Você conheceu meu ex-marido?

Uma risada suave seguiu seu comentário, e o professor Vitucci lançou a ela um olhar divertido.

— Esses assassinos raramente são insanos ou psicopatas do ponto de vista clínico.

— Ah, bem, lá vai a semelhança com meu ex-marido — disse ela, para outra rodada de risadas.

O professor Vitucci ofereceu um sorriso, mas foi fugaz quando ele voltou ao assunto. Ele se virou para o quadro, examinando as fotos por um momento.

— Costumam ser perfeccionistas e altamente meticulosos — continuou ele. — Planejam seus assassinatos com grande precisão e provavelmente não deixarão evidências, a menos que seja de propósito.

Bem, isso era algo que elas podiam atestar. E confirmava o que pensavam sobre o fato de que o corpo do sr. Cotoveleiras tornava várias coisas mais fáceis de investigar. Ele as estava conduzindo a algum lugar e, embora a adição de pistas parecesse vitoriosa de certa forma, também fazia Sienna se sentir manipulada. Para que fim, ela ainda não sabia dizer.

— Assassinos orientados para a missão não vão parar a menos que sejam presos — explicou o professor. Ele olhou pela sala ao seu redor. — Alguma pergunta antes de eu passar para a segunda categoria?

Houve um murmúrio geral, mas ninguém levantou a mão.

O professor acenou com a cabeça uma vez, entrelaçando as mãos atrás das costas enquanto caminhava em uma direção, girava e voltava para o outro lado.

— A segunda categoria em que acredito que esse suspeito se encaixa é a do assassino orientado pelo poder — prosseguiu, parando e virando-se na direção deles. — Esse tipo de assassino obtém gratificação do domínio que exerce sobre a vítima.

— Isso também tem relação com o fato de que nosso assassino provavelmente se sentiu inadequado em algum momento? — Kat perguntou.

— Inadequado ou impotente, sim. — Ele fez uma pausa, seu olhar se movendo ao seu redor pela sala. — Esses assassinos são pacientes e gostam do processo do assassinato. É ele conduzindo você. Ele obtém intenso prazer com todo o caminho. O jogo de gato e rato faz parte da diversão para ele. Esse assassino parece encontrar prazer particular em fazer da investigação *literalmente* um jogo, mas outros assassinos em série já fizeram coisas semelhantes... insultando a polícia ao ligar ou escrever cartas para eles, desenhando mapas de onde os corpos podiam ser encontrados, deixando pistas ou recados, até mesmo criptogramas, nas cenas de crime.

— Tudo em um esforço para exercer o máximo do controle — disse Ingrid.

— Exatamente — respondeu o professor Vitucci.

— A cobertura da imprensa deve deixá-lo excitado — Sienna opinou suavemente, meio para si mesma.

O olhar do professor caiu sobre ela.

— Sim, certamente expande seu alcance de poder.

Ele deu a todos um momento e, uma vez que o murmúrio amainou, ele prosseguiu:

— Essas são as coisas específicas que vejo quando traço o perfil do nosso suspeito. Mas, no que diz respeito a generalidades, tenho algo mais. — Ele juntou as mãos atrás de si novamente e caminhou devagar na frente deles, para frente e para trás. — Geralmente, assassinos em série são homens brancos entre os vinte e os trinta e poucos anos. São inteligentes, andam de carro, têm bons empregos, são residentes de longa data da área em que matam e seus

assassinatos normalmente os colocam em contato próximo com a vítima, assim como acontece com nosso assassino. Eu arriscaria um palpite de que ele se encaixa em todas essas generalidades.

— Portanto, nada de atiradores de elite — concluiu o detetive McGee.

Os lábios do professor Vitucci se curvaram levemente.

— Houve alguns desses, na verdade. Sempre há exceções, ainda mais quando se trata da psique humana; apesar disso, em termos gerais, não, e especialmente nas duas categorias de que falei. Bem, este assassino gosta de colocar a mão na massa. Ou ele está começando a fazê-lo.

Sienna bateu com a caneta no bloco. Sim, isso era verdade. O legista supunha que a natureza dos ferimentos no pescoço da segunda vítima indicava menos hesitação do que os da primeira vítima. Se o Danny Boy deles não tivesse gostado da primeira morte (se fosse a primeira), ele teria gostado muito mais da segunda. Ou pelo menos... ele havia ficado melhor nisso.

Ela repassou as outras generalidades que o professor Vitucci acabara de listar. Homem branco. *Entre os vinte e os trinta e poucos anos. Andam de carro. Têm emprego.* Sienna anotou essas coisas enquanto considerava os outros detalhes, franzindo a testa.

— Professor Vitucci? — Ele se virou, erguendo um pouco o queixo. — O senhor disse que os assassinos em série tendem a matar em áreas onde moram há muito tempo. As duas vítimas não moram perto uma da outra. A que o senhor atribui isso?

— Eu estava me referindo mais à mesma cidade do que ao mesmo bairro. — Ele fez uma pausa. — Mas, para dar um passo adiante, os lugares que trouxeram essas duas vítimas à atenção do assassino se sobrepõem de alguma forma. Esse assassino escolheu essas duas mulheres porque conhecia o passado delas. Ele conhecia seus fracassos. Como? Quem é ele ou o que faz que o teria colocado em contato com ambas? Ou de que maneira está conectado a elas?

Sienna deu ao professor um pequeno sorriso e um aceno de

cabeça. Sim, precisavam de mais informações sobre o passado das duas mulheres. Mas ainda estavam examinando os detalhes do presente. *Aonde iam nos fins de semana? Onde compravam café? Usavam a mesma academia?* Ela e Kat estavam enterradas em listas e não tinham mão de obra suficiente para analisar rapidamente.

— Podemos falar sobre as cartas? — Kat perguntou.

— Sim. Eu li todas uma vez — disse o professor Vitucci. — Eu gostaria de revisá-las, já que ele deixou pistas. É sempre possível ver algo em uma segunda leitura que não foi captado na primeira. — O professor franziu a testa. — No entanto, hesito em usar as cartas como uma parte significativa do perfil. Algo parece errado com elas. Por exemplo, que mãe, enquanto faz tarefas domésticas, usa um colete vermelho sexy?

— Então o senhor também captou a *vibe* de complexo de Édipo — falou Kat.

Ele deu um meio-sorriso, mas fez uma pausa, parecendo considerar o que ela havia falado.

— Talvez ele esteja romantizando. Talvez não. Ele está jogando, como já sabemos. Até que ponto, não tenho certeza. Eu manteria a mente aberta. Porque, como também sabemos, há verdade misturada nos relatos.

A *verdade* que conheciam era a existência do sr. Cotoveleiras e provavelmente, considerando seus “hobbies” verificáveis, o que ele havia feito com Danny Boy sob o disfarce de “aulas particulares”.

— Além de brincar com as autoridades para sua própria diversão ou como um jogo de poder — disse Sienna —, você acha que há outras razões para esses escritos? Kat e eu nos perguntamos se ele está tentando se explicar. Eles insinuam que ele está sentindo remorso?

— Provavelmente há um pouco disso misturado aí, sim. Ou um desejo de ser compreendido. Ele está nos dizendo algo com seus escritos que não está necessariamente dizendo abertamente. Em certo sentido, aposto que ele espera que vocês vejam através das

mentiras, para que entendam a verdade.

Sienna mordeu o lábio, sem ter certeza de ter entendido a declaração, então ela a escreveu enquanto a detetive Harris fazia uma pergunta sobre a perícia dos escritos e Kat respondia.

O professor Vitucci olhou para o relógio.

— Lamento dizer que terei que sair em alguns minutos porque tenho um compromisso. Mas, por favor, sintam-se à vontade para entrar em contato comigo para qualquer desdobramento. Há alguma última pergunta antes de eu ir?

— Apenas uma — falou Sienna. — O legista confirmou esta manhã que a primeira vítima, Sheldon Biel, foi morto esfaqueado, conforme descrito nas cartas. As duas seguintes, as vítimas recentes, foram estranguladas. Isso fala do fato de que ele está tentando se diferenciar da sua mãe? Há algo a deduzir disso?

— Há definitivamente uma diferença entre o assassinato de Sheldon Biel e os das duas vítimas recentes. Eu diria que a principal diferença, a despeito dos dois assassinos serem diferentes, é a raiva presente durante o assassinato do professor.

— O que faz sentido, já que o cara estava estuprando o filho dela na mesa da cozinha quando ela entrou — disse Kat, e embora Sienna estivesse olhando para o professor Vitucci, ela ouviu a dureza no tom de voz de Kat, como se seu maxilar estivesse tenso quando ela disse as palavras.

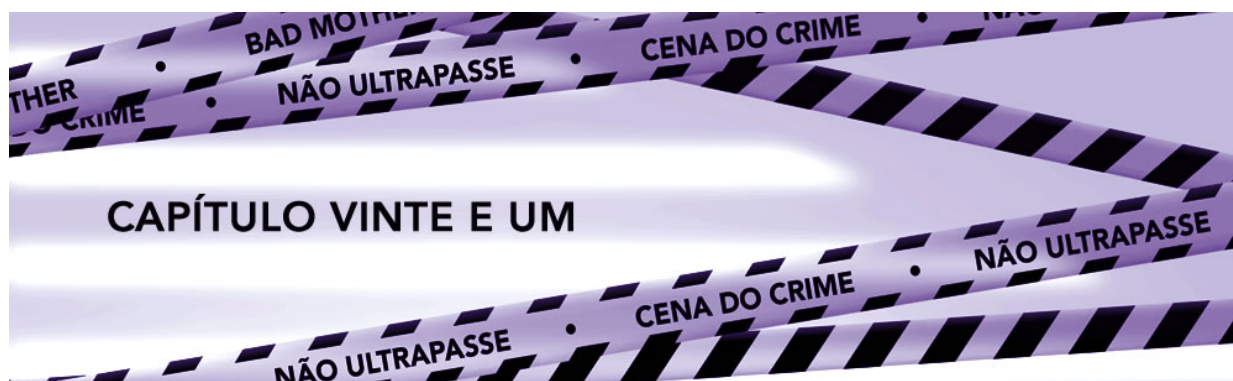
— Sim, esse tipo de raiva certamente faz sentido, dadas as circunstâncias — confirmou o professor. — Os assassinatos por estrangulamento, no entanto, não denotam exatamente a mesma quantidade de paixão. Ódio, sim; paixão, não. De um modo geral, esfaqueamentos são assassinatos passionais, enquanto o estrangulamento é premeditado.

O que se alinhava com a história de Danny Boy até então.

Ingrid se levantou, caminhou até a frente da sala e apertou a mão do professor enquanto cada um se levantava para agradecê-lo pessoalmente também. O professor Vitucci se despediu de todos, e Sienna voltou a se sentar, pensando em tudo o que ele havia dito e

repassando as poucas anotações que havia feito. Algo estava entrando e saindo dos túneis em sua mente, mas ela não conseguia captar exatamente o quê. O que sabia era que, se o que o professor Vitucci tinha dito sobre esse assassino fosse correto, haveria mais vítimas.

E a partir de então, não havia nada que pudessem fazer a não ser esperar que ele atacasse.



Sienna engoliu em seco, mudando a posição dos pés de apoio enquanto apertava a campainha. A casa era adorável. De estilo mediterrâneo, com duas palmeiras altas flanqueando o início da passarela e mais palmeiras subindo atrás. Sienna não tinha necessariamente sentido falta de muita coisa em Reno, em termos de paisagem, ou pelo menos não tinha percebido que tinha, mas de repente percebeu que havia sentido falta das palmeiras, de alguma forma casualmente majestosas — fosse um oxímoro ou não, para ela, a definição era adequada. *E o pôr do sol no deserto*, ela pensou, inclinando a cabeça para o céu, *como o que está flamejando acima de mim neste exato momento*.

Aquela casa, aquela rua... era exatamente um lugar onde ela conseguia imaginar Mirabelle.

A porta foi aberta, e a própria mulher apareceu ali, um olhar de expectativa derretendo em surpresa e depois se dissolvendo em lágrimas enquanto ela gritava o nome de Sienna, envolvendo-a em um abraço de urso com cheiro de lírio do vale.

Sienna soltou uma risada abafada, segurando de lado a garrafa de vinho que trouxera para que não fosse esmagada entre elas. No vislumbre momentâneo que teve, viu que Mirabelle permanecia linda, seu cabelo loiro com mechas brancas, mas ainda no mesmo estilo despojado que sempre usava, sua figura ainda elegante.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — Mirabelle disse, afastando-se, levando as mãos ao rosto de Sienna e segurando-o gentilmente. — Ah, minha doce menina. Quando Gavin me contou que você estava de volta à cidade, quase desmaiei de felicidade. Bem, entre, ah. — Apesar do convite, ela envolveu Sienna em outro abraço, não

permitindo que ela se movesse por um instante antes de se afastar outra vez. — Puxa, você está linda. Olhe para você. Sempre foi uma belezinha, mas agora, meu Deus, deve achar que estou parecendo uma palhaça, com a maquiagem escorrendo pelo rosto. — Ela limpou as pequenas manchas pretas sob os olhos, pegando Sienna pela mão.

— Oi, Mirabelle — cumprimentou Sienna, e ouviu as lágrimas não derramadas em sua voz como uma inundação de conforto, e o amor que ela sempre sentira pela mãe de Gavin a dominou. Deus, como tinha sentido saudades.

Mirabelle se virou, e Sienna olhou para cima para ver Gavin encostado casualmente em uma porta além, observando-as com um sorriso gentil. Seus olhos se encontraram, e ele inclinou o queixo.

— Que bom que você conseguiu vir — disse ele.

Ela deu-lhe um leve sorriso em troca, seu olhar indo para as fotos na parede, as mesmas que Mirabelle exibia em seu trailer tantos anos atrás. O sorriso banguela de oito anos de idade de Sienna. Gavin atuando em uma peça na escola. Ambas as fotos de formatura. Ela engoliu em seco. Mirabelle tinha ficado com as fotos. Por todos aqueles anos. E embora as de Sienna e Gavin juntos como um casal tivessem desaparecido, as que representavam Mirabelle considerando Sienna uma filha perdida, mas ainda amada, permaneciam.

— Entre e deixe-me pegar uma bebida para você. Temos tanto para colocar em dia, não é? Deixe-me pegar isso aqui — pediu, ao apanhar a garrafa de cabernet da mão de Sienna quando entraram em uma cozinha espaçosa com armários cor de creme, bancadas de mármore branco e uma rodabanca de ladrilhos perolados. Todos os tons de branco de alguma forma se misturavam lindamente e faziam todo o espaço parecer fresco e quente.

E por baixo do cheiro de qualquer prato delicioso que estava assando no forno, Sienna sentia o aroma limpo de limão. Através das portas de vidro deslizantes, a água da piscina brilhava, grandes pedras formando uma cachoeira que salpicava e borbulhava, grama verde-esmeralda ao redor, assim como aquelas altas palmeiras que

ela tinha visto na frente.

— Nossa, Mirabelle, é simplesmente lindo — ela sussurrou, olhando ao redor. — Você merece isso, cada pedacinho.

— Ah, não sei se mereço nada disso, mas aquele meu filho vive me mimando.

— Continuo tentando — comentou Gavin. Ele estava bonito em um jeans e uma camisa de botão, enrolada até os cotovelos, antebraços fortes aparecendo quando ele levantou o copo de qualquer licor de cor âmbar que estava bebendo e tomou um pequeno gole. — Mas ela ainda não me deixa comprar um carro para ela.

Mirabelle balançou a mão no ar.

— Não preciso de carro. Argus me leva aonde preciso ir, ou pego o ônibus. É onde consigo pôr em dia minha leitura de romance picante — ela disse e deu uma pequena sacudida que fez Sienna rir.

Gavin fez uma careta obviamente falsa que então se transformou em um sorriso enquanto caminhava até uma gaveta, de onde tirou um abridor de vinhos.

Mirabelle indicou uma cadeira no balcão e Sienna se sentou.

— Fale-me sobre você — ela pediu a Sienna. — Conseguiu um emprego aqui, então presumo que tenha voltado para ficar?

Sienna desviou o olhar da expressão esperançosa de Mirabelle.

— Provavelmente não a longo prazo, mas pelo menos durante o próximo ano. Eu... Estou com alguém que ainda mora em Nova York.

— Ah — Mirabelle reagiu, uma linha se formando entre suas sobrancelhas. — Entendo — acrescentou, lançando um rápido olhar preocupado para Gavin, que ainda estava abrindo o vinho. Mas ela deu um sorriso, estendendo a mão e apertando as de Sienna. — Vamos aproveitar o que a gente puder. *Senti sua falta* — ela disse, e isso fez Sienna querer chorar de novo porque podia ver a profunda sinceridade na expressão da mulher.

— Também senti sua falta, Mirabelle. Muita. — Sua voz falhou, e ela foi novamente dominada pela mesma emoção que a havia

inundado na porta. Passos vindo em direção à cozinha a salvaram de uma constrangedora demonstração de lágrimas e, quando ela viu quem era, levantou-se com um pequeno som de felicidade em seus lábios. — Argus!

— Sienna?

Ela correu para frente e abraçou o homem mais velho. Ah, ele havia envelhecido. Claro que ela não ia tocar no assunto, mas podia notar, e isso partia seu coração porque a lembrava de quantos anos ela havia perdido. Ela o abraçou com força. *Sinto muito, Argus. Sinto muito por ter deixado tanto tempo passar.*

Não importa quando eu deixar Reno, não importa o que aconteça com minha vida e com minha carreira, nunca mais vou perder contato, ela jurou silenciosamente. Ela o soltou e ele deu um passo para trás, segurando seus braços enquanto a estudava, seu olhar cheio do mesmo amor e ternura que sempre estiveram presentes ali.

— Bem, agora você parece muito bem, Siennoulla. Mas ainda muito magra. — Ela riu, seu coração apertando com o carinho. O cabelo dele estava mais grisalho do que preto, embora ainda fosse grosso e brilhante, e seu bigode também estava todo grisalho. Rugas se espalhavam ao redor de seus olhos, marcando a pele morena, mas ele ainda era alto e tinha ombros largos. E ele ainda tinha o mesmo brilho nos olhos, o mesmo calor na risada e a mesma força na voz estrondosa.

— É por isso que estou aqui. Agora você pode me engordar.

— Ah! Que bom então. Vai levar muito tempo e muitas refeições, então fico feliz! — Ele estendeu a mão, fazendo um gesto familiar enquanto acariciava a orelha dela, puxava a mão e abria a palma. Nela havia um dólar de prata brilhante, e o coração de Sienna se apertou fortemente com o truque que sempre a encantara quando criança. — Para minha menina. Guardei isso todo esse tempo porque sabia que você voltaria — ele disse, suavemente.

Sienna enxugou as lágrimas que se acumulavam em seus olhos, mas riu, abraçando Argus mais uma vez. Ela queria chorar porque estava preocupada e sem dormir desde que chegara a Reno, e de

repente percebeu que parte do motivo era porque não tinha nenhuma válvula de escape segura, nem pessoas suas em quem pensar, aqueles que proporcionavam força e conforto e permitiam que ela digerisse e lidasse com a miríade de horrores que seu trabalho trazia. Passaram-se apenas dez minutos desde que entrara pela porta da frente, mas tinha sido um alívio de dez minutos para desviar sua mente do crime brutal e da punição ingrata, e já se sentia mais centrada.

Gavin aproximou-se delas e entregou-lhe uma taça de vinho tinto, sorrindo quando a pegou. Seus dedos se tocaram, e ela sentiu a pequena carga entre eles e se virou enquanto tomava um gole, dizendo a si mesma que era o vinho que estava causando o calor.

— Por favor, me diga que vocês dois ainda estão se apresentando — disse Sienna para Argus e Mirabelle.

— Não mais — contou Argus. — Mira se aposentou há cinco anos, e eu, no ano passado. Contratei outra assistente depois dela, mas, eh... — ele deu de ombros, sua expressão menos que impressionada — ... ela não tinha a personalidade nem a graça da minha Mira. E não era boa com as cartas.

— Ele a contratou por seus outros atributos — revelou Mirabelle, colocando as palmas das mãos sobre os seios cobertos pelo avental.

— Ora. Não preciso de outros *atributos* além dos seus. — Ele piscou para ela.

— Ah, por favor — Mirabelle falou enquanto mexia algo que parecia molho no fogão, revirando os olhos, mas combinando com um sorriso obviamente satisfeito. — E eu não sou boa com cartas.

— Ah, você é. Pare de negar.

Sienna sorriu, tomando o vinho. Alguma coisa sempre dera à Sienna a impressão de que Mirabelle não gostava de cartas. Ou melhor, ela não gostava da ideia de jogar com elas. Sienna se perguntou se era porque conhecia alguém que tinha problemas com jogos de azar — talvez aquele marido abusivo que ela havia mencionado... talvez um pai. Ela sempre tinha um olhar de desaprovação quando Gavin e Argus jogavam por palitos de fósforo

ou centavos, Gavin se exibindo ao embaralhar dramaticamente e sem esforço e ganhando todas as mãos. Era por isso, Sienna supôs, que mantinham seu pequeno negócio on-line em segredo.

E não era de admirar. Mirabelle ficou louca quando Gavin disse a ela que queria jogar cartas profissionalmente... ou pelo menos tentar. Ela imaginava que tinha sido outra a razão pela qual ele estivera tão estressado logo antes do casamento-que-não-aconteceu.

— Argus, me ajude a virar o assado, por favor? — Mirabelle pediu, tirando Sienna de suas memórias.

Sienna colocou o vinho no balcão.

— Eu posso ajudar, Mirabelle.

— Não, não, fique relaxando. Já faz muito tempo desde que cozinhei para mais do que esses dois manés, que comeriam um monte de terra se eu desse a eles.

— Isso é porque você faria a terra ficar gostosa — disse Argus, beijando-a na bochecha.

— Eu posso mostrar o quintal à Sienna — Gavin ofereceu.

— Sim, sim — concordou Mirabelle, abrindo a porta do forno. Uma lufada de aroma delicioso atingiu o nariz de Sienna, deixando-a com água na boca. — Eu acho que você vai gostar, Si. E vai ter que trazer um maiô na próxima vez que vier. Por enquanto, conversem, bebam uma taça de vinho. Isso ainda precisa de uns vinte minutos. Argus vai me ajudar a terminar de arrumar a mesa, e então você vai se sentar perto de mim e responder a todas as minhas mil e uma perguntas.

— Pare de ameaçá-la, mãe — disse Gavin.

— Ah, quieto. — Mirabelle o enxotou com um aceno de mão.

Sienna sorriu.

— Estou ansiosa por isso — respondeu ela. E claro, havia alguns tópicos que ela esperava não discutir em sua primeira visita à casa de Mirabelle, mas, na realidade, mal podia esperar para contar sobre sua vida. Sobre a faculdade, sobre seu primeiro emprego, sobre o orgulho que sentiu quando colocou seus talentos em uso e ajudou

alguém de uma forma que ela sabia que tinha um impacto e talvez até provocasse uma mudança de vida. Ela estava muito longe da garotinha com cabelos emaranhados e sapatos gastos que Mirabelle tinha colocado sob sua proteção, dando-lhe o primeiro gosto de *lar* que ela já havia conhecido. Queria compartilhar seu novo eu com a mulher que considerava uma figura materna e também descobriu que estava disposta a refletir sobre as maneiras pelas quais ainda era a mesma pessoa, o que era uma percepção interessante, considerando que pensava que havia “passado a última década abandonando completamente a pessoa que costumava ser”. Mas menos de meia hora com as pessoas que haviam sido sua família substituta, e ela sentiu aquela garota vindo à tona. Estranhamente, não parecia algo negativo, mas uma espécie de fusão, algo que, talvez, acontecia de maneira muito tardia. Ela havia partido e voltado anos depois com uma ferida aberta. De alguma forma, aquela ferida estava cicatrizando, um passo suave em sua história de cada vez. *E para seguir em frente, preciso me curar completamente. Talvez seja por isso que nunca me curei por inteiro.*

Gavin segurou a porta de vidro deslizante aberta, e ela entrou no oásis de Mirabelle. Ficou lá por alguns momentos, tomando um gole de vinho enquanto seu olhar se movia de um belo detalhe para o outro.

Quilômetros de distância era pouco... aquele lugar parecia um *planeta* diferente do estacionamento de trailers em frente ao qual ela se sentara apenas algumas semanas antes. E ela estava feliz por Mirabelle poder desfrutar desse luxo. Mas Mirabelle ainda era a mesma mulher de quando seu quintal consistia em nada mais do que terra rachada e ervas daninhas. Um lugar não definia você; não se você não permitisse. Ver Mirabelle ali era um lembrete disso, era algo maravilhoso.

— Comprei esta casa para ela logo depois que ganhei meu primeiro grande torneio — contou Gavin ao lado de Sienna, tirando-a de seu devaneio de admiração. Ela o fitou, observando enquanto ele semicerrava os olhos para o pôr do sol.

— Deve ter sido uma sensação boa.

— Sim — disse ele, ainda olhando para o céu. — Sim. Foi ótima.
— Havia uma nota triste em sua voz que ela não entendeu totalmente, mas queria perguntar a ele sobre uma casa diferente.

— Gavin.

Ele se virou, seus olhos se movendo sobre o rosto dela, a expressão inalterada. Ele a olhou da mesma forma que tinha acabado de olhar para o céu brilhante.

— O quê?

— O cara que está cometendo esses crimes juntou um conjunto de pistas que nos levaram até a casa que eu e você tínhamos alugado. Aquela em que iríamos morar depois do casamento.

A expressão dele vacilou.

— Bluebell Way?

Sienna assentiu. Ele se lembrava.

— Nós encontramos um corpo lá e... algumas outras coisas.

O rosto dele demonstrava total confusão, os olhos arregalados de preocupação.

— Espere. Não entendi. Como esse cara sabia sobre Bluebell Way?

Ela havia pensado em ligar para ele com as novidades sobre a casa no que se referia ao caso, mas queria olhar em seus olhos quando tocasse no assunto. Ela planejava perguntar se ele tinha algum palpite sobre por que e como ela poderia ter sido levada àquele endereço em particular, mas era desnecessário agora. Podia ver claramente que ele estava tão surpreso quanto ela.

— Não sabemos. Um palpite é que ele descobriu meu nome como uma das detetives do caso, o que não seria muito difícil. — Ele poderia ter feito isso de várias maneiras, e não era como se fosse uma informação confidencial. — E então ele fez algum tipo de verificação de antecedentes sobre mim.

— Verificação de antecedentes... como...

— Não sabemos exatamente. São apenas palpites. De qualquer forma, a casa é de propriedade do banco, assim como a outra em

Allegra, mas ele deve saber da minha conexão com ela. Como você sabe, ele já me chamou pelo nome em outras evidências. O único outro endereço em que morei aqui em Reno foi no trailer em Paradise Estates, e provavelmente está ocupado. Talvez a casa em Bluebell Way servisse a alguns propósitos. É uma boa propriedade abandonada para desovar um corpo e a maneira perfeita de me chamar de volta. — Ela fez uma pausa. — Mas seu nome também está ligado a essa casa. Sem mencionar sua conexão com as cartas nas mãos da vítima original que levaram à presidente do seu fã-clube.

— O que você está pensando? — ele perguntou.

— Não sei exatamente, só que é possível que ele conheça nossa história de alguma forma e que esse seja outro chamado: um que ele decidiu usar imediatamente. Ou descobriu que você está trabalhando com a gente e está deixando claro que sabe.

— Conhece a nossa história... como...

Ela deu de ombros.

— Talvez o antigo anúncio de casamento que coloquei na internet. — Ela sentiu uma pontada de vergonha por aquela garota esperançosa que tinha sido, aquela que estava no caminho da devastação e nem sabia disso. — Uma pesquisa no Google traria isso à tona. Eu verifiquei. — Ela viu sua pequena hesitação antes de desviar o olhar, fixando-se no horizonte.

Ele ficou em silêncio por um momento, e de sua visão periférica, ela podia vê-lo esfregando o lábio inferior distraidamente.

— Ou todos os anteriores — ele murmurou.

— Sim.

Quando ela o olhou, Gavin parecia perturbado.

— Ok. Bem, existem vários “talvez”, pelo que posso ver. Mas esse cara definitivamente está de olho em você. Não há dúvida. Você está tomando precauções extras?

— Não há nenhuma indicação de que eu seja alvo de violência. Ele está jogando, e tenho certeza de que usar meu nome é um desses artifícios, mas sim, estou sempre tomando cautela. Tenho

certeza de que, como alguém que trabalha com segurança, você também aja assim.

A expressão fechada dele se aprofundou.

— Sempre. Vai me manter atualizado se descobrir alguma coisa?

— Claro.

A porta de vidro deslizante se abriu e Argus colocou a cabeça para fora.

— O jantar está servido — anunciou ele com uma reverência zombeteira. Apesar do peso da conversa e das preocupações que giravam em torno, Sienna e Gavin sorriram e, naquele momento, uma visão muito brilhante atingiu Sienna. Aquela poderia ter sido a vida deles. Juntos do lado de fora da casa de Mirabelle, conversando tranquilamente, esperando serem chamados para o jantar. Juntos. Vidas entrelaçadas.

Poderia ter sido.

Mas não era.



Gavin observou a mãe apoiar a mão na de Sienna sobre a mesa, dando um tapinha sobre seus dedos.

— Estou preocupada com você, meu bem — confessou ela. — Esse assassino do qual Gavin tem me falado parece perigoso, para dizer o mínimo. Estrangular mulheres e as colocar em poses nas cenas do crime? — Ela encolheu os ombros em um estremecimento, em seguida passou o pãozinho para Argus.

— Não precisa se preocupar comigo, Mirabelle — falou Sienna. — Tenho uma parceira excelente e sou bem-treinada. — Gavin acreditou nela, mas nenhum treinamento no mundo seria suficiente se ela fosse pega de surpresa por um lunático.

— Ah, não tenho dúvida disso. Ainda assim... esse seu trabalho é perigoso. — A mãe dele balançou a cabeça ao se servir de um pouco de purê de batatas e entregá-lo a Gavin, que pegou a tigela e serviu uma porção generosa no próprio prato. — Mas você ama, não é? O seu trabalho?

— Bastante — respondeu Sienna.

— Então por que ir embora de Nova York? — perguntou Argus. — Eles te expulsaram ou o quê? — Ele riu da própria piada, o que *pensou* ser uma piada, e Sienna estremeceu levemente quando o rosto do homem ficou inexpressivo. — Ah, eles te expulsaram.

Ela olhou para Gavin, e ele lhe deu um aceno encorajador. Não deveria sentir vergonha do que tinha feito. Na verdade, deveria sentir orgulho. Ele tinha orgulho dela, pra caramba, e sabia com certeza que Mirabelle e Argus também sentiriam.

Ela ainda era a menina cheia de princípios de quem ele se

lembrava, o que o fez sorrir. Como ela havia conseguido uma qualidade dessas, considerando sua criação e que ninguém a ensinara a não tolerar a injustiça, era um mistério. Ela nunca havia tolerado. Quando ela lhe disse que arriscara tudo o que havia de importante para que um pedófilo fosse tirado das ruas em vez de continuar vitimizando outras crianças, sem importar o custo pessoal, isso não o havia surpreendido de forma alguma. Ela estava diferente sob muitos aspectos, mas ainda era a mesma em todos os que o tinham feito se apaixonar por ela quando ainda era menino. Era homem agora, mas ainda reagia a essas coisas, que Deus tivesse piedade dele.

Havia pressentido, pela reação dela ao seu orgulho inicial ao ouvir a história, que ela precisava de validação. Pressentiu que ela não tinha muito apoio, isso se tivesse algum, dada a escolha que tinha feito. *Por quê?*, ele se perguntou. Então havia pesquisado o “boy” dela e descoberto que suas suspeitas eram precisas. O cara não a merecia. Nem de longe.

— Bem — começou Sienna —, eles me expulsaram. Por assim dizer. — E ela contou a eles, embora um pouco menos hesitante do que quando havia contado a Gavin. Ele se perguntou a razão. Ela tinha esperado que ele fosse julgá-la mais que Mirabelle ou Argus? Ou sua reação significava mais para ela? Esperava que fosse o segundo caso. Esperava que sua reação ainda significasse algo para ela. Havia posições piores pelas quais começar.

É o que está tentando fazer, Decker? Começar?

Porque se está cogitando ir atrás dela, tem que ir com tudo. Não pode fazer as coisas pela metade com a Sienna. Nada de fazer serviço porco. Já havia destruído a confiança que ela tinha nele uma vez. E daí que ela tinha um “boy”? E daí que o homem não a merecesse e que ele estivera competindo com outra pessoa? Sienna ficaria desconfiada com D maiúsculo quando se tratasse de Gavin, não importava o que acontecesse.

Mas, Deus, ele sentia saudades dela. Ela estava sentada à mesma mesa, e ele sentia saudades. Em onze anos, não se permitira se debruçar sobre isso porque teria sido dolorosamente em

vão, mas, agora, ela estava bem diante dele, e Gavin percebeu o tamanho do vazio que havia dentro de si desde o dia que a havia deixado ir embora. Ela tinha sido sua melhor amiga, seu tudo, desde que se entendia por gente, e sua ausência se equiparava à perda de uma parte do corpo. Havia aprendido a viver sem ela, mas, lá no fundo, nunca se sentira inteiro.

— Ah, minha doce menina — disse Mirabelle, com lágrimas brilhando nos olhos quando Sienna lhes contou sobre não seguir a ordem de fazer vistas grossas ao destino de uma criança. Mirabelle largou o garfo, se levantou e deu a volta na mesa, indo até onde Sienna estava. Ela se virou, e Mirabelle se curvou, erguendo uma Sienna meio levantada e a abraçando. — Ah, estou tão orgulhosa de você. Muito, muito orgulhosa.

Gavin observou quando Sienna a apertou de volta, a expressão dela de pura gratidão. Ele a imaginou quando menina, na forma como ela reluzia com a aprovação de Mirabelle, como uma flor absorvendo luz solar. A forma como reluzia agora. A mãe dela havia sido basicamente uma megera sem coração que estava ocupada demais perseguindo uma garrafa para notar qualquer coisa, fosse boa ou ruim, que Sienna pudesse fazer. Aquilo o havia deixado muito bravo e o feito ser protetor demais com ela.

Mirabelle segurou o rosto de Sienna e a beijou na testa enquanto Sienna ria baixinho.

— Obrigada, Mirabelle.

A outra mulher voltou para a cadeira e ergueu a taça.

— À minha menina, que é boa e decente até a alma, que faz a coisa certa custe o que custar.

— Saúde — disse Gavin, baixinho, ao fitar Sienna nos olhos, observando enquanto uma cor feliz subia para suas bochechas.

— E se eu puder adicionar — interrompeu Argus, antes que eles pudessem tomar um gole —, ao destino por trazer você de volta para nós.

É claro que Gavin poderia beber àquilo.



— Antes de você ir, posso te mostrar uma coisa? — perguntou Gavin.

Sienna o olhou de soslaio. Haviam terminado de jantar e de comer a sobremesa no pátio enquanto Sienna contava mais de sua vida para Mirabelle e Argus, e Gavin absorvia tudo. Ela tinha dado um abraço de despedida neles, prometendo ligar para Mirabelle. Gavin ficou feliz por ver as duas reunidas.

— Não sei. Depende do que é — respondeu ela.

— Confie em mim.

— Já está escuro.

— Isso não vai fazer diferença.

Ela deu uma olhadela para ele, que pôde ver em seus olhos que já estava meio convencida.

— Eu deveria mesmo ir para casa e...

— Não vai demorar. É aqui perto. Acho que vai gostar do que vou te mostrar. E deixar o caso um pouquinho de lado não é ruim, é?

Sienna suspirou.

— Tudo bem. Mas não mais que uma hora.

Gavin sorriu e a conduziu até o carro, estacionado na frente da casa de Mirabelle, e abriu a porta do carona para que ela pudesse entrar. A mulher usava um vestido simples azul-marinho, com um cinto soltinho na cintura, e quando ergueu as pernas para apoiar os pés no assoalho do carro dele, o vestido se ergueu, dando a ele um vislumbre da curva da coxa macia. O desejo de estender a mão e acariciá-la foi tão forte que ele precisou rilhar os dentes ao fechar a porta e dar a volta no carro.

— Quando você diz perto...

— Oito quilômetros, talvez menos — disse ele. Deus, o cheiro dela era gostoso, e o aroma era ainda mais deleitável no espaço pequeno e confinado. Ela tinha passado perfume, algo que não

usava quando eram mais novos, algo com que não podiam arcar na época, mas abaixo disso, ele sentiu o cheiro *dela*, o que enviou um raio direto para seu pau. Jurava que ainda se lembrava do sabor dela.

— Tudo bem — falou Sienna, ao colocar o cinto quando o carro roncou à vida. — Dirija com segurança.

— Pode deixar. — Ficou orgulhoso por ter mantido o arroubo de desejo longe da voz, e ao passar o cinto pelo corpo, aproveitou a oportunidade para se ajustar.

Ela ficou quieta por um minuto, enquanto ele virava a esquina da rua em que Mirabelle morava.

— Você já se ofereceu para ensinar sua mãe a dirigir? — perguntou ela, seus pensamentos provavelmente relacionando o carro dele ao fato de Mirabelle ter dito mais cedo que preferia andar de ônibus.

— Muitas vezes — contou ele, ao dar de ombros. — Ela é teimosa. Não posso forçá-la se ela não quiser. — Ele fez uma pausa, olhando para trás quando entraram na rodovia. — Às vezes me pergunto se tem a ver com o meu pai.

— Como assim?

— Acho que ele destruiu a autoconfiança dela. Ela não fala muito dele, só que não era um cara decente.

— É — concordou Sienna, distraída, obviamente se lembrando de algo. — Ela me disse a mesma coisa.

Ele a olhou, nada surpreso. Sua mãe sempre tinha considerado Sienna uma filha. Qualquer coisa que tivesse dito a Gavin, provavelmente tinha dito também a Sienna. Ele parara de fazer perguntas sobre o pai quando tinha uns doze anos, e Mirabelle sempre ficava com uma expressão de dor intensa e se enfurnava no quarto por horas.

Gavin tinha a impressão de que, além de não ser um “cara decente”, ele também tinha sido abusivo. E só pôde agradecer por ela ter pegado o filho e ido embora. Eles haviam se mudado algumas vezes quando ele era criança. Tinham morado em Las Vegas por uns

dois anos, uma cidade de que mal se lembrava porque era novo demais, e depois Atlantic City por menos tempo ainda. Então se mudaram para Reno, onde ela fora trabalhar com Argus. Não tinha levado muito tempo para ela colocar a pequena Sienna Walker sob a asa, a menininha de sete anos que morava a três trailers de distância... a que primeiro tinha sido a melhor amiga dele e, por último, seu primeiro amor.

Talvez Mirabelle simplesmente estivesse tentando encontrar um lugar que se parecesse o máximo possível com um lar, com as poucas posses que tinha ou com suas perspectivas na época, ou talvez tivesse passado alguns anos se mudando porque não queria ser encontrada. Mas se era isso, o homem de quem ela estava fugindo não tinha se esforçado muito para encontrá-la, já que Gavin era um homem com quase trinta anos agora, e nunca sequer tinha visto um fio de cabelo do sujeito.

Nem queria. Se Mirabelle disse que ele era um ser humano nada impressionante, ele sabia que era verdade.

O rádio tocava baixinho, e embora a mente de Gavin houvesse vagado algumas vezes, o clima era confortável. O silêncio, agradável. Ao lado dele, Sienna parecia estar desfrutando da oportunidade de apoiar a cabeça e descansar, a paisagem passando junto com o borrão dos faróis.

Ele saiu da rodovia e virou mais algumas esquinas antes de finalmente parar diante de uma guarita, na qual ele inseriu o passe que havia comprado alguns dias antes, quando viera dar uma olhada no lugar. O portão se ergueu, e Gavin prosseguiu, em seguida estacionou em uma pequena área para carros e desligou os faróis.

Ambos saíram do carro, e Sienna ficou parada à porta por um momento enquanto encarava a água e então respirou fundo, olhando para ele por cima do teto do carro. Gavin sorriu.

Ela fechou a porta e seguiu adiante, atravessou a pequena área pavimentada rodeada por árvores e grama. Postes altos e com luz não muito forte pontilhavam o estacionamento, lançando um brilho suave sobre o lago além, o cisne claramente visível ao deslizar pela água.

— Otis — sussurrou Sienna, ao parar à margem do rio e se sentar no banco branco de madeira que havia lá. — Você o encontrou.

Gavin se sentou ao lado dela, desfrutando tanto da proximidade quanto do fascínio dela.

— Ele esteve aqui por perto o tempo todo — disse ele. Gavin sabia que jamais teria ido àquele lugar sem Sienna, mesmo sabendo a localização. Teria parecido... errado, e só causaria sofrimento a ele. Sentar juntos e observar as belas criaturas, conforme haviam conversado quando falavam de seus planos e sonhos, tinha sido especial, pacífico e íntimo. Era onde ele a beijara pela primeira vez. Onde havia reunido toda a sua coragem e virado o rosto para o dela, movendo-se devagar até os lábios roçarem um no outro e ela sorrir em sua boca. Sentar-se ali assim, com um cisne deslizando na água diante dele, era algo que pertencia a ela, e somente a ela.

— Os filhotes ficaram aqui com Otis por um tempo — informou Gavin. — Ele foi um bom pai. E então, depois que cresceram, foram levados para lugares diferentes. Estão todos bem.

Ela sorriu, inclinou a cabeça e observou Otis se virar na água e começar a nadar na outra direção. Gavin ficou impressionado com a familiaridade de tudo aquilo, em como o olhar dela era o mesmo que tinha sido no passado, no quanto seus olhos estavam sonhadores.

— Será que ele se sente sozinho? — indagou ela.

Gavin também observou Otis por um minuto antes de responder:

— Li que tentaram trazer fêmeas, mas ele rejeitou todas. Ao que parece, ele prefere ficar solteiro. — Ele olhou para ela. — Sou da opinião de que ele nunca conseguiu superar a Odette. Ninguém jamais se comparou — concluiu ele, baixinho.

Ele observou os cílios dela tremularem. Em seguida, ela mordeu o lábio e afastou o olhar, fitando o litoral distante, onde palmeiras estavam imóveis no ar parado da noite.

— Pode parar o que você está fazendo, Gavin — disse ela, com tom gutural.

Mas ele não conseguia. Estar ali e observar o mesmo cisne que eles tinham observado juntos no que parecia uma vida diferente fez o

anseio se avolumar dentro dele. Anseio pelo que tinham sido, pelo que tiveram juntos. Certa vez. Eram diferentes, mas iguais, e ele ainda sentia aquela conexão de quando a tinha visto pela primeira vez. Era só um menino na época, mas havia sentido, do mesmo jeito que ainda sentia. Era frágil e esquelético agora, uma teia de aranha, mas estava *lá*, e ele sabia que ela sentia também.

Uma segunda chance estava sendo dada a ele, e Gavin se arrependeria para sempre se não a aproveitasse.

— Sienna.

Ela congelou, tensa, e ele a ouviu ficar ofegante.

— Gavin...

— Quando você falou daquela casa hoje mais cedo, sabe o que surgiu na minha cabeça? Eu imaginei como teria sido te carregar por aquela porta. Imaginei como seria o seu vestido.

— Pare — repetiu ela, mas foi um sopro. Incerto.

— Não.

Foi quando ela se virou para ele, com uma expressão incrivelmente ferida, e embora tivesse parecido uma facada, também lhe deu esperança, assim como tinha acontecido com a raiva que ela havia demonstrado, e pelas mesmas razões.

— Ainda magoa você também, Sienna. Ainda está com raiva. E se não se importasse mais, não seria capaz de sentir tudo isso — disse ele, dando voz aos seus pensamentos. — Precisamos falar disso. Já passou muito da hora...

— Eu tinha dezoito anos, Gavin — interrompeu ela, erguendo a voz. — Dezoito e sem ninguém no mundo exceto por você, Mirabelle e Argus. Com um golpe só, você me privou de todas as três pessoas que eu considerava a minha família! Eu não tinha ninguém. Nem uma única pessoa nesse mundo. E você não teve nem a decência de dizer na minha cara. Você me deixou lá. Sozinha. Fui de ônibus para casa, usando meu vestido de noiva! Quer saber como ele ficou depois de tudo o que foi dito e feito? Estava imundo, suado e fedendo a óleo diesel, seu babaca *desgraçado*!

Gavin estremeceu. Queria a raiva dela, por inteiro, e tinha

esperado que fosse doer, mas não daquele jeito. A visão *arrasou* com ele. Gavin baixou a cabeça e esfregou a testa.

— Você tinha dinheiro. Por que não pegou um táxi?

— Eu não tinha dinheiro. Não tinha levado *dinheiro* nenhum comigo. Você tem noção de quantos lugares tem para *guardar* coisas em um vestido de noiva? Eu esperava que você fosse estar lá. Esperava ir para casa na sua caminhonete.

Ele esfregou a testa de novo.

— Sinto muito por isso. Lutei comigo mesmo até o último instante. Se eu tivesse pensado em todos os detalhes...

— Quer saber por que ainda estou com raiva? Não é por causa do ônibus nem do vestido arruinado. É porque eu ainda consigo sentir aquele dia. Se fechar os olhos, ainda consigo sentir, ainda consigo *cheirar* e, Deus do céu, não sei como fazer isso parar. — Ela se levantou e se afastou dele. Gavin foi atrás dela, detendo-a com uma mão no braço. Ela se virou, com a expressão chocada e desafiante.

— Eu também ainda sinto. Ainda sinto você. Todos esses anos. Eu não te superei. Quer saber por que nunca me casei? Porque ninguém nunca se comparou a você. Ninguém podia, porque ninguém era *você*.

Ela riu, mas não havia humor.

— E o que devo pensar disso? Já passou muita água debaixo dessa ponte. Estou com outra pessoa.

Ele ficou tenso, incapaz de conter o raio de puro ciúme que se espalhou por seu corpo.

— Sienna, esse Brandon Guthrie com quem está namorando não te merece.

— Você não sabe nada do Brandon.

— Eu sei o bastante.

Ela virou a cabeça de supetão para ele, com a expressão ao mesmo tempo de incredulidade e afronta.

— Ai, meu Deus, você levantou a ficha dele? Isso é ultrajante!

— Pesquisei no *Google*. E você deveria fazer isso também.

— Não preciso procurá-lo no *Google*. Eu o conheço!

— Talvez não tão bem quanto você pensa. Dê uma olhada. Veja o quanto ele é leal. Se os ideais de vocês estão alinhados.

Ela riu, e havia um pouco de histeria ali.

— E você tem moral para falar de lealdade?! De *ideais*? — Ela fez menção de se virar de novo, mas ele colocou os dedos ao redor de seu braço, e ela parou, virando-se para ele. Gavin se sentiu encorajado pelo fato de que ela não tinha insistido em ir embora, mas permitido que ele a detivesse com o mais ínfimo dos toques. Ela querer ficar lhe deu esperança, quisesse ela admitir ou não. Ela queria ver onde aquilo ia dar, não importava o que “aquilo” acabasse sendo.

Já estava mais do que na hora.

— Não sei o que você está fazendo. Só sei que tomou sua decisão há anos. Abriu mão de mim, me jogou fora e não pode me reconquistar quando bem entender.

Ele tentou pegar as mãos dela, mas Sienna recuou e cruzou os braços.

— Diga o que tem a dizer. Eu aguento. Mas também me deixe explicar...

— Explicar? O que tem para explicar? — E, de novo, ela não se afastou.

Ele respirou bem fundo.

— Eu vi sua carta de admissão na faculdade, Si, eu vi a bolsa que te ofereceram para o curso de justiça criminal.

Ela titubeou; ficou óbvio que não esperava ouvir aquilo.

— Mas... o quê? Como? Joguei aquela carta fora.

— Não antes que sua mãe a visse.

— Minha *mãe*? — Agora ela parecia ainda mais confusa.

— Sua mãe foi atrás de mim e levou a carta, me mostrou do que você estava prestes a desistir. Ela era uma megera infeliz 99% do tempo, Sienna, mas estava certa ao fazer aquilo. Eu acho... não

tenho certeza, mas acho que, em algum momento da vida, sua mãe tomou uma decisão ruim e acabou onde estava. Sendo *quem* era. Talvez a única coisa decente que ela já tenha feito na vida foi ver onde a filha ia cometer o mesmo erro e fez o que pôde para impedir que isso acontecesse. Você tinha desistido daquilo para se casar comigo e viver em uma casa de madeira cheia de goteiras e parte elétrica duvidosa. Abriu mão de uma bolsa de estudos que conquistou depois de se esforçar demais apesar de tudo estar contra você.

Ela ficou parada ali, com as engrenagens girando, e o queixo caído ao encará-lo. Ele não podia dizer exatamente em que ela estava pensando, mas sabia que essa era a sua oportunidade de lhe explicar o que tinha feito e a razão e que não haveria outra.

— É... — disse ela — ... eu teria desistido de tudo para me casar com você. A escolha era *minha*, Gavin, e você tirou isso de mim.

— O que você ia fazer? Desistir dos seus sonhos para me seguir pelo país enquanto eu participava de torneios? Era tudo o que eu tinha. Não havia garantia de que eu ganharia qualquer coisa. Eu não tinha noção do que estava enfrentando. Senti a pressão daquilo, Si. Não sabia como equilibrar o que queria para minha carreira e o nosso relacionamento. Eu queria te dar estabilidade porque era a única coisa que você não teve durante toda a vida, mas fiquei com medo. A casa alugada pela qual você estava tão animada parecia uma variação de um tema. Quase uma armadilha...

— Uma *armadilha*?

— Para nós dois — esclareceu ele. — Mais tarde percebi que, para você, aquela casa representava potencial, mas na época não foi o que consegui enxergar. Na época, não pareceu que fosse mais que uma transferência lateral. E, então, quando sua mãe apareceu e me mostrou aquela carta, pareceu que um peso havia sido retirado dos meus ombros. Era uma saída para você... mas era para mim também. Eu não teria que carregar a pressão de falhar com você.

— E não poderia ter dito isso na minha cara? — perguntou ela, erguendo a voz.

— Não, não podia. Eu era fraco demais para fazer isso. Eu jamais teria ido embora. Não poderia te olhar nos olhos e partir o seu coração. Caramba, na época, eu mal sabia como articular o que estava sentindo. O que sabia era que você tinha ainda menos apoio que eu, e eu estava tentando demais ser a sua rocha, até que sucumbi. Eu te amava, mas também só tinha dezoito anos, Sienna.

— Aí saiu de fininho feito um covarde — acusou, e ele viu as lágrimas brilhando em seus olhos e, de novo, a dor que viu ali arrasou com ele, mesmo naquele momento. Gavin fechou os olhos por um instante e respirou fundo. Tinha cometido um erro. Ou, pelo menos, tinha cometido um erro quanto à forma de terminar com ela. Um erro grande e muito, muito confuso.

Ela merecia a verdade. Ele não lhe dera, e disso ele se arrependia amargamente.

— É, acho que foi. Saí de fininho feito um covarde. Mas me responda, você teria ido? Se eu fosse te procurar e te contasse todas as minhas dúvidas e que eu sabia da bolsa e que queria que você a aceitasse, que sua mãe, de todas as pessoas nesse mundo, tinha me contado, o que você teria feito?

Ela soltou um fôlego trêmulo, olhando ao longe por sobre o ombro de Gavin. Ele podia dizer que Sienna estava refletindo, talvez se colocando de novo na posição de quando tinha dezoito anos e pensando de verdade em tudo, de acordo com a perspectiva da menina que tinha sido. Ele agradeceu por ela ter parado para refletir com sinceridade. Teria sido mais fácil dizer: *Sim, claro que eu teria ido se você tivesse sido sincero comigo*, mas ela não tomaria a rota mais fácil. Si era assim: justa até a alma. Verdadeira quando ele não tinha sido. Gavin se perguntou de onde ela poderia ter saído, dada sua beleza delicada, sob a luz de quem eram seus pais. Mas, pelo mesmo motivo, também se questionou quanto ao compromisso incessante que ela tinha com a integridade, com a verdade. Talvez a pergunta mais curiosa não fosse como ela conseguira reunir essas qualidades, mas como conseguira mantê-las.

— Eu... não sei. Talvez não. — De repente, ela pareceu exausta, e ele sentia muito por isso, mas não tanto. Ela deu alguns passos

para trás em direção ao banco e se sentou como se suas pernas não suportassem mais o peso do corpo; ele fez o mesmo. Era necessário que tivessem aquela conversa. Estava onze anos atrasada. Sienna se virou para ele e o olhou nos olhos e, embora a fagulha de raiva tivesse morrido, a tristeza ainda estava presente.

— Você era o meu sonho, Gavin. Não um diploma universitário, nem uma carreira que eu não conseguia imaginar e em que não sabia se seria boa. Você. E talvez tenha sido um erro de julgamento. Falta de visão ou seja lá que nome você queira dar a isso. Mas é a verdade. E na época pensei que talvez faria tudo isso... mais tarde, mas eu... não tinha certeza. Só estava certa de uma coisa: que eu queria que você fosse meu futuro, e eu queria ser o seu. Pensei que, se partíssemos daí, o resto se resolveria.

Aquele anseio de novo. Porque ele tivera todo o coração dela certa vez, e não o tinha mais. E o queria de volta. Deus, como queria. Queria que ela o quisesse. Queria que ela o desejasse da mesma forma que ainda a desejava. Da forma, em algum lugar lá do fundo, que ele sempre a tinha desejado. Nunca se permitira ponderar o fato porque, quando tomara a decisão de ir embora da cidade, antes do casamento, há tantos anos, fez isso sabendo que a deixaria para sempre. Ela não o perdoaria, não por abandoná-la. E ele tinha dito a si mesmo que precisava fazer daquele jeito, de modo que ela jamais fosse aceitá-lo de volta, porque, se ele acreditasse que ela fosse aceitá-lo, ele a encontraria, imploraria por outra chance, e então de que teria adiantado tudo aquilo?

— E agora — disse ele, baixinho —, tendo em conta a vida que você tem, o seu trabalho, todas as coisas que aconteceram entre aquele dia e hoje, deseja que tivesse sido diferente? Olhando em retrospecto?

Ela suspirou.

— Como posso responder algo assim? Quer que eu diga que o que você fez foi certo? Que sou grata por ter aniquilado o meu coração?

Ele passou a mão pelo cabelo, e seus ombros caíram.

— Não. Mas espero que possa encontrar um jeito de entender. — *De perdoar a dor e a perda que te causei.*

— E você? — perguntou ela. — Faria diferente, sabendo o que sabe agora?

Ele soltou um suspiro pesado. Era uma pergunta justa. Ele perguntara a mesma coisa.

— Também não sei. Minha visão de mundo era diferente na época. — Era esquentadinho, impulsivo como todos os jovens costumam ser. Mas também era inseguro quanto ao futuro, quanto ao que o mundo reservara para ele. Mirabelle o havia dissuadido de tentar fazer carreira no jogo, e supôs que qualquer boa mãe faria isso. Não podia culpá-la. Quem ia querer enviar o filho para o mundo para seguir um caminho que contava com uma porcentagem tão alta de *sorte*?

Mas ele havia acreditado no próprio dom. Pelo menos o bastante para apostar em si mesmo. Só não tinha acreditado em si o suficiente para fazer apostas com o futuro de Sienna.

— Eu costumava repassar tudo isso na minha cabeça. Brincava de “e se?” por um tempo e nunca chegava a conclusão nenhuma, a não ser a de que eu sentia muita saudade de você. — Ele fez uma pausa, olhou para o perfil dela, depois afastou o olhar. Otis não estava mais na água. Ele havia chegado à margem distante, sacudido as penas do rabo e estava fazendo o que quer que cisnes faziam quando a lua brilhava alto no céu. — E eu desejava... eu desejava ter pensado em uma forma de conseguir tudo sem precisar arriscar nada.

Sienna soltou um barulhinho que ele pensou conter uma nota de humor, mas era mais melancolia.

— A vida não funciona assim. — Ela suspirou, olhando para ele, e mesmo com pouca luz, ou talvez por causa disso, Gavin ficou impressionado com a beleza dela, o contorno da sua estrutura óssea, as maçãs do rosto altas, a curva suave do nariz. Ele a tinha visto se transformar de menina a mulher e a achado linda em cada etapa da vida. Percebera que estava apaixonado por ela em um dia

no início de abril, quando tinha quinze anos e havia aceitado o fato com a mesma naturalidade com que a terra aceitava a chuva. E com a mesma necessidade.

E embora tivesse pensado que havia seguido em frente, não foi o que aconteceu. Ainda era ela. Sempre ela.

Eles se fitaram, e Gavin se inclinou para a frente, permitindo que os lábios roçassem os dela. Não percebeu que tinha feito isso até ouvir o arquejo baixinho e suave de Sienna. Seu fôlego ficou preso, e ela piscou para ele, mas não se afastou, e então ele pressionou a boca na dela com mais firmeza, inclinando ligeiramente a cabeça e usando a língua para lambar a junção dos seus lábios macios. Ela os abriu, e o coração dele disparou. Gavin segurou-lhe o rosto, e ela soltou outro som baixinho, um gemido dessa vez. Ele sentiu o som correr por sua boca e descer por sua espinha, indo se assentar na virilha, e vibrou lá conforme ele inchava, pressionando o zíper da calça. A língua dela encontrou a sua, e Sienna se derreteu nele, ternura e excitação misturados. *Sienna. Sienna.* O mesmo nome, mas diferente. Passado e presente mesclados enquanto ele se reconectava com o gosto dela, as texturas dela, a sensação dela em seus braços. Como tinha conseguido viver sem aquilo por tanto tempo? Parecia um milagre ter sobrevivido.

Com um arquejo baixinho e estrangulado, ela se afastou, virou a cabeça e levou as costas da mão à boca.

— Ah, Gavin — suspirou. — Isso é errado. A gente não tem mais nada. E isso já faz muito tempo. — Ela se levantou e, por um momento, ele continuou sentado lá, fisgado e atordado.

Eles tinham conversado, sim, talvez tivessem até encontrado um pouco de compreensão. Um pouco de paz. Mas, quanto a *eles*, nada tinha mudado. Ele se levantou, e, caramba, não é que suas pernas estavam um pouco bambas? Ele quase riu. Apenas uma mulher poderia deixar suas pernas bambas, e ao que parecia, não importava se ele tinha dezessete ou 29 anos.

— Vamos lá. Vou te acompanhar até o seu carro — disse ele, e embora o seguisse, ela manteve distância.



— Sienna, tem uma pessoa aqui querendo te ver. — Ela olhou para cima, assentiu para Xavier e abaixou a lata de Coca-Cola da qual tinha acabado de beber um gole, esperando que a dose de cafeína e açúcar ajudassem com a leve dor de cabeça que estava sentindo chegar. Não tinha o hábito de consumir refrigerante de manhã, mas, Deus, sentia os olhos turvos. Mais uma vez, ela havia passado a noite revirando na cama, a mente repassando o caso, as cartas, mas com uma inquietação adicional por causa de Gavin e tudo sobre o que haviam conversado.

Sem contar aquele beijo.

— O professor de ciências do Copper Canyon High School? — ela perguntou a Xavier. Tinha que ser. Ele era a única pessoa que ela havia conseguido convencer a vir à delegacia e responder algumas perguntas sobre o sr. Cotoveleiras.

— É. Eu o levei até a sua mesa. Não sabia se você o queria aqui dentro.

Sienna ficou de pé.

— Não — respondeu. Ela não precisava olhar o quadro para se lembrar de que era algo que nenhum civil estaria preparado para ver. Sem mencionar o fato de que era evidência, boa parte das quais não haviam ido a público. — Obrigada, Xavier. Algum progresso com os anuários?

Ele começou a caminhar com ela em direção à sala em que a mesa de ambos ficava.

— Não muito. Consegui eliminar um punhado de estudantes do sexo masculino baseado no fato de que não moram mais no estado

e essas coisas, mas não sei bem o que estou procurando.

Sienna suspirou quando eles viraram no corredor.

— Nenhum de nós sabe — disse ela. — Continue eliminando, e me avise se algo fizer seu sentido-aranha formigar.

Ele sorriu ao se afastar dela e ir em direção à própria mesa.

— Pode deixar.

Um homem de uns sessenta anos, praticamente careca e usando óculos redondos estava sentado na cadeira vazia ao lado de sua mesa de metal, e Sienna estendeu a mão ao se aproximar.

— Sr. Freehan?

Ele ficou de pé e apertou a sua mão.

— Detetive Walker. Pode me chamar de Roy.

— E a mim, de Sienna — disse ela, ao se sentar e piscar quando uma pequena vertigem fez a sala girar por um instante. — Obrigada por vir. Eu teria ido encontrar o senhor.

— Imagine. Eu estava a caminho de uma consulta marcada para daqui a uma hora.

— Não vou tomar muito do seu tempo. Só estava esperando que pudesse responder algumas perguntas sobre um professor com quem trabalhou há vinte anos, Sheldon Biel. O senhor era o único outro professor de ciências da escola na época, então pensei que talvez tivesse trabalhado mais próximo dele que os outros.

— Ah, entendi. — A expressão dele azedou. — Sim, eu me lembro do Sheldon. Ele era bastante popular com os alunos e também com os funcionários. — Ele fez uma pausa. — Nunca tive problema com ele em si. Ele parecia decente e, ao que tudo indicava, fazia bem o seu trabalho. Foi só depois...

Depois. Havia muito naquela palavra.

— Sim — encorajou-o Sienna —, estamos cientes do desaparecimento e do que foi encontrado na casa dele.

Roy Freehan balançou a cabeça.

— Inacreditável, na verdade, que um homem que trabalhava tão perto de crianças tivesse a propensão de observá-las serem

vitimizadas. Como pode algo assim?

Não pode. E não era só olhar o que interessara a Sheldon Biel.

— É perturbador — disse ela, com cuidado.

O sr. Freehan se inclinou para frente.

— Vocês voltaram a investigar o desaparecimento dele depois de todo esse tempo?

— Não. Na verdade, encontramos, há pouco tempo, um corpo e descobrimos via arcada dentária que era o sr. Biel. Ao que tudo indica, ele foi assassinado por volta da época de seu desaparecimento. A família foi notificada. — A história passou no noticiário naquela manhã, mas estava evidente que o sr. Freehan não havia assistido.

Roy se recostou, sua expressão registrando surpresa.

— Ah. Ah. E quer saber se consigo pensar em alguém que talvez quisesse fazer mal a ele? — perguntou o homem. — A polícia me interrogou na época que ele desapareceu.

— Não, não só isso, a menos que o senhor possa pensar em algo agora que não se lembrou na época. Sei que já faz bastante tempo, mas estou me perguntando se por acaso o senhor se recorda de notar que ele passava mais tempo com um aluno ou outro ou... bem, se ele parecia ter preferência por algum em particular?

— Ah — repetiu Roy Freehan, obviamente compreendendo a lógica das perguntas à luz do que tinha sido descoberto depois do desaparecimento. — Hum... — Ele coçou a cabeça calva, em seguida tirou os óculos e usou a bainha da camisa para lustrar as lentes. — Eu parava o carro ao lado do dele no estacionamento — disse. — E o vi dar carona para os alunos às vezes. Acho que dava aulas particulares para eles depois da escola... — O sr. Freehan olhou para ela, e parou de limpar as lentes, seu olhar registrando a compreensão. — Ah. — Ele soltou um longo suspiro, então voltou a colocar os óculos. O homem parecia muito mais pálido enquanto estreitava os olhos, obviamente viajando ao passado, revirando o cérebro. — Acho que me recordo de ter visto, em várias ocasiões, ele entrar no carro com o garoto de cabelo escuro que estava

sempre carregando um baralho de cartas.

— Baralho? — indagou Sienna, prendendo o fôlego.

Roy Freehan assentiu e estreitou os olhos de novo.

— É. Ele... ele era um pouco alto para a idade, eu acho, embora não de uma forma que chamasse a atenção. Cabelo escuro, como eu disse. Calado. Eu só me lembro dele por causa do baralho. As cartas se sobressaíam. Eu me perguntava por que ele carregava aquilo para todo lado. Ninguém prestava muita atenção a ele, e por nada nesse mundo consigo me lembrar do nome. Mas ele ficava por ali, olhando para o nada, embaralhando aquelas cartas, sabe, como se elas dessem segurança a ele. Na época, eu poderia ter pensado que ele precisava ter uma conversa com o psicólogo da escola, mas... sim, eu o vi entrar no carro de Sheldon algumas vezes. Eu me lembro porque uma vez ele deixou o baralho cair aos meus pés, e eu o ajudei a juntar as cartas. Ele olhou nos meus olhos enquanto estávamos agachados lá na calçada. Foi a única vez que me lembro de ele ter me olhado nos olhos. Você acha... acha que era um pedido de ajuda? *Ah, Deus.*



— Ei, você está bem? Parece exausta — disse Kat, ao se sentar a sua mesa em frente à de Sienna.

Sienna abriu um sorriso amarelo e pegou o café que havia acabado de servir, o segundo em duas horas.

— Sim. Estou bem. Não dormi bem esta noite. — *Nem na anterior... muito menos na que veio antes dessa.*

— Isso é porque você está se matando de trabalhar desde que atravessou aquela porta. E não estou me referindo a hoje de manhã. E sim desde o *instante* que atravessou aquela porta. — Kat folheou os recados que tinham sido deixados em sua mesa enquanto ela estava fora.

— Não tive muita escolha — respondeu Sienna, então tomou um gole de café, esperando que as contínuas doses de cafeína

funcionassem tanto na energia baixa quanto na dor de cabeça que não passava. Logo atualizou Kat sobre a conversa com o professor de ciências, Roy Freehan. *Ainda* estava perturbada por causa daquilo. *Você acha... acha que era um pedido de ajuda?*

— Você pediu para ele olhar os anuários?

— Sim, mas ele não reconheceu nenhum dos estudantes como sendo o que mencionou. — O único garoto que encontraram no anuário chamado Daniel Forester no momento está morando em Cleveland e trabalhando como repórter no jornal da manhã. Havia muitas chamadas dele na internet, o que lhe dava um ótimo álibi que remontava há meses. Não que ela tivesse pensado que a pista fosse dar em alguma coisa.

— Então o nosso garoto não apareceu no dia da foto — murmurou Kat.

— Não — confirmou Sienna. — Em nenhuma delas. Então agora pedi a Xavier para repassar os diários de classe e marcar os nomes dos garotos que não apareceram no anuário.

— Boa. Tomara que tenham sido poucos. Talvez a gente tenha sorte e isso acabe sendo uma boa forma de afunilar as coisas.

— É... — E era exatamente o que precisavam fazer. *Afunilar as coisas*. Porque, no momento, as informações que conseguiram juntar pareciam esmagadoras. A mente de Sienna repassou todas as evidências que possuíam, as pistas e os escritos que lhes entregaram, e o perfil que o dr. Vitucci havia apresentado quando ela tentou pensar em um caminho que ainda não tinham tomado e que talvez os levasse para mais perto de Danny.

— Ah, a propósito, conseguimos perícia completa dos itens que foram testados naquela primeira casa vazia — contou Kat, ao entregar o relatório a Sienna. — Nada — complementou, desanimada.

Sienna o pegou e deu uma olhada. Nada de digitais. Nem DNA. *Nenhuma surpresa*. Continuou olhando. O kit de primeiros-socorros que haviam encontrado em uma gaveta era só isso, o conteúdo do frasco corroído identificado como iodo, item comum em um kit de

primeiros-socorros, nada de outro mundo.

— Droga — murmurou, mesmo enquanto algo cutucava seu cérebro. Seu joelho começou a mexer. O que era?

Algo...

Ela apanhou as notas, repassou-as e parou onde havia anotado sobre a tabela periódica que Danny Boy havia mencionado. Algo na carta tinha chamado sua atenção, mas, na hora, não significava nada de específico.

— Kat, iodo está na tabela periódica?

Kat afastou o olhar da tela do computador.

— De cabeça? Está perguntando para a pessoa errada.

Sienna sorriu, então abriu a busca e clicou em uma imagem da tabela periódica. E estava, claro. Seu joelho pulou mais rápido. O símbolo era I; o número atômico, 53.

Ele tinha deixado lá. Tinha sido uma das suas pistas. De repente, ela teve certeza. Mas, por si só, não significava nada.

Seu joelho pulou, a cabeça latejando enquanto tentava, com desespero, manter o foco. Havia algo ali.

Aquela casa havia sido o segundo lugar em que Danny Boy havia deixado pistas para elas. A primeira havia sido sob o viaduto em que o corpo de Reva Keeling tinha sido deixado. Ela abriu as anotações, encontrou o relatório da cena do crime e o folheou. Nada havia sido encontrado além das pistas deixadas no corpo.

Certo, mas ela tinha sido deixada naquele lugar em particular por uma *razão*. Danny Boy não teria passado pelo transtorno de arrastar uma mulher morta ladeira acima e deixá-la lá sem motivo algum. Para onde ela estava virada? Sienna fez a mente voltar no tempo. Um prédio que fazia... ela repassou as anotações e os impressos. Ferramentas. Eles produziam ferramentas. Armstrong and Sons. Ela pressionou uma tecla, tirando o computador da espera, e pesquisou a empresa. Ninguém estivera lá no dia do assassinato de Reva, mas talvez tivesse alguma razão para ela estar virada para aquele prédio em particular. E se fosse o caso, o lugar em que o corpo havia sido deixado fazia sentido, porque, pelo que se lembrava, dois lados da

construção eram flanqueados por uma via de mão dupla, ruas um tanto quanto movimentadas, e os fundos por outro negócio. Aquela área sob o viaduto era, na verdade, o único lugar mais privado em que um corpo poderia ser posicionado de frente para a fábrica de ferramentas, se isso por si só fosse uma pista.

Por que aqui? É esquisito.

Ela leu a descrição dos produtos da Armstrong and Sons. Eles projetavam e fabricavam ferramentas de aço vanádio, incluindo grampos, cortadores, limas, serras e facas.

Facas... hummm. A *mãe* tinha usado uma faca. Era bastante hábil com uma faca.

Sienna clicou em outra página e passou as fotos das facas de vanádio. Vanádio... vanádio. Ela abriu de novo a tabela periódica, e seu coração teve um leve sobressalto.

Vanádio. Lá estava. Símbolo V, número atômico 23.

Iodo à direita. Símbolo I, número atômico 53.

Na ordem das cenas a que tinham ido, as letras eram VI.

— Seis em romanos? — murmurou.

Ou talvez 2353? Outro endereço?

Ou talvez... o começo de uma palavra? Vídeo? Um nome? Vincent?

Ai. Uma dor particularmente penetrante emanou da têmpora até a nuca.

Ela puxou o arquivo de onde a segunda vítima tinha sido encontrada, Bernadette Murray, também conhecida como Rainha Abelha. Assim como na cena de Reva Keeling, nada que tivesse ligação com o assassinato tinha sido encontrado ali, nada além do que fora deixado no corpo da vítima. Ela também estava sentada erguida, virada para um prédio. Encontrava-se do outro lado de uma cerca e não oferecia uma vista excelente, mas era a direção em que tinha sido posta, como se olhasse direto para lá. Ela virou as páginas. Med Plus. Mais uma vez, ela se virou para o computador. Tanques de oxigênio e equipamentos. Eles vendiam *oxigênio*. Ela

abriu a tabela periódica e encontrou oxigênio, símbolo O, número atômico 8. VIO. Então não era um número romano. E 23538 estava ficando longo demais para ser um endereço. Fez uma rápida busca no computador. Não havia código postal assim nos Estados Unidos.

VIO... seria uma palavra? Ah, Senhor, sua cabeça doía.

Ela olhou para cima, mas Kat estava ao telefone, falando em tom baixo ao folhear os papéis em sua mesa.

A quarta cena a que tinham sido levadas era a casa na Bluebell Way onde encontraram Sheldon Biel, também conhecido como sr. Cotoveleiras. Deu uma olhada no relatório da perícia, olhando as fotos do que tinha sido encontrado, incluindo o rádio e... as pilhas reservas. Ela o trouxe mais perto. Era uma pilha de lítio da Panasonic com o *i* em *Panasonic* riscado ou desgastado.

Ela voltou a abrir a tabela periódica. Lítio, símbolo Li, número atômico 3. 235383? Ou... *VIOLi*. Mas o *i* tinha sido riscado na pilha. Será que significava que o *i* de *Li* deveria ser desconsiderado? *VIOL*. Uma palavra? Violência, violino, violetas. Um nome? Viola?

Espere, havia outra cena. O apartamento de Reva Keeling. A cabeça latejava tanto que ela quase soltou um gemido. O lugar era uma confusão de coisas espalhadas por toda parte. Se havia lá algo relacionado a um elemento, seria como procurar uma agulha em um palheiro. Havia achado as outras pistas lá porque tinham sido direcionadas a elas. Com certeza não se podia esperar que cada botão e tampa de garrafa fossem catalogados.

Ah, *Deus*. Aquilo de repente pareceu ridículo e *louco*. Uma tarefa fútil.

O telefone de Sienna apitou, felizmente interrompendo seus pensamentos desconexos, e o nome da sua amiga, Nellie, apareceu na tela. Era filha do seu ex-parceiro, Garrod, e tinha mais ou menos a sua idade. Sienna havia se aproximado dela ao longo dos anos que trabalhara com Garrod e tinha sido convidada para os eventos familiares. Ela atendeu conforme Kat fazia o mesmo com o seu telefone: fazendo outra ligação, provavelmente dando retorno aos recados. Talvez alguém tivesse ligado com alguma informação útil.

Podiam ter essa esperança. Sienna abriu a mensagem.

Como estão as coisas aí em Reno? Saudades!

Como está indo isso de relacionamento à distância? Muito
sexo por telefone? ;)

Sexo por telefone. Caramba. Nem sequer tinha pensado nisso. Verdade seja dita, fazia meses e meses que ela e Brandon nem faziam sexo *comum*, mesmo antes de sua mudança. Ela andava estressada e vinha sendo muito pressionada por causa da prisão que tinha quebrado as regras para fazer. Havia esperado que tudo fosse pelos ares a qualquer momento, o que em si não levava a sentimentos de sensualidade. Então recebera a oferta de Reno e tivera só um mês para preparar a mudança para o outro lado do país, de volta ao lugar que tinha trazido tantas emoções conflitantes. Então... sim, fazia tempo que estavam na seca, e para ser sincera... agora que parava para pensar no assunto, não tinha sentido falta dele sob esse aspecto. O que supôs não ser um bom indício.

Eu o pesquisei no Google. E você deveria fazer isso também.

Não. Não, eu não deveria.

Escolheu empurrar tudo o que havia acontecido com Gavin para segundo plano. Havia coisas mais importantes sobre as quais se debruçar que não ele. Ou na conversa que tiveram. *Ou no beijo.* Ou no que ele tinha dito sobre Brandon.

Fechou a mensagem de Nellie, responderia mais tarde, quando estivesse em casa. Ou talvez ligasse para ela do carro se estivesse se sentindo melhor, pensou, ao massagear a têmpora. A cafeína nem havia feito cócegas na dor de cabeça, que só tinha ficado pior desde que começara a caça ao tesouro na tabela periódica. Precisaria ir atrás de algo mais forte.

Ela começou a se afastar do computador, mas hesitou.

Não faça isso.

Dê uma pesquisada nele. Veja o quanto ele é leal.

Ela clicou na página inicial de um site de busca e digitou o nome dele. O resultado mais recente sobre Brandon Guthrie, da Purcell,

Fenwick e Penn, apareceu, e quando ela viu o que era, seu estômago revirou.

Sienna hesitou. Abrir o artigo era uma ideia terrível. Ela sabia que era, e, ainda assim, não conseguiu resistir.

Não vai te fazer bem nenhum. Você sabe que não vai.

Ver o quanto ele é leal.

O artigo destacava um elegante jantar de campanha de reeleição para o candidato a prefeito de Nova York, o responsável por Sienna estar sentada a uma mesa em Reno naquele momento em particular. Ou talvez tivesse sido *ela* a responsável no fim das contas, *ela* que tomara a decisão consciente de não seguir ordens, mas... dane-se.

Passou os olhos pelo artigo que elogiava o foco do evento em sustentabilidade... serviram canapés com flores comestíveis... todo o menu era vegano... pratos biodegradáveis pintados à mão... talheres de bambu. *Mas que palhaçada.* Tinha aprendido uma coisinha ou outra sobre o prefeito quando estava investigando o membro de sua equipe. Em sua vida privada, o prefeito comia bifes de US\$ 900,00, ia de jatinho para Aspen aos fins de semana e, o que era provável, embora ela não tenha tido tempo de fazer uma conta exata, consumia mais eletricidade em um dia do que um americano comum o ano todo, e isso para fazer sua casa de quase dois mil metros quadrados funcionar. Sienna não era contrária ao luxo. Seu problema era com a hipocrisia. Ainda mais daqueles que estavam no poder. *Ainda mais* daqueles que protegiam os amigos que faziam crianças de vítima. Sua cabeça latejou, e ela tomou um gole do café agora morno que estava em um copo de papel. *Parabéns para você, seu merda falso e mentiroso.*

Ela deslizou a tela até chegar a uma foto e... o diabo da seca em pessoa. Ela se inclinou para perto, o queixo caiu de surpresa, o coração se apertando.

Mas. Que. Porra?

Lá estava Brandon, sentado a uma das mesas luxuosas, elegante em um smoking, rindo de alguma coisa que a pessoa no palco estava dizendo. E ao lado dele estava uma mulher bonita de busto

avantajado que trabalhava com ele. Sienna a conhecera em um dos eventos da empresa havia alguns meses e notara a forma como ela olhava para Brandon. Quando, de brincadeira, mencionou o fato mais tarde, ele fez pouco, sorriu e perguntou com quem ele estava indo para casa.

Seu coração se apertou mais ainda.

Talvez *Brandon não estivesse passando pela mesma seca que ela.*

E, verdade fosse dita, não tinha certeza se a queimação no estômago era mais pelo fato de ele estar parecendo todo íntimo com a colega de trabalho, que apoiava a mão no ombro dele enquanto também ria, ou se era por ele sequer estar lá. Como ele podia comparecer a um jantar de campanha de um homem que não só havia tentado esmagar a investigação de um crime moralmente depravado, mas que também a teria jogado para os lobos se ela não tivesse sido enxotada para fora da cidade e ido para o único departamento que a aceitaria, pois estava com tanta falta de efetivo que a situação havia ficado desesperadora?

Seu estômago ardeu.

Esperou que o choque e a dor no coração reduzissem, mas não foi o caso. Só havia desânimo. Talvez só estivesse emocionalmente exaurida e não tivesse mais nada para dar a Brandon Guthrie e seu jantar de deslealdade.

Ela saiu do navegador e olhou para Kat, que ainda estava ao telefone, virou-se e anotou algo.

Folheou as anotações. Havia várias coisas circulando em seus pensamentos, mas tudo fora do alcance, e não parecia capaz de se concentrar em nenhuma delas. Com um suspiro frustrado, ela os deixou de lado.

— Ei, Sienna, você não está com a cara boa — falou Kat, ao desligar o telefone. — Precisa ir para casa?

Ela abriu a boca para dizer que não, quando uma dor particularmente lancinante na têmpora a fez estreitar o olho de novo. Kat estava certa. Ela se sentia péssima e, do jeito que estava, não

poderia fazer bem a ninguém. Os pensamentos estavam dispersos e desfocados. Se não dormisse um pouco, ia desabar.

— Tem certeza de que pode...

— *Tenho*. Dê o fora daqui, agora. Vou avisar a Ingrid.

Sienna abriu um sorriso-amarelo para ela.

— Tudo bem. Uma boa noite de descanso e estarei de volta com tudo. — Ela se levantou, juntou as coisas e verificou se o arquivo do caso estava na maleta. Ela o repassaria quando estivesse descansando na cama ou depois de algumas horas de sono de verdade.

— Bem, não exagere. Precisamos de você no seu melhor.

E com certeza estou menos que isso. Despediu-se de Kat e foi para a porta.

No carro, ela se olhou no retrovisor e permitiu que um suspiro escapasse. Não era de se admirar Kat ter sugerido que ela fosse para casa. Os olhos estavam injetados, com olheiras profundas. Estava além de extenuada. Abaixou o volume do rádio, enfim permitindo que o cérebro relaxasse; parou de forçá-lo a fazer conexões e a encaixar pistas. O cérebro era meio que um músculo também, lembrou a si mesma. E às vezes precisava descansar.

Os pensamentos se viraram para Gavin, como sabia que aconteceria no momento que soltasse as rédeas dos pensamentos. *Aquele beijo*. Aquilo a tinha abalado, confundido. E, sim, havia confirmado para ela que a química dos dois ainda existia. Fechou os olhos por um instante quando parou no sinal vermelho.

Tivera *paz*. De verdade. Tinha construído uma vida em Nova York, se entregado a uma carreira que amava e, de repente, como se de um dia para o outro, todo o seu mundo havia ficado estremecido e instável, e ela não fazia ideia de onde poderia se proteger.

Havia beijado o homem que estilhaçara seu coração, e o homem com quem estava planejando se casar em um futuro próximo havia vestido um smoking para brindar ao inimigo dela.

O engraçado era que, anos depois de Gavin a ter abandonado no altar, sentia como se o estivesse traindo cada vez que, sei lá, ia

tomar um café com alguém. Era terrível, e era estressante, e só servia para aprofundar a dor. Depois de um tempo, no entanto, assim que a dor havia diminuído, ela veio a acreditar que era apenas um efeito colateral do fato de que ele tinha sido seu primeiro e único amor, até aquele ponto. Aquela sensação se devia à realidade de que ela nunca estivera com ninguém mais, e tinha acreditado de todo o coração que jamais estaria. Sim, era natural, e passaria em algum momento, disse a si mesma. Porque qualquer outra coisa seria arrasadora demais para sequer considerar. E, acima de tudo, o sentimento *havia* desvanecido. Brandon tinha sido o primeiro homem com quem ela saía e que não comparava tudo o que ele fazia a Gavin, sem medir as emoções contra a forma com que havia se sentido em relação a ele. Não, não era igual, Gavin havia sido seu primeiro tudo, e fazia sentido que seus sentimentos por ele houvessem ardido com o fogo da novidade. Mas ela *estava* atraída por Brandon. Ele era inteligente e confiante, e sabia como comandar um ambiente. Ele a olhava como se ela fosse a mulher mais sexy que ele já tinha visto na vida, e a fazia se sentir desejada. Ela tinha começado a amá-lo, talvez não com o mesmo amor abrasador que a tudo consumia, e que uma vez havia sentido por Gavin, mas talvez assim fosse melhor. Talvez fosse idiotice dar tanto de si para um único ser humano quando os seres humanos eram tão falhos.

O que ela não tinha percebido até voltar a Reno era que ainda estava muito magoada. O que Gavin tinha feito havia transpassado músculo e osso e a arranhara até a alma. Ele tinha sido sua alma gêmea e a abandonara sem dizer nada. E, se sua alma gêmea conseguia fazer algo assim a você, como era possível voltar a confiar em qualquer um? Como era possível viver em um mundo sem nenhum lugar para pousar, ainda mais quando o *mundo* era um lugar em que homens em posição de poder colocavam dinheiro e influência à frente da inocência das crianças, em que pessoas jogavam pedras em belas criaturas mais fracas que elas, simplesmente para vê-las sangrar? Como?

Ele, melhor que ninguém, sabia que ela tinha questões com ser abandonada e, ainda assim, a havia abandonado.

Sua mãe foi atrás de mim e levou a carta, me mostrou do que você estava prestes a desistir.

A mãe. A mulher que Sienna havia suposto que não tinha pensado nela mais que um segundo em toda a sua vida. E como ela se conformava com *aquilo*?

Um som de agonia se moveu por sua garganta, e a cabeça latejou.

Sienna encostou na frente de casa e desligou a ignição bem quando o telefone tocou.

Brandon.

Mas que sincronia perfeita a dele.

Ela suspirou e atendeu.

— Oi.

— Oi, estou surpreso por você atender. Imaginei que estivesse ocupada com o trabalho.

— Então por que ligou?

Uma pausa.

— Porque eu queria que soubesse que eu estava pensando em você. Há algo errado?

Sienna esfregou a nuca. A dor tinha, agora, chegado ao redor da cabeça.

— Vi fotos suas no baile, Brandon.

Outra pausa e um rangido alto de cadeira, como se ele tivesse se sentado erguido ou se recostado.

— Sienna...

— Você foi a um evento de arrecadação de fundos para o homem que tentou encobrir um crime sexual? Para o homem que tinha minha cabeça em uma bandeja e que provavelmente ainda tem?

— Sienna, sei como se sente. Olhe, eu não queria ir, ok, mas praticamente toda a firma insistiu.

Praticamente toda a firma.

— Você pelo menos resistiu, Brandon?

— Claro que sim. Mas havia um monte de gente importante lá, e era necessário que fizéssemos alguns contatos. Escute... Sienna, as pesquisas estão dizendo que é provável que o prefeito se reeleja, ok? — O coração dela se contorceu antes de ele continuar. — O fato não me deixa feliz, e, tanto quanto você, não gosto de políticos envolvidos no meu trabalho, mas a verdade é que, se eu quiser me tornar sócio em algum momento, vou ter que entrar no jogo.

Entrar no jogo.

O jogo. Aquele no qual crianças inocentes geralmente perdiam.

A *exata* coisa que ela não tinha estado disposta a fazer. Significava que então eram incompatíveis, no fim das contas?

Ela se sentia à beira de um precipício, com um pé de cada lado de uma fenda cada vez maior. E uma voz distante que não conseguia identificar muito bem lhe dizia que ela precisava escolher um lado ou outro, porque não daria para ter os dois.

Uma pontada de dor a fez se encolher.

— Olhe, Brandon, acho que talvez... precisemos considerar minha mudança como um breve tempo... da gente.

— Sienna, amor, você está dando importância demais a um jantar de negócios a que eu fui forçado a ir.

Ao qual você foi forçado a ir com a sua colega peituda? Você foi forçado a permitir que ela se sentasse perto o bastante para passar a mão em você? Mas não tocaria no assunto. Tinha beijado outro homem.

Não havia sido *intenção* sua. E ela havia se afastado. Mas... nada de desculpas. Nunca tinha sido de dar desculpas. Gavin a tinha beijado, mas ela retribuiu. E, sim, tinha se afastado depois, mas não antes de se permitir se perder no sabor dele, na sensação do corpo dele no seu, na doce e aterrorizante familiaridade da chama que mais uma vez havia se acendido dentro dela.

Ou seja, não estava tudo na conta de Brandon.

Mas, de repente, percebeu que a pergunta que havia se feito mais cedo a respeito de Brandon tinha uma resposta bem clara. O que mais pesava na sensação de traição da parte dele não era o fato de

ele talvez estar em um encontro. Era da mera presença dele naquele jantar em particular, da sua indisposição de opor resistência. Por ela. Pela justiça. Pelo que era *certo*.

— Acho que você vai perceber que é melhor assim, Brandon. — Ela saiu do carro, carregando a maleta no ombro. Parecia que pesava toneladas.

— Sienna, você parece... cansada. A gente conversa mais tarde, sim?

— Eu estou cansada, mas estou falando sério — confirmou ela, ao se arrastar pela porta. — Mas, sim, a gente pode conversar mais tarde. — Talvez houvesse mais a ser dito. No momento, não parecia ser o caso, mas Sienna precisava admitir que não estava com a cabeça boa.

— Tudo bem. — Ela ouviu uma voz de mulher, a secretária dele, de repente. — Estão precisando de mim em uma reunião, mas a gente se fala em breve, ok? Sienna... se cuide.

Se cuide.

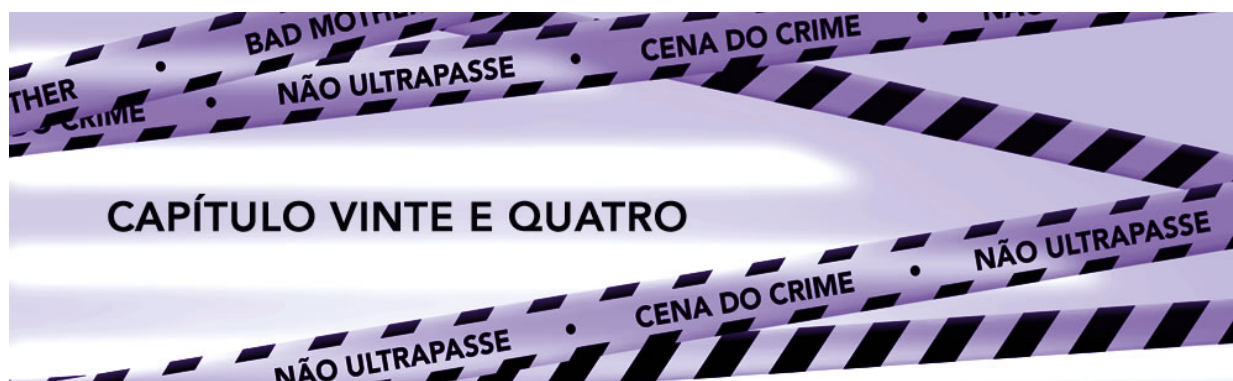
— Tchau, Brandon.

Ela trancou a porta e foi para a cozinha, jogou as coisas na mesa, que tinha comprado pela internet e havia chegado no dia anterior, e pegou o arquivo do caso.

Deveria ir para a cama, sabia disso, mas o motivo de Brandon para ligar, *porque eu queria que soubesse que eu estava pensando em você*, era pura bobagem. Havia “precisado” dele depois de dois minutos de conversa. E ele não havia se desculpado por ir ao jantar. Ele justificara as próprias ações. *Igual ao delegado. Igual ao prefeito*. Tudo para subir de cargo no emprego. Não conseguiria dormir, apesar das marteladas na cabeça. *Talvez por causa das marteladas na minha cabeça*. Em vez disso, ela preparou uma xícara de chá, decidiu que já tinha preenchido sua cota de café, abriu o arquivo do caso sobre o balcão e tentou, mais uma vez, resolver aquele maldito quebra-cabeças.

O que era relevante? O que o assassino tinha lhes dado e que haviam deixado passar? *Qual vai ser a próxima pista que ele vai*

deixar?



Pela terceira vez, Gavin fincou o dedo na campainha, ouvindo o zumbido distante lá dentro.

— Qual é — murmurou ele, e outro tremular de preocupação elevou sua impaciência. Havia ligado várias vezes para Sienna, e quando ela não havia retornado, ligou para a delegacia e falou com a parceira dela, Kat, que lhe disse que ela havia ido para casa mais cedo.

Ele não queria incomodar... por assim dizer. Mas também sabia que ela estava basicamente sozinha naquela cidade e que havia sido desafiada por um assassino que ainda estava solto. Alguém deveria ver como ela estava. *Ela é uma detetive treinada para usar armas de fogo e, espera-se, técnicas de luta, Decker, então não minta para si mesmo nem finja que ela precisa de proteção.*

Pensou ter ouvido movimento lá dentro, e um momento depois, a fechadura foi destrancada, e a porta, aberta. Sienna estava com as roupas de trabalho amarrotadas, o cabelo em um coque meio de lado, um olho semicerrado enquanto ela inclinava a cabeça para fitá-lo.

— Gavin — sussurrou ela. — O que está fazendo aqui?

— Oi — disse ele, dando uma olhada nela, notando as olheiras.

— Você não estava atendendo o telefone, então vim ver se estava tudo bem. Está?

Ela suspirou e fez sinal para ele entrar. Ele o fez, fechou a porta e a seguiu até a sala, onde ela obviamente estava sentada no chão, trabalhando. Havia papéis espalhados ao redor do lugar em que ela havia se acomodado. Ela pegou o celular ao seu lado e bufou

quando jogou o aparelho de volta.

— Está sem bateria. Preciso colocar para carregar.

Ele olhou ao redor, mas ainda não havia mobília, apenas as duas caixas fechadas posicionadas onde eles haviam sentado na primeira vez que ele estivera ali. Gavin tomou assento na mesma caixa desmantelada, e apoiou os cotovelos nos joelhos. Sienna se recostou na parede, fazendo careta ao massagear a testa. Ele a observou por um minuto.

— Você está exausta — comentou ele. E parecia que estava com dor de cabeça.

Ela soltou uma risadinha que se transformou em um bufo de dor.

— Eu sei. Foi por isso que vim para casa.

— Parece que o sono seria uma prioridade melhor.

Ela lhe lançou um olhar que dizia que não precisava de seu conselho não solicitado, mas a careta que se seguiu provou o ponto dele. Ela se inclinou para a frente, coçando o pescoço.

— Na verdade, é essa dor de cabeça que está arrasando comigo — disse ela.

— Você tomou alguma coisa para ela passar?

Ela balançou a cabeça, e mesmo aquele movimento ínfimo pareceu lhe causar desconforto. Ela encostou a cabeça na parede e fechou os olhos. Gavin se levantou da caixa de papelão.

— Você tem algum remédio?

— Não. Pensei que tivesse, mas não tenho — murmurou ela. — Faz muito tempo que tive uma dor de cabeça assim — falou ela, as palavras saindo tão baixas que ele quase não ouviu.

Aquilo repuxou seu coração. Ela havia se esforçado tanto que havia acabado dando com uma parede de tijolos. E, ainda assim, estava sentada no chão de casa, repassando as anotações do caso.

— Já volto. — Tinha quase certeza de que havia um frasco de Tylenol no porta-luvas. Foi lá fora, deixou a porta ligeiramente entreaberta e se encaminhou até o lado do carona. — Bingo — murmurou, ao pegar o remédio. Ele fechou a porta do carro e se

virou na direção da trilha que levava à casa de Sienna, mas a incerteza o fez parar.

Ele pressionou os lábios, em seguida pegou o celular no bolso e fez uma ligação.

— Mãe?

— Oi, Gavin, estou no meio de um episódio dessa série ridícula, a *American Bake-Off Show*. É o último, e as coisas estão tensas. Não consigo decidir...

— *Mãe* — repetiu ele.

— Gavin, o que houve? — perguntou ela, obviamente escutando a seriedade do seu tom.

— Estou na casa da Sienna. Ela saiu do trabalho passando mal e veio para casa, está com uma dor de cabeça horrorosa. Ela não costumava ter isso quando era criança?

— Ah, querido. Sim. Ela está apertando o olho esquerdo?

— Está. Eu estava tentando me lembrar do que você costumava dar para ela melhorar. — Ele invocou uma imagem de Sienna deitada no sofá da casa dele, com Mirabelle ao lado, passando um pano úmido em sua testa. É claro, a própria Sienna poderia dizer a ele o que funcionava melhor, mas temeu que ela fosse expulsá-lo antes que ele pudesse prover o alívio de que ela obviamente precisava.

— Aquela dor de um lado só da cabeça que ela costumava ter quando estava estressada demais. — Mirabelle estalou a língua. — Dê Tylenol. Sempre pareceu fazer mais efeito. E ponha uma compressa fria na testa dela.

Ele soltou um suspiro e seguiu até a porta de Sienna. *Tylenol. Compressa fria.*

— Tudo bem, entendi. Obrigado, mãe.

— É para isso que as mães servem. — Ele ouviu o sorriso na voz dela.

Ele entrou, trancou a porta e deu uma olhada na sala, onde Sienna ainda estava recostada na parede, com a boca aberta, como

se dormisse. Uma onda de carinho o envolveu, e seus lábios se curvaram ao vê-la dormir. Ele considerou deixá-la ali em vez de acordá-la para mandá-la para a cama. Mas, mesmo dormindo, a expressão dela estava ligeiramente dolorida, como se a dor de cabeça invadissem seus sonhos. E se ela dormisse naquela posição por mais de uma hora, ia acordar com os músculos doloridos para fazer companhia à dor de cabeça. Ele pegou uma garrafa de água na geladeira, dois comprimidos de Tylenol e voltou para onde ela estava.

— Si? — Ele a sacudiu de leve, e ela resmungou, a cabeça caindo para a frente, os olhos meio abertos, à medida que se orientava. Ele lhe entregou o remédio.

— Aqui, tome. Vão ajudar.

Ela fez o que ele disse, engoliu os comprimidos com meia garrafa de água e então recostou a cabeça na parede e gemeu.

— Você acha que aquele cacto é indecente ou... bonito? — perguntou ela.

Ele soltou uma risada confusa e percebeu que ela devia estar falando do cacto do lado de fora do apartamento. Estava tão cansada que parecia bêbada.

— Indecente, sem dúvida.

Ela riu também, embora tivesse sido suave e breve, mais uma bufada.

— A gente costumava rir — comentou ela. — A gente costumava rir tanto. Eu nunca ri com ninguém do jeito que ria com você.

De repente, a garganta dele pareceu cheia. Ela estava certa. Eles tinham. Eles haviam se amado com tudo, e rido com tudo e, olhando em retrospecto, ele meio que se convenceu de que era apenas o despudor da juventude. Mas não era verdade. Nem ele nem Sienna haviam crescido de um jeito que encorajava a alegria descompromissada. Simplesmente causavam aquilo um no outro. As pálpebras dela começaram a fechar e a cabeça caiu para frente antes de ela erguê-la de novo, arrancando-se do sono.

— Venha — chamou ele, pegando-a pela mão ao se levantar. —

Me deixe te ajudar a ir para a cama. Mesmo a *Mulher-Maravilha* precisa dormir às vezes.

Ela bufou baixinho, e por um momento pareceu que ia discutir, mas então suspirou, como se decidisse que não tinha força para brigar com ele no momento. Sienna pegou sua mão e ele a puxou de pé. Ela bambeou, soltando um resmungo baixinho, e voltou a estreitar o olho quando se ergueu por completo.

Merda. A tontura devia piorar tudo.

— Vou deixar um pouco de Tylenol na sua mesa de cabeceira — disse ele, ao percorrer o corredor em direção à porta aberta lá no final.

— Eu não tenho mesa de cabeceira — murmurou ela.

Gavin a levou até o quarto. Sienna segurava a cabeça enquanto caminhavam.

— Me diga que você pelo menos tem uma cama.

— Tenho — respondeu ela, ao abrir a porta.

— Eu vou, eh, pegar mais Tylenol e outra garrafa de água — murmurou ele, virando-se quando ela pegou o roupão aos pés da cama.

Quando voltou com o remédio, água e uma compressa fria, Sienna já estava deitada na cama, com os olhos fechados, o roupão ligeiramente aberto. E ele supôs, já que ela estava exausta e com dor, que não era honroso que a visão da curva nua do seio dela estivesse lhe excitando daquele jeito.

Ele já tinha visto mulheres muito menos vestidas na piscina do hotel. Então por que ver aquela mulher usando um roupão branco de algodão o deixava tão fora de prumo? Ele absorveu a imagem, e a forma do corpo sob o tecido fino lhe causou uma reação física que não conseguia controlar. Sempre tinha se sentido intensamente atraído por ela, e com uma única olhada se lembrou da razão. Era bem simples, na verdade. Ele era homem. Tinha suas preferências, mesmo se nunca as tivesse definido, e ela atendia a cada uma delas. A forma dos quadris, a curva da cintura, mesmo a delicadeza da clavícula e a inclinação dos ombros. A forma como ela tinha sido

formada falava com a parte biológica que existia dentro dele e que o fazia procurar a parceira perfeita. Era forte e imutável demais para ser qualquer outra coisa.

Mas o que o separava de algum Neandertal de um passado distante era que ele também gostava da mente dela. Respeitava suas opiniões e sua forma de ver a vida. Gostava do seu senso de humor e seu comprometimento com a justiça. Em poucas palavras: para ele, ela era perfeita.

Foco, Decker. Ela precisa de você.

Ele nem sequer pensaria no “boy” agora nem no fato de que só pensar no sujeito já fazia seu estômago revirar de ciúme.

Ele colocou o Tylenol e a água sobre uma apostila de ciências forenses no chão ao lado da cama e então, com cuidado, colocou o pano úmido na testa dela. Sienna suspirou, mas não abriu os olhos.

— Obrigada — murmurou.

— De nada — respondeu, ao ajustar o pano, grato por ela permitir que ele a ajudasse. O que ela precisava agora era dormir, e ele a deixaria para que fizesse exatamente isso. Mas parecia que não seria capaz de sair de lá no momento. Não queria deixá-la quando talvez fosse capaz de fornecer mesmo que só um pouco de conforto.

— Tenho que lembrar a mim mesma de não exagerar demais — disse ela, baixinho, quando os olhos se abriram pela metade e ela olhou para ele. — É um defeito. Eu sei. Mas eu preciso. Quando era criança, se não fizesse...

Se você não fizesse, ninguém mais faria. Ninguém te defenderia, e assim você teve que lutar por si mesma.

— Eu sei, Sienna. Eu sei — falou ele, ao afastar uma mecha de cabelo da bochecha dela. — E não é um defeito.

— Às vezes, é, sim.

Ele fez uma pausa. Mesmo os olhos dela estando entreabertos, eles o espiavam. Sabia que ela fazia alusão ao relacionamento dos dois; só não sabia exatamente o que ela quis dizer. E, sim, por mais que quisesse falar dos *dois*, em qualquer contexto, não era a hora. Ela estava vulnerável e obviamente exausta, e não que ela se

ressentisse dele depois que dormisse um pouco e estivesse se sentindo ela mesma de novo. Gavin não queria que ela desejasse não ter dito nada só porque sua guarda estava baixa.

— Não. É a sua força, Si. Sempre foi. Jamais desistindo. Se esforçando, não importavam os obstáculos. — Ele abriu um sorrisinho para ela. — Mas você ainda é humana, e humanos precisam dormir.

Ela lhe lançou um sorriso cansado em retribuição e fechou os olhos.

— Obrigada, Gavin — murmurou.

Ele tirou o paninho de sua testa e o levou ao banheiro para que ela não acordasse com algo úmido na cabeça.

Quando voltou ao quarto, abriu a boca para perguntar se ela precisava de algo mais antes que ele fosse embora, mas, quando a olhou, viu que já estava dormindo, de boca aberta. *Que bom. Durma, Mulher-Maravilha.* Ele foi até a cama, afastou o cabelo da testa dela e lhe cobriu as pernas com o cobertor.

O movimento devia tê-la acordado, porque ela pegou-lhe a mão antes que ele se afastasse e, embora não tivesse aberto os olhos, murmurou:

— Fique, por favor.

O coração de Gavin galopou. *Fique.* Não havia nada que ele quisesse mais. Rodeou a cama e se deitou ao lado dela. Sienna se virou para ele, com o corpo relaxando ao cair no sono.

Ele a observou por vários instantes. Os cílios tremulando, os lábios se abrindo quando ela soltou um suspiro baixinho. Sentiu um nó inesperado na garganta e o engoliu. Foi quando foi atingido por uma tonelada de tijolos. Ele a amava. Nunca deixara de amá-la. Ele poderia ter passado o resto da vida sem nunca observá-la conforme ela sonhava. E essa poderia ser a última vez, embora a esperança o impedisse de aceitar aquela realidade. Mas a verdade era que independentemente de tudo o que viesse, ele amaria Sienna Walker pelo resto dos seus dias. Gavin raramente se sentia vulnerável, mas, no momento, nunca havia sentido aquilo com tanta força. Ele ficaria

arrasado por abrir mão dela de novo.

Mas ela lhe pedira para ficar. Por ora. E era o que ele faria, por tanto tempo quanto ela permitisse.



Gavin foi acordando aos poucos. A aurora mal havia irrompido pelas cortinas, o quarto uma bruma cinzenta.

— Meu vestido era evasê com a barra ondulada e tinha apliques de renda chantilly sobre o tule.

Gavin piscou para o teto, a mente repassando o que Sienna havia acabado de murmurar pertinho de seu ouvido.

— Não sei o que significa uma boa parte dessas palavras, mas parece bonito.

Ela riu bem baixinho, e ele se virou para ela, absorvendo-a. Estava sonolenta e linda, as olheiras muito menos marcadas do que na noite anterior. Podia dizer, pela clareza em seus olhos, que a dor de cabeça havia passado. E mais, ela havia acabado de pronunciar uma sequência inteira de palavras complicadas que ele concluiu que ela devia estar bastante lúcida para formar. Embora, precisava admitir, não sabia se faziam ou não sentido.

— Era. Era lindo — confirmou, saudosa.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

— Sinto muito por ter te deixado lá. Por favor, me perdoe. Queria eu ter tido a sabedoria e a coragem para fazer tudo diferente.

Embora estivesse praticamente escuro no quarto, ele viu o olhar dela viajar pelas suas feições.

— Eu teria te convencido a ficar — disse ela. — Ou teria te convencido a me levar junto. E tudo teria sido diferente.

— Diferente bom ou diferente ruim?

— Não sei. Talvez um pouco dos dois. Talvez mais um que o outro. Esse é o problema com as decisões. Não dá para viver dois cenários diferentes. A gente fica preso no que escolheu, e tentar

imaginar a alternativa não é nada produtivo.

— Você não seria policial.

— Não, provavelmente, não. — Ela fez uma pausa. — Com certeza não. — Ela olhou para o lado, e ele se perguntou se ela estava pensando nas pessoas que havia afetado de forma positiva. Ele esperava que sim. Era o que fazia ser suportável o arrependimento que sentia por magoá-la. — Eu perdoo você, Gavin, de verdade.

Ele soltou o fôlego. Parecia que o estava segurando havia onze anos, o vazio com que aprendera a conviver agora remendado.

— Talvez tenha sido um mau agouro que o lugar que escolhemos para nos casarmos se chamasse Capela das Flores Antigas — falou ela.

Ele conseguiu fazer careta e rir ao mesmo tempo.

— Flores antigas... — As sobrancelhas dele se juntaram, pensando. — O que são flores antigas, afinal de contas?

— Humm... para mim, o nome me traz à mente um buquê empoeirado e caindo aos pedaços, apodrecendo no sótão.

Ele riu com vontade.

— Isso não é nada romântico.

— Nada mesmo. — O sorriso dela foi sumindo. — Eu sabia que algo estava errado, Gavin. Com você, no caso. Eu sabia, mas decidi ignorar e culpar o nervosismo ou a que você estivesse brigando com Mirabelle sobre sua intenção de entrar em torneios de pôquer e viajar assim que fizesse 21 anos. Não te fiz perguntas porque não quis. Eu pensei... bem, pensei que resolveríamos o que estava errado assim que nos casássemos. Eu senti você escapulindo, e em vez de enfrentar a situação e te perguntar o porquê daquilo, insisti. Também precisava amadurecer um pouco — terminou ela, baixinho.

— Minha falta de coragem não é culpa sua, Si. Por favor, não pense...

— Não foi o que eu quis dizer. É só que cada um de nós teve a própria cota de responsabilidade, e é importante que eu reconheça

isso.

Ele prendeu o olhar dela, seu coração expandiu. Gavin pensou que a amara antes, mas ele não fazia ideia. Por mais impossível que seja, ela se tornou *mais* de tudo que ele sempre havia admirado nela.

— Me conte como foi vencer a Série Mundial de Pôquer — pediu ela, surpreendendo-o. Gavin virou de costas. Ficar deitado com ela era tanto novo quanto familiar. Cada um deles costumava sair escondido do próprio trailer e se deitar na caçamba da caminhonete, encarando o céu repleto de estrelas e conversando até altas horas. Tinham feito outras coisas na parte de trás daquela picape também, com as pernas dela envolvidas em seus quadris quando ele praticamente saía de si de tanto prazer.

A Série Mundial de Pôquer. Ele reviu em sua mente a imensa arena iluminada, sentiu o cheiro da fumaça de cigarro competindo com o azedo fétido da adrenalina, e seu corpo esfriou, o sangue correu mais devagar.

— Eu joguei meio que com... abandono desenfreado. Algumas pessoas se perguntaram se eu estava *tentando* perder. — Ele ficou quieto por um instante, lembrando-se da época. Ouviu os sussurros dos outros jogadores. Pensaram que ele fosse basicamente louco e que logo chegaria à bancarrota. A vitória demandava mais estratégia controlada do que ele estava demonstrando. — Os anunciantes costumavam dizer que eu jogava como se fosse destemido — disse ele, e pausou de novo. — Mas não foi isso. Era só que eu não tinha nada de valioso a perder. — Ele se virou para ela e olhou-a nos olhos sob aquela luz diáfana. — Eu já tinha perdido a única coisa que realmente me importava. Você. — Só que foi pior, ele não a perdera; ele a descartara. Gavin a conhecia bem o bastante para saber que era assim que se sentia. Mas mesmo sendo ele a pessoa que tinha ido embora, *que tinha fugido*, ele também havia sido destruído. Estava desolado. Queria Sienna consigo. Seus pensamentos. Seu toque. Seu amor. *Ela como esposa*. E, assim, embora parte dele estivesse aliviada por ter se livrado do fardo causado pela pressão que sentira; no todo, ele se odiava. Por isso a

atitude temerária.

— Então se eu estivesse ao seu lado, você provavelmente não teria ganhado.

— Talvez. Talvez não. Mas eu teria jogado de outro jeito, sim.

— Então não teria ficado rico. Talvez estivesse morando em uma van à margem do rio.

Ele riu.

— Gosto de pensar que consegui um meio-termo. — Ele ficou sério. — Sob certos aspectos, vencer foi terrível, Si, porque pareceu ser a coisa pelo que te troquei, e isso nem sequer começou a preencher o vazio. Na verdade, evidenciou ainda mais a sua ausência, porque eu queria conversar com você sobre a vitória. Queria compartilhá-la. Com você. Só com você. E você não estava lá.

Ela sorriu, mas foi passageiro.

— Para onde a gente parte daqui? — perguntou ela, com a voz que não passava de um sussurro.

Seu coração acelerou, mas não tinha uma resposta, pois era ela quem estava envolvida com outra pessoa. Aquela pergunta não era para ele responder. Eles estavam tão próximos, e parte sua queria responder ao se inclinar e beijá-la. Mas não seria bem uma resposta, não uma que ele queria de qualquer forma, pelo menos não só isso. De todo caso, não tiraria vantagem dela, não daquele jeito, não quando ela estava sonolenta e um pouco grogue, e tendo acabado de passar por uma enxaqueca. Sim, ele a desejava com desespero, mas não era a hora.

— Primeiro — disse ele, ao passar o braço ao redor de Sienna e puxá-la para perto —, vamos te fazer dormir mais um pouco, porque o sol ainda nem nasceu direito. — Ela se aconchegou nele e, minutos depois, Gavin sentiu o corpo dela relaxar, e a respiração ficar mais suave e uniforme tão logo ela se rendeu novamente aos sonhos.



Sienna ficou parada à porta, observando Gavin dormir. Os lábios dela se curvaram em um sorriso terno. Sentiu-o acordar várias vezes ao longo da noite para verificar como ela estava. Ele também havia se levantado uma vez e trazido mais remédio e água para ela. Isso e o resto tinham operado maravilhas. Sua cabeça estava límpida. Sentia-se grata por ele ter continuado a dormir depois que ela saíra da cama trinta minutos antes. Queria ter tempo para tomar banho e ficar limpa. Precisava de tempo para pensar.

Não, não era verdade. Tinha precisado de tempo para se sentar por alguns minutos com a escolha que havia feito.

Apoiou o ombro na moldura da porta, aproveitando a oportunidade para deixar o olhar vagar por ele, sem qualquer inibição. Ele havia passado a noite com ela, que dormira mais profundamente do que em meses. Tinha sido o que a fizera perceber que sua confiança nele era inata. *Ainda*. O quarto estava na penumbra, as cortinas bloqueando o sol de início de manhã, mas ela conseguia ver as meias-luas dos cílios dele sobre as bochechas e a sombra da barba por fazer aparecendo. Os lábios de Gavin estavam ligeiramente entreabertos, o peito subia e descia no mesmo ritmo. Ele ainda estava de jeans e camiseta, o lençol só cobrindo seus pés. Ele era lindo, e ela o amava. Sempre havia amado. Parecia tão abençoadamente simples. Depois de todos aqueles anos longe dele, não deveria ser uma epifania? Uma lampadazinha acendendo que o tomasse de surpresa? *Talvez*. E, ainda assim, havia algo muito diferente ao se reconhecer um primeiro amor, um que nunca tinha realmente ido embora.

Lembrar o que e quem eles haviam sido... juntos.

Reconhecer que o homem que pensara que a havia abandonado sem nem pensar duas vezes havia, na verdade, lamentado a sua perda tanto quanto ela havia lamentado a dele. Gavin havia cometido erros, mas ela, também.

As coisas teriam sido muito diferentes se eles tivessem se casado naquele dia. E embora, de certa forma, ela lamentasse pelo tempo perdido, não podia deixar de pensar em tudo que tinha feito, tudo o que descobrira sobre si mesma enquanto estavam separados. Os presentes que haviam derivado de seu sofrimento. Tinha partido sozinha para Nova York. Terminado a faculdade e depois a academia de polícia. Dera duro e se tornara detetive em uma das áreas mais perigosas da cidade. Tinha sido moralmente testada e fincado terreno. Havia feito tudo aquilo, uma garota que, até aquele momento, nunca tinha saído da cidade em que nasceu. Uma garota que havia vindo do nada. E nunca teria sabido ser capaz de todas aquelas coisas difíceis se tivesse se casado com ele naquele dia. Havia *outras* coisas, diferentes, que deveria ter sabido se tivesse seguido aquela rota alternativa, mas não tinha como ter certeza de quais eram. E, assim, sentia-se grata pelos muitos presentes que haviam surgido das cinzas do seu coração partido. O que mais podia ter feito? Aquela lição era dela, e ela a havia aprendido.

Os olhos de Gavin se abriram, e ele piscou para ela.

— Bom dia — disse Sienna.

Ele se ergueu sobre um cotovelo e passou a mão pelo cabelo despenteado.

— Bom dia. Desculpe, eu... — Ele sacudiu a cabeça de leve. — Acho que dormi em serviço. Como você está?

Ela se afastou da parede, foi até a cama e se sentou de joelhos ao lado dele, sorrindo.

— Descansada, enfim. E nada de dor de cabeça.

Ele soltou um som aliviado e começou a se sentar.

— Eu liguei para o Brandon — começou ela, apressada. Gavin voltou a se deitar e a observou, com cautela no olhar. — Já tinha sugerido que a gente desse um tempo, mas, hoje de manhã,

oficializei as coisas. — Ela o olhou nos olhos. Conseguiu ver esperança lá, anseio. Também sentia aquilo. Ela se *deixou* sentir aquelas coisas, permitiu que todo o fingimento fosse embora e, com ele, a dor e o anseio estocados há anos. Puro instinto tomou a dianteira, e ela se inclinou para frente, levando a boca à dele. Gavin gemeu, lá no fundo da garganta, e entrelaçou os dedos no cabelo dela enquanto se beijavam.

— Eu amo você. — A voz dele saiu embargada. — Sempre amei. Sempre vou amar.

— Eu amo você também — disse ela, em retribuição, olhando-o nos olhos. *Nos olhos dele*. Sempre foram os olhos dele. Era o que a tinha conquistado desde o início. Primeiro tinha visto amizade lá, depois desejo, depois amor. Compromisso. Ela enxergava isso agora, claro como o dia. E soube que ele havia ido embora sem permitir que ela visse seus olhos porque Sienna teria visto amor lá. Ela *saberia*.

Ela voltou a se recostar, beijando-o de novo, refastelando-se na sensação da boca de Gavin na sua, na forma como o movimento lento da língua dele ainda a descontrolava. Ela quase riu, com assombro, com deleite, com curiosidade pelo fato de que havia se conformado com menos que aquilo. *Segurança, talvez. Autopreservação*. Mas seus pensamentos eram fugidios. Ela queria estar *ali*, naquele momento; haveria tempo para autorreflexão depois.

Despiram um ao outro sem pressa, ambos tremendo de expectativa. Ela tirou a camiseta dele, passou um dedo pela cicatriz muito clara nas suas costelas, de quando ele havia rompido a roda da brincadeira do *tatu quer sair e caído em cima de uma pedra afiada; eles tinham dez anos. Ele havia chorado, e depois ficado com vergonha por ter chorado. Ela* o conhecia. Conhecia cada uma de suas cicatrizes; e ele, as dela. O peito de Gavin era forte e suave, com pelos esparsos. Ela passou os dedos por ali, depois usou as duas mãos para afagar os mamilos. Ele estremeceu, gemendo. Ela podia dizer que ele estava se segurando, permitindo que o redescobrisse em seu próprio ritmo. Ela sorriu para ele. Quis ir devagar, mas também estava cheia de desejo, a umidade se

empoçava entre as suas pernas, os mamilos tinham ficado rígidos em expectativa pelo toque dele.

Os olhos de Gavin encontraram os seus conforme ele desabotoava a blusa dela e a deixava cair aberta. Os seios de Sienna estavam nus. A boca dele se abriu ligeiramente, os olhos se demoraram lá, e ela sentiu a aprovação em seu olhar aquecido.

— Você é tão linda — disse ele. Ela se *sentia* linda. Ele sempre a tinha feito se sentir assim, com os olhos, com as palavras, com a forma como nunca olhava para alguém que não fosse ela.

— E você também — respondeu ela, sorrindo. Sienna abriu o jeans de Gavin, e ele o tirou rapidamente pelos quadris, passando por cima da ereção. *Oh*. Ela sentiu os nervos formigarem de excitação, o olhar enevoado de luxúria. Precisava tocá-lo. Estendeu a mão e a deslizou pela carne quente; Gavin gemeu, pressionando-se para a frente, e um som que era tanto prazer quanto dor escapou de seus lábios. Ela queria prová-lo. Queria sentir o êxtase dele entrando em seu corpo e observar o abandono do prazer consumindo suas feições. Mal podia esperar para vê-lo se aferrando ao controle, depois se rendendo, observá-lo estocar e tremer, reivindicando-a. Queria tudo o que ele tinha para dar, e de uma só vez.

Controlou o fôlego o máximo que pôde, tirou a parte de baixo do pijama que havia posto minutos antes e a jogou de lado. Por um instante, ficaram os dois ali, totalmente nus, distantes o suficiente para que pudessem absorver um ao outro, o peito subindo e descendo, o coração batendo rápido. Então, eles se moveram juntos, o encontro da pele fazendo-os arquejar, levando-se por um riso e um gemido, ambos interrompidos quando as bocas se encontraram.

Ah, o esplendor de se beijarem nus. Dos membros entrelaçados, dos fôlegos suspensos e dos dedos que afagavam. Nada era inacessível, e tanto Gavin quanto Sienna exploraram com alegria um ao outro, devagar, no início, e depois com mais urgência. Ela sempre amou senti-lo tremer, e nada havia mudado. A mão afagava a ereção de Gavin, e a boca dele estava no seu mamilo, sugando, lambendo, e depois foi mais para baixo, quando ela praticamente gritou, e os

quadris movendo-se em um espasmo quando o prazer começou a se elevar. E se elevar. Foi demais naquele momento, para ambos. Haviam sido poucos minutos, mas também onze anos, e um segundo a mais parecia intolerável. Seus olhos se encontraram quando Gavin se posicionou acima dela, agarrou a parte interna da sua coxa e a ergueu, abrindo-a para que pudesse entrar.

— Ai, Deus — disse ele, e sua garganta se moveu quando ele engoliu, os bíceps contraídos enquanto ele apoiava o peso por cima dela.

Ela o agarrou pelo traseiro quando ele começou a se mover, direcionando-o para que fizesse contato com o lugar que a fazia tremer com cada pressão.

— Eu não estava vivendo, Sienna, não de verdade. — Ele suspirou entre beijos. — Não até agora.

Em resposta, ela o beijou com mais força. Também se sentia viva, viva de verdade, pela primeira vez em anos. Estrelas dançavam diante dos seus olhos, o quarto ao seu redor estava nebuloso e confuso; a única coisa em que conseguia se concentrar era no arrebatamento intenso de seu corpo. E ela o amava. Deus, ela o amava tanto. Queria ir devagar e acelerar, e antes que pudesse fazer qualquer um dos dois, o corpo tomou a decisão e ela o soltou, agarrou o edredom de cada lado do corpo e suspirou o nome dele quando chegou ao clímax.

O orgasmo acendeu o dele, e Gavin gozou com um gemido mudo, a boca em seu pescoço quando seus quadris pararam, pressionando uma última vez para prolongar o êxtase.

Eles ficaram lá por vários minutos antes de ele sair dela e rolar de costas, levando-a consigo. Sienna desenhava círculos preguiçosos na barriga dele, e Gavin afagou o braço dela com os dedos enquanto o mundo entrava em foco.

Ela sorriu para Gavin, os anos desaparecendo, o espaço se fechando como se o tempo em que tinham ficado separados não houvesse sido nada além de um único momento doloroso que agora havia chegado ao fim.



Os olhos de Sienna se abriram devagar, a luz suave da tarde se infiltrando pelas cortinas. As lembranças da manhã voltaram a ela, os lábios se inclinando em um sorriso onírico enquanto ela se virava para Gavin.

O lugar em que ele estivera estava vazio, mas o travesseiro ainda estava amassado. Seu sorriso sumiu, e ela se sentou, e o cheiro de café e algo doce atingiu o seu nariz. Ela soltou um suspiro aliviado. Ele ainda estava ali, e cozinhando algo com o cheiro incrível.

Foi até o banheiro, escovou os dentes e domou o cabelo em algo que não parecesse mais com uma alpaca fustigada pelo vento, e então saiu à procura de Gavin.

Ela o encontrou ao fogão, tendo acabado de colocar a última *french toast* em um prato. Ele olhou para trás, sorrindo quando ela se aproximou por suas costas e envolveu os braços ao redor da sua cintura.

— Bom dia — disse ela, enterrando o rosto na camiseta dele e absorvendo seu cheiro.

— Tecnicamente, é de tarde — falou ele, ao se virar e passar os braços ao redor dela. Ele a beijou, os lábios se demorando nos dela antes de responder: — Estou feliz por você ter conseguido dormir mais algumas horas. Com fome?

— Hum-hum. Faminta, na verdade. E o cheiro está incrível.

Ele se virou de novo para o balcão, pegou um prato e apontou para a mesa.

— Usei o que encontrei na sua geladeira. E, a propósito, fico feliz por ver que comprou mobília.

Ela sorriu ao se sentar à mesa, onde já havia manteiga e calda. Havia comprado para comer com os waffles congelados, mas aquilo era bem melhor.

— Eu ia fazer ovos e torrada, mas lembrei que você gosta de doce — disse ele, ao colocar o café diante dela.

Agradecida, tomou um gole e atacou a comida. Gavin se serviu de algumas *french toasts* e começou a passar manteiga. A sensação era quase como se tivesse acordado em um sonho. *Quase*. Parecia um sonho, *sim*, mas também... era incrivelmente certo, como se ela tivesse pegado um desvio, embora tivesse sido necessário, e finalmente estivesse de volta à estrada pela qual planejava seguir.

— Você está fazendo um caça-palavras? — perguntou ele, ao apontar com a cabeça para o papel com as anotações que tinha feito enquanto tentava descobrir a palavra que o assassino talvez estivesse tentando soletrar para eles por meio dos elementos da tabela periódica. Havia trabalhado nisso na cozinha por um tempo, antes de enfim abortar a missão e reler as anotações na sala, onde ele a havia encontrado.

Ela terminou de mastigar e deu de ombros. Falar umas poucas especificidades do caso com ele não seria nada de mais. Ele era o consultor oficial, e já estava a par das informações que não tinham sido liberadas e... ela confiava nele.

— Acho que nosso assassino está usando a tabela periódica para enviar algum tipo de mensagem ou soletrar uma palavra. Posso estar errada, ou talvez não tenha letras suficientes.

Ele olhou as letras que ela havia escrito em ordem, e tomou um gole de café antes de dizer:

— Ou é um anagrama.

Ela suspirou. Bem agora que o cérebro estava começando a melhorar.

— Ou isso. — Ela repassou as letras enquanto comia, mas nenhum anagrama que conseguiu desvendar fazia sentido. *Olive? Voile? Aliviou* talvez funcionasse, mas ela também não sabia o que poderia estar faltando. Afastou as anotações. Aquilo poderia vir com tudo no dia seguinte. Por ora? Era seu dia de folga. — Você precisa ir trabalhar hoje? — perguntou ela, sabendo que, apesar de ser quarta-feira, cassinos, assim como delegacias, nunca fechavam, e ele poderia trabalhar nos fins de semana, assim como ela, e tirar folga nos dias úteis.

Ele limpou a boca com guardanapo e balançou a cabeça.

— Liguei e disse que estava doente.

— Seu fingido.

— Que nada. Eu estou exausto. Passei a noite acordado vendo como você estava e depois você me fez me exercitar, em um ritmo extenuante, devo adicionar, bem ao raiar do dia.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não ouvi reclamação nenhuma.

Ele riu, enganchando um braço no encosto da cadeira, tão indiferentemente belo que lhe deu palpitações. E, de repente, Sienna sentiu uma timidez nada comum.

— Sério — disse ela —, obrigada. Obrigada por cuidar de mim. Por ficar.

A expressão dele também ficou séria.

— Obrigado por ter pedido.

Ela se aproximou e plantou os lábios nos dele, e quando ele gemeu em sua boca, ela se aprumou, passou uma perna por cima dele e se sentou em seu colo enquanto continuavam a se beijar. Só havia as roupas os separando, e o sangue de Sienna começou a aquecer conforme ela se pressionava mais e mais perto.

— Deus, Sienna — gemeu ele, afastando-se dos lábios dela o suficiente para falar: — Venha morar comigo.

Ela se inclinou ligeiramente para trás, a surpresa a fazendo congelar.

— Ir morar com você? Não é um pouco... cedo?

— Está anos atrasado — disse ele, abrindo um sorriso travesso para ela. — Além do que, se precisar de mais razões, eu tenho um monte de móveis em que podemos fazer isso.

— Tentador — murmurou ela, inclinando-se para beijá-lo de novo bem quando a campainha tocou. Ambos congelaram, com os olhos abertos e os lábios ainda se tocando.

Sienna se afastou, olhou em direção à porta na esperança de que a pessoa fosse embora. A campainha tocou de novo, e logo veio

uma batida alta.

— Droga, quem pode ser? — perguntou ela, ao sair, relutante, do colo de Gavin.

Ele a puxou de volta, e ela soltou uma risadinha gritada quando ele cheirou a lateral do seu pescoço. Conseguiu sentir o sorriso de Gavin quando ele lhe deu um leve empurrão.

— A pessoa está determinada — falou ele.

Com um suspiro, ela seguiu para a porta, verificou o olho-mágico e viu Mirabelle. *Ah*. Ela a abriu, e a mulher logo entrou e colocou uma travessa no chão, com um prato em cima, tudo coberto por papel alumínio.

— Ah, querida, graças a Deus. Você parece bem. Deve estar se sentindo melhor. Como está a cabeça?

— Bem — respondeu ela. — Bem melhor.

— Oi, mãe — disse Gavin, logo que virou no corredor e foi até a porta.

— Ah, Gavin, você ainda está aqui. — Ela uniu as mãos, olhando de um para o outro, obviamente entendendo a situação, e Sienna corou e olhou para baixo. Quando ela olhou para cima, viu que os olhos de Mirabelle se demoravam nela, e a mulher sorriu, com lágrimas nos olhos. — Ah... — suspirou ela. E estendeu os braços para abraçar Sienna, apertando com tanta força que a fez rir ao olhar por cima do ombro de Mirabelle para Gavin, que as observava com um sorriso divertido. — Bem, é isso, então — disse ela, como se algo enfim tivesse se encaixado, dando a Sienna um último aperto.

Mirabelle a soltou, fungou e deu um passo para trás antes de pegar o que havia deixado no chão e estender para ela.

— A torta de frango com queijo que você amava e um *baklava* que o Argus mandou. — Ela passou por Sienna, que fechou a porta. Ela se sentiu renovada, mimada e mais feliz do que já tinha se sentido em muito, muito tempo. — Comida com sabor de infância — falou Mirabelle, por cima do ombro.

Sienna e Gavin a seguiram até a cozinha, onde ela colocou o prato sobre o fogão.

— Mãe, a gente acabou de tomar café da manhã — avisou ele.

Ela olhou para a mesa.

— Ah, tudo bem, então vou colocar tudo na geladeira, fica para mais tarde. Sienna, você tem algum pote? Assim não precisa se preocupar em lavar a minha forma. A última coisa de que precisa é de mais trabalho.

O telefone de Sienna tocou, ela o pegou no balcão e viu o número de Kat na tela.

— Preciso atender — disse ela.

— Claro — respondeu Mirabelle. — Gavin vai me ajudar.

Sienna foi para o quarto e atendeu a ligação.

— Oi, Kat.

— Como você está se sentindo?

— Bem melhor. Amanhã estarei de volta.

— Tudo bem, certo, porque nós temos outro cadáver. Chegou ontem à noite. Fiquei acordada até tarde, então estou indo para a delegacia agora.

Sienna se afundou na cama.

— Droga. Você poderia ter me ligado, Kat.

— De jeito nenhum. Você não estava se sentindo bem. E eu estava esperando pelo relatório inicial da perícia, que chegou há uma hora. Achei que seria melhor te deixar se recuperar até eu conseguir mais informações. E, felizmente, Ingrid estava disponível ontem à noite para se juntar a mim na cena do crime. — *Outra cena. Outra vítima.* E ali estava ela, rolando nos lençóis com Gavin. Não que fosse fazer a mínima diferença para o assassino.

— O que sabe até agora sobre a vítima, e onde ela foi encontrada? — perguntou Sienna.

— Ele — corrigiu Kat. — E foi encontrado nos limites de uma praça, em uma área bastante perigosa. Perto da parte antiga de uma linha férrea, que estava desativada. Um sem-teto procurando garrafas que o encontrou.

— Ele? — indagou Sienna, franzindo o cenho. — Não faz sentido

para o nosso perfil.

— Eu sei. Bagunça as coisas, não é?

— Havia alguma carta?

— Com certeza — respondeu Kat.

— Então é claro que é obra do nosso assassino.

— Sem dúvida. Também é o mesmo método, e havia pistas na mão da vítima. Sendo específica, um par de dados. Você pode ler o texto e ver o resto quando chegar.

O texto. Sua mente retrocedeu por um momento, enquanto ela lembrava a si mesma do último que havia sido deixado, com o encontro humilhante de Danny Boy com “Sorrisos”.

— Certo — murmurou ela, com a cabeça girando. Pensaram que estava lidando com más *mães*. — Espere, será que esse cara é um mau pai? — questionou ela. Isso expandiria as coisas para maus *pais*, mas ainda haveria uma ligação entre as vítimas.

— Se ele for, não há vestígio disso. Ele se chama Harry Lockheed. A esposa o deu como desaparecido doze horas antes de ele ser encontrado. De acordo com as evidências iniciais, ele parece um bom homem de família: três filhos crescidos, cinco netos. É claro, ainda não tivemos tempo de colher o depoimento de todos eles, então ainda veremos se é só fachada, mas, à primeira vista, é, não se encaixa. As duas vítimas do sexo feminino tinham idade similar, mas esse cara é mais velho.

— Mas que merda — murmurou Sienna.

— Isso é. De toda forma, eu só quis te deixar por dentro, mas é sua folga, então aproveite, a gente se vê amanhã.

Aproveite. Embora ela fosse amar fazer exatamente isso e passar o dia todo com Gavin, o caso teria prioridade à luz desse novo desdobramento. Ela já havia recuperado o sono perdido, e estaria consciente para não se levar àquele ponto de novo.

— Não, eu vou para aí. Só me dê uma ou duas horas.

— Tem certeza...

— Absoluta. Eu quero estar aí.

— Tudo bem, certo, se tem certeza, você sabe que Ingrid vai aprovar a hora extra — disse Kat, e Sienna soube que tinha feito a escolha certa ao notar o alívio na voz de Kat. — Até já.

Desligou bem quando uma batida baixinha soou à porta do quarto.

— Entre — falou.

A cabeça de Mirabelle apareceu.

— Eu já estou indo, meu bem. Descanse, tá? O mundo precisa de você no seu melhor.

Sienna se levantou e foi até a porta, então franziu a testa ao ver que Mirabelle parecia mais pálida que antes e com manchas muito vermelhas nas bochechas.

— Você está bem? Parece corada.

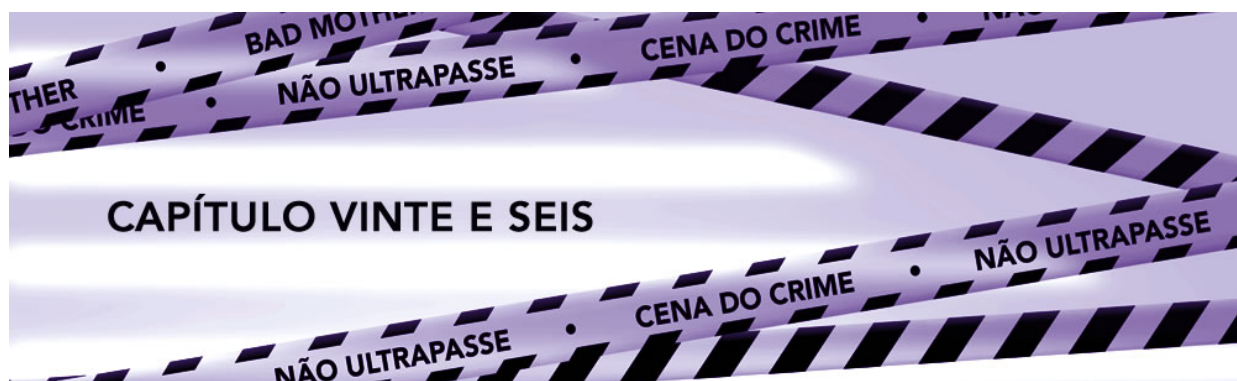
— Ah, sim. Estou bem. Só um pouco acalorada. — Ela sorriu, ao pegar as mãos de Sienna e apertá-las. — Você sempre foi como uma filha para mim — contou ela, com a voz ofegante devido à emoção súbita. — Mesmo quando estava longe. Agora... bem, estou feliz por você estar de volta. Muito feliz. — Ela apertou mais uma vez as mãos de Sienna e então se virou e se apressou em direção à porta da casa.

Sienna a observou abri-la e ir embora enquanto Gavin se aproximava.

— Sua mãe está bem? — perguntou ela. — Ela veio e foi embora às pressas.

— Acho que ela queria nos deixar sozinhos — disse ele, ao puxá-la para perto. Sienna sorriu, e deu um beijo rápido nele.

— Queria poder passar o resto do dia com você, mas minha folga foi cancelada. Preciso voltar ao trabalho. — Sua mente voltou à ligação de Kat. *E ao novo relato.* — Nosso assassino ainda não acabou. — É claro... ela já sabia que ele ainda não havia se dado por satisfeito, mas, Deus, tinha esperado de que estivesse errada.



Terminei os estudos, e dei o meu melhor para deixar para trás tudo o que havia me acontecido durante o ensino médio. Arranjei outro emprego em uma nova empresa. Trabalhei muito, raramente tirava todos os meus intervalos, nunca verificava o telefone nem fazia palhaçadas igual aos outros funcionários que trabalhavam comigo e, não demorou muito, fui promovido. Fiquei na minha e não fiz nada para chamar atenção para a minha pessoa. Meu pai tinha me ensinado direitinho.

A promoção significava mais dinheiro, e mais dinheiro equivalia a mais comida nutritiva. Tive até mesmo um extra para pagar a mensalidade da academia. Sempre fui alto, mas agora eu estava ganhando massa muscular também. Comecei a notar as mulheres me lançando olhares furtivos ou arrumando o cabelo do jeito que eu as via fazendo quando conversavam com os caras populares da escola. Mas, agora, estavam fazendo isso comigo.

Só que eu ainda era tímido no que dizia respeito às mulheres. Eu tinha encontrado meio que uma

paz, e foi muito bem-vinda. Tinha um emprego. Era elogiado pela chefia. Eu tinha uma casa em que me sentia seguro. Finalmente.

Naquele outono, uma garota nova começou a trabalhar na empresa. Ela tinha cabelo ruivo-escuro e olhos quase tão azuis quanto os da minha mãe. Na minha cabeça, eu a chamava de Dolly, porque a pele dela era clara e perfeita como a de uma boneca de porcelana. Ela era pequenininha, mas tinha seios fartos que soterravam o resto do corpo. Embora eu tentasse ser o mais discreto possível, era difícil não encará-los toda vez que ela passava por mim, e acho que ela notou porque, depois de um tempo, começou a parar e conversar, arqueava as costas de leve e abria um sorrisinho quando meu olhar vagava para baixo sem nem eu perceber.

Estávamos trabalhando juntos havia cerca de um mês quando, certo dia, Dolly enfim disse:

— Por que você não me convida para sair? Eu sei que quer.

Senti o calor rastejando pelo meu pescoço e dei o meu melhor para parecer despreocupado e só um pouco interessado. Por dentro, no entanto, meu coração estava disparado, e eu não sabia se ela estava certa ou errada. Se eu queria chamá-la para sair? Gostava de conversar com ela. Ficava ansioso para vê-la no trabalho. Até tentei flertar

com ela um pouquinho, ou pelo menos esperei que fosse um flerte, e pensei que tinha ido tudo bem. Me fez me sentir mais confiante. Ajudou a calar a lembrança do fracasso humilhante do único encontro que já tivera na vida, com Sorrisos. Dolly era muito mais atirada que Sorrisos, e ela pegou minha mão e a colocou sobre seu seio avantajado, me observando quando engoli em seco e meu rosto ficou mais e mais vermelho. Ela riu, largou a minha mão e falou:

— Vou estar pronta depois do trabalho. — E então se virou e jogou um beijo por cima do ombro ao voltar para o seu posto.

Eu mal conseguia me concentrar no trabalho, e as horas seguintes viram mais erros e falhas do que eu já havia cometido desde meu início. Outro funcionário me perguntou duas vezes se eu estava me sentindo bem, e eu lhe disse que estava me sentindo meio estranho, mas que ficaria bem.

Parte de mim esperava que Dolly só estivesse brincando sobre o encontro depois do trabalho e que, quando a visse de novo, ela inventaria uma desculpa e daria para trás. Porém, eu não a vi pelo resto do dia, e quando o turno acabou, decidi ir embora sem procurá-la, porque àquela altura eu já estava me sentindo nauseado, meu coração ainda estava batendo rápido demais e minhas

mãos estavam suando. Mas quando saí pela porta dos fundos, Dolly estava recostada no meu carro, com um sorriso atrevido enquanto esperava por mim.

Meu coração bateu ainda mais rápido, e eu me senti zozinho. Dolly não pareceu notar, até se ofereceu para dirigir o meu carro, que havia pertencido ao meu pai, mas que agora era meu.

Ela nos levou até um bar, e embora nenhum de nós tivesse idade para beber, ninguém pareceu se importar. Fiquei grato pela penumbra de lá, esperando que escondesse minha pele ruborizada e as manchas que com certeza começaram a se formar no meu pescoço, como tendia a acontecer quando eu ficava ansioso ou agitado. Dolly pediu uma cerveja, e eu, também, e embora eu nunca tivesse tomado bebida alcoólica, exceto as que havia provado das que o meu pai mantinha no armário da cozinha, vi que os efeitos eram exatamente do que eu precisava para me acalmar.

Bebi uma, depois outra e pedi uma terceira. Mas eu estava muito para trás no que dizia respeito à bebida, e Dolly não só me superou rapidamente em número de cervejas, como também tomava shots com um cara do bar a cada vez que ela pedia outra. Não demorou muito para seus olhos estarem vermelhos e semicerrados, e suas

palavras, arrastadas.

— Dance comigo! — insistiu ela, me puxando para a pista de dança praticamente vazia e se pressionando em mim. Apesar do álcool que eu havia ingerido, voltei a arquejar, e minha testa começou a suar. Ela envolveu os braços ao redor do meu pescoço, seus seios avantajados como travesseiros macios contra o meu peito, e eu fiquei duro. Dolly, obviamente sentindo minha excitação, ronronou, e começou a se esfregar de qualquer jeito em mim. Ao seu toque descarado, a ansiedade verteu por mim feito ácido de bateria, mas me forcei a não recuar, a não sair do alcance dela. A mulher cambaleou ligeiramente, errou um passo, e então riu ao cair em cima de mim e dizer: — Me leve para casa, gato.

Eu estava tão excitado àquela altura que sentia dor. Então a deixei me conduzir até o carro, onde assumi o volante, e ela ligou a música num volume tão alto que não consegui ouvir meus pensamentos. Em seguida, ela se inclinou para fora da janela de forma que precisei agarrar a barra da sua blusa para impedi-la de cair.

O apartamento dela ficava a poucos quarteirões do bar e, para minha surpresa, ela foi capaz de passar as coordenadas para chegar até lá, ou melhor, gritou um “pare!” quando viu o prédio e eu parei no meio-fio, cantando pneus.

A essa altura, o efeito do álcool já estava passando, e meus nervos haviam assumido com força total. E não só os nervos, mas a dúvida e uma boa dose de aversão por ela, mesmo o meu corpo não tendo recebido o recado, já que o volume na minha calça latejava. Hesitante, subi as escadas atrás dela até a sua porta, ela me empurrando para dentro antes de fechá-la com uma batida. Devia estar desabotoando a blusa enquanto subíamos, porque, quando se virou, estava aberta, e ela a deixou cair no chão. Em seguida, abriu o sutiã, que também caiu, e revelou dois enormes melões redondos com a pele repuxada e mamilos vermelho-pálido e que pareciam pequenos demais para os seios que habitavam. Ela saltou para a frente, plantando a boca na minha, a língua molhada e pegajosa quando entrou na minha boca, e sua mão agarrou minha ereção.

Foi súbito e abrasador, e o vômito subiu pela minha garganta. Eu a empurrei com força e cobri a boca com a mão. Dolly tropeçou para trás, equilibrando-se em um móvel. Pontos rosados brotaram em suas bochechas pálidas quando ela rangeu os dentes, ergueu um dedo e o apontou para mim.

— Mashh que porrra é o seu prrroblema, hein?
— exigiu ela, arrastando as palavras. — O quê?

Você é um viadinho? É isso, viadinho? — A fúria floresceu dentro de mim na hora, tão súbita quanto o enjoo que havia me tomado devido à força dela e por não ter previsto que meu corpo seria invadido pelo dela.

Era nojento, vil e eu não tinha pedido por aquilo.

Dei um passo para a frente, empurrando-a de forma que ela caiu para o lado, esparramada no chão, seminua e curvada de um jeito estranho.

— Vai se foder! — gritou ela, tentando se levantar, mas caindo de novo, os seios pesados impedindo-a de se equilibrar. Eu ri na hora, um som maníaco que explodiu da minha garganta. O som parecia enfurecê-la ainda mais, e ela continuou a cair feito uma foca pesada, debatendo-se feito uma palhaça.

Vi um tabuleiro de damas ao lado do sofá, peguei algumas peças e as atirei nela, observando quando ricochetearam em sua testa e ela se debateu mais, os peitos balançando de um lado para o outro, um rolo de massa flácido se bamboaleando sobre o cós da saia conforme ela me chamava de nomes com sua fala arrastada.

— Você gosta de jogos, Dolly? — gritei. — Gosta de fazer esses joguinhos pervertidos e nojentos de poder com homens como eu, de quem você pensa que pode partir para cima com tudo? Vá se foder você, Dolly.

Havia um par de sapatos perto da porta, e eu os peguei, me imaginei tirando um dos cadarços e usando-o para estrangulá-la. Eu poderia prendê-la à cadeira do jeito que minha mãe tinha feito com o meu pai e o sr. Cotoveleiras. Eu poderia apertar o pescoço dela devagar, ou poderia ir rápido. Eu poderia fazer do jeito que quisesse. Enxerguei aquilo na minha mente. Só puxar e puxar até a vida ser drenada e ela enfim calar a porra da boca. Teria sido tão fácil.

Ela era nojenta e repulsiva e não deveria ter tocado em mim do jeito que tocou. Ninguém nunca mais me tocaria sem a minha permissão.

Recuei o braço e joguei outra dama na cabeça dela, com força o bastante para deixar uma marca, e ela caiu no chão e logo estendeu a mão para sentir a ferida e soltou um soluço quando lágrimas brotaram de seus olhos e escorreram pelas bochechas.

As lágrimas dela me trouxeram de volta a mim, e hesitei antes de deixar o resto das damas de lado, meu peito subindo e descendo com força enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Eu a observei por mais um minuto, toda esparramada no chão, os mamilos minúsculos apontados para o teto enquanto ela murmurava e chorava, e eu só senti pena.

Me virei e a deixei lá antes de seguir até o meu

carro e ir para casa. Quando cheguei, me servi de um copo de limonada e então fiquei de pé ao lado do balcão, tomando goladas grandes e sedentas. Eu estava trêmulo, meus músculos doloridos por causa das horas de tensão. Imaginei Dolly deitada bêbada e desamparada no chão, e senti um pouquinho de vergonha, mas também havia satisfação. Eu havia lidado com ela sozinho. Tinha sido meu próprio protetor.

Dolly não foi trabalhar no dia seguinte, nem no depois desse. Fui para casa a cada noite, esperando que a polícia aparecesse na minha porta, e me deitei na cama, incapaz de dormir enquanto memorizava as mentiras que eu contaria. Quando Dolly enfim voltou, estava praticamente normal, exceto pela marquinha vermelha na testa. Fiquei tenso quando ela veio na minha direção, meu coração disparou, mas ela abriu um sorrisinho envergonhado e desviou o olhar quando disse:

— Eu queria me desculpar por qualquer coisa que eu tenha feito ou dito naquela noite. Eu fico um pouco... descontrolada quando bebo demais.

— Ela me olhou nos olhos, rogando como se quisesse que eu assegurasse que ela não tinha feito nada ruim ou que talvez lhe desse pistas do que ela não se lembrava, mas parecia suspeitar. Será que tinha vislumbres de mim atirando peças

na sua testa? Será que estava tendo dificuldade para fazer aquelas lembranças se encaixarem com quem ela acreditava que eu fosse?

Mas só a encarei e, por fim, lhe abri o mais vazio dos sorrisos.

— Não há nada pelo que se desculpar — falei, e saí andando. Mas eu estava com o passo mais animado. Já podia parar de me preocupar de forma tão implacável. No entanto, ainda me lembrava da sensação de confiança, de poder, quando parei acima dela, fazendo-a pagar pelo que tinha feito, mesmo que o pagamento fosse pouco e talvez bem menos do que ela merecia. Sim, eu havia cuidado de mim mesmo pela primeira vez na vida.

Talvez minha mãe soubesse. Talvez ela pensasse que eu não precisava mais dela. Talvez tivesse sido por isso que ela foi embora. E tivesse sido por isso que eu a deixei ir.



Enquanto o telefone tocava no seu ouvido, Sienna tamborilava na mesa, olhando a mais nova cópia do que Danny Boy tinha escrito sobre Dolly.

— Professor Vitucci — veio a voz do outro lado da linha.

— Professor, oi. É Sienna Walker, uma das detetives do DP de Reno.

— Sim, oi, detetive Walker. Vi o noticiário hoje de manhã. Odiei estar certo quando falei que o assassino atacaria novamente, e que não demoraria.

— Eu também. Sabia que seria só questão de tempo. É parte do que faz esse trabalho tão difícil.

— A sensação de impotência. Eu entendo. — A voz dele pelo telefone era melódica, e ela se sentiu à vontade na mesma hora. Ele era professor de criminologia, e ela se perguntou se alguma vez ele já havia trabalhado nas forças de segurança, e presumiu que sim.

— Isso. Tenho algumas perguntas, será que eu poderia tomar um ou dois minutos da sua atenção?

— Claro. — Ela ouviu uma porta se fechar. — Vá em frente.

— A vítima mais recente não parece ter nenhuma forma de comportamento parental negligente no passado — disse ela, referindo-se a Harry Lockheed. — Na verdade, se muito, era o oposto. Ele era um homem de família, um treinador, íntegro em tudo que conseguimos verificar até o momento. Então, minha pergunta é: será que nosso assassino ainda pode ser do tipo orientado para uma missão, mas estar concentrado em uma missão *diferente* do que delineamos de início?

— Com certeza — respondeu ele, com a voz suave. — O importante de se notar, detetive Walker, é que *algo* conecta essas vítimas. Algo as faz repugnantes para o nosso assassino.

Repugnantes.

Se não eram mães negligentes, ou mesmo pais negligentes, cuidadores, ou algo assim, então o que havia de tão detestável naquelas três, *até então*, pessoas?

— A ligação é a parte difícil — continuou o professor Vitucci. — Mas *existe* uma. De alguma forma, essas três vítimas se conectam.

Sienna agradeceu ao professor por despende um tempo para falar com ela e desligou antes de ir à sala de reuniões onde ela, Ingrid e Kat haviam planejado se reunir para repassar o último assassinato. Devido ao desenrolar, o temor e a preocupação da cidade estavam se elevando, o que era compreensível, e a pressão sobre o departamento de polícia estava aumentando hora a hora.

Sienna se acomodou ao lado de Kat e olhou para Ingrid, que estava na frente da sala. Ela atualizou as duas sobre seu breve telefonema para o professor Vitucci e o que ele tinha dito sobre as vítimas serem, de alguma forma, repugnantes para o assassino. Ingrid assentiu, pensativa, usando uma tachinha para prender a foto do rosto do cadáver do homem mais velho ao quadro que agora tinha as três vítimas atuais e um professor mumificado que havia morrido havia décadas. Todos estavam conectados por algum motivo, *de algum jeito*, mas como?

— Harry Lockheed trabalhava como gerente de andar no Circus Circus até um ano atrás, quando se aposentou. Ele está na indústria de hotéis há 30 anos. Não há registro de prisão, nem multas, nem problemas com dinheiro, nada preocupante foi encontrado em seu computador nem em nenhum de seus eletrônicos, mesmo que a análise tenha sido apenas preliminar.

“Ele saiu para ir ao mercado ontem de manhã cedo, e quando não voltou depois de algumas horas e a esposa não conseguiu entrar em contato, ela ligou para cá. Um policial fez perguntas aos funcionários do mercado, mas parece que ele nem chegou lá. Seu carro foi

localizado em um bairro perto de onde ele morava. O corpo foi encontrado algumas horas depois por um homem que estava procurando garrafas, com outro dos relatos de Danny Boy preso ao bolso da camisa da vítima.”

— Qual é o seu palpite sobre o novo capítulo do relato? — perguntou Sienna, o joelho pulando involuntariamente.

Kat mastigou a caneta por um instante.

— Parece que o nosso Danny Boy descobriu que tinha habilidade de subjugar a vítima — disse ela, depois de um momento. — E gostou disso.

Sienna assentiu concordando, imaginando Dolly deitada no chão enquanto Danny jogava peças de dama nela. Ele não havia conduzido esse poder na direção do assassinato. Não na época. Não ainda. Primeiro, havia descoberto a sensação com Dolly e, por fim, concentrado-a em outra parte, e elas ainda não sabiam a razão. O que Sienna sentia era que ele estava relatando a história em um *ritmo* que ela não podia entender. Mas ele tinha o quadro geral. Disso ela tinha certeza.

— As outras coisas que ele deixou na cena foram esses itens — falou Ingrid, ao mostrar três saquinhos de provas e colocá-los sobre a mesa. Sienna se inclinou para a frente.

O primeiro era um cupom para pedir asinhas de frango grátis em um lugar chamado Zero Effs Sports Bar e Grill. Sienna juntou as sobancelhas.

— Isso significa alguma coisa para vocês? — Tanto Ingrid quanto Kat balançaram a cabeça em negativa.

O segundo item era um par de dados pretos e brancos. Sienna pegou o saquinho e virou-o de um lado para o outro.

— Vocês verificaram se são viciados? — perguntou ela, cogitando se eles sempre davam um certo número.

— Sim — respondeu Ingrid. — Parecem dados comuns.

Humm. Ela largou o saquinho e pegou o terceiro. Lá havia uma moeda de prata.

— Uma Susan B. Anthony — disse Sienna, ao olhar para Ingrid, que deu ligeiramente de ombros. Sienna mordeu o lábio. A única razão para conhecer essa moeda era porque Argus a havia tirado de detrás de sua orelha quando ela era criança. Ele a havia colocado em sua mão depois disso enquanto ela ria, deliciada, e mais tarde, ela a escondera na gaveta, atrás das meias. Todas sumiram um certo ano. Não sabia se tinha sido a mãe ou o pai que as haviam pegado, só que provavelmente gastaram em um maço de cigarro ou em uma garrafa de bebida.

Depois disso, Sienna havia começado a guardar as que Argus lhe dava no trailer de Mirabelle, e elas nunca sumiram, embora as tivesse deixado para trás no dia em que se mudou.

Sienna considerou os itens nos saquinhos de evidência. Pesquisaria Susan B. Anthony no Google e veria se havia algo sobre a mulher que fornecesse alguma pista. Não tinha ideia do que fazer com os dados e o cupom. Havia algo sobre asas de frango que poderia levar a algum lugar?

— O lugar onde ele foi deixado... havia algo ao redor, especificamente para o lugar em que ele estava direcionado?

Kat fez careta para Sienna.

— Por quê?

Sienna abriu a pasta diante de si e tirou de lá as anotações que estava fazendo logo antes de ir embora passando mal, das quais havia falado com Gavin naquela manhã. Repassou os itens de cada cena que se relacionavam com os elementos da tabela periódica.

— Posso não estar olhando do ângulo certo, talvez estejam organizados de um jeito diferentes ou combinados a coisas que ainda não temos, mas...

— Não, isso é bom — interrompeu Ingrid. — Espere. — Ela folheou o relatório sobre a mesa, que estava perto dos dois itens nos saquinhos de provas, e pegou o telefone para fazer uma busca. — Há uma empresa naquela direção que trabalha com solda.

— Solda... que tipo de solda? — perguntou Sienna.

Ingrid olhou para o telefone e pressionou alguma coisa.

— Portões de ferro e cercas de segurança são a especialidade deles.

— Ferro. — Ela logo pegou o próprio telefone e abriu a tabela periódica. — O símbolo do ferro é Fe, número atômico 26.

Kat puxou para si a folha em que Sienna havia feito as anotações.

— Ok, partindo do suposto que isso está correto, agora temos *VIOLFe*, o que não faz sentido algum.

— A menos que — disse Ingrid, ao empurrar um dos saquinhos de evidência para a frente — esse cupom do Zero Effs Sports Bar e Grill seja uma instrução — complementou ela, fazendo referência à tradução literal do nome do bar.

— Sem efes — repetiu Kat. — Bem, caramba. Certo. *VIOLE*. — Ela fez uma pausa, batendo a caneta. — Não sei se é bem isso, mas vai no sentido desses outros que você anotou. E elimina outras coisas. Meu palpite é *violência*, considerando a aptidão dele para isso — opinou ela, ao erguer as sobrancelhas.

— Mas por que soletrar *violência*? Como isso nos levaria a qualquer lugar?

— Não sei. Mas vamos pedir ao Xavier para imprimir uma lista de palavras que comecem com *VIOLE*. Deve haver algumas de que não estamos lembrando. Podemos cruzá-las com o nome das ruas.

Uma batida soou à porta, e quando Ingrid gritou um “pode entrar”, a cabeça de Xavier apareceu lá.

— Ei, sua orelha devia estar queimando. Temos um projetinho para você — disse Kat.

— Sim, sem problema. Vim avisar que acabei a lista de meninos da Copper Canyon que não apareceram no dia da foto. Há apenas dois, e eu consegui arranjar fotos atuais deles. Obviamente, não são da época da escola, mas podem ajudar.

— Você está de brincadeira. Como encontrou as fotos?

— Pesquisei na internet. Um deles frequentou a escola técnica por um tempo. Passei o pente fino no site deles e tive sorte. O cara apareceu em uma foto de um prêmio comunitário que a escola

ganhou há anos e depois todos os anos desde então. Está óbvio que é importante para eles, e colocaram todas as fotos no site. — Xavier lhes entregou a foto. — Ele se chama Oliver Finley.

Sienna pegou a foto. Era impressa, e não estava ótima, mas quando encontrou o aluno identificado como Oliver Finley, os olhos se demoraram nele. O rapaz parecia familiar, mas não sabia a razão.

— Onde eu já o vi? — murmurou em voz alta, passando a foto para Kat, que estreitou os olhos lá por um momento também.

— Concordo. — Ela franziu o cenho.

— O segundo homem se chama Sylvester Knox, e encontrei várias fotos dele — prosseguiu Xavier. — Ele é advogado agora. — Sienna olhou a foto de um homem negro muito bonito, tirada do site do escritório de advocacia.

— Ele não se encaixa no perfil — disse ela. — Mas vamos falar com ele. — Ela estendeu a mão para Ingrid, que estava olhando para a primeira foto. — Posso dar outra olhada?

Ingrid a entregou, e ela encarou a imagem. Deus, ele parecia um pouco familiar, mas ela não conseguia saber de onde. Soltou uma bufada frustrada.

— Obrigada, Xavier. Arrasou. Você poderia procurar o endereço deles?

Ele tirou uma folha da pasta que estava segurando.

— Um passo à frente — falou ele, sorrindo. — Mas só consegui encontrar informações sobre Sylvester Knox. De Oliver Finley parece mais difícil, mas estou atrás.

— Ótimo — murmurou ela. Juntaram as coisas da sala e passaram a Xavier a tarefa seguinte. Ela e Kat estavam indo para a mesa delas para montar uma estratégia do que procurar primeiro, quando um dos zeladores virou no corredor, empurrando uma lixeira enorme. Sienna se deteve. — O zelador. — Ela parou Kat e a segurou pelo braço. Ela pegou a impressão que havia conseguido com Xavier e a estendeu para Kat. — Oliver.

A colega encarou a imagem por alguns momentos.

— Ollie. — Kat a olhou nos olhos. — Ele está de barba agora, mas... você está certa. Ai, meu Deus. Espere, você acha... que *Ollie* é o nosso cara?

— Não faço ideia. Tudo o que sei é que ele parece demais com um aluno que estudava na Copper Canyon e que teve Sheldon Biel como professor de ciências. Onde podemos encontrá-lo?

— Ei! — Kat gritou para o zelador, que havia chegada ao fim do corredor. — Com licença.

O cara se virou, lançando a elas um sorriso ligeiramente desconfiado.

— Posso ajudar?

— Você trabalha com um homem chamado Ollie? — perguntou Kat, ao irem até ele. — Alto, peso mediano, cabelo escuro. — Ela moveu a mão sobre o queixo. — Barba curta.

— Ah, sim. Eu o vi de passagem. Nunca trabalhei com ele. Mas ouvi dizer que ele pediu demissão semana passada.

— Droga — xingou Kat. — Tudo bem, para quem eu posso ligar para conseguir essa informação?

— A terceirizada para a qual trabalhamos se chama A-1 Serviços de Zeladores. Eles vão poder ajudar vocês.

Enquanto elas correram até a mesa para fazer a ligação, Sienna pensou na interação que tiveram com o homem chamado Ollie. Ele pareceu normal, legal. Estava usando fones de ouvido e... *só tirou um para ouvir o que elas tinham a dizer quando fizeram sinal para ele.*

— Os fones — disse para Kat. — Ele tirou só um. Danny Boy sofreu uma lesão que resultou na perda auditiva de um ouvido.

Kat fez careta.

— Sim. Ou o cara tirou apenas um porque só tinha uma mão livre e era o necessário para que ouvisse o que tínhamos a dizer.

Pode ser. Dez minutos depois, após confirmar o nome completo do zelador e pegar o endereço com o dono da A-1, elas seguiram para a porta.

No caminho, Sienna ligou para Gavin, mas caiu na caixa postal. Imaginou as bochechas coradas de Mirabelle e a forma como ela havia parecido ficar com os olhos um pouquinho vidrados. E a moeda prateada e sua conexão com Argus a assustaram. Mandou mensagem para Gavin.

Ei, você falou com a sua mãe? Quanto mais penso no assunto, mas acho que ela parecia um pouco tensa hoje de manhã. Poderia dar uma olhada no Argus também? Bj

Ela largou o telefone e mordeu o lábio. Se Gavin não conseguisse localizá-lo, ela visitaria Argus quando fosse verificar o endereço de Oliver Finley.

A casa diante da qual pararam era de tijolinhos e ficava em Old Northwest, a várias quadras da Copper Canyon High School. Elas bateram alto na porta e gritaram “DP de Reno”, mas não veio barulho nenhum lá de dentro.

— Não está em casa ou não está atendendo? — perguntou Kat, olhando para Sienna do outro lado da porta.

Antes de Sienna conseguir pensar no que responder, ouviram uma música começar a tocar bem baixinho. Ambas congelaram e se inclinaram para perto. *I keep my money in an old tow bag. Oh! Doo-dah day!*

Os olhos de Sienna encontraram os de Kat, que estendeu a mão e virou a maçaneta. A porta destrancada se abriu, a música lá dentro de repente ficando mais alta e fácil de ouvir. Kat fez uma pausa.

— Está vindo lá de cima — sussurrou ela. — Chame reforços.

Depois de se afastar e pedir reforços, Sienna se inclinou ligeiramente para trás, olhando para a janela acima do alpendre. *Obscurecida por cortinas*. Seu instinto dizia que elas não precisavam ter pressa para entrar na casa, mas isso não fazia nada pelos seus nervos. Felizmente, a espera não foi longa, e depois de dez penosos e frustrantes minutos, um carro parou na frente da casa e dois policiais se juntaram a elas: um homem e uma mulher.

— O que temos? — perguntou o policial.

— Não temos certeza — respondeu Kat. — Mas da última vez que nos deparamos com uma situação parecida, a música nos levou a um cadáver mumificado. Dessa vez, no entanto, estamos na casa de uma pessoa desaparecida que nos interessa.

— Não sabemos se ele está lá dentro? — indagou a policial.

— Não. Vocês dois ficam com o andar de baixo, e nós vamos olhar lá em cima. Tomem cuidado.

Os dois policiais assentiram, e Kat e Sienna entraram, anunciando a chegada e revistando o primeiro cômodo. Os dois uniformizados vieram logo atrás, e Kat e Sienna foram em direção às escadas, a voz dos quatro anunciando sua presença se erguendo acima do som da música alta e repetitiva.

Lá em cima, havia apenas uma porta aberta no fim do corredor, e era o quarto em que a música tocava. Com cuidado, seguiram naquela direção, verificando os outros quartos enquanto passavam, triangularam a porta aberta e entraram. *Doo-dah! Doo-dah! Oh! Doo-dah day!* estrilava. Na cama havia outro cadáver mumificado, pedaços de tecido mesclado aos ossos, a roupa de cama embaixo manchada onde ele ou ela havia se decomposto durante o que deveria ser muito, muito tempo. A certa altura, o fedor devia ter sido insuportável. Naquele momento, só cheirava a mofo e umidade, sobrepostos ao aroma de tecido podre.

O rádio à pilha estava na beirada da cômoda perto da porta. *Doo-dah!* Sienna estendeu a mão e o desligou, e abaixou os ombros quando ela exalou.

— Vocês duas estão bem aí em cima? — veio um grito lá de baixo.

— Estamos — informou Sienna. — Mas chame o legista. Encontramos um corpo.

— Sem pressa — murmurou Kat, sarcástica, indo até o... homem morto. As roupas estavam apodrecidas e se desfazendo, mas, pela aparência, tinham pertencido a um homem que usava bermuda xadrez e camisa social.

— Ah, Ollie, o que você fez? — perguntou Kat.

— Se é que esse é o nome dele — murmurou Sienna.

— Você acha que ele é o nosso Danny Boy?

— Aposto que sim.

Kat pressionou os lábios e olhou ao redor.

— Se for, pela lógica, isso faria desse cara...

— O pai — concluiu Sienna.



Sienna e Kat observaram da varanda o afastar do SUV levando o corpo que jazia morto no andar de cima por pelo menos duas décadas. Sienna moveu o pescoço de um lado para o outro, alongando os músculos cansados. O sol estava se pondo, o que a fez perceber que tinham passado horas ali. Ela e Kat ficaram na cena, enquanto Ingrid tinha voltado para a delegacia para descobrir tudo o que podia sobre Oliver Finley e a casa em que ele tinha vivido com um cadáver por sabia lá Deus quanto tempo. Os peritos ainda esquadrinhavam a propriedade, e um alerta havia sido disparado para o veículo de Oliver Finley. O que foi encontrado na garagem estava registrado em nome de Sheldon Biel, formando uma inegável conexão entre Oliver e os crimes que estavam sendo cometidos. Parecia não haver dúvidas de que tinham encontrado mesmo o Danny Boy.

Oliver Finley havia sido contratado pela empresa terceirizada para trabalhar na polícia havia cerca de seis meses. A empresa tinha feito a verificação padrão de antecedentes, mas não havia encontrado nada. No momento, eles não faziam ideia se Oliver havia se disposto a trabalhar lá de propósito, como uma forma de tentar reunir informações sobre sua onda de crimes planejada, ou se foi só sorte da parte dele, já que, àquela altura, ele estava trabalhando há anos como zelador. Estavam mantendo a mente aberta, mas Sienna tinha dificuldade de acreditar que havia *sorte* no que dizia respeito àquele caso.

Isso explicava exatamente por que Danny Boy sabia seu nome como a detetive do caso, desde o início, mesmo ela sendo nova na delegacia. Teria dado a ele tempo para fazer uma pesquisa simples e

também atar Gavin ao jogo, de imediato. Talvez ele até mesmo a tivesse escolhido especificamente porque acreditara que ela seria a menos provável de desvendar suas pistas. O que a fazia se sentir menos um alvo, pelo menos.

— A casa pertence a um homem chamado Patrick Finley, que, de acordo com os registros fiscais, sumiu do radar há cerca de vinte anos — Ingrid, que havia acabado de chegar à cena, lhes contou.

— Se por “sumiu do radar” você quer dizer que ele esteve apodrecendo na cama, então, sim — disse Kat.

Ingrid lhe lançou uma inclinação irônica de lábios e se afastou alguns passos para o lado quando um perito apareceu carregando vários sacos grandes de evidência que pareciam conter a roupa de cama.

— Aqui está a parte *realmente* interessante. O Patrick Finley que comprou a casa, na verdade, morreu há 27 anos.

— Espere, quê? — perguntou Sienna. — Como?

— Causas naturais, ao que parece. Algo relacionado ao coração. No entanto, logo antes de morrer, a empresa dele foi à falência. Acontece que o sócio dele fez várias transações comerciais extremamente ruins e tentou encobrir tudo; por fim, começou a desviar dinheiro. Depois disso, o sócio dele, Roger Hastings, desapareceu.

— *Roger* — repetiu Kat, ao encontrar os olhos de Sienna. — O pai.

— Isso mesmo. E mais, quando desapareceu, ele levou o filho junto. Um menino de sete anos chamado Daniel.

— Oh — suspirou Sienna. — Roger, o *pai*, roubou o filho e então assumiu a identidade do sócio morto.

— Nossa — disse Kat. — Em seguida mudou o nome do menino de Daniel para Oliver, também conhecido como Ollie.

— Mas ele ainda pensava em si mesmo como Danny Boy — murmurou Sienna. — Pelo menos no que escrevia. — Ela pensou por um segundo. — Como ele conseguiu a documentação para fazer tudo isso? Assim, se tinha os documentos do sócio, creio que seria

fácil. Mas e quanto ao filho?

— Ainda estamos verificando essa parte. A família de Roger é dona de dois cassinos em Las Vegas, e se você tiver dinheiro o bastante, consegue comprar praticamente qualquer coisa. É possível que o tenham ajudado ou, pelo menos, o financiado sem saber, mesmo que por pouco tempo.

Verdade. Sienna considerou. Ele só precisava forjar uma certidão de nascimento, e o resto seria relativamente fácil.

— Por que a família ajudaria e encorajaria algo assim?

— Famílias cometem ilegalidades por familiares por diversas razões: falsa sensação de lealdade, medo de culpa por associação, uma forma de manter a pessoa bem longe da reputação deles, ainda mais considerando o negócio muito público que possuem. Mas, nesse caso, até hoje, ele ainda é procurado pela polícia por sequestro — disse Ingrid.

Bem, não exatamente. Roger Hastings provavelmente não era nada além de ossos a caminho do necrotério enquanto elas conversavam.

— De onde ele pegou a criança?

— Aqui em Reno mesmo. A esposa prestou queixa do desaparecimento logo que aconteceu, e procuraram por eles, mas não encontraram nada. — Ela voltou a se afastar quando outro perito passou. — É tudo o que sei por enquanto, mas Xavier e vários policiais estão fazendo ligações e buscando informação. Teremos um quadro mais completo em breve. Sienna, posso falar com você por um momento? — perguntou Ingrid.

Surpresa e um pouco preocupada, Sienna assentiu ao se afastar com Ingrid.

— Eu só queria te parabenizar pelo caso. Tenho certeza de que desvendaremos tudo isso graças ao seu cérebro e o da Kat e o pensamento criativo de vocês duas.

— Obrigada, sargento — agradeceu Sienna, grata pelo elogio, mas ainda um pouco confusa. *Por que ela também não puxou Kat de lado?*

Ingrid ergueu uma sobrancelha perspicaz, como se lesse a mente de Sienna.

— Eu também queria te dizer que dei uma olhada na razão precisa para você ter sido expulsa da delegacia de Nova York.

Ela sentiu o estômago revirar.

— Ah, entendi.

— E eu te contratei pela mesma razão de eles terem aberto mão de você. É por isso que quis você na nossa equipe.

Sienna piscou e suspirou.

— Ah — suspirou. — Entendi.

O lábio de Ingrid se curvou, e ela deu um aceno rápido.

— Vou te deixar voltar ao trabalho, e verificar a cena lá dentro. — Assim, ela se virou e deixou Sienna onde estava.

A detetive observou a sargento se afastar, um brilho quente emanando de dentro dela, sentindo o que só poderia descrever como *justiça* se elevando. Respirou fundo, e logo deixou aquilo de lado. Teria tempo de se refastelar na sensação mais tarde. Ingrid estava certa: o que tinham acabado de descobrir era importante. E significava que as passagens de diário que Danny Boy, também conhecido como Daniel Hastings, também conhecido como Oliver Finley, havia entregado a elas eram, de certa forma, verdadeiras.

Ela mordeu o lábio, mergulhando a mente na informação. No entanto... se o garoto tinha sido sequestrado, como era possível a mãe estar junto deles? Será que o pai tinha se casado de novo? Será que a “mãe” era madrasta? Kat estava perto do parapeito da varanda, anotando algo no caderno, e olhou para cima quando Sienna se juntou a ela.

— Está tudo bem?

Sienna sorriu.

— Sim, tudo bem. — Tinha certeza de que Ingrid repetiria para Kat o elogio que havia lhe feito pelo trabalho. Ela se recostou no parapeito.

— Sobre o caso, sabe o que é estranho?

— O que *não* é estranho?

Sienna soltou um chiado baixinho, concordando.

— O que é estranho é que a cama em que o cadáver lá em cima, provavelmente o “pai”, foi deixado, o lugar em que ele apodreceu e ficou só osso, é uma cama de solteiro.

Kat olhou para o lado.

— Humm. Sim, entendo o que você quer dizer. Se ele dividia o quarto com a mãe, onde ela dormia?

— Certo. Assim, há mais alguns quartos lá em cima, mas, ao que tudo indica, o pai era um homem solteiro.

— Então, se você fosse a mãe, teria dividido a cama com aquele cara?

— Não sei. Ao que parece, até certo ponto, a mãe fazia o que queria, mas e antes disso?

— Detetive Kozlov? — Um dos policiais que havia ajudado na revista da casa mais cedo se aproximou. — Vou precisar da sua assinatura em algumas coisas.

— É para já. — Kat entrou com o policial, e Sienna pegou o celular. Havia duas mensagens de Gavin que ela não tinha visto, já que as últimas horas tinham sido gastas tentando descobrir que merda elas tinham encontrado.

Foi para o canto da varanda, longe do fluxo constante de policiais e peritos indo e vindo da casa, e ligou para Gavin.

— Oi — disse ele, ao atender no primeiro toque. — Vi no jornal que tem algo acontecendo em Old Northwest. Você está bem?

— Sim, estou bem. Tenho certeza de que encontramos nosso suspeito.

— Danny Boy?

— Hum-hum.

— Vocês o prenderam?

— Não, ele não estava aqui, mas deixou um monte de evidências.

— Ah. — Houve uma pausa carregada. Sabia que ele queria pedir

mais detalhes, mas ficou feliz por não ter feito isso. Não podia dizer nada, nem tinha um quadro claro do que estava se passando. — Vou entender se não der, já que foi um dia bem longo, mas se estiver a fim de jantar, eu adoraria que viesse para cá. Você ainda não viu a minha casa.

Ela sorriu, soltando um leve suspiro. *Minha casa*. O desejo repentino de estar naquela casa desconhecida agora mesmo, aconchegada nos braços dele, quase a derrubou. Ela endireitou a coluna. Havia trabalho a fazer, e tinham tempo para isso. Tanto tempo.

— Seria um prazer — disse ela, ao olhar para a porta, de onde Kat e o policial para quem ela estivera assinando relatórios haviam saído. — Talvez eu demore um pouco. Vai manter tudo quentinho para mim?

— Pelo tempo que for necessário — garantiu ele, baixinho.

Ela sorriu de novo.

— Ok. Ah, você falou com a sua mãe?

— Mandeí mensagem assim que vi a sua, e ela respondeu, mas não falei com ela. Ao que parece, ela pegou uma virose ou algo assim. Ainda não consegui contato com Argus.

A testa dela franziu, mas se sentiu melhor. Não era de se admirar ela estar corada quando saiu da casa de Sienna mais cedo. Tentaria falar com Argus em breve. No momento, precisava se concentrar no trabalho de prender o homem que já tinha matado três pessoas e talvez desvendar as pistas que levariam à próxima vítima.

— Ok. Me mande mensagem quando falar com eles.

— Sim, claro.

— Ok... até mais tarde.

— Ei, Si... eu te amo.

— Eu também te amo. — As palavras saíram com a mesma facilidade de um suspiro.

Desligou e se virou para a porta. Kat ainda conversava com o policial, mas agora não parecia ter relação com trabalho, a cabeça

dela inclinada conforme sorria de algo que o cara lhe dizia, usando as mãos para gesticular. Ele era uma gracinha. *Vai com tudo, Kat.*

A perita chamada Malinda Lu saiu da casa, carregando uma pilha de jogos de tabuleiro. Sienna piscou e se apressou até ela. A mulher parou de supetão.

— Oi, Malinda.

— Detetive Walker.

— Onde você encontrou esses jogos? — perguntou, ao acenar para a pilha nos braços da mulher, contidos por uma enorme sacola.

Malinda olhou para eles.

— Debaixo de uma tábua no closet do primeiro quarto. Estava obviamente solta, e me lembrei de ter encontrado evidências em um lugar similar naquela casa abandonada em que trabalhamos. Estamos embalando o máximo de coisas possível naquele quarto porque parece o único que estava sendo usado. Pegamos a roupa de cama e...

— Posso dar uma olhada neles rapidinho? — Deus, ela nem sequer havia pensado em procurar os jogos dele no closet, mesmo ele tendo dito nas cartas que era onde ficavam. Graças a Deus pelos peritos com boa memória.

— Ah... claro. Quer que eu os coloque na mesa da cozinha?

— Sim, ótimo. — Ela entrou atrás de Malinda, e a perita usou luvas para abrir a sacola e tirar os jogos, então os colocou na mesa onde, supunha-se e se as marcas na madeira fossem qualquer indício, o sr. Cotoveleiras e o pai haviam se sentado quando deram o último suspiro.

Aquele cômodo e, pelo que ela observara, a casa toda, era limpo e organizado. O Danny Boy deles com certeza era um perfeccionista detalhista, tal qual o professor Vitucci havia suposto.

— Estou procurando um jogo em que estão faltando os dados — disse ela, e Malinda assentiu, deixando de lado a caixa de damas, que não usava dados, e abriu a tampa da segunda da pilha: Banco Imobiliário.

— Parece que estão faltando os dados — observou Malinda, depois de passar o dedo pelo recipiente que continha os dados dos jogadores. As cartas de sorte, de cofre e de títulos de propriedade estavam arrumadas nos respectivos lugares.

Kat apareceu ao lado dela.

— Encontrou alguma coisa?

— Não sei — respondeu Sienna. — Mas este aqui está sem o dado.

— O dado no bolso de Harry Lockheed.

— Isso. Você pode pegar o tabuleiro? — pediu Sienna a Malinda, e a mulher o pegou. Havia um bilhete curto lá, escrito com a letra de Danny Boy. Ambas se inclinaram para a frente e o leram rápido.

Minha vida está mais uma vez em paz. Não há razão para me deitar na cama inventando mentiras. Mas estou de luto pela minha mãe. De luto pela ausência de suas ervas secas aromáticas, dos donuts caseiros e do spray de limão que fazia nossa casa ter um cheiro limpo e fresco.

Não conseguia mais conjurá-los. Não conseguia mais conjurar a ela. Não importava o quanto eu tentasse.

Vivi. Trabalhei. Segui com a vida. Li livros. Assisti ao noticiário à noite para ficar por dentro do cenário político mundial e das atualidades, no caso de alguém conversar comigo sobre essas coisas, assim eu poderia dar uma resposta inteligente. Mas as pessoas raramente falavam

comigo e, no todo, eu também as evitava. Quando puxavam assunto, eu inventava histórias sobre quem eu era e as coisas que fazia. Talvez eu imaginasse quem eu teria sido. Se.

De qualquer forma, eu estava praticamente em paz, acho, mas solitário.

Tão, tão solitário.

E precisei aceitar que talvez seria assim para sempre.

Sienna se endireitou.

— Obrigada, Malinda. Você pode guardar em um saquinho separado?

Malinda assentiu e começou a guardar os jogos e o bilhete enquanto ela e Kat voltavam para a varanda, onde não atrapalhariam.

— Em que você está pensando? — perguntou Kat.

Sienna cruzou os braços, bateu os dedos na pele por um momento, e tão rápido quanto fez isso, os descruzou. Sentia-se ansiosa, apreensiva.

— Kat, você acha que é possível *ele* ser a mãe? — Kat franziu o cenho. — Tudo isso de *conjurar*?

— É possível. — Ela fez uma pausa, refletindo. — Mas também, ambas as vezes que a mãe matou por ele, ele havia ficado inconsciente logo antes. — Ela passou os dentes pelo lábio inferior. — Eu teria que dar uma olhada de novo nas palavras exatas dos escritos, mas, quando ele chegou, a mãe já tinha amarrado os homens à cadeira. — Você se refere a ele ter personalidades múltiplas ou algo assim?

A testa de Sienna se franziu mais ainda.

— Não exatamente... — Soltou um suspiro frustrado.

Ambas ficaram quietas por um instante enquanto Malinda saía da casa pela segunda vez, indo em direção ao furgão.

— O que vai contra essa teoria — disse Kat — é que os dois crimes que a *mãe* cometeu são bem diferentes. Facadas são incrivelmente violentas e há muito sangue.

— Porque ele estava sendo ativamente abusado, ativamente *ferido*, nesses dois casos — falou Sienna. — Talvez ele tenha perdido o controle, e a única forma de continuar protegendo a si mesmo foi criando essa “mãe” fictícia que nunca existiu.

— Um Norman Bates da atualidade.

— Não estou sugerindo que ele pense que é ela ou que sequer tenha a impressão de que ela é real. Mas, no momento, ela o ajudou a fazer o necessário para deter seu tormento.

— Plural — lembrou Kat a ela. — *Tormentos*. Algumas pessoas são ímãs para monstros.

Sienna estremeceu. Que pensamento horrível o de que aqueles que são presas fáceis tenham um cheiro facilmente detectável pelas bestas humanas. Parou de pensar naquela possibilidade horrenda.

— Certo. Então por que ele está estrangulando os outros agora?

— É a pergunta que não quer calar. Não é por estarem abusando dele. Esses assassinatos foram bastante premeditados.

Sienna repassou o perfil do professor Vitucci, filtrando tudo em sua mente. *O que estamos deixando de notar?*

— O professor Vitucci ajudou muito quando ligamos mais cedo — disse ela. — Podemos ver se ele tem algum palpite sobre isso.

— Claro. Quanto mais ajuda, melhor. Vamos ficar aqui mais tempo mesmo.

Sienna assentiu. Ficariam até os peritos terminarem a coleta inicial. Discou o número do professor e ele atendeu imediatamente.

— Alô, professor. É a detetive Walker. De novo. Sinto que estou começando a incomodar.

Ele riu baixinho.

— Imagine. É bom se sentir útil. E é agradável se sentir parte de uma equipe de novo. Recebi os escritos mais recentes que você me enviou por e-mail e os li mais cedo. Em que posso ajudar?

— Bem, temos quase certeza de que encontramos nosso suspeito — revelou ela. — Ele nos conduziu direto para a própria casa, onde o corpo que presumimos ser de seu pai foi encontrado em um quarto no andar de cima.

— Ah, entendi.

— Bom — ela olhou para Kat —, a detetive Kozlov e eu estamos com uma teoria, e uma pergunta surgiu. Posso colocar no viva-voz?

— Claro.

Ela pressionou o botão e segurou o aparelho entre as duas.

— Oi, professor.

— Detetive Kozlov — cumprimentou-a ele.

Sienna pausou por apenas um instante.

— Professor, é possível que a mãe seja, na verdade, *ele*? Ele parece ter “perdido a consciência” nas duas vezes que ela veio a seu resgate.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Então a mãe não existe? — perguntou ele.

— Sim. Ele meio que... conjura a mulher quando precisa de proteção. É ele, só que interpretando um papel para que seja capaz de seguir adiante.

O professor Vitucci ficou quieto por um bom tempo, e Sienna jurava que conseguia ouvir o cérebro dele processando tudo através do telefone enquanto, obviamente, ele ponderava.

— Há estranhezas na história dele no que diz respeito à mãe — iniciou o homem. — Coisas que não se encaixam.

— O que o *senhor* acha? — indagou Kat.

— Ela é perfeita demais. As reações da mulher não estão alinhadas com o que aconteceu. Ela é um tipo de Amélia. De início, imaginei que ele a estivesse idealizando, mas o que você diz também é possível. Ele a insere como salvadora, seja por não

conseguir aceitar, seja por não *querer* aceitar que ele fez o que fez.

— Ou talvez — disse Sienna, ao olhar nos olhos de Kat —, na época, ele não estava pronto para assumir a responsabilidade por aqueles crimes, então criou a figura da mãe?

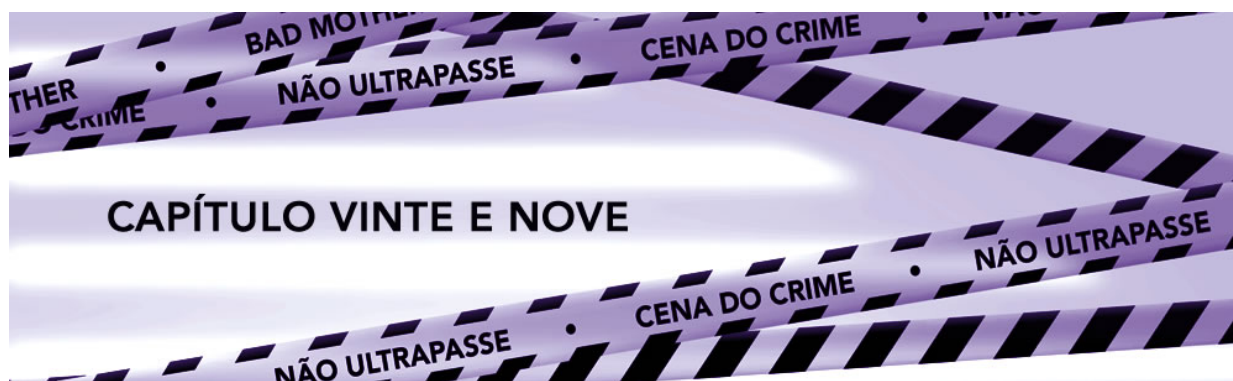
— É bem plausível — concordou o professor Vitucci. — Mas eu também suporia, que, se ela não existe nessas circunstâncias em particular, a mãe ainda é baseada em alguém muito real.

Sienna e Kat agradeceram ao professor e desligaram. Kat viu um conhecido e pediu licença, o que deu a Sienna tempo para filtrar o que o professor tinha dito e tudo o que havia descoberto desde que chegaram àquela casa. *Pai. Mãe. Danny Boy. Sr. Cotoveleiras. Oliver. Ollie.* Foi até o parapeito da varanda e olhou para a rua residencial além.

Bateu na madeira, pensando no que acabara de discutir com o professor, então considerou a parte do bilhete na caixa do Banco Imobiliário. Outra coisa lá a incomodava também. A familiaridade dela mesma com a menção da mistura de ervas e frutos aromáticos e do spray de limão.

Coisas maternas, supunha, mas a fez lembrar de Mirabelle, e não conseguia afastar a sensação de que era uma pista que deveria reconhecer. Embora ele também tivesse mencionado donuts caseiros e, até onde sabia, Mirabelle nunca os fizera.

De toda forma, uma coisa era certa: estavam *ali*, na casa dele, porque Danny Boy queria que estivessem. O jogo dele ainda não havia acabado.



A mão de Mirabelle tremia quando ela apoiou a caneta no balcão. Passara o dia tremendo, desde que havia saído da casa de Sienna. Desde que vira as anotações na mesa da cozinha.

Sentiu-se nauseada e aflita na mesma hora, e ainda assim... por baixo de tudo, uma esperança descontrolada também fazia suas asas enjauladas baterem. Sem saber o que fazer ou se estava certa, foi para casa e recriou as anotações para que pudesse repassá-las, avaliando se estava saltando para conclusões precipitadas.

Mas, não. Não, ela *sabia*. O olhar voltou para o bloco em que tinha reescrito o que Sienna havia anotado enquanto, aparentemente, tentava desvendar alguma pista no caso.

Vanádio, Iodo, Oxigênio, Lítio. VIOL

Violetas, Violência, Violento.

Mirabelle havia pesquisado vanádio, iodo e o resto e os havia encontrado na tabela periódica; cada um parecia se relacionar com uma letra em uma palavra que estava sendo soletrada, embora ainda não estivesse completa. Ficou óbvio que Sienna estava tentando adivinhar o que poderia ser. Mirabelle tinha quase certeza de que sabia que palavra era, e quais seriam as últimas letras.

Os nomes Reva Keeling e Bernadette Murray também haviam sido anotados. E ela os reconheceu. Ouvira o nome de Reva no noticiário, mas não soara familiar. Reva devia ter se casado em algum momento, porque, quando Mirabelle a conhecera, o nome era Reva Lilly. Chamavam-na de Lil. Além dos poucos detalhes que surgiam de quando Argus estava assistindo à TV, Mirabelle não havia prestado atenção ao noticiário a ponto de saber mais além do

que o fato de Sienna estar trabalhando em um caso perigoso. Já que não *queria*, necessariamente, saber dos detalhes, desligou o noticiário. Especificidades sobre violência a incomodavam. Já tivera violência o bastante para uma vida inteira. Seu ex-marido tinha sido um monstro.

Seria ele? Depois de tantos anos? Bem ali em Reno? Na mesma cidade em que haviam vivido juntos?

Procurou a foto de Reva Keeling na coletiva de imprensa, verificando e reverificando suas suspeitas. A mulher estava tão diferente. Tão *velha*. Embora Mirabelle não tivesse ouvido o nome da segunda vítima, logo soube ao vê-lo escrito na caligrafia de Sienna. Bernadette. Era um nome singular, e Bernadette tinha sido uma mulher singular. Engraçada pra caramba. Havia dias que ela fazia Mirabelle praticamente se mijar de rir.

Reva e Bernadette. Lil e Bee.

Havia outra vítima que haviam encontrado na noite anterior. Procurou na internet, mas não viu o nome em lugar nenhum. Talvez já tivessem identificado e não precisassem de ajuda da população. Talvez ainda estivessem contatando os familiares. Teria que esperar. Precisava descobrir o nome da terceira vítima.

Seu telefone tocou, assustando-a e quase a fazendo gritar. Pegou o aparelho e respirou fundo, tentando acalmar o coração acelerado.

— Gavin — ela cumprimentou.

— Oi, que bom ouvir a sua voz. Como está se sentindo? Ainda parece um pouco fraca.

Fraca. Era uma boa descrição.

— Um pouco. Mas estou melhor. Chegando lá. Como você está? E Sienna? Vi no jornal que houve outro assassinato. Que horrível.

— Você não costuma ver o jornal — comentou Gavin, com um sorriso na voz. — Sempre disse que é alérgica a isso.

— Ah. Bem. — Ela soltou uma risadinha. — Agora que Sienna está de volta...

— Você vai assistir ao jornal para se certificar de que não precisa

se preocupar com ela. Entendi. — Ouviu o carinho na voz do menino, ele sempre seria seu menino, mesmo sendo um homem agora, e seu coração se apertou com força. Ah, a alegria que sentira quando havia olhado dele para Sienna e percebido que estavam juntos de novo. Do jeito que deveria ser.

O mundo parecia ter ficado uns dez tons mais brilhante. Havia sentido tanta esperança, do tipo que não sentia havia tempos. Tinha visto amor nos olhos de Gavin, e felicidade nos de Sienna.

— Eles sabem o nome? — perguntou a Gavin. — Da vítima mais recente?

— Sim, acabaram de divulgar, faz alguns minutos. Harry alguma coisa, eu acho que disseram... por que está perguntando?

Seu estômago revirou de novo, a bile subindo para a garganta. Ela a engoliu.

— Ah... por nada. — Conseguiu dizer.

Gavin ficou calado por um momento.

— Olha, mãe, você falou com o Argus? Tentei ligar para ele mais cedo, mas ele ainda não retornou.

— Não. Devia estar dormindo. Ele dá aquelas aulas às terças à noite, Hocus-Pocus e Ilusionismo? Vai até quase meia-noite. — E Argus, o velho antiquado, nem sequer tinha um celular. Mas ela olhou para o relógio. Eram quase seis. Mesmo que ele tivesse dormido até tarde e depois ido resolver seus assuntos, geralmente ligava depois que chegava em casa.

— Ah... certo. Bem, ok, quando falar com ele, diga para me ligar.

— Pode deixar.

Eles se despediram, e Mirabelle desligou; no mesmo instante, tentou o número de Argus. Estivera em seu próprio mundo desde que saíra da casa de Sienna, mas... também não tinha falado com ele o dia todo, o que era incomum. Era frequente passarem alguns dias sem se verem durante a semana, quando ela ficava presa com as próprias coisas e ele dava algumas aulas, e então ele basicamente chegava de mudança aos fins de semana, mas geralmente se falavam todos os dias. O arranjo dos dois não era

típico, supunha, mas dava certo para eles. *Dá certo para você*, disse a si mesma. Tudo bem, sim. Mas Mirabelle tinha suas razões. Sua independência e o controle do próprio ambiente ainda eram algo muitíssimo valioso, mesmo tantos anos depois.

O zumbido de pânico que vibrava sob sua pele desde que havia visto as anotações se elevou quando o telefone de Argus foi para a caixa postal.

Ela desligou sem deixar mensagem e pediu um táxi.

Me deixe te comprar um carro. Eu te ensino a dirigir. Ela ouviu a voz de Gavin em sua cabeça.

Só que Mirabelle já sabia dirigir. Não era esse o problema, mas não podia dizer isso a ele.

O taxista a deixou na frente da casa de Argus quinze minutos depois, e ela andou rápido até a porta da casinha bem-cuidada.

Aquele zumbido se intensificou, e ela quase deu meia-volta. *Há algo errado*. De repente, soube lá no fundo, da mesma forma que soubera quando tinha visto aquele carro se afastando, sumindo de vista, tantos anos antes.

Danny. Danny. Danny.

Ela inspirou fundo e expirou devagar, preparando-se. Tinha a chave da casa, mas a porta estava destrancada. De alguma forma, sabia que estaria.

— Argus? — A voz soou fraca e incerta. Trêmula.

As cortinas da janela da frente ainda estavam fechadas, partículas de poeira flutuando preguiçosamente no feixe de luz que se infiltrava através da abertura entre as duas metades da cortina. Chamou o nome dele de novo, o estalar de seus passos soando alto aos próprios ouvidos. Havia algo errado. Algo muito, muito errado.

Um grito assustado irrompeu de seus lábios quando deixou cair as coisas que segurava. Argus estava em uma cadeira, virado para a porta, com a cabeça inclinada, a pele roxa e cheia de manchas.

Correu até lá, mesmo sabendo que ele já se fora, o grito se transformando em choro enquanto, sufocada, dizia o nome dele.

Levou as mãos às bochechas de Argus, tentando erguer sua cabeça, e viu a corda ainda ao redor do pescoço, a carne lá inchada e cheia de sangue. Soltou o rosto dele. Estava frio. Ah, ele estava tão frio. E rígido. Já estava morto havia algum tempo.

Seu Argus. Seu doce e gentil Argus, que a tinha feito acreditar em magia de novo.

O telefone dele tocou, assustando-a, e seus olhos voaram para o aparelho, apoiado na beirada do balcão. A mensagem de saudação soou, um dardo de agonia a atingindo ao ouvir o sotaque amado preencher o mesmo cômodo em que ela via o cadáver dele. O bipe preencheu sua cabeça e pareceu perdurar lá, então a voz de Sienna surgiu, pedindo para que ele ligasse. Mirabelle ouviu o leve tom de preocupação e fechou os olhos com força. *Ah, Deus, não, não. Deus, por favor, não.*

Ela se afundou no chão diante de Argus, os ombros curvados enquanto os soluços assolavam seu corpo. *Quem? Por quê? Não. Não. Não. Não sabia quanto tempo havia ficado lá, trêmula e envolta pelo luto*, mas, depois de um tempo, forçou-se a ficar de pé. Havia um relógio de prata no pulso de Argus, um que Mirabelle nunca vira antes. Ele não usava relógio. Ela encarou o objeto, e compreendeu. Era feito de titânio. Ela estivera certa quanto à palavra, o *nome*, que estava sendo soletrado. *Ah, Deus. Ah, não.*

Harry tinha sido o *E*, e Argus era o *T* de *Violet*.

Fechou os olhos com força. Gemidos baixos subiram por sua garganta, mas sentiu-se quase amortecida ao ir até a bolsa e pegar o telefone.

Foi quando viu o colete vermelho no balcão. Os olhos se demoraram lá, reconhecimento e terror a tomando de assalto. Outro gemido irrompeu, esse mais alto, e ela se virou. Não havia ninguém ali, apenas o corpo imóvel e sem vida de Argus. Estendeu a mão trêmula e passou o dedo sobre o tecido acetinado, sentindo-se cravada pelo medo.

O cômodo oscilou quando ela pegou o traje. Sentiu como se estivesse em um pesadelo do qual não poderia, nem iria, escapar.

Não dessa vez.

Outro barulhinho às suas costas a fez se virar com tudo de novo.

E lá estava ele. O homem com cabelo escuro e barba curta e muito bem-aparada, de pé às suas costas, com um sorriso que só crescia.

— Olá, mãe — disse ele.



Vinte e sete anos atrás

Violet misturou o molho de espaguete, em seguida abriu o forno para dar uma olhada nos palitinhos de pão. Um barulho alto e metálico ressoou, fazendo-a estremecer por causa da dor de cabeça que a incomodara o dia inteiro, e ela levou a ponta dos dedos à sobrelha, pressionando de leve o curativo que cobria o local onde o decantador de cristal a atingira.

O decantador que ele havia atirado nela com tanta força que quebrara, estilhaçando na sua carne e fazendo-a ver estrelas.

Ela se curvou, pegou a espátula de metal, com a qual Gavin havia acabado de atingir a panela, e a tirou da mãozinha dele enquanto o menino soltava um berro em protesto.

— Aqui, meu bem — disse ela, entregando-lhe uma colher de plástico. Ele a usou para bater na panela, mas pareceu decepcionado com o som vazio, e seu rostinho expressivo franziu em consternação. Apesar da dor na cabeça e da ansiedade que se estabeleceu em seu peito, ela sorriu com afeto. Ele só tinha dois anos, mas ainda era um garotinho vivaz. Como se para comprovar seu pensamento, ele voltou, todo feliz, a bater na panela, os golpes vigorosos compensando o som surdo do plástico no metal.

Gavin era cheio de vida. Mas era com seu Danny Boy que ela se preocupava.

Foi até onde ele estava sentado ao balcão, colorindo a imagem de um caminhão dos bombeiros. Bagunçou o cabelo dele, inclinando-se para sentir o cheiro do seu precioso garotinho: maçã e feno. Ele cheirava a tudo de bom e puro que havia no mundo.

— Eu gosto desse — falou ela. — Qual é o nome do cachorro? — perguntou, ao apontar para o dalmata sentado ao lado do caminhão, com a língua para fora e as orelhas em riste.

Danny fez uma pausa.

— Não sei — respondeu ele.

— O que você acha de Spot? — sugeriu Violet, ao se inclinar para perto.

— Eu gosto de Valete — ele disse, com timidez, e os olhos buscaram os seus, verificando sua aprovação.

— Que nome lindo para um cachorro. Talvez um dia a gente pegue um cachorro e o chame assim. O que acha?

Danny deu a ela um dos seus doces sorrisos, mostrando a janelinha entre os dentes, e ela retribuiu. Então o olhar do menino se moveu para o curativo na testa de Violet, e o sorriso titubeou até sumir. Ele voltou a olhar para o desenho, movendo o giz de cera vermelho para lá e para cá.

Sentiu um aperto doloroso no coração.

— Ei, Danny Boy, que tal se eu fizer os donuts que você gosta para a sobremesa?

Os lábios dele se ergueram, e o menino assentiu.

— Então vamos aos donuts. — Ela não os fazia há um tempo. Da última vez que tentara, Gavin havia comido um e tido uma reação alérgica a algum dos ingredientes. Mas eram os favoritos de Danny. — E depois, o que acha de jogarmos alguma coisa? — ofereceu ela, tentando infundir um pouco de otimismo na voz, esperando que ele lhe abrisse outro sorriso. Danny amava quando jogavam juntos, e ela lhe dava plena atenção. Os olhos dele se arregalavam de felicidade quando ela deixava as cartas cascadearem entre seus dedos como se fossem água, uma habilidade que ela aprendera com facilidade. *Sem esforço. Natural.* — Damas ou...

— Jesus Cristo, faça essa criança calar a boca.

Violet saltou quando a porta dos fundos bateu. Ela se virou, levando a mão ao peito. *Ah, Deus.* Não o ouvira chegar por causa da

barulheira de Gavin. Correu até o pequeno, tomou a colher dele e se virou.

— Roger! Não sabia que você chegaria mais cedo — disse ela, cuspidando as palavras a toda pressa. Seu olhar voou ao redor. O jantar não estava pronto. Os meninos não estavam limpos, nem a casa. Nem *e/a*, aliás. Passou a mão pelo cabelo sujo e escorrido e pegou Gavin, apoiando-o no quadril. Àquela hora, ela já teria feito muito mais coisas, mas a cabeça doía demais e ela ainda se sentia um pouco nauseada. Aérea. Devia ser uma concussão, mas não se atreveria a ir ao hospital. Só levaria a perguntas, e não estava no humor para soltar mentiras. Não naquele dia.

— Obviamente — respondeu Roger, ao afrouxar a gravata e olhar, enojado, ao redor. No balcão, Danny estava paralisado, encarando o pai com olhos arregalados e temerosos. Violet jurava que podia ouvir o coração estilhaçar. Por um momento, o olhar de Roger se demorou no menino de sete anos, e então o desviou, como se Danny não fosse nada mais que outro utensílio da cozinha. — Preciso de uma bebida, cacete. — Ele atirou a maleta e a gravata no balcão e foi para a sala.

Violet deu um suspiro lento, então colocou Gavin no chão, correu para o fogão e tirou os palitinhos de pão do forno. Graças a Deus não haviam queimado. Dependendo de como tivesse sido o dia de Roger, coisas como palitos de pão queimados poderiam resultar em ossos quebrados.

Só os dela, até então. Graças a Deus. Mas o seu pior temor era o dia em que machucá-la não fosse ser o bastante. Ou ele a mataria e então se voltaria para os filhos.

— Danny, você pode pegar os guardanapos e me ajudar a pôr a mesa?

O menino desceu da banqueta e foi até a gaveta onde ficavam. Havia se virado para o fogão quando ouviu Danny soltar um arquejo baixinho, mas antes que ela pudesse se virar para ver qual era o problema, foi agarrada com força pelo cabelo e a cabeça foi com tudo para trás. Deixou escapar um grito chocado e gutural quando Roger a puxou com brutalidade e então a empurrou com tanta força

que ela caiu no chão, batendo sobre o quadril, a dor explodindo do lado esquerdo do seu corpo. Ela se arrastou para trás e se virou bem a tempo de vê-lo partir para cima dela. Gritou de novo quando ele a puxou de pé pela frente da camisa e a empurrou no balcão.

Ele ficou bem na frente dela, o fôlego quente rajando sobre sua pele.

— Achou que eu não fosse ver o número dele no seu telefone? Hein, sua piranha?

Ah, Deus. Ah, Deus. O telefone. Não apagara o número dele. Ia fazer isso... só que havia perdido a noção da hora, e a cabeça doía tanto que havia tirado um cochilo junto com os meninos, tão grata por eles também estarem cansados e por terem-na deixado descansar por tanto tempo quanto eles.

— Ele é meu amigo, Roger. Nem mesmo isso. É só meu ex-patrão. E só ligou para me desejar feliz aniversário.

Por um brevíssimo momento, ele pareceu confuso, então seus olhos incendiaram-se de raiva de novo. *Você costumava se lembrar do meu aniversário, Roger. Você costumava me dar presentes.* Usava um deles naquele momento, a pulseira de prata com ametistas violeta que ele dissera que o faziam se lembrar dela, da sua Violet.

Mas, ao que tudo indicava, dizer a ele que outro homem havia se lembrado do aniversário dela quando ele, não, tinha sido uma péssima decisão. Ele aumentou o aperto na camisa dela e soltou um rosnado baixo, erguendo a outra mão para dar um tapa nela. Violet gritou, a cabeça chicoteou para o lado, lágrimas quentes escorrendo por suas bochechas. Ao fundo, ouviu Gavin chorar, e quando abriu os olhos, viu Danny parado feito uma estátua às costas do pai, com os olhos arregalados e a pele pálida feito leite.

Não poderia deixar que ele visse aquilo. Não de novo. Os olhos de Roger praticamente brilhavam de ódio. Ele sempre detestara o chefe do cassino em que ela trabalhava quando se conheceram, mesmo que a família de Roger fosse a *dona* do estabelecimento. Quando ele havia aparecido e a “salvado” de uma vida de trabalho

braçal e dificuldades. Claro, ele era diferente na época. Os olhos dele a tinham fitado naquele colete vermelho justo e na saia muito, muito curta, o que a fizera se sentir sexy e bonita. *Especial*. Ele a arrebatara, encantara. Porque ela não tinha sido nada mais que uma menina deslumbrada que só tinha visto o que ele queria que ela visse. E por essa razão, Roger *ainda* sentia ciúmes do homem que ela havia conhecido naquela vida, criando um relacionamento entre ela e Harry que não existia nem nunca tinha existido.

A mão dele se moveu para o seu pescoço, e ele o segurou, apertando. Ela agarrou o balcão às suas costas, buscando impulso, mas ele era forte demais.

— E as piranhas que você costumava chamar de amigas, Violet? Acha que não sei que se encontrou com elas? Eu te segui, Violet. Nada além de putas patéticas, e você é igualzinha a elas, não é? Desistiria dos seus filhos por causa delas, é isso?

Ah, Deus. Ah, não. Havia se arriscado demais. Por que tinha feito aquilo? *Porque ver pessoas que conhecem seu antigo eu foi o que te manteve sã.* Foi o que te deu esperança de que talvez pudesse ser aquela garota de novo. Sim, sim, ela sabia a razão, mas, ah, tinha sido idiotice se encontrar com Lil e Bee.

Ele havia jogado o decantador na sua cabeça na noite anterior quando ela não ouviu direito algo que ele dissera. Ele a mataria por saber que havia se encontrado com as amigas que fizera no cassino e por causa da ligação de feliz aniversário. Talvez fosse um acidente, talvez não. Mas a certeza a preencheu: aquela seria a noite em que ela morreria.

Não, não, não posso deixar os meninos sozinhos. Não com ele.

Sua cabeça virou para o lado, e pontinhos brancos nublaram sua visão quando ele apertou com mais força, e ela lutou para respirar. Pelo canto do olho, viu o molho de tomate, que não fervia mais, mas com certeza estava quente. *Escaldante*. Voltou o rosto para o dele, permitindo que ele a visse lutar para respirar, viu em seus olhos o quanto ele estava gostando de ver seu sofrimento tão de perto. Devagar e às cegas, ela estendeu a mão para a panela, agarrou o cabo e a ergueu. Com o que restava de sua força minguante, ela a

brandiu às costas de Roger e a virou, e o conteúdo se derramou ao mesmo tempo em que ela o golpeava na nuca. Ele soltou um grito penetrante, largou-lhe o pescoço e se afastou saltando para trás, ao sacudir o molho quente em uma dança ridícula que teria sido engraçada se Violet tivesse a habilidade de rir. Molho de tomate voou dele enquanto ele estremecia, arrancando, por fim, a camisa por cima da cabeça e a jogando longe, a pele embaixo já vermelha e formando bolhas.

No tempo que levou para Roger se livrar do molho e tirar a camisa, Violet tinha sugado ar o bastante para não ver mais pontinhos e agarrou o maior cutelo que havia no cepo de facas sobre o balcão. Ela o segurou diante de si, tremendo de medo.

Se antes ele não deixara transparecer toda a sua violência, agora a exibia. Fúria emanava dele feito fumaça tóxica.

— Quer brincar, sua puta? É isso?

Gavin estava berrando agora, sentado no chão perto da porta da sala, e Danny havia recuado até estar próximo da geladeira, tentando se esgueirar para o mais longe possível do pai. Ao lado da geladeira, outra porta levava aos fundos da casa enorme.

— S-saia, Roger — disse Violet. — Vá embora.

Ele a observou, o olhar indo da faca para o rosto dela. Havia algo sinistro na sua expressão. Sombrio e maléfico, e ela engoliu o terror. *Alguém me ajude*. Mas não havia ninguém para ajudá-la. Na verdade, havia dois garotinhos inocentes que precisavam que ela os ajudasse. O berreiro de Gavin se elevou, chamando “mamãe!”, e ela empurrou os ombros para trás, cortando o ar com a faca — o braço tremia tanto que ela quase a deixou cair. A boca de Roger se inclinou quando ele riu baixinho dela.

Ele deu um passo para mais perto.

— Se quiser brincar, a gente brinca, piranha. Mas vou deixar as coisas justas, porque, mesmo com essa faca, você não tem a mínima chance. Eu poderia arrancá-la de sua mão como se eu batesse em uma mosca. — Um tremor a percorreu, a faca tremia na sua mão, pontuando a declaração dele. Era verdade. Sabia que era

verdade. Era tão fraca que estava prestes a desabar, a cabeça latejando, e Violet sentia tanto medo que os músculos praticamente se contraíram. — Vou contar até dez e te deixar se esconder. — Ele olhou para Gavin, ainda chorando perto da porta, depois para Danny, parado próximo da geladeira, então mirou Violet, que estava posicionada entre os dois, com as costas para o balcão. — Eu até vou te deixar pegar um deles e te dar uma vantagem — disse ele, sorrindo ainda mais, embora não houvesse humor em seus olhos, apenas fria malícia. — Escolha um.

Escolha um? Do que ele estava falando? Seu olhar dardejou de um menino para o outro. Escolher um dos filhos para se esconder com ela? A mente girou. Desesperada, tentou encontrar uma saída para desagravar a situação. Mas, no momento, não havia como. Ela o havia enfurecido, escaldado e, no momento, o ameaçava com uma faca.

Poderia tentar correr para a porta da frente, mas os vizinhos estavam longe demais, e não poderia correr rápido com uma criança, que dirá com duas. Além do que, estava machucada, a dor reverberava pela perna em cima da qual tinha caído. Roger partiria para cima deles em um instante. Usaria uma pedra para lhe bater na cabeça e a estrangularia de novo enquanto ela se debatia na terra. *Não, não.*

O telefone sem fio. Ele havia olhado o aparelho na sala, onde ela o deixara, mas, quando voltou para a cozinha, não o trouxera junto. Ainda devia estar lá. Se ele ia deixá-la se esconder, ela poderia pegar o telefone e se trancar no banheiro lá em cima e ligar para a polícia.

— Escolha um! — repetiu, tão alto que a fez pular. — Um! — gritou ele, começando a contar.

O olhar de Violet disparou novamente entre Gavin — seu rosto manchado de lágrimas e inchado de chorar — e Danny, com os olhos arregalados de medo, implorando.

— Dois!

Precisava do telefone. Tinha que ligar para pedir ajuda.

— Três!

Um soluço se elevou pela garganta de Violet, e ela se forçou a se *mover*, meio correndo, meio mancando em direção à porta, onde pegou Gavin e disparou o mais rápido possível para a sala.

— Esconda-se, Danny! — gritou às suas costas.

Roger não queria machucar Danny, não de verdade. Ele queria machucar a ela. Iria atrás dela. Mas Gavin ainda era praticamente um bebê. Ele não tinha a mínima chance sem ela. Danny era esperto. Quietos, mas tão inteligentes. Ele encontraria um bom esconderijo naquela casa grande, e ficaria em segurança até a ajuda chegar.

— Quatro!

Esconda-se, Danny, esconda-se.

Correu para a sala, um choro de derrota escapando de seus lábios quando viu que a única coisa que havia sobre a mesa de centro em que deixara o telefone era uma pilha de revistas.

— Cinco!

Roger não o levava para a cozinha, mas o escondera em algum lugar. E ela não tinha tempo para procurar.

— Seis!

Largou a faca no bolso do avental, Gavin se agarrando ao seu ombro, o corpinho trêmulo por causa dos soluços recentes.

Agarrou o corrimão ao subir as escadas o mais rápido que pôde, então virou no corredor e correu para lá.

— Sete!

Esconda-se, Danny, esconda-se. Havia tantos lugares bons em que ele cabia, e ela sabia que ele era bom nisso, porque sempre brincavam de esconde-esconde, fazendo cosquinha até ele rir quando o encontrava, fingindo todo o tempo que não sabia onde ele estava.

— Oito!

Talvez se se escondesse por tempo o bastante, Roger se acalmaria. *Basta dar a ele tempo para se acalmar.*

— Nove!

Correu para o quarto de hóspedes, abriu o closet o mais silenciosamente possível e logo fechou a porta.

— Dez!

Havia várias capas de vestido lá, trajes formais que não eram usados há muito tempo, e se encolheu atrás deles. Os soluços de Gavin tinham parado, desaparecendo em meio à respiração trêmula e aos barulhinhos. Ele tinha sido salvo. Na cabeça dele, já tinha sido salvo porque estava nos braços da mãe. Ele apoiou a cabeça em seu ombro, exausto, calmo.

Violet esperou, cada músculo tensionando quando ela se sentou no escuro com o menino, embalando-o devagar, tendo o cuidado de ficar parada no caso de os passos de Roger se aproximarem. Talvez ele passasse um tempo revistando a casa e acabasse entediado, percebendo que estava sendo irracional. Ele sempre tivera pavio curto e tinha a propensão de ficar emburrado e se vingar quando não conseguia o que queria. Ele havia se transformado em uma pessoa maligna e imprevisível depois do nascimento de Gavin, mas só recentemente ela havia visto algo mais sinistro reluzir nos olhos dele.

Fique escondido, Danny, em algum lugar em que seu pai jamais vá procurar. Fique quieto feito um rato, garotinho.

O fôlego deles se fundiu, o dela saindo em arquejos apressados de pavor, o de Gavin, uniforme quando ele dormiu, o corpo agora mole em seus braços. Com cuidado, muito, muito cuidado, ela o deitou no chão acarpetado, parando a cada poucos segundos para ouvir. Mas não havia som de Roger se aproximando.

Onde está você? Ah, Deus, onde está você?

Mais uma vez, ela esperou, com ouvidos atentos a qualquer rangido na casa, mesmo o mais baixo dos sons. Estaria ele andando de quarto em quarto sem fazer barulho, arrastando aquele jogo horrível só para fazê-la sofrer? Para elevar seu medo a um ponto febril? Qual era o objetivo dele? Ficaria satisfeito em deixá-la aterrorizada ou tentaria feri-la? De uma forma mais permanente dessa vez. Talvez ele não a matasse, mas e se a socasse de novo,

com força o bastante para causar uma lesão no cérebro? E se ele a empurrasse nas escadas e ela passasse o resto da vida em uma cadeira de rodas, sem a habilidade de falar e se mover? Completamente à mercê dele. Um tremor profundo a atravessou. Ah, sim, havia destinos piores que a morte, e havia imaginado todos. Ainda estava com a faca. E a usaria se precisasse, mas sem o telefone, estava de volta ao ponto em que se encontrava na cozinha.

Sem chance alguma.

Violet piscou em confusão quando ouviu o leve ronronar de um motor ao longe, e então o som de cascalho sendo triturado. *Um carro.* Um carro havia encostado na frente da casa deles. Como não o ouvira se aproximar?

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Ajuda.

Violet ficou de pé, movendo-se o mais silenciosamente possível, prendendo a respiração ao abrir a porta do closet, meio que esperando que Roger saltasse em cima dela. Mas se ela *tivesse* ouvido o carro, ele também teria, e estaria a caminho da entrada, tentando fazer a pessoa ir embora antes que Violet saísse.

Antes que ela gritasse por ajuda.

Corra. Rápido.

Violet correu para a janela, pronta para abri-la com tudo e gritar para quem tivesse chegado. Mas sua mão congelou na tranca, um arquejo confuso emergiu, e seus olhos se arregalaram. Era o carro de Roger, e ele estava indo embora. Por um momento, o alívio inundou seu corpo, tão intenso que ela envergou sob seu poder. Mas tão rápido quanto surgiu, o alívio recuou e saltou em forma de alarme. Depois de terror.

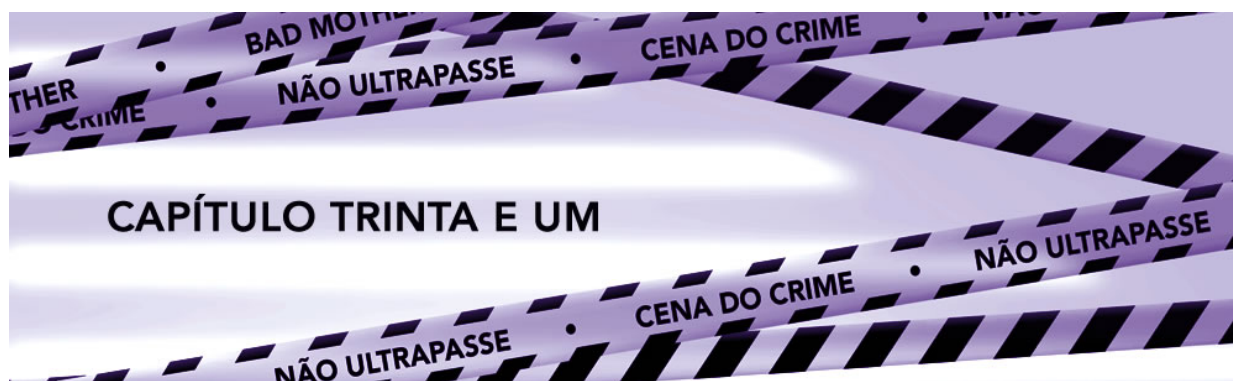
Um rostinho olhava da janela de trás, olhos aterrorizados e assombrados. Violet gritou, sacudiu os braços, mas o garotinho havia se virado. Correu até o corredor e desceu as escadas, pulando vários degraus de uma só vez, e foi um milagre ela não ter caído de cabeça e causado a si mesma o que temera que acabasse sendo obra de Roger. Abriu a porta com tudo, gritando o nome de Danny, mas o carro havia virado no longo caminho que levava à casa e já

tinha sumido de vista.

Violet correu de qualquer forma, acenando com os braços. A cabeça latejava, e ela gritava o nome de Danny sem parar, mas em vão. Estava escuro agora, e o carro já estava longe demais e ganhando velocidade: era só um ponto vacilante de luz à distância.

Ah, Deus, ah, não, traga o meu bebê de volta. Meu garotinho.

Violet caiu no chão, chorando e tremendo, chamando o nome de Danny até a garganta ficar em carne viva.



— Estou indo para casa trocar de roupa rapidinho, então eu vou para aí — avisou Sienna.

— Finalmente. — Ela ouviu o sorriso na voz de Gavin. — Dia longo, hein? Tenho algo aqui para relaxar você. É bem grande e bem quente.

— Humm, conte mais — disse ela, adicionando um ronronar dramático e sugestivo ao tom.

— E bastante carnudo — emendou ele.

— Ahh.

— Com cebola extra.

Ela caiu na gargalha.

— Hambúrguer do In-N-Out?

— É claro. Acompanhado de uma deliciosa Pepsi-Cola, com bastante gelo. Vou pedir para entregar assim que você me disser que está a caminho.

Ela suspirou feliz. Já passava da hora do jantar, da hora de *dormir*, na verdade, mas estava morrendo de fome. Simplesmente não deu tempo de comer.

— Você ainda se lembra de todos os meus favoritos.

— É claro. Tenho certeza de que tem mais do que uns poucos novos também — falou ele, com o tom ficando sério. — Estou decidido a aprender todos eles.

Ela sorriu. Na verdade, tinha mesmo uns novos favoritos. Seu gosto e seu mundo haviam... se expandido desde que ela tinha dezoito anos e era muito pobre, mas amava que ele conhecia a

pessoa que ela costumava ser, quando não podia pagar um bom jantar requintado e de qualidade, porque aquela pessoa ainda existia também e, como era possível, nem todas as coisas boas da vida custavam caro.

— Você ainda pede manteiga extra na pipoca? — perguntou ela.

Gavin riu.

— Não, mas só porque minhas artérias não são mais adolescentes.

Ela sorriu.

— Até daqui a pouco. Ah, Gavin, me dê mais alguns minutos. Estou passando na sua mãe, então vou parar e ver como ela está. Sei que está tarde, mas se ela passou o dia dormindo, talvez esteja acordada. Não vou demorar.

— Ah. Sim, claro. Ela costuma ficar acordada até umas onze, assistindo àqueles reality shows que ela ama. — Ele fez uma pausa. — Argus não chegou a retornar a ligação, mas espero que minha mãe tenha conseguido falar com ele. Talvez a virose tenha passado de um para o outro e ele esteja deitado agora.

— Pode ser. Te mando mensagem daqui a pouco.

— Ok, tudo bem.

Sienna pegou a saída, seguiu a rota que havia tomado uma semana antes e estacionou na frente da casa de Mirabelle. Desligou o motor e soltou um suspiro quando viu a luz da tela da TV vindo lá de dentro. Continuou a encarar a casa enorme, com as sobrancelhas franzidas. Talvez Mirabelle tivesse adormecido na frente da TV, porque, além de um tremular ou outro, algo na casa parecia *estranhamente* escuro. A luz da varanda não estava ligada, não havia nem mesmo o menor vestígio de um abajur ligado lá dentro.

Se Mirabelle ainda *estivesse* dormindo, diante da TV ou algo assim, ela obviamente precisava descansar. Sienna hesitou antes de tocar a campainha, dividida entre não a acordar e oferecer ajuda. Mas então se lembrou da persistência de Gavin à sua porta e do quanto precisava dos cuidados dele, soubesse ela ou não, e apertou a campainha. *E se a virose tivesse piorado? E se ela estiver com*

febre, mas sem Tylenol em casa? E se estiver desidratada? E se passou o dia sem comer e só precisa de alguém para esquentar algo para ela?

E se simplesmente a ajudasse a sair da poltrona da TV e ir para a cama para não acordar com uma dor horrorosa nas costas?

Esperou um minuto, pressionou a orelha à porta, mas nenhum som veio lá de dentro, nem mesmo o ruído baixo de algo passando na televisão, e uma onda de preocupação a atravessou. E quando tentou a maçaneta e esta... virou... o temor se avolumou.

— Mirabelle? — chamou na casa escura. — Mirabelle, sou eu. — A arma ainda estava no coldre na cintura e, por puro hábito, colocou a mão lá ao entrar e acender a luz do corredor. Chamou o nome de novo, sem resposta. Adentrou um pouco mais.

Ela deve ter ido para a casa do Argus, deixou a televisão ligada e se esqueceu de trancar a porta. Ou ela vai sair do quarto, sonolenta e desorientada por causa do remédio para gripe e você vai dar um susto daqueles nela.

Ela se inclinou para o portal da espaçosa sala de estar, mas não havia ninguém lá dentro, só a televisão no mudo exibindo um infomercial do canal QVC. Ela foi adiante, virou para a cozinha, bem devagar, e acendeu a luz. Tudo estava impecável, e Sienna sentiu o familiar cheiro de limão do produto de limpeza que sempre conjurava memórias de Mirabelle.

Seus ombros relaxaram um pouco, mas Sienna chamou por ela de novo. Quando espiou dentro do quarto, viu a cama vazia. Franziu a testa e acendeu a luz de lá também, mas Mirabelle não estava ali.

Sienna deu uma olhada rápida em cada cômodo, chamando seu nome, e então voltou para a cozinha. Com certeza, Mirabelle não estava em casa. Mas ela também não havia desmaiado no chão como Sienna meio que temera.

Por que o medo disso? Ouça seus instintos.

Algo não encaixava, ou seria só aquele caso, aquele cara, que estava lançando sua mente no caos, fazendo-a ver jogos, pistas e mensagens em cada coisinha?

Mas estou de luto pela minha mãe. De luto pela ausência de suas ervas secas aromáticas, dos donuts caseiros e do spray de limão que fazia nossa casa ter um cheiro limpo e fresco.

Ela respirou bem fundo. Aquilo ainda a incomodava. E continuava não conseguindo se obrigar a deixar de lado, porque falar de uma mãe associada a ervas e frutas aromáticas e spray de limão era equivalente a dizer que a mãe gostava de acender velas e guardar sacolas de presente.

Toda mãe fazia isso.

Bem... não a *dela*, mas muitas.

Essas coisas não eram exclusividade de Mirabelle.

Mas fazem você se lembrar dela, não é, Sienna?, sussurrou uma vizinha.

Mas como era possível Danny Boy saber disso? Não tinha como.

la pegando o celular para mandar mensagem a Gavin e dizer a ele que estava indo embora e que Mirabelle não estava em casa, quando viu o bloquinho na beira do balcão com a caligrafia dela.

Sienna se aproximou, franzindo a testa quando olhou para baixo.

— Mas que merda é essa? — murmurou.

Eram as suas próprias anotações, só que... reescritas por Mirabelle.

Vanádio, Iodo, Oxigênio, Lítio.

E, então, debaixo, ela havia adicionado às conjecturas de Sienna com palavras em que o *E* e *T* apareciam na tabela periódica.

Európio?

Érbio?

Einstéinio?

Titânio?

Tálio?

Telúrio?

Túlio?

VIOLET

Sienna ficou um bom tempo parada ali, tentando entender. Era óbvio que Mirabelle tinha visto suas anotações dos elementos da tabela periódica quando foi à sua casa. Era por isso que ela tinha saído correndo de lá parecendo adoentada? E aí havia ido para casa e escrito tudo com as próprias adições. Por quê? Mirabelle acertara com o *E*, mesmo que não houvesse como ela saber qual era a empresa para a qual o corpo de Harry Lockheed estava direcionado nem as pistas do assassino que as haviam conduzido para a letra. E por que Mirabelle pensava que a palavra acabaria sendo *Violet*?

Seus olhos foram para baixo, para o pé da página, onde ela havia escrito três nomes. *Reva (Lilly) Keeling, Bee Murray e Harry Lockheed*. As três vítimas estranguladas em poses elaboradas.

Abaixo havia um esboço de coroa, feito com tinta vermelha, quase como se Mirabelle estivesse desenhando ao acaso enquanto repassava as anotações. *Que merda está acontecendo?*

Algo ocorreu a Sienna, que pegou o telefone para ligar para a delegacia. Kat já tinha ido embora para casa havia muito tempo, a fim de descansar, mas talvez Xavier ainda estivesse lá, apesar do adiantado da hora. Ligou para o ramal da mesa dele, e o estagiário atendeu na mesma hora.

— Oi, Xavier. Que bom que você está virando a noite.

— Na verdade, estava guardando tudo para ir embora. O que foi?

— Ingrid disse que você estava reunindo informações sobre Roger Hastings e o sequestro do filho dele.

— Sim. Mas ainda não acabei. É muita coisa.

— Não tem problema. Só preciso do nome da esposa dele, se você souber. A que comunicou o sequestro do filho.

— Ah, espere. — Ela ouviu um farfalhar como se ele estivesse repassando anotações e impressos. — Violet. Eu achava que era, mas precisava confirmar. Violet Hastings, ex-garçonete que virou dona de casa, declarou que Roger foi embora com o filho deles, Daniel, de sete anos, no banco de trás do carro e não voltou mais. De acordo com a polícia, ela disse que foi uma briga de casal e que ele havia levado o menino para puni-la.

Puni-la?

O coração de Sienna estava acelerado, e o estômago revirou.

— Diz onde ela trabalhava?

— Hum. — Ela ouviu o farfalhar de papéis de novo. — Sim. Cassino Royale. É o que fechou no ano passado?

Cassino Royale. Não conseguia se lembrar de nenhum cassino com esse nome. Retorceu o cérebro, tentando visualizar, mas nada surgiu. Fazia tantos anos que morara na cidade e que conhecera cada prédio em cada esquina de lá.

— Não sei — disse ela, distraída.

— Era um cassino clássico perto do centro, mas afastado da zona turística — prosseguiu Xavier. — Eu me lembro de lá principalmente por causa da coroa vermelha gigante que tinha no alto do prédio.

Sentiu um aperto nas costelas. *Coroa vermelha*. Sim, sim, agora se lembrava também. Nunca havia entrado, mas já tinha passado por lá. Seu olhar se fixou no esboço de Mirabelle. Ficou sem fôlego.

— Muito obrigada, Xavier. Ajudou muito. Na verdade, quando tudo isso acabar, vou te indicar para funcionário do ano.

Conseguiu ouvir o orgulho na voz dele quando ele disse:

— Uau, obrigado. E não foi nada. Eu amo essas coisas. Até amanhã.

Ela desligou, os olhos voltando para as anotações, o cérebro tentando reunir tudo e rearranjar todas as informações que ela possuía.

— Ah, Mirabelle — sussurrou. Era *ela* a Violet? Ela havia trabalhado no Cassino Royale com as vítimas de assassinato? Violet... era a *mãe* de Danny Boy?

A inspiração para a infame “mãe”?

Não entendia. Poderia ser? Mirabelle tivera outro filho? Um filho que agora matava pessoas estranguladas? Quem havia escrito os relatos? Oliver. Ollie. *Daniel*.

Ele era criança quando o pai o havia levado.

De repente, Sienna se lembrou de algo e seguiu para o quarto de

Mirabelle, onde abriu a gaveta de cima da cômoda. A caixa em que antes ela guardara o bracelete há muito esquecido estava mais para o fundo, e, com dedos trêmulos, ela a pegou.

Sienna a colocou sobre a cômoda e abriu a tampa, as dobradiças minúsculas rangendo bem baixinho. As fotos que vislumbrara muitos anos antes ainda estavam lá, e ela as removeu, passou para trás a que estava na frente, olhando cada uma. Eram fotografias de um bebê, depois de uma criança maior, de um garotinho, todos com o mesmo cabelo escuro, olhos grandes e escuros e um sorriso tímido. Ela virou a que estava no fundo e leu o que estava atrás: *Daniel, 7.*

Um gemido baixinho escapou de seus lábios. Ela viu Gavin nele, mas, acima de tudo, viu Mirabelle. Uma versão menor e de cabelo escuro dela. *Ah, Deus.* Fechou os olhos com força, chocada. Quando os abriu, viu que, debaixo do lugar em que as fotos estavam, havia um saquinho de tecido roxo fechado. Largou as fotos, já sabendo o que havia lá dentro ao tatear o objeto. Puxou a cordinha e inclinou a bolsa. As moedas de prata que dera para Mirabelle guardar se espalharam pela madeira da cômoda. Todas ainda estavam lá, cada uma delas. Mirabelle as mantivera a salvo por todos aqueles anos, porque tinha dito que faria isso. Mesmo antes de ela se mudar para a casa com palmeiras, forno duplo, suíte e piscina. Mesmo quando Sienna tinha ido embora e, com certeza, precisara de uma ou duas para conseguir chegar ao fim do mês.

Ah, Mirabelle.

Devolveu as fotos e as moedas para a caixa e, atordoada, voltou para a cozinha.

Parou à porta, os olhos indo rápido para o livro de receitas apoiado em um suporte em cima do balcão; fechado, mas com um marcador espiando para fora. Prendeu a respiração, avançou e o abriu onde estava marcado. Sua respiração presa saiu em uma explosão súbita quando viu o que havia lá dentro. Um papel dobrado. O coração martelava, e ela o desdobrou, já sabendo o que era e quem havia escrito. *Ele.*

Ele estivera ali.

Os olhos de Sienna voaram pelas palavras, e seu coração afundou feito chumbo.

Sim, minha mãe se foi de vez, ou foi o que eu tinha pensado. E, então, certo dia, liguei a televisão e lá estava ela. Minha mãe.

Estava em uma plateia, torcendo por outro garoto que dominava no pôquer. Fiquei parado lá, observando. Absorto. Minha mente dava voltas. Zumbindo com... memórias. Não sonhos. E, então, foi quando entendi, como um sol preto se elevando sobre um mar sem cor. Ela era de verdade, não fruto da minha imaginação, como eu havia me convencido de que era. Não... ela era bem real. Viva. E vivia uma vida dupla. Tinha ficado escondida e nunca havia parado.

Assim que encontrei minha mãe, não pude mais fingir. Eu precisava aceitar as coisas como tinham sido de verdade.

Como eram.

Levei bastante tempo. Anos.

Procurei-a na plateia enquanto o outro garoto jogava. Havia muito orgulho brilhando nos olhos dela. Fui a um evento importante em que o próprio grande vencedor anunciara que estaria, e minha mãe estava lá também. Eu a segui até um pequeno trailer encardido, onde ela estivera se

escondendo. Quanto tempo fazia que ela estava lá? Tão perto e, ainda assim, tão longe.

Havia fotos lá dentro, tanto de um menino quanto de uma menina que foram crescendo ao longo dos anos. Minha mãe também estava nas fotos. Abraçando o menino. Com os braços ao redor da menina. Sorrindo. Tantos sorrisos. Havia fotos do menino e da menina juntos, o menino encarando a menina como se ela tivesse criado a lua e todas as estrelas. Onde ela está agora, eu me perguntei. Para onde tinha ido?

Minha mãe obviamente a amara como se fosse dela.

Amara-a de um jeito que não tinha amado a mim.

Nenhuma foto minha estava pendurada na parede nem decorava a mesa ao lado do sofá. Nem uma única. Era como se, para minha mãe, eu jamais tivesse existido.

Mais tarde, o grande vencedor comprou uma casa grande e chique para ela. Como ela ficou feliz. Como ficou satisfeita com a própria vida. Como não sentia minha falta ou lamentava muito pelo que havia feito.

Ah, sim, eu entendia agora. E fiquei com raiva.

Percebi que talvez meu pai tivesse razão sobre ela. Talvez fosse eu o errado.

Pensei nisso o tempo todo. Pensei nisso quando

fui para casa à noite, jantei sozinho à mesa onde uma vez eu havia sido estuprado, sentado à mesa em que meu pai e o sr. Cotoveleiras haviam se sentado quando os matei a facadas. Pensei nisso enquanto limpava a privada de outras pessoas e esvaziava o lixo delas.

E comecei a planejar.

Continuei de olho na minha mãe, minha raiva e confusão fazendo companhia à solidão. O grande vencedor, meu irmão, havia conquistado mais e mais sucesso enquanto criava estratégias e construía o próprio império.

Eu não tinha império. Eu não tinha sucesso. Eu não tinha nada nem ninguém. Só lembranças que ainda me faziam gritar no meio da noite. Gritos que não eram ouvidos por ninguém mais, além do saco de ossos em decomposição no quarto, a três portas de distância.

Observei minha mãe, o orgulho nos olhos dela, o orgulho em seus olhos ao observar o filho. O que ela escolhera em vez de mim. O que ela havia protegido.

De certa forma, entendi por que ela o escolhera. Devia ver nele tudo o que não tinha em mim. Ele tinha os olhos azuis como o céu, igual aos dela, e seu riso frouxo. Era um mestre nas cartas, igualzinho a ela. Ele havia herdado a habilidade de acompanhar, sem esforço algum, o que havia

sido jogado e intuir a probabilidade do que viria a seguir. Eu o observei, e reconheci o que ele estava fazendo porque eu tinha observado minha mãe fazer a mesma coisa. Uma vez, no passado. Há muito tempo. Eu tinha tentado. Eu tinha praticado. Mas simplesmente não possuía aquele talento.

Ele era um mestre do jogo.

Ele era um grande vencedor.

Ele era o que eu queria ser.

Eu não era nada além de um amador.

Uma vergonha.

Sim, não era de se admirar que minha mãe tivesse escolhido a ele e me deixado para trás. Mas eu tinha algo que ele não possuía. Eu tinha a crueldade do meu pai. Ou teria, se tentasse o bastante. Eu sabia que conseguiria. Porque o calor fervilhante que sentia dentro de mim era fúria por ela ter me abandonado quando eu ainda precisava dela. Fúria por causa do homem que tinha vivido a vida que deveria ter sido minha.

Comecei punindo os primeiros que minha mãe escolheu em vez de mim, os que a ajudaram a sair escondida e a mentir. E então passei para o grande vencedor e sua detetive. Eu os faria pagar. E a faria assistir a tudo.

Ah, sim, eu fiz minha mãe me ver. Eu a fiz olhar na minha direção. Eu a fiz lembrar que mães que

abandonavam os filhos com monstros não mereciam viver.

Ah, não. Ah, Deus. Ela levou a mão ao celular no bolso de trás. Precisava ligar para Gavin. Precisava ligar para Kat. *Ele estava com Mirabelle. Tinha que estar.*

Braços fortes a enlaçaram pelas costas e ela deu um solavanco, pegando a arma quando um cheiro químico forte invadiu suas vias aéreas. Jogou a cabeça para trás com força, fazendo contato com o homem que a segurava, e ele soltou um grunhido, apertando mais forte. Ela se debateu, puxando baforadas de ar do trapo cheio de clorofórmio, seus músculos ficando cada vez mais pesados, lágrimas queimando seus olhos enquanto tentava, desesperadamente, ficar acordada, *lutar*. A arma estava tão perto... tão perto. Não conseguia se obrigar a agir. *Ah, Deus. Gavin.* Ela se curvou e caiu no chão, as palavras chegando aos seus ouvidos logo antes de ela perder a consciência.

— Eu sabia que você viria para cá, detetive. Apostei nisso.



Gavin desligou a ligação e jogou o celular no balcão, a preocupação cada vez maior. Sienna dissera que enviaria mensagem logo que saísse da casa da mãe dele. Duvidou de si mesmo, pensando que talvez ela tivesse indicado que mandaria mensagem depois que saísse da própria casa, após tomar banho e mudar de roupa, e então esperou mais um tempo, mas isso já fazia uma hora e meia. Tentou várias vezes o número de Mirabelle também, mas em vão.

Será que era algo com o trabalho? Ainda assim, ela não teria avisado? Ele entendia que era da natureza do trabalho dela lidar com *emergências*; no entanto, tentara não se preocupar. E não estava conseguindo.

O telefone apitou quando uma mensagem chegou, e ele o pegou quando viu o nome de Sienna. Soltou a respiração presa na garganta quando abriu a mensagem, franzindo a testa.

Você pode me encontrar na casa de Argus?

Venha rápido. E sozinho.

Como assim?

Tentou ligar para ela, mas, de novo, foi para a caixa de mensagens.

Havia algo errado com Argus? Ou com Mirabelle?

Mas se fosse o caso, Sienna ligaria. Não enviaria uma mensagem misteriosa.

Ele parou um instante, tentando decidir o que fazer. Por fim, foi até o cofre e pegou a arma e o coldre.

Venha sozinho.

O nome da parceira de Sienna era Kat, tinha certeza. Deveria ligar para ela? Para a polícia? O problema era que a polícia não o encontraria lá simplesmente e seguiria suas instruções para ficar fora de vista e estacionar a três ruas de distância no caso de precisar deles.

Venha sozinho.

E se, ao não seguir a instrução, ele colocasse Sienna em perigo, de certa forma? Se não tinha sido ela quem mandara a mensagem, então alguém estava com o celular dela. Alguém estava com *ela*.

E provavelmente com a sua mãe também, porque era para onde Sienna tinha ido. Deus, não deveria ter dado ouvidos à Mirabelle mais cedo. Havia algo na voz dela. Creditara à doença, mas... deveria ter ido lá e verificado como ela estava, tendo ela pedido ou não.

Isso não ajuda em nada, Decker. Mexa-se.

Gavin pegou um moletom e foi até a porta.

Percorreu o trajeto de 25 minutos até a casa de Argus em dezenove, as mãos agarrando o volante, forçando-se a ficar o mais calmo possível, sabendo que precisava ser rápido, mas que não seria nada bom se acabasse sofrendo um acidente por estar em pânico.

Estacionou a um quarteirão de lá e atravessou o quintal dos fundos da casa de Argus, com a arma em punho. Estava escuro, mas a lua era cheia e brilhante. Conseguiu ver que as cortinas dos fundos estavam fechadas. O coração bombeava rápido enquanto ele se esgueirava até a frente, parando a cada poucos passos para ouvir qualquer barulhinho, mas estava tudo parado e silencioso.

A porta da frente destrancada se abriu, emitindo um rangido baixo ao virar nas dobradiças. Empunhou a arma, segurando-a voltada para baixo ao apoiar as costas na parede e entrar.

Sentiu o cheiro do cadáver antes de encontrá-lo, o fedor de decomposição bem recente, seu coração esmurrando o peito. *Ah, porra. Argus. Ah, Jesus.* Sentiu a garganta queimar, o peito doer

enquanto ele fitava ao redor, as costas grudadas à parede da cozinha, os restos do único pai que ele já conhecera, o homem que o ensinara a se barbear, a dar nó em gravata e a olhar outro homem nos olhos quando apertava a mão dele. Um nó doloroso preencheu sua garganta, mas Gavin o engoliu, a respiração saindo em arfadas. *Ah, Deus. Não há tempo, não há tempo para isso.* Argus estava morto. Sienna e Mirabelle eram sua prioridade agora.

Forçou os olhos a se afastarem de Argus e olhou ao redor do cômodo. Havia dois celulares na beira do balcão, e Gavin foi até eles. Um era de Sienna. Reconheceu a capa vermelha. E o outro, de sua mãe. Ao lado estava uma mensagem escrita em uma letra que ele reconheceu das cartas que o pediram para ler, buscando pistas que talvez levassem a polícia na direção certa.

Danny Boy.

Danny Boy havia matado Argus, e agora estava com Sienna e sua mãe.

Um raio de medo e adrenalina tensionou seus músculos. Solto o fôlego em uma baforada, olhando para a mensagem.

*Gavin, não chame a polícia se quiser ver sua
mãe
ou sua namorada de novo. Deixei para você
tudo
de que vai precisar. Pergunte a Violet por mim;
ela tem a chave. Se envolver qualquer outra
pessoa, é fim de jogo. Se jogar justo, eu vou
jogar também. Você é um grande vencedor,
Gavin. Tenho toda a confiança do mundo de
que nos encontrará.
Mas, dessa vez, o tempo é essencial.*

A contagem vai começar em breve. Danny

Um arroubo de pura fúria o atravessou. Aquele psicopata estava com as mulheres que Gavin mais amava no mundo, e esperava que ele entrasse nesse jogo doentio para encontrá-las?

A raiva deu lugar à frustração, envolta em medo, e abaixo ainda havia luto por Argus a que não podia dar atenção, não agora. Mais tarde, mas não no momento, mesmo que o corpo estivesse perfumando o cômodo de morte.

O que ele deveria fazer? Revirar a casa procurando a menor bugiganga que o levaria a outra? Por onde começaria? A única coisa que Danny havia deixado era uma mensagem e dois telefones. Leu tudo de novo, forçando-se a ir mais devagar. Quem era Violet, porra? Ele jogou o bilhete longe, xingando, e os olhos foram para os celulares. Pegou o de Sienna primeiro e ligou.

A imagem na tela era de duas palmeiras, uma curvada na frente da outra, com um pôr do sol vermelho atrás dele. Aquilo o lembrou de algo, e precisou encarar a imagem por alguns segundos antes de reconhecê-la. Parecia uma versão em fotografia do logotipo do Paradise Estates. Só para ter certeza de que a memória não estava lhe pregando peças — embora achasse que não era o caso; ele havia olhado para aquele logo quase todos os dias nos primeiros dezoito anos de sua vida —, pegou o telefone e fez a busca. Fez um esforço coordenado para acalmar o tremor nas mãos. O estacionamento de trailers apareceu, e Gavin o encarou. O logo havia sido atualizado e agora era uma planta tropical qualquer com uma queda d'água atrás. O que não fazia sentindo nenhum, mas o nome da comunidade também não fazia. Sienna sempre tinha feito piada, falava que era irônico. Claro que era, e o fato de que não tinha sido idealizado para ser irônico era ainda mais constrangedor.

Sentiu um aperto no peito. *Sienna*.

Não, tinha certeza de que aquela imagem era uma representação bem próxima do velho logo, o que tinha estado na placa da entrada

da comunidade em que eles cresceram. E ele também tinha bastante certeza de que não estivera no celular dela quando tinha visto a mensagem do “*boy*” chegar.

Ligou o celular da mãe e viu que a imagem na tela era a mesma que estava lá há meses, senão por um ano inteiro: Mirabelle e Argus sentados nas espreguiçadeiras ao lado da piscina, segurando copos de limonada. Ele mesmo havia tirado a foto.

Precisou empurrar o nó de pesar que estava subindo dentro de si ao ver Argus sorrindo ao lado de Mirabelle. *Agora não, agora não.*

Passou a verificar as mensagens dela, mas nada incomum apareceu. Abriu o navegador da internet e só encontrou a página inicial do noticiário da região. Franziu a testa. Mirabelle não olhava as notícias. Embora ela tenha dito que estava prestando mais atenção agora que Sienna estava na cidade. Será que tinha relação? Ele soltou um resmungo baixo e frustrado que veio do fundo da garganta, atirando o aparelho no balcão. *Isso é loucura.*

Ele destravou o celular de Sienna e encontrou a mensagem que ela tinha lhe mandado, a que ele só podia presumir que havia sido enviada pelo homem que estava com ela.

Impotente, ele olhou ao redor da cozinha, tomando cuidado para manter o foco longe do corpo de Argus, mas não conseguiu ver nada fora do normal. As únicas pistas eram os celulares.

— Jesus — murmurou, segurando a arma de novo quando saiu da casa e percorreu a mesma rota de quando havia saído do carro, e entrou no veículo.

Sua determinação aumentava à medida que se afastava, odiando não poder nem ligar para a polícia para notificar o assassinato de Argus. *Sinto muito, Argus. mas sei que você estaria me dizendo para me concentrar nas nossas meninas agora.*

Ele levou quinze minutos para chegar ao estacionamento dos trailers e, uma vez lá, não conseguia se lembrar de que trajeto havia percorrido, tamanha a preocupação em se perguntar como ele acabara metido naquela situação e de que forma tudo poderia acabar. Estacionou perto da placa nova, com o logo novo, um

pedregulho imenso ao lado do poste. Aquilo era novo também. Gavin caminhou até a placa e a rodeou uma vez, passando a mão por cima, para o caso de não ter conseguido ver algo bem grudado. Mas não havia nada. Voltou a atenção para a pedra e tentou empurrá-la para o lado, mas era grande e pesada demais. Precisaria de uma droga de um guindaste para erguê-la. Mas que caralho. Se não era para ele estar *ali*, para onde deveria ir? Ele xingou, caiu de joelhos e, desesperado, começou a mover a areia ao redor da base da pedra para ver se algo poderia ter sido enterrado lá, mas não havia nada.

Prestou atenção, quando um cachorro latiu, depois outro e outro como se respondessem um ao outro. Alguns gritos tomaram o ar: os donos mandando os bichos calarem a porra da boca. Sentiu o aroma persistente de carne e carvão. Alguém, ou vários alguéns, estavam fazendo churrasco, como muitos faziam em vez de encher de fumaça o pequeno espaço dentro do trailer.

Ele tinha que ter sido conduzido até ali. De todas as pessoas que poderiam pegar aquele celular, somente ele saberia que a imagem na tela não era de Sienna e que era uma foto do velho logo do Paradise Estates.

Pegou o telefone e iluminou a rocha e, com a luz, conseguiu ver que havia arranhões e rabiscos na superfície da pedra. Moveu a luz, o coração batendo rápido. Não era pichação; parecia ter sido bastante intencional e com um tema específico, feito em tons de marrom e cinza, por isso não havia enxergado de imediato sob a luz fraca. Havia o contorno de mãos de crianças com palavras inspiradoras que declaravam *Fé!* e *Acredite!* Parecia que o dono do terreno dos trailers, ou a pessoa que tinha refeito a placa, havia pedido às crianças que viviam ali para participar de um projeto de arte inspirador que se misturaria com a natureza e que seria um lembrete encorajador quando passassem por lá no início e fim de cada dia.

Como uma criança pobre que havia crescido em um trailer e frequentado uma escola pública que sofria com a falta de verba, Gavin era bem versado em projetos desse tipo, alguns grandes, como lagos artificiais com cisnes para embelezar uma área

detonada, outros pequenos, como aquela rocha de positividade. Eram projetos que faziam os outros se sentirem bem, mas que geralmente faziam pouco para mudar vidas.

Que cínico, Decker. E é a hora errada. Sua mente corria à solta, e ele estava com tanto medo de o tempo ter acabado, de certa forma, que não sabia nem como medir.

Às pressas, moveu a lanterna do celular por cima da pedra, procurando algo que se destacasse ou...

Lá. Lá estava. Uma palavra escrita perto da base com marcador preto. Ele fez uma rápida varredura pela rocha de novo para confirmar que era a única palavra escrita em preto. Exatamente igual ao número naquela chave que Sienna tinha achado dentro da bola de tênis e o nome escrito no copo de café. A letra ali parecia ser a mesma também, e tinha sido escrito com cuidado: *Retoque! 4:2.*

Sua respiração ofegante saía em arfadas, o coração batendo tão forte que ele jurava que ia sair pela boca. Que merda ele deveria fazer com a palavra *retoque* e os números ao lado dela?

Pesquisou a palavra no Google. Havia um spa médico de que nunca ouvira falar e de onde não tinha sido paciente com a palavra *retoque* no título, e mais nada. Abriu um dicionário de sinônimos e procurou a palavra *Retocar. Ampliar, prolongar, reafirmar, reviver.*

Não sabia o que fazer. *Porra!* Queria erguer o rosto para o céu e gritar. Que outra pista tinha para poder seguir em frente?

4:2. Um versículo da Bíblia? Fez uma busca e encontrou uma opção em Efésios. *Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor.*

Ok, não ajudava. E havia muitas outras passagens bíblicas para repassar. Não, tinha que ser outra coisa. Algo mais lógico e que levaria menos tempo.

Certo? Ou o *ponto* era mantê-lo preso a centenas de páginas de passagens bíblicas?

Sua mente trabalhava, buscando possibilidades.

Relaxe. Não vai ajudar nada se não relaxar. Aborde essa situação igual costumava fazer com as cartas. Dedicção completa, mas com

calma, autocontrole. Foi assim que você ganhou. Ele levou um momento para estabilizar a respiração.

O site do noticiário. De repente lhe ocorreu. O que tinha deixado aberto no celular de Mirabelle. Mas provavelmente não por Mirabelle. Abriu o site no próprio celular e passou os olhos pela página principal. *Ali!* Uma das barras em cima dizia *Retoque em Reno*, e clicou lá. Havia várias histórias listadas, a maioria falava da revitalização de prédios antigos, limpeza de praças e outras áreas públicas e essas coisas. 4:2. Parecia haver quatro páginas naquela seção, e Gavin clicou na última e correu a tela até chegar ao segundo artigo.

Era a história de um velho cassino, o Cassino Royale, que seria derrubado via demolição controlada. A detonação estava marcada para as cinco da manhã do dia seguinte. Gavin se levantou devagar, pausou somente por um momento, então correu para o carro.



A estrada que levava ao velho Cassino Royale tinha sido fechada. Veículos de obra estavam estacionados por ali, avisos imensos falando do trabalho de demolição em progresso. Gavin deixou o carro no estacionamento vazio lá na frente, passou por baixo da cerca e correu até o prédio escuro.

Havia fitas de isolamento presas entre cones, bloqueando o estacionamento diante do prédio, e Gavin já conseguia ver que as janelas haviam sido fechadas com tábuas. Por um momento ficou parado lá, encarando o velho cassino. Estaria Sienna lá dentro? Sua mãe? O medo o invadiu, o terror de que aquela busca só o levaria aos corpos sem vida, com a cabeça tombada para o lado sobre o pescoço ferido igual a Argus. *Argus.*

Não pense. Só aja.

Forçou-se a se mover, correndo entre objetos que deveria usar como cobertura caso necessário, enquanto dava a volta no prédio imenso.

Havia uma porta de serviço nos fundos, entreaberta, e, surpreso ao ver aquilo, Gavin recuou, posicionando o corpo atrás do canto da construção antes de dar uma olhada. Não conseguia ver lá dentro, só havia escuridão, mas era uma forma de entrar.

E sabia que tinha sido deixada aberta para ele. O que significava que era o lugar certo.

Sienna.

Lá dentro, uma música começou a tocar.

Doo-dah! Doo-dah!

Mas que porra?

Escapuliu através da porta, virou a cabeça... *merda*. Um holofote acendeu, ofuscando-o. Por instinto, ele se abaixou, esperando algum golpe ao lutar para conseguir enxergar. A mão foi para o coldre, mas uma voz soou mais além.

— Nem pense nisso. Eu também tenho uma arma, e consigo te ver.

Gavin abaixou a mão quando a voz soou de novo.

— Parabéns, Gavin. Não estou surpreso por você ter chegado aqui. Nada mesmo. Todas as minhas apostas parecem estar sendo pagas. Acho que sou eu o grande vencedor da noite. Veremos.

O holofote se moveu para o lado, e Gavin se endireitou, semicerrando os olhos para o brilho, a música elevando-se alegre ao fundo, o clima indo de encontro à situação, adicionando um aflitivo elemento de irreabilidade.

Um homem veio na sua direção, carregando em uma das mãos o que agora ele conseguia ver que era uma lanterna apontada para o lado oposto, e uma arma na outra, mirada em Gavin.

— Danny? — perguntou.

Os lábios dele se inclinaram, embora Gavin não fosse chamar aquela expressão de sorriso. Conforme ele se aproximava, Gavin conseguiu ver que seu nariz estava vermelho e machucado, como se alguém o tivesse atingido.

— Ah. Você sabe meu nome, é claro. Meu nome de verdade. A detetive Walker te mostrou meus relatos. Creio que você não os chamaria de minha autobiografia, já que algumas informações foram... deixadas de fora. — Ele soltou um suspiro exagerado.

Gavin o encarou. Ele... o reconhecia. *Danny*. Vasculhou a mente.

— Você trabalha no meu prédio — disse Gavin. Ele o havia visto antes. *O zelador*.

Danny sorriu, mas não confirmou nem negou.

— De qualquer forma, eu esperava que ela tivesse mesmo — prosseguiu ele, como se Gavin não tivesse falado. — Te mostrado o que escrevi, no caso. Uma combinação do desenho no verso das

cartas de baralho e o próprio desejo de te ver, imaginei, se as fotos na parede de Mirabelle e a forma como vocês se olhavam no passado fosse qualquer indício. Jogue sua arma deslizando-a pelo chão. E o seu celular também.

Gavin fez uma pausa, calculando as chances de disparar um tiro antes de Danny, mas a arma do outro já estava empunhada. Ele estava na vantagem com aquela luz. Além do mais, Gavin ainda não sabia onde a mãe e Sienna estavam, e se ele conseguisse matar Danny, talvez nunca descobrisse. Devagar, tirou a arma do coldre, jogou-a pelo chão e, em seguida, tirou o celular do bolso e o jogou também. Danny agachou-se, com o olhar fixo em Gavin ao colocar o celular dele no bolso, então usou a mão para abrir o tambor da arma. Tirou as balas, e também as guardou no bolso. Em seguida, levantou-se e usou o pé para chutar a arma para a direita. Ela deslizou na escuridão, inútil agora.

— Uma arma basta para mim — disse Danny, ao apontar com a cabeça para a que segurava. — Além do mais, essa é a arma que o meu pai usou para matar o Valete. Você leu sobre o Valete, não foi? Pareceu apropriado usá-la agora, aqui, no fim da minha história.

No fim da minha história.

— Onde está Sienna? — perguntou Gavin. — E a minha mãe? — Seus nervos estavam tensos, e o estômago revirava, preparando-se para o pior. Mirabelle em uma cadeira, com uma corda ao redor do pescoço, sem vida. Sienna... não. *Esses pensamentos não eram de ajuda nenhuma.*

Mas se fosse o caso, ele atacaria Danny com as próprias mãos. Porque aí não teria mais nada a perder.

Oh! Doo-dah day!

— Sua mãe. Rá. Não se preocupe — falou Danny, dando alguns passos para a esquerda, onde deu um peteleco em um interruptor. — Estão bem ali. — A cabeça de Gavin girou, e ele viu as duas, sentadas no chão, com as mãos amarradas para trás e mordanças na boca, mas os olhos estavam arregalados. Seu olhar voou para elas. Pareciam assustadas, mas bem. *Vivas.*

— O que quer com elas? — indagou Gavin. — O que quer comigo? E por quê? — Estava claro agora que ele havia feito os dois de alvo desde o início. Mas qual era o objetivo que o fazia seguir adiante? E como eram parte disso?

— Ah, eu já te disse que Violet responderia a todas as suas perguntas — disse ele, olhando para as duas mulheres. — Você sempre foi um merdinha barulhento — complementou Danny, começando a recuar. — Barulhento e feliz. Conseguiu continuar do mesmo jeito. Que bom para você, Grande Vencedor. — Os músculos de Gavin ficaram tensos, preparados tanto para correr até as duas quanto para reagir ao que Danny estava fazendo, aos absurdos do que ele estava dizendo. Mas Danny simplesmente recuou em direção à porta que Gavin conseguia ver às costas dele, agora que os olhos se ajustavam. Danny a abriu e logo a fechou, e Gavin ouviu a tranca e o que pareceu soar como o barulho alto de correntes.

Foi quando se moveu, correu em direção a Sienna e à mãe, ajoelhando-se ao chegar onde elas estavam, tirou a mordaça da bolsa de Sienna, depois da de Mirabelle, e os dedos voaram para desfazer as amarras. Elas soltaram a respiração em lufadas audíveis, Mirabelle inclinando a cabeça para a frente ao sugar o ar em grandes quantidades.

— Gavin — chamou Sienna, inclinando o queixo, lançando um olhar por cima do ombro.

Ele se virou rápido. A porta que usara para entrar tinha se fechado, mas agora ele conseguia ver a luz vermelha brilhando no painel na parede. Virou-se de volta para Sienna, que estava terminando de remover as cordas das mãos.

— Ajude-a — falou ele, ao apontar para Mirabelle. Ela assentiu, e ele correu de volta para a porta para dar uma olhada na luz que piscavam e nas outras que se mantinham constantes, abaixo do painel:

Você só tem uma chance para colocar o código correto. Se os números incorretos forem registrados, o sistema será desativado permanentemente e a porta continuará fechada. A

detonação está marcada para as cinco da manhã em ponto.

Boa sorte.

A detonação.

Ele tentou virar a maçaneta, mas ela só chacoalhou na sua mão. Seguiu os fios da caixa parecida com um alarme lá em cima, mas eles desapareceram na escuridão. *Cacete, é alto.* Em algum momento, deve ter havido uma escada naquele espaço imenso e aberto, mas, agora, pelo que tinha visto ao falar com Danny, era só um cômodo vazio e gigantesco. Não conseguia ver droga nenhuma lá em cima, nem tinha forma nenhuma de iluminação. Baixou a cabeça, olhando de um canto da porta para o outro. Aço reforçado. Igual a todos os cassinos. Precisariam de uma escavadeira para passar.

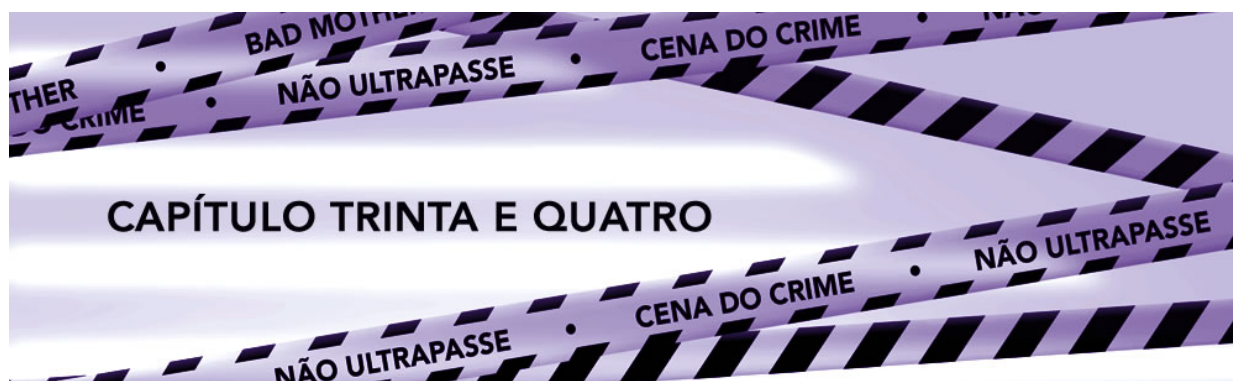
Ou do código desconhecido que tinham uma chance para acertar.

Ou um técnico que soubesse como desarmar o sistema e uma luz com a qual trabalhar.

Não tinham nada disso.

Correu até a saída por onde Danny passara, outra droga de porta de aço, e viu que também estava trancada, e quando a sacudiu, conseguiu ouvir o tilintar da corrente se resvalando do outro lado. Estava trancada e acorrentada.

Eles estavam realmente encurralados.



Sienna observou Gavin retornar para elas, estendendo a mão para a mãe. Mirabelle a pegou antes de ficar de pé e abraçá-lo.

— Ah, Gavin. Eu sinto tanto. Tanto, tanto. — A voz dela estava embargada com as lágrimas, e embora a adrenalina de Sienna estivesse a mil por causa do medo de ter acordado atada e amordaçada, o coração se apertou por Mirabelle.

Gavin soltou a mãe e se virou para ela. Deus, não achava que deveria ficar tão feliz por vê-lo, porque significava que ele estava em perigo também, mas ela ficou. Ela ficou.

— Você está bem? — perguntou ele, e o olhar percorreu seu rosto e seu corpo, fazendo uma avaliação rápida.

— Fisicamente, sim — respondeu ela. — Só quero sair daqui.

— Nós vamos. — Ele a puxou rapidamente para si, dando a ela um abraço bem apertado, e logo a soltou. — Há algum sistema ligado à porta que precisa de um código — disse. — Aquela porta ali — apontou para a que Danny usara para sair — está trancada e acorrentada pelo outro lado.

Ele parou, olhando de uma para a outra.

— O que está rolando aqui? O que sabem que não sei? E quem é Violet?

Sienna lançou um olhar preocupado para Mirabelle, que deu uma respiração profunda e trêmula.

— Sou eu — revelou ela. — Meu nome verdadeiro é Violet.

O rosto de Gavin se contorceu em confusão.

— O seu... *o quê?*

Sienna pegou a mão de Mirabelle.

— Ela vai te contar, Gavin. Mas, primeiro, precisamos dar uma olhada nos arredores. Mirabelle, você já trabalhou aqui. Consegue pensar em uma forma de sair?

Mirabelle mordeu o lábio, parecendo aflita.

— São todos cômodos internos sem janelas para o exterior — contou ela, ao apontar na direção oposta da porta trancada.

De repente, a música que estava tocando ficou mais alta e uma luz veio de cima. Um tiro, e gesso explodiu em algum lugar à esquerda deles.

— Puta merda! — gritou Gavin, puxando Sienna para si, abaixando-se e cobrindo a cabeça dela, e, ao lado, Mirabelle se abaixou também.

Tão rápido quanto a luz piscou acesa, ela se apagou.

— Um! — Veio o grito de mais além. — Dois!

— Escondam-se — avisou Mirabelle, com a voz desesperada.

— Escondam-se? Não há onde se esconder.

— Há, sim. Tem uma pilha de caixas ali no canto — disse Mirabelle. — Ele está recriando aquele dia. O último dia. Ah, meu Deus.

— Precisamos fazer o que ela diz — falou Sienna, e Gavin devia ter ouvido a certeza na voz dela, porque anuiu no mesmo instante. Ela não sabia o que *aquele último dia* envolvia, mas sabia mais sobre o passado de Mirabelle e Danny do que Gavin, mesmo não entendendo o quadro completo. E mais, elas estavam sentadas naquele lugar havia mais tempo do que ele estava ali, e haviam tido a chance de notar um pouco da disposição das coisas.

Gavin pegou a mão tanto de Sienna quanto a da mãe, e os três se agacharam ao correr para o esconderijo. Abaixaram-se atrás das caixas, mal iluminados pela luz fraca, e então as luzes piscaram. Um tiro soou, atingindo o lugar em que estavam.

A pulsação de Sienna disparou, o coração batendo enquanto a respiração de Gavin soprava no seu pescoço. Danny estava mesmo

atirando neles.

Três pares de olhos se encontraram na quase escuridão ao se ajoelharem atrás da barreira de caixas de papelão.

— Me conte com o que estamos lidando aqui, mãe. Quero respostas — pediu Gavin, aos sussurros, apesar de a música estar tocando alto o suficiente para cobrir qualquer barulho que fizessem. — Acho que é importante. Isso não é um jogo. — Ele fez uma pausa, e Sienna sentiu a momentânea indecisão dele. — E Argus... Argus está...

— Eu sei, Gavin — respondeu Mirabelle, com voz embargada. — Fui até a casa dele. Eu sei.

Oh. Sienna levou as mãos à boca.

— Não — sussurrou. *Argus. Oh, não.* Gavin passou o braço pelos ombros dela, que se recostou nele, tentando, com desespero, conter as lágrimas. Não choraria agora. Não agora. Porque se começasse, temia não parar, e seria inútil para arranjar um jeito de sair daquele prédio trancado. *Vamos lá, Sienna. Agora é hora de usar o seu treinamento. Deixe a profissional em você vir à tona.* E assim ela se permitiu apenas um momento de conforto nos braços de Gavin e logo se afastou.

— Quem é Danny, mãe? — perguntou Gavin.

— Ele é meu filho.

— Seu... filho?

— Sim. Seu irmão mais velho. Quando ele só tinha sete anos, seu pai o tomou de mim. — A dor gravada em suas feições era tão profunda que a mão de Sienna coçou para pegar a dela, para confortá-la, mas não fez isso. Não queria correr o risco de frear o desejo da mulher de contar a história para Gavin, seu filho mais novo.

As luzes piscaram de novo.

— Três! — veio alto, de longe. — Quatro!

Mirabelle gritou quando Gavin sibilou um palavrão. *Precisamos continuar nos movendo.*

— Há algo apoiado em uma parede a cerca de trinta metros à sua esquerda — falou Sienna. — Acho que todos caberemos lá atrás.

Mais uma vez, eles correram, então se abaixaram atrás do que pareciam ser imensas repartições de gesso que haviam sido derrubadas, mas não foram tiradas dali. As luzes se acenderam, um tiro soou e então, o que parecia ser o barulho das caixas atrás das quais estavam escondidos caindo. Gavin xingou.

— Por que nunca me contou isso? Por que nunca mencionou Danny?

Mirabelle soltou o fôlego, os ombros baixando. Estavam tão próximos um do outro que Sienna conseguiu sentir a mulher tremer. E ela parecia menor, de certa forma. Quebrável.

— Eu estava com medo. E *com vergonha*. De início, não conseguia nem tocar no assunto, e você era pequeno demais para entender. Pequeno demais para carregar o fardo de ter sempre que ficar em vigília. E então eu fiz isso por você. Por nós. E depois... — Ela deu levemente de ombros, apática, e os lábios se inclinaram em um sorriso triste. — E depois era tarde demais. Você tinha uma vida, um futuro cheio de possibilidades. Que bem teria feito pedir a você para carregar minha dor?

Ele balançou a cabeça de leve, o semblante ainda confuso, e Sienna conseguiu ver Gavin se esforçar para formar o quadro que a mãe estava pintando. Um de que nunca soubera fazer parte até aquele exato momento.

— Eu poderia ter sido capaz de ajudar — disse ele.

— Como, Gavin? Anos se passaram. Décadas. Contratei detetives particulares logo que Roger sumiu com Daniel. No início, rastrearam os dois até Las Vegas, onde a família dele morava, e depois perderam o rastro. Acreditaram que a família havia ajudado Roger a conseguir uma nova identidade, embora isso nunca tenha sido provado.

— Por isso a gente morou lá — murmurou Gavin. — Apesar de eu ter nascido aqui. — Um músculo saltou no maxilar dele, e ele espiou do lugar em que estavam escondidos. — Tem algo parecido com um

armário grande bem ali — disse ele, indicando com a cabeça a parede que agora estava perto o bastante para que conseguissem enxergá-la no escuro. — É para lá que vamos agora.

Ela e Mirabelle assentiram, e quando as luzes se apagaram de novo e mais dois números foram gritados, eles correram para atrás do armário, pressionaram as costas na parede e se sentaram.

— Tem uma sala ali — revelou Mirabelle, apontando em direção ao lugar de onde agora Sienna conseguia ver uma luz fraca emanar de debaixo do que parecia ser uma porta. — Mas não há nem janelas nem portas.

As luzes continuaram acesas, mas nenhum tiro soou.

— É a nossa melhor opção — opinou Sienna. Porque Danny havia destruído todas as opções que tinham para se esconder. — Precisamos rastejar até a porta.

— E se for uma armadilha? — perguntou Mirabelle.

Os três ergueram a cabeça ao mesmo tempo quando ouviram o eco distante de passos acima. Danny estava em algum lugar, mas não naquele cômodo. Podia ser uma armadilha, mas talvez levasse a uma saída. E, no momento, era a única possibilidade.

— Vamos.

Rastejaram rapidamente até a porta, abriram-na e entraram. Era outro salão, que parecia ter sido uma cozinha de tamanho industrial. Ainda havia longos balcões de aço de um lado e dutos abertos onde ficavam os equipamentos de cozinha. Sienna olhou para cima. Pelo menos não havia um lugar de onde Danny poderia atirar neles.

Imediatamente, tanto Gavin quanto ela correram para a porta do outro lado do espaço. Gavin segurou a fechadura cilíndrica grande com um teclado de senha. Ele se inclinou para perto e a olhou.

— É uma tranca liberada por cinco números — disse ele, e deu-lhe uma sacudida, mas a fechadura nem se moveu, então a largou.

— Então precisamos usar algum código desconhecido para sair por essa porta? — perguntou ela, ao olhar ao redor, buscando um lugar por onde começar.

— Parece que sim — murmurou ele, usando as mãos para tatear o chão. Com a expressão frustrada, ele abaixou os braços. Ficou parado lá por um minuto, então ergueu o pé e deu um chute na porta. Ela sacudiu, mas nada aconteceu. Chutou-a várias vezes mais, gritando em frustração quando a tranca absorveu todos os golpes. Ele estava ofegante e com a mandíbula cerrada. — *Porra*.

— Encontrei uma caixa — falou Mirabelle, do lugar em que estava de pé, perto dos balcões encostados na parede.

Ela segurava uma caixa de metal fechada a chave. Mirabelle a sacudiu de leve, e o que havia lá dentro deslizou de um lado para o outro.

Gavin a pegou e a examinou, virando-a de cabeça para baixo.

— A gente não tem tempo para esses joguinhos idiotas. Vou esmagar essa tranca no chão.

Sienna apoiou a mão no antebraço dele.

— Espere, e se o que estiver aí for quebrável ou... acabar estragado de alguma forma?

Gavin olhou ao redor.

— Tudo bem. Há algo que possamos usar para abrir?

Sienna foi até um dos longos balcões e se inclinou para conseguir ver por trás deles. Estavam chumbados à parede. *Ótimo*.

— Acho que vale a pena passar alguns minutos procurando a chave — disse Mirabelle. — Se Danny nos trancou nessa sala, então a chave está aqui em algum lugar.

Gavin a encarou por um instante e colocou a caixa sobre o balcão.

— Me conte tudo, mãe, desde o início, mas rápido. Preciso entender com o que estamos lidando.

Mirabelle se recostou ao balcão como se precisasse dele para mantê-la erguida. Talvez, de certa forma, fosse também um alívio, liberar-se do peso que estivera sobre seus ombros havia muito tempo.

— Espere — pediu Sienna. — Me ajude a empurrar isso aqui —

ela apontou para o armário de metal — até a frente da porta pela qual entramos. Pelo menos dessa forma saberemos que ele não vai conseguir nos pegar de surpresa. — Poderiam voltar para lá e ficar na área grande e maior, mas foi onde ficaram feito patinhos. Ele tinha a vantagem da escuridão e da área elevada.

— Boa. — Ela e Gavin primeiro examinaram cada lado do armário, abriram as portas e passaram as mãos lá dentro, mas não encontraram nada. Puxaram o objeto pesado para diante da porta e se viraram para Mirabelle. Ela inspirou como se para obter encorajamento.

— Conheci seu pai — começou ela —, Roger Hastings, quando ele foi enviado pela família para abrir um cassino aqui em Reno. Encurtando a história, ele me conquistou. Perdi meus pais ainda nova, estava faminta por amor, reconhecimento... estabilidade, por uma família. Enfim, nós nos casamos rápido. E logo engravidei de Danny. E as coisas desmoronaram logo depois de Roger estragar a inauguração do cassino de todos os jeitos possíveis. Ele me bateu pela primeira vez quando Danny tinha quatro anos. Também foi quando ele começou a me isolar dos meus amigos.

— Reva Keeling, Bernadette Murray e Harry Lockheed — disse Sienna, baixinho.

Mirabelle assentiu, encarando o chão.

— Isso.

— As... vítimas? As que foram estranguladas? — Gavin agarrou o cabelo, se virou e voltou de novo. — Ah, Jesus.

— Sim — respondeu Mirabelle.

Sienna pensou na carta que havia encontrado na cozinha de Mirabelle. Danny acreditava que a mãe escolhera Gavin em vez dele.

— Você acha que Roger falou deles? É por isso que Danny foi atrás deles também? Quero dizer, estamos falando de algo que aconteceu há mais de vinte anos, Mirabelle.

— Acho que sim. Roger era... muito violento. Danny ouvia e via tudo. Roger me acusava de escolher meus amigos em vez dos meus filhos. — As últimas palavras terminaram com uma inspiração

trêmula, como se ela estivesse tentando muito não chorar. Sienna só podia imaginar o quanto era difícil para Mirabelle reconciliar tudo aquilo. Que uma criança a quem amava muito, por quem sofrera, se tornara um assassino.

A expressão de Gavin era inflexível. Mas Sienna viu dor em seus olhos, e confusão. Ele não sabia como se sentia, e não o culpava nem um pouco. Ela também não sabia.

— O resto — pediu Gavin e, embora tenha saído como uma ordem, a voz dele era carregada com a mesma dor que ela via em seus olhos. — Do que mais precisamos saber para sair daqui? — Gavin pegou a caixa e começou a movimentar a fechadura para a frente e para trás. Provavelmente não funcionaria, mas Sienna tinha a sensação de que ele precisava ocupar as mãos para conseguir controlar as próprias emoções.

Mirabelle fungou outro soluço.

— Naquele dia, Roger brincou de um esconde-esconde doentio. Ele bateu em mim. Me ameaçou. Ele nos fez correr. Eu estava de pé entre vocês dois, e ele me fez escolher. — A angústia alterou suas feições antes de a dor fincar as garras. — Eu te escolhi porque você era pequeno demais para se esconder sozinho. — A cabeça dela pendeu, e eles lhe deram um minuto para se recompor. Essa era a razão. Era por isso que Danny tinha começado a gritar os números enquanto eles se escondiam. Foi o que Mirabelle havia desejado dizer quando falou que ele estava recriando aquele dia. Aquele dia que ele não havia superado de verdade.

— Denunciei o sequestro, é claro, e a polícia expediu um mandado de prisão. O alerta Amber nem existia na época. — Ela balançou a cabeça de leve. — E eu acho que pelo próprio pai ter sido o autor do sequestro, a motivação para investigar não foi exatamente a mesma que seria se Danny tivesse sido levado por um estranho. Enfim, procuraram Roger por um tempo. Mas com todos os contatos que ele tinha, como saber para onde havia ido e quem poderia tê-lo ajudado?

Mirabelle respirou fundo.

— Bem, tudo foi confiscado: a casa, meu carro, toda a mobília. Fui deixada sem um centavo e ainda com o temor pela minha vida. Recebi várias ameaças de Roger, me dizendo que ele voltaria para levar Gavin também. Entreguei-as para a polícia, mas, até onde sei, eles simplesmente as arquivaram. Foi quando usei o resto do dinheiro que eu tinha para contratar um detetive particular, e só porque consegui vender algumas poucas joias que Roger me deu no começo, mas isso acabou dando em nada também. Os bilhetes pararam de chegar, e foi tanto uma bênção quanto uma maldição, porque embora eu não estivesse mais sendo ameaçada, não tinha provas de que Roger não havia lançado a si mesmo e a Danny em um lago em algum lugar. — Ela soltou um riso sem alegria alguma, que terminou com uma terrível careta de dor. — As coisas que imaginei... os cenários que se passaram pela minha cabeça... era o inferno na Terra.

E, ah, Deus, Mirabelle não fazia ideia do quanto tinha sido realmente horrível para Danny. O coração de Sienna se partiu por saber que ela descobriria se, não, *quando*, eles sobrevivessem a isso; seria inevitável.

— A polícia ofereceu proteção por um tempo, mas foi muito curto. E, bem, eu também era fraca. E, assim, me coloquei no meu próprio programa de proteção à testemunha. Mudei de nome. Nunca mais entrei em contato com ninguém que conheci na vida de antes. Não mudei seu primeiro nome, mas você era tão pequeno. Não estava nem na escola ainda. — Ela olhou nos olhos de Gavin. — Eu já tinha perdido um filho; não poderia perder os dois.

Mirabelle olhou para baixo, exausta.

— Sempre desconfiei de que Roger viria atrás de mim e de Gavin — contou ela.

Tinha protegido Gavin ao não tirar carteira de motorista. Impossível de rastrear. Mirabelle não sabia que Roger estava morto havia anos. Que não era mais uma ameaça. Tudo era de partir o coração.

— Procurei por muito tempo. Em qualquer lugar que eu sabia que Roger poderia ir para ganhar dinheiro sem chamar atenção.

— Por isso nos mudávamos tanto quando eu era pequeno — disse Gavin, ao colocar a caixa fechada sobre o balcão. A tranca não quebraria apenas pelo torcer, puxar e empurrar. — Para Las Vegas e depois para Atlantic City e então de volta para Reno. Todos os lugares em que havia jogos de azar.

Mirabelle assentiu.

— No início, eu percorria a avenida principal, com um chapéu cobrindo o rosto, procurando Roger. Eu não me atrevia a jogar em lugar nenhum. Ele também sabia que eu era boa e que conseguiria ganhar dinheiro assim. — Ela mastigou o lábio por um momento. — Mas também descobri que era difícil ficar longe das cartas. Elas sempre me atraíram. Algo que sempre havia... me encantado. — Ela olhou para Gavin. — Você também tem isso. Sabe o que quero dizer.

Ele assentiu ligeiramente, hesitante, mas confessou:

— Sim. Sim, eu sei. — A vida toda ele tivera facilidade com as cartas. Sienna sabia disso tão bem quanto ele. Elas o haviam atraído para bem longe de Reno. Até a Série Mundial de Pôquer.

Um sorrisinho iluminou o rosto de Mirabelle, um verdadeiro, mas os olhos estavam cheios de tristeza.

— E assim — disse ela, ao dar uma respiração trêmula —, aceitei o trabalho como assistente de um mágico grego gentil que sabia que eu tinha segredos, que me pagava por baixo dos panos e entendia que eu não poderia me casar com ele, mas nunca parou de pedir. E convenci a mim mesma de que Danny estava morto, porque seria angustiante demais viver com as alternativas. — O pesar tomou seu semblante, mas ela prosseguiu, seus olhos encontrando os de Sienna. — E eu conheci uma menininha de sete anos, observadora e sensível como o meu Danny tinha sido. Eu protegi aquela criança praticamente sem mãe, e ela me ajudou a preencher o vazio terrível no meu coração. E a vida ficou suportável de novo.

Os olhos de Mirabelle estavam suplicantes, e o coração de Sienna doeu ao ouvir o tormento em que ela vivera por tantos anos. Soltou a mão de Gavin e deu um passo à frente, envolvendo os braços ao redor da mulher que havia sido uma mãe para ela quando

a sua falhara na função. E, ainda assim, não conseguiu aplacar o zumbido de culpa que ressoava dentro de si. Havia se beneficiado com Mirabelle agindo como sua mãe, enquanto o próprio filho havia sofrido tanto sem ela.

E por causa disso, vidas tinham sido perdidas.

Ainda mais devastador era o fato de que aquele tempo todo Danny estivera bem *ali*, a menos de meia hora de distância. A família de Roger podia ter ajudado no início, mas, ao que parecia, a ajuda tinha sido temporária. Ajudaram-no a desaparecer e depois lavaram as mãos.

E Danny.

E Danny havia sofrido. Mas ele tinha se lembrado da mãe, talvez apenas vagas recordações que pareciam falsas e irreais conforme o tempo passava. Ele a imaginara. Sonhara com ela. *Tornou-se* ela quando precisou. O lugar de consolo de que mal se lembrava a não ser pela *sensação* que ela passava. Sua protetora. Sua salvadora. Era tudo horrível demais para ela sequer considerar. Ainda mais agora, quando a vida deles estava nas mãos terríveis de Danny.

Sienna deu um passo para trás.

— Então o que ele quer? — perguntou Gavin. Sienna olhou para ele. Seus olhos suavizaram, embora a dor ainda estivesse lá. — Vingança? — sondou. — Vingança pelo quê? Você também foi uma vítima.

Mirabelle lançou a ele um sorriso triste, mas grato, estendendo a mão para a dele, que a pegou, e eles compartilharam um momento, mãe e filho que nunca haviam se conhecido de verdade até aquele momento e, ainda assim, sabiam de todas as coisas que realmente importavam.

— Ele não vê assim — disse Sienna. Contou a eles sobre a última carta, sobre a solidão de Danny, seu sofrimento, a culpa, mas não se estendeu nem entrou em detalhes.

— Ele está do outro lado da parede — falou Gavin, apontando para a porta com a tranca. — Se conseguirmos chegar a ele, talvez haja uma parte dele para a qual ainda possamos apelar. Já deve ser

quase três da manhã. Precisamos nos apressar.

Mirabelle assentiu, um brilho de esperança aparecendo pela primeira vez em seus olhos.

— Vamos atravessar aquela porta — declarou ela. — Por Danny.

Sienna estendeu a mão para a caixa que Gavin apenas conseguiu arranhar com a própria tranca.

— Talvez você esteja certo sobre quebrá-la em vez de procurar a chave — disse ela.

Gavin fez que sim, mas parecia que algo o incomodava.

— A chave — murmurou. — “Pergunte a Violet sobre mim; ela tem a chave.” — Ele olhou para a mãe. — Procure nos seus bolsos.

Ela franziu a testa, mas fez o que foi dito, levou a mão ao bolso direito e saiu com ela vazia. Seguiu para o outro bolso, e os olhos se arregalaram ao puxar algo de lá e erguer uma chavezinha prateada.

— Ele deve ter colocado aqui quando eu estava inconsciente. Como você sabia?

— Estava no recado que ele deixou para mim — contou Gavin, às pressas, pegando a chave e a caixa. — Só lembrei agora.

Sienna ofegou. Se Gavin estivesse certo quanto à hora, eles tinham pouco mais de duas horas até a detonação.



O coração de Sienna batia rápido, e ela deu um passo adiante, observando Gavin enfiar a chave no cadeado. Ele abriu com um clique bem baixinho. Seus olhos encontraram os dele brevemente e, em seguida, o homem abaixou a caixa, deixou a chave de lado e ergueu a tampa. Havia três itens lá dentro, e ele tirou um por um. Um ímã que parecia uma bandeira, mas não uma que Sienna reconhecesse, embora admitisse que jamais havia se interessado por guardá-las na memória; uma bonequinha de porcelana; e um alfinete com um laço azul e o número dez, com o zero cruzado para transformar o número em somente um.

Gavin colocou tudo em fila, e então os encarou em silêncio.

— Que bandeira é essa? — murmurou ele. Nem Sienna nem Mirabelle responderam.

— Não é a do Texas, o Estado de uma Estrela Só? — sondou Mirabelle, olhando para a bandeira vermelha, branca e azul com uma estrela no meio da parte azul.

— Ok. É. É, sim — concordou Gavin. Por não ser texana, Sienna não conseguia visualizar a bandeira deles, mas pareceu lógico. Mas, claro, vários lugares tinham estrelas na bandeira, mesmo outros países.

Sentiu o impulso de rir, mas assim como sabia que se começasse a chorar, não pararia; também sabia que valeria o mesmo se cedesse ao riso.

— E isso aqui? — perguntou ele, ao pegar a boneca de porcelana. Tinha cabelo vermelho e pele lisa.

Sienna a pegou, estudando-a, e, com o polegar, tentou esfregar a

manchinha vermelha da testa dela, sem sucesso. O que manchou a pele da boneca causou um dano permanente, e provavelmente proposital. Ela fez careta para o objeto antes de colocá-lo de novo na mesa.

Por um minuto, todos ficaram quietos enquanto tentavam montar o quebra-cabeças com o conteúdo da caixa.

— Por que não fazemos uma pesquisa mais aprofundada? — sugeriu Gavin. — Talvez haja mais informações para usarmos. Vou dar uma olhada debaixo dos balcões.

Eles se separaram, cada um procurando por cima, por baixo e atrás, esquadrinhando as paredes e o chão, mas não encontraram nada. Sienna esfregou a cabeça. Algo na marca na cabeça da boneca a incomodava. Aquela boneca... Doll em inglês...

— Dolly — suspirou.

Gavin se virou, juntando-se a ela ao voltar para a caixa e o seu conteúdo.

— A menina em quem ele jogou as peças de dama — disse Sienna. Mirabelle se aproximou, olhando para ela, confusa. — É de uma das cartas — explicou. Ele havia jogado peças de damas na cabeça dela. E deixado uma marca.

— Certo — concordou Gavin. — Então, talvez, temos a bandeira do Texas e a menina da história dele se chamava Dolly. E isso? — Ele segurou o alfinete e o virou. Era um daqueles broches que costumavam comprar para os aniversariantes, mas o laço azul a fez pensar em uma faixa de primeiro lugar, ainda mais considerando o “dez” que havia sido convertido em “um”. — Número um — disse Gavin, ao colocá-la para baixo. — Então o número “um” tem que ser parte do código, certo? Talvez cada um desses números represente os outros quatro. Qual é o número do Texas nos estados da União?

Sienna emitiu um som de frustração.

— Alguém sabe essas coisas de cabeça?

— Talvez um texano.

Sienna soltou um bufo.

— Tem que ser mais para o meio, certo? — falou ele. — Todos os estados da Costa Leste foram fundados primeiro. Poderíamos tentar qualquer coisa entre 25 e 35 — sugeriu ele. O que soou meio inútil, mas o que mais tinham? Nada.

— Ok, então os dez números entre 25 e 35, o número um, e então o que for que isso aqui represente — enumerou ele, ao pegar a boneca. — Consegue pensar em um número que a pessoa chamada Dolly das cartas possa representar?

Sienna puxou o lábio inferior entre os dentes, olhou para baixo como se tentasse recordar tudo sobre Dolly, a colega de trabalho bêbada e de seios fartos. O que eles tinham bebido? Cerveja... algumas doses. Sienna balançou a cabeça.

— A menos que você consiga pensar em um número que tenha a ver com o jogo de damas. Não me lembro de ele mencionar um número.

— São duas cores, dois jogadores — disse Gavin. — Talvez o número dois.

— Pode ser. — Mas ela sabia que ele tinha percebido em seu tom que ela não considerava que aquilo se encaixava bem. *Qualquer coisa* poderia apontar para o número dois. Ele havia posto Dolly ali por uma razão específica.

Mirabelle olhou de um para o outro, claramente perdida. Estava em desvantagem. Não havia lido nenhuma das cartas de Danny. Uma misericórdia para ela, mas uma que não os ajudava no momento.

Gavin encarou os itens de novo, obviamente frustrado.

Sienna pegou a estrela e a boneca.

— Talvez uma combinação de palavras — tentou ela, testando algumas em voz alta. — Estrela das Damas. A Bonequinha do Texas. Dolly...

— Texas Dolly — concluiu Gavin. E levantou a cabeça, arregalando os olhos. — Texas Dolly.

— O que isso quer dizer? — perguntou Sienna.

— É uma sequência do pôquer. Não, quer dizer... — Ele passou a mão pelo cabelo, bagunçando-o. — Certo, não, quer dizer, sim... — Ele inspirou e expirou. — Doyle Brunson, também conhecido como Texas Dolly, ganhou a Série Mundial de Pôquer nos anos 1970. Uma das jogadas iniciais do Texas Hold'em foi batizada em homenagem a ele.

— Qual é?

— A 10-2. É uma mão péssima, mas deu certo para ele duas vezes.

— Dez, dois? — repetiu Mirabelle. — Se separarmos cada um desses números em dois dígitos, temos... um zero, zero dois — ela falou, ao pegar o alfinete com o número um. — Mas, ainda assim, tem um número a menos.

Gavin olhava os itens com a testa franzida.

— Não, acho que não é isso. Acho que tem a ver comigo.

— Por quê? — perguntou Sienna.

Ele ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Porque era a mão que eu tinha quando ganhei a série da primeira vez. A Doyle Brunson, um combo dez-dois. E eu joguei com ela. — Os olhos dele miraram em cima do ombro de Sienna por um instante enquanto ele obviamente recordava. — O *flop*, a segunda rodada, era Rei-Dama-dez, com dois de ouros e um de espada. Um dois na *turn*, a terceira rodada, e, então, na *river*, a última, eu consegui mais um dez para um *runner-runner full house*. Eu acertei nas cartas da terceira e da última e completei um jogo arriscado: três cartas do mesmo valor e mais duas do mesmo valor. — Seus olhos focaram de novo nela, e embora não fizesse ideia do que ele acabara de dizer, algo lá no fundo lhe dizia que ele estava chegando a algum lugar. *Acho que tem a ver comigo.*

Ela pegou o número um no alfinete.

— Você jogou e ganhou — disse ela, ao prender o alfinete na camisa dele.

Ele olhou para baixo, para o broche, e de volta para ela.

— Minha primeira mão ganhadora — acrescentou ele. — Dez, dez, dez, dois, dois. — Ele pausou brevemente. — São números demais, mas — ele voltou a olhar para o número, batendo nele com o dedo — você precisa tirar os zeros para conseguir um, um, um, dois, dois.

— Tente — decidiu Sienna, ao dar uma respiração rápida.

Todos correram para a tranca, e Gavin a ergueu e digitou o código. Ele olhou nos olhos de Sienna de novo ao dar um empurrãozinho, e a fechadura abriu com um clique. Ambos soltaram a respiração presa, e Gavin a abriu e empurrou a porta.

O cômodo além estava escuro, apenas com uma iluminação fraca que se derramava da sala que ocupavam. Gavin deu um passo adiante, e Sienna e Mirabelle o seguiram de perto. A detetive semicerrou os olhos, enquanto eles se ajustavam, e viu que o teto era tão alto quanto o primeiro, embora houvesse janelas no segundo patamar deste, e uma boa parte do vidro não estava mais lá. Sienna virou a cabeça conforme observava as paredes. Havia coisas escritas ao longo de todas elas, pintadas com spray como se alguém tivesse pichado aquele cômodo e apenas aquele cômodo, mas estava escuro demais além da porta para conseguir enxergar o escrito.

— Parabéns, jogadores — veio a voz lá de cima. Assustada, Sienna ergueu a cabeça. Uma luz estalou em uma das janelas abertas, e Danny estava sentado com o quadril apoiado no parapeito, os pés de cada lado da parede baixa enquanto encarava o lugar em que os três estavam. Ele abriu um sorriso lento. — É divertido, não é?

Sienna fez uma varredura rápida do cômodo, procurando cobertura caso ele sacasse a arma. No entanto, o salão parecia, de certa forma, pequeno e vazio, embora estivesse bastante escuro para além de onde eles estavam. O melhor que poderiam fazer seria correr em ziguezague pela sala, para dificultar a mira. Mas aquilo só atrasaria as coisas. Ela olhou para cima e encontrou os olhos de Danny.

— Olá, detetive. Você não faz ideia do quanto estou feliz por você

estar aqui. Eu não esperava. Aceitei o emprego na delegacia para que eu pudesse monitorar meu jogo de perto. Imagine minha surpresa quando ouvi sua chefe mencionar a nova detetive que viria trabalhar no departamento. Imagine meu choque ao ouvir o *seu* nome, a menina que Violet amava como a uma filha, a que ela criou em vez de mim. — Ele se inclinou para a frente bem de leve e moveu a cabeça para olhar para cima, como se recordasse de algo. — Não acontece com frequência... pelo menos não comigo. Conseguir essa última carta para completar uma mão vitoriosa... — Ele sorriu, e o gesto conseguiu ser tanto saudoso quanto ligeiramente sinistro, o olhar dele pousando em Gavin. — Você conhece bem, não é, Grande Vencedor? Reconhecer a Fortuna sorrindo para você? — Antes que Gavin pudesse responder, Danny prosseguiu: — Te adicionei ao meu tabuleiro, detetive, mesmo eu só tendo um mês para rearranjar as peças. Mas eu precisava. Tinha acabado de receber a oportunidade de derrubar três oponentes de uma só vez. — Ele moveu o braço para o lado, como se varresse o tabuleiro da sua perversa imaginação.

— Danny — chamou Mirabelle, ao dar um passo adiante. — Isso não é um jogo, Danny. Não era antes, nem é agora. Deixe a gente sair. Por favor. Eu tentei, Danny. Eu tentei encontrar você.

— Não tentou o bastante! — disse ele, erguendo a voz. — E então parou por completo.

— Mãe — falou Gavin, baixinho, ao colocar a mão no braço dela, mas a mulher o ignorou e continuou a apelar para Danny.

— Eu estava com medo — continuou ela. Sienna engoliu em seco, olhando de um para o outro sem parar, a tensão no ar tão pesada que ela conseguia *sentir* uma vibração em torno deles.

— Não teria acontecido se você tivesse escolhido a mim — rebateu ele, e seu olhar foi para Gavin e logo voltou para Mirabelle... *Violet*, mas Sienna jamais a conhecera por esse nome, e não poderia pensar nela assim agora. — Por que não escolheu? — A voz dele ficou ligeiramente embargada, mas Danny pareceu se recuperar, endireitando as costas. Aquele mesmo sorriso distante retornou ao seu rosto. Antes que ela pudesse responder, ele prosseguiu: — Eu

me escondi no armário da sala de brinquedos. Caso esteja interessada em saber. Você se perguntou, Violet? Chegou a chorar quando pensou nisso? No quanto eu estava aterrorizado? No quanto eu tremia... no momento em que ele abriu a porta e me encontrou lá dentro? O olhar letal dele. E ele me matou naquele dia. Ou chegou perto. — Sienna agarrou a mão de Gavin.

Mirabelle baixou a cabeça, os ombros despencando por um momento antes de ela voltar a olhar para Danny.

— É claro que me perguntei. É claro que chorei — respondeu ela, com uma lágrima escorrendo pela bochecha. — Danny... — Ele se levantou e caminhou de uma abertura de janela até a outra, onde ele acendeu uma luz e apoiou as mãos no parapeito, inclinando-se para a frente. *Suas mãos estavam vazias. Ele não segurava uma arma... por ora.* Mirabelle deu mais um passo para dentro da sala, com a cabeça ainda erguida enquanto o seguia lá de baixo. — Só consigo imaginar ao quê e como você sobreviveu — disse ela. — Não houve um dia que se passou sem que eu pensasse em você e me perguntasse onde estava. Quando eu não te desejava bom-dia nem boa-noite. Você esteve aqui — ela espalmou o coração — a cada momento desde aquele dia. Saiba disso. Cada vez que me perguntavam quantos filhos eu tinha, eu contava você, mesmo que apenas na minha mente. Eu não te esqueci, Danny. Nunca, nem mesmo por um dia.

Ele ficou parado ali por um momento, olhando para eles lá embaixo, e embora estivesse imóvel e calado, pareceu não se deixar levar pelas palavras de Mirabelle.

— Não importa, Violet. Porque o que está feito está feito. Foi tudo obra sua e, por causa disso, eu paguei, e agora eles vão ter que pagar também. E você estará aqui para observar.

— Você está com raiva de mim, Danny. Não puna a eles — rogou Mirabelle.

— *Sempre eles, não é, Violet?* — A inflexão nas palavras dele soou estranha, como se estivesse expressando dez emoções ao mesmo tempo, misturadas, agitadas e turvas, ainda que se mantivessem neutras. Um arrepio desceu pelas costas de Sienna.

Aquele homem tinha passado muitos, muitos meses planejando aquele jogo elaborado. Talvez anos. Ele se agarrou à raiva, à infelicidade distorcida. Havia matado em autodefesa, e havia assassinado inocentes. *Quem é você, na verdade?*

— Vamos sair daqui, você e eu — disse Mirabelle, ainda tentando apelar para ele. — Você não é mau, meu amor. Você tentou; eu sei que tentou. Sou sua mãe. E vejo que essa parte sua ainda está aí. Consigo enxergar.

Danny simplesmente sorriu. E Sienna percebeu que, sim, ele ainda era aquele garotinho escondido no armário, abandonado e aterrorizado. *Ele é Danny, a criança terrivelmente abusada e negligenciada que cuidou de um vira-lata chamado Valete, e é o adolescente solitário que se criou sozinho. Ele também é Ollie, o zelador reservado que dava comida para um garotinho chamado Trevor, que ele sabia que tinha sido deixado à própria sorte, porque, do contrário, a criança teria morrido de fome.* Mas ele também era a mãe, não era? Sua própria versão de uma protetora inabalável. Calma e tranquila. Implacável e assassina e, ainda assim, meiga e leal. E agora ele estava canalizando o pai. Cruel e sádico. Ele era cada identidade. O assassino. O cuidador. O monstro. A vítima. Uma mistura de todos eles.

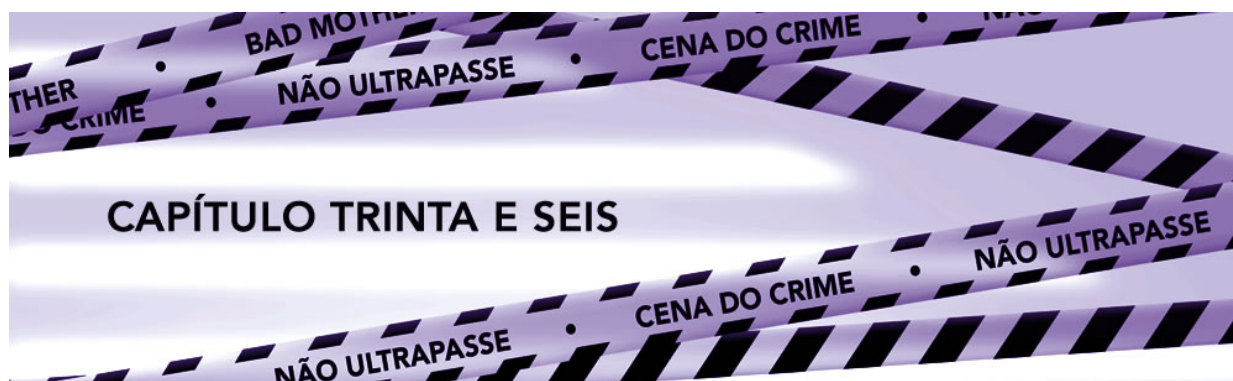
Ele havia se tornado quem precisava ser.

— Sair daqui? — perguntou ele. — Para que você vá me visitar na prisão? Não, acho que não. — Despreocupado, ele se recostou na beirada da janela, olhando mais uma vez para Sienna. — Eu planejei diversos caminhos, pistas diferentes que você teria que seguir. Foi divertido ver as que descobria primeiro e as que deixava passar. Eu estava preparado para cada cenário. Mas todos acabariam aqui. Esse sempre foi o fim do jogo. — Ele coçou o queixo. — Tantas opções. Tantos desvios. Você acha que a vida é assim? Acha que Deus arma essas coisas para nos observar falar porque somos idiotas e propensos ao erro? Ele deve se divertir bastante. O maior mestre dos jogos. *Não ceda nem um milímetro*, ele deve pensar. *Nem um único milímetro*. — Ele sorriu e estalou a língua. — Mas não há tempo para filosofar. O tempo está passando.

— E foi quando Sienna percebeu que eles não sairiam dali se seguissem as regras, porque Danny estava dando o seu melhor para jogar a sua versão de Deus, e ele, também, havia tramado para observá-los falhar.

Danny se ergueu, em seguida se afastou da beirada e se virou. Mais algumas luzes piscaram no alto quando ele apertou o interruptor, iluminando a sala lá embaixo, e então saiu e sumiu de vista.

— Danny, não. Volte... — soluçava Mirabelle, em óbvia agonia. — Por favor, por favor, volte. — Mas Danny tinha ido, pelo menos por ora, e, mais uma vez, eles só tinham um ao outro.



Gavin fez uma varredura rápida na sala antes de inclinar a cabeça para trás de novo e ir até a parede mais distante para poder ver mais do patamar em que Danny estivera. Parecia vazio. Para onde quer que tivesse ido, não estava mais os observando lá de cima. Onde ele estava? Indo arrumar outra sala? Não. Não, tudo aquilo tinha sido feito com antecedência.

Ele foi até a porta do outro lado da parede e pegou a tranca, idêntica à que estivera na porta anterior. Um código de cinco dígitos.

Gavin baixou a cabeça e massageou a nuca. Ele havia tentado engolir o choque e a profunda tristeza pelo que a mãe havia contado, mas aquilo estava cobrando o seu preço. Danny Boy era seu *irmão*. Ele estivera lendo as cartas do próprio irmão. *Jesus*. Ele inspirou e soltou um suspiro profundo. Sabia que deveria manter as emoções sob controle para que pudesse se concentrar no problema em que Danny os enfiara, mas precisava de um momento. Só um.

Você sempre foi um merdinha barulhento. Barulhento e feliz. Conseguiu continuar do mesmo jeito. Que bom para você, Grande Vencedor. As palavras de Danny de quando ele havia chegado voltaram à sua memória, junto com uma dor lancinante. Ele se lembrara de Gavin, ao passo que Gavin não tinha lembrança nenhuma dele.

Afastou-se da porta e encontrou o olhar de Sienna. Havia tanta compreensão na expressão dela, e aquilo o atingiu. Um bálsamo. Um sopro de força. Exatamente do que precisava.

Com o foco recuperado, ele voltou para o meio da sala e ficou lá por um momento, olhando, calculando se deveriam ou não subir nos ombros um do outro para chegar à janela, mas achava que não. O

que era ali? Um salão privativo de apostas? Tinha havido mesas com forro de feltro onde altas apostas eram feitas? As salas haviam sido dispostas para que a equipe de segurança conseguisse ver todos os ângulos, mas ficavam muito, muito distantes dos jogos em curso. Mesmo se subissem nos ombros um do outro, a pessoa em cima, a mãe, já que era a mais leve, teria que saltar até a janela e então se içar pelo parapeito. Não seria possível. Além do que, Danny estava lá em cima em algum lugar, e se soubesse que estavam tentando subir e pular, só teria que estender a mão e empurrar, e todos cairiam, e alguém acabaria quebrando a coluna.

Gavin foi até Sienna, que havia se aproximado de Mirabelle no lugar em que ela ainda estava, de pé perto da parede, e a puxado para seus braços. Ela soltou, e Mirabelle secou uma lágrima de seu olho. Parecia abalada e afligida pelo pesar. Vazia. Ele apoiou as mãos nos ombros dela.

— Mãe. Me escute. A gente vai sair daqui, e então vamos arranjar ajuda para o Danny.

— Ele não quer que saíamos, Gavin. Ele só está matando tempo com tudo... — ela fez um gesto amplo para o lugar, e Gavin olhou brevemente para os rabiscos pichados, tudo em tinta laranja — ... isso.

— Pode ser — disse Gavin. *Bem provável.* — Mas temos que continuar, porque através de uma dessas portas haverá uma oportunidade.

— Gavin está certo, Mirabelle — interveio Sienna. — Talvez ele suponha que não vamos conseguir concluir tudo a tempo, mas também está nos dando uma oportunidade. Se quisesse que a gente sentasse e esperasse esse prédio explodir, ele só precisaria nos arramar e ir embora. Talvez parte dele espere que a gente consiga se safar. E se for verdade, Gavin está certo: não podemos desistir.

A mãe assentiu, mas não pareceu convencida. Gavin inclinou o queixo para Sienna, que lhe abriu um sorrisinho.

Se jogar justo, eu vou jogar também. O que havia sido dito na carta de Danny voltou a ele. Se mesmo que parte dele tivesse sido

sincera ao dizer isso, ele havia armado tudo com a possibilidade, mesmo que ínfima, de eles conseguirem sair. *Talvez*.

Gavin avistou algo no chão. Deu poucos passos até lá antes de se curvar e pegar a moeda. Ergueu-a para as duas mulheres, que a fitaram, confusas. Ele a colocou no bolso. Até onde sabia, Danny havia deixado cair quando estava ali criando aquela obra de arte laranja. Mas poderia ser relevante.

— Vamos fazer uma varredura completa primeiro — decidiu Gavin. — Talvez ele tenha escondido outra caixa de pistas.

Cada um seguiu em uma direção, tateando as bordas da porta, olhando nos cantos e ao longo dos rodapés. Havia um ladrilho solto perto do piso da parede, e passaram vários minutos puxando-o, mas, embora estivesse mais erguido do canto, parecia estar preso. Precisariam de um pé-de-cabra para removê-lo por completo ou tatear por baixo.

— Cacete — xingou ele, ao irem até a parede mais pichada. Parecia que as pistas estariam nos desenhos malfeitos.

Sienna ficou para trás, para conseguir ver a parede principal por inteiro, e Gavin parou ao lado dela.

— Meio que parece um mapa — disse ele, com o olhar indo de uma linha de interseção até a outra.

— Foi o que pensei. E, olha, tem um X ali.

— O X marca o ponto — murmurou ele. — Mas que ponto?

— Será que aquilo é uma ponte? — perguntou Mirabelle, ao apontar para uma forma arqueada perto dos pés da parede à esquerda.

— Pode ser — murmurou Gavin.

— Se é uma ponte — continuou Sienna —, então aquilo devem ser ondas. — Ela apontou para o pequeno vai e vem abaixo do arco.

— Há várias pontes aqui sobre o rio Truckee — observou Gavin. — Alguma delas significa algo para você?

— Não. E para você? — Ela se virou. — Mirabelle?

Ele e a mãe balançaram a cabeça.

— Mas a ponte está mais longe — contribuiu Mirabelle. — Parece que isso — ela apontou para a interseção de linhas acima deles — é o foco principal.

Gavin concordou. Mas o que eles deveriam fazer com um monte de linhas cruzadas, tendo apenas como marco uma ponte distante?

Todos ficaram parados lá por um tempo, olhando para os detalhes das linhas, as ondulações. Gavin fez mais algumas buscas no entorno, mais para se manter ativo, para não se sentir tão esmagado pela frustração a ponto de se tornar inútil. Sienna bufou, foi até o outro lado da sala e então se recostou na parede mais afastada ao observar o mapa.

— Ah, meu Deus — reagiu ela.

— O quê?

Ela avançou, a cabeça se inclinando enquanto encarava o desenho laranja.

— É a ponte Bayonne Bridge, em Nova York. Conecta Staten Island a Nova Jersey.

— Tem certeza?

— Creio que sim. Porque aquela forma ali parece o estádio dos Yankees. — Ela usou o dedo para apontar o triângulo arredondado à direita de Gavin. — E olha — continuou ela, e apontou para os dois canais estreitos de cada lado deles. — Aquele deve ser o rio East — falou ela, ao indicar a direita —, e ali deve ser o Hudson. — Ela moveu o dedo para a esquerda.

— Certo — disse Gavin, sentindo um zumbido de expectativa que lhe deu um pequeno arroubo de energia renovada. — Então o que seria aquilo? — perguntou ele, ao apontar para o X que obviamente era o foco daquele mapa imenso, rabiscado e sem legendas.

— Bem, o Distrito Financeiro fica para lá — explicou ela, ao apontar para os pés. — Então aqui em cima é o... Harlem.

— O que o Harlem significa para você, Si?

A cabeça dela se moveu de um lado para o outro pelo mapa, como se estivesse se orientando.

— Era onde eu trabalhava.

Ele ficou calado enquanto a observava, obviamente fazendo conjecturas. Assim como a caixa na sala anterior tinha sido feita para ele, esse mapa era para ela? Danny havia montado aqueles cenários, até então, focando em cada um?

— O laranja — disse ela, ao se virar para ele e a mãe, com o olhar iluminado. — Está tudo em laranja. — Ela passou a mão pela parede.

— Por quê? Porque é laranja?

— Porque era a cor do dia. — Ela balançou a cabeça de leve. — A polícia de Nova York usa um sistema de cores do dia para identificar policiais disfarçados em serviço em áreas de alto risco. É para evitar fogo amigo. Eu estava usando laranja na minha primeira prisão importante.

— Resuma — pediu ele, tentando apressá-la sem comprometer os detalhes de que pudessem precisar.

Ela falou mais rápido.

— Eu estava disfarçada. Vi uma imensa negociação de drogas em curso. Havia uma criança no banco de trás, ou talvez eu nem sequer teria notado. Mas eu vi aquela criança, e fiquei de olho no carro. Para ser sincera, tive sorte, Gavin. Enfim, a prisão levou ao chefe. Recebi um prêmio. Passou em todo o noticiário local. Foi uma das razões para eu ter chegado rápido à posição de detetive.

Não tinha sido uma questão de sorte. Para ela, a motivação sempre tinham sido as crianças. Não podia tolerar vê-las sofrer maus-tratos ou sendo malcuidadas. E mais tarde ele lhe diria o quanto a amava pra caralho.

— Certo, então essa prisão importante foi... ali? — perguntou ele, ao apontar para as linhas cruzadas.

Ela confirmou, com o olhar grudado lá.

— Sim. Sim, bem ali.

— Cinco dígitos. Você se lembra do código postal de lá?

Ela pôs a mão na testa e desviou os olhos.

— Deus, devia ter uma dezena. É um lugar grande, e não sei o código de lá exatamente. Deve começar com 1-0-0.

Um raio de frustração chiou através dele. *Cacete*. Quantas combinações poderia haver? Se fosse melhor em matemática, talvez soubesse.

Da maneira como estava, eles teriam que começar por tentativa e erro, um por um.

— Certo, vamos começar, então — decidiu ele, ao se encaminhar para a porta.

— Espere — pediu ela, ao colocar a mão no braço dele. — A moeda. — Ele levou a mão ao bolso, tirou-a de lá e a segurou na palma.

Ela a pegou e a ergueu entre o polegar e o indicador, estudando-a por um momento antes de obviamente ver, assim como ele, que era só uma moeda como outra qualquer. Ela a devolveu.

— Cobre — disse ela.

— O que tem? — perguntou Gavin.

— Os primeiros distintivos da polícia de Nova York eram feitos de cobre — contou, às pressas. — Foi daí que veio a palavra *cop* para se referir aos policiais. Meu distintivo de lá tinha cinco números.

O olhar deles se cruzou por um instante, e ele começou a ir em direção à tranca, mas se deteve assim que algo lhe ocorreu.

— O quê? — perguntou ela.

Gavin virou a cabeça e fez contato visual com a mãe também, quando as duas se aproximaram.

— Vire-se para a parede e finja que ainda estamos falando do mapa — instruiu ele. Não fazia ideia se havia alguma câmera pequena escondida por onde Danny os observava. Não viu nenhuma, mas havia um milhão de lugares em que algo muito obscuro podia ser escondido. Trabalhava no ramo da segurança, e sabia bem disso. Sienna apontou para um lugar à esquerda deles, e ele inclinou a cabeça ao falar o mais baixo possível, movendo minimamente os lábios. — Olhe, a primeira sala foi montada para

mim, visando à minha primeira grande vitória. Se aquela porta se abrir com o número do seu primeiro distintivo, ele terá seguido a mesma lógica, só que direcionada a você.

— O que significa que, se houver uma sala além dessa, foi pensada para mim — concluiu Mirabelle, a toda pressa.

— Se — respondeu Gavin. — Mas se pudermos abrir essa tranca e correr para a seguinte sem parar para desvendar pistas, poderemos conseguir pegá-lo de surpresa. Ele não vai esperar. O que tem além dessas salas, mãe?

Ela franziu a testa.

— Um saguão aberto com três andares. Tem uma escada-rolante que segue até um andar mais abaixo.

Gavin assentiu uma vez. Pelo menos ele sabia para onde estaria correndo se chegasse àquele ponto.

— Então estamos presumindo que a terceira fechadura tem algo a ver com um evento positivo na vida de Mirabelle — disse Sienna, apontando para outro lugar e se virando ligeiramente para longe de Gavin. — Algum tipo de *vitória*. Mas uma de que ele podia estar a par.

Nenhum deles olhou para Mirabelle, mas era óbvio que ela sabia que estavam esperando dela algumas hipóteses, porque ela soltou um som baixo do fundo da garganta para indicar que estava pensando.

— Não sei... minha felicidade é você. Você e Sienna e... Argus. — Sua voz ficou embargada ao dizer o nome de Argus, mas ela pigarreou e logo se recompôs. — Eu amo a minha casa...

— Sua *casa* — notou Sienna. — Ele mencionou a sua casa na carta.

— O código postal? — perguntou Gavin. *Não, espere.* — O número da casa tem cinco dígitos também. — Aquele zumbido de novo. Expectativa. Ansiedade. Raiva pelos últimos momentos que estavam sendo gastos desvendando charadas infinitas, tudo para fazer um homem se sentir poderoso e no controle do tabuleiro... pelo menos uma vez. Medo que o plano que estavam formando não fosse

funcionar.

Mas Gavin era um apostador. Ele assumia riscos. Jogava com mãos difíceis, e se arriscaria com essa. Precisava, porque estavam ficando sem tempo.

— O número da casa é mais específico — concluiu Sienna. — Mais pessoal.

Gavin concordou com um ínfimo mover de queixo.

— A gente vai até lá digitar o número do distintivo de Nova York — disse ele — e então vocês ficam perto da porta enquanto eu corro até a seguinte e digito os números do endereço. — Ele olhou para Sienna, e conseguiu notar que ela estava considerando o plano e qual deveria ser, como policial treinada, o seu papel. — Nós dois sabemos lutar — falou Gavin. — Mas tenho quase o mesmo tamanho de Danny. — Não gostava muito da ideia de brigar com o homem que tinha acabado de descobrir que era seu irmão, mas esse irmão era um assassino. E se isso significasse que eles sobreviveriam, faria o que tinha de fazer. Não fazia ideia do que havia além da porta, isso se houvesse algo. Mas precisavam tentar porque não conseguia pensar em uma opção melhor. Sienna o olhou por um momento e então deu um aceno rápido.

Os três foram na direção da porta, e Sienna agarrou o cadeado, as mãos trêmulas quando começou a digitar os números. O olhar se ergueu quando encaixou o último, e encontrou o dele, então articulou “eu te amo” com os lábios.

— Eu também te amo — articulou ele de volta, pegando a mão da mãe e dando um apertão conforme Sienna puxava o cadeado e este se abria. Com um mover de pulso, ela o removeu e empurrou a porta. Gavin saiu em disparada até o outro lado da sala mal iluminada, a forma dele mal ficando visível. Quando chegou lá, estava ofegante e aliviado ao ver o terceiro cadeado. Sentiu-se do jeito que havia se sentido quando pegou um dois na rodada durante o jogo que havia descrito na primeira sala.

Necessário para uma vitória, mas ainda não é a final.

Suas mãos estavam firmes quando digitou o número da casa de

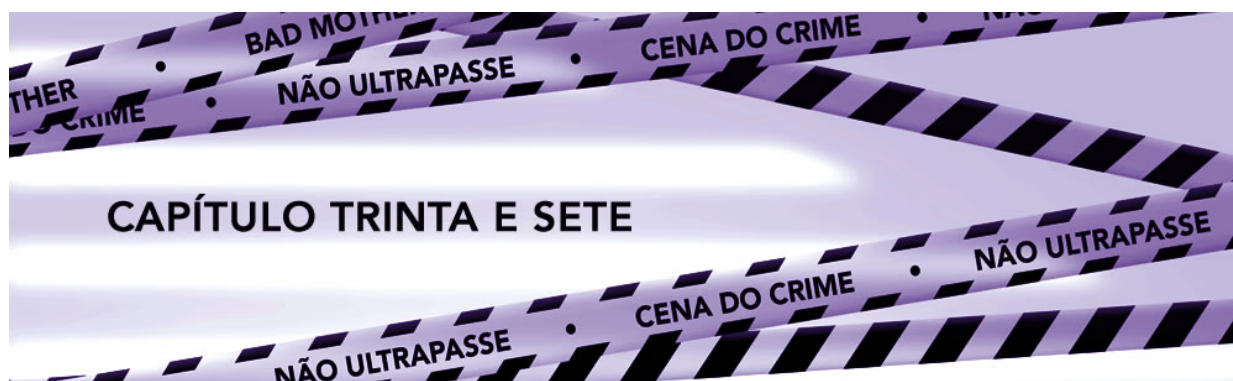
Mirabelle. Foi como se houvesse se passado uma vida e um instante entre a hora que ele puxara o cadeado e o momento que o abriu. O coração de Gavin desacelerou, depois acelerou, e ele jogou o cadeado para o lado, puxando a porta e saindo com tudo.

Danny estava a vários passos de distância do outro lado, com a expressão atordoada enquanto ele tropeçava para trás antes de se equilibrar no corrimão às suas costas.

Ambos congelaram, irmão diante de irmão, encarando-se por vários e ofegantes segundos.

— Eu dei a dica, não foi, Grande Vencedor? — disse Danny, por fim, ao levar a mão à cintura. — O problema é que só restam mais quinze minutos. Tic-tac. Tarde demais.

Gavin nem se deu ao trabalho de responder, em vez disso, baixou a cabeça e disparou para a frente, direto para Danny, quando a arma apareceu e a mão dele começou a se erguer.



Sienna e Mirabelle atravessaram a porta bem quando Gavin partiu para cima de Danny, e ambos voaram para trás, um grito escapando dos lábios de Mirabelle quando eles atingiram a mureta e ricochetearam no chão. Era uma terrível reviravolta na brincadeira de lulinhas que poderia ter sido comum entre os irmãos caso tivessem crescido juntos, se amando e se odiando. O pensamento apressado e distante atravessou a mente de Sienna ao mesmo tempo em que ela foi na direção deles, levando, por instinto, a mão ao quadril para pegar a arma, mas não havia nada lá.

Estavam lutando diante de uma parte da mureta com parapeito, mas o resto era aberto para o piso de baixo, e havia uma escada-rolante fora de operação na frente deles.

Gavin foi para a parte mais alta, recuou e ergueu o punho. Mirabelle gritou, um som que fez os dois homens titubearem, e Danny usou essa micropausa para erguer a mão que ainda segurava a arma. Gavin reagiu, batendo a mão no pulso de Danny, mas antes que este conseguisse apertar o gatilho, a arma disparou, o som da explosão fazendo os ouvidos de Sienna zumbirem enquanto ela sentia sua perna pegar fogo. Ou foi o que pareceu quando ela se apoiou sobre um joelho, gritando de dor.

— Não! — Mirabelle correu e mal conseguiu pegar Sienna antes de ela cair, suportando seu peso conforme ela levava a mão à perna ferida.

— Está tudo bem, Mirabelle. — A respiração de Sienna entrava e saía com dificuldade, sentindo surtos de agonia movendo-se pela sua perna. Conseguiu ver o buraco por onde a bala tinha entrado, estilhaçando o osso. Estava sangrando demais, mas pelo menos não

havia atingido uma artéria.

Os dois homens ainda lutavam, e Gavin fez contato visual; havia choque e fúria na sua expressão. Ele puxou Danny de pé e o atingiu no rosto. Danny também conseguiu acertar uma nele, e eles continuaram a briga.

Mirabelle estava chorando conforme envolvia ao redor do ferimento o que Sienna pensou ser uma blusa, e atou com força.

— Obrigada. Eu estou bem — conseguiu expressar, acalmando-a mesmo enquanto o medo e a dor debilitante aumentavam, observando os dois homens lutarem para chegar à arma que havia deslizado para perto da beirada do patamar.

Danny mergulhou na direção da pistola, Gavin foi logo atrás, e eles rolaram precariamente perto da borda. O coração de Sienna subiu para a garganta quando eles se moveram para o lado oposto antes de ambos ficarem de pé. Os grunhidos deles ecoavam pelo espaço grande e aberto enquanto lutavam para dominar um ao outro, para pegar a arma.

Lá fora, as luzes pareciam surgir, as janelas altas e tapadas acima deixando entrar a luz dos raios de sol no espaço cavernoso. Sienna ouviu o som de veículos ao longe. O pessoal da demolição tinha chegado, ou talvez estivessem se preparando. *Não consigo andar. Ah, Deus, como dói. Não consigo nem ficar de pé.*

Mesmo se Gavin chegasse à arma, apontá-la para Danny o obrigaria a dar o código para a saída? Será que sequer tinham tempo de chegar àquela porta afastada? Havia outra pela qual poderiam passar? Não havia tempo para procurar. Sienna arquejou com dor e terror.

Danny jogou o braço para trás e perdeu o equilíbrio. O semblante ensanguentado registrou medo quando ele quase se firmou, mas acabou se desequilibrando, caindo de costas pela escada-rolante. Mirabelle gritou o nome dele, e Sienna fez careta ao ouvir o corpo despencando e colidindo nos degraus metálicos até chegar lá embaixo.

Mirabelle soltou um berro, largando Sienna e saindo correndo

quando Gavin se ajoelhou e ficou de pé, disparando até onde Sienna estava, com o sangue encharcando o piso de madeira.

— Ah, Deus, Si, sua perna — disse ele, ofegante. — A gente tem que *ir*. — Ele se abaixou e a pegou no colo. De seu ponto mais elevado, ela viu Danny deitado lá embaixo, com o corpo mole e uma perna dobrada para trás. E o viu abrir os olhos, e ouviu o gemido de dor. Ainda estava vivo.

Mirabelle estava de pé no alto da escada-rolante, com os ombros tremendo ao encarar Danny.

— Mãe! Vamos! — chamou Gavin, ao se virar de volta para a sala de onde havia disparado minutos antes, surpreendendo Danny. Sienna ergueu a mão, envolvendo-as no pescoço dele, o coração batendo com tanta força que mal conseguia respirar, e a dor fazendo a sala ao redor dela pulsar.

Lá fora, através de um alto-falante, veio uma voz:

— Vinte.

Ah, Deus. A contagem regressiva. Igualzinho àquele dia do passado distante, quando o pai tinha começado a gritar os números, quando Violet tinha sido forçada a escolher. A percepção veio de longe. Os pensamentos estavam confusos, parecendo desprendidos da realidade. A dor na perna era lancinante e arrasadora.

Mirabelle — *Violet* — se virou com um sorrisinho triste ao se ver, mais uma vez, entre seus dois meninos.

— Dezenove.

E mesmo desconectada da realidade, Sienna *soube*.

— Mirabelle — sussurrou. Um adeus.

Lá embaixo, Danny se moveu, puxando-se para trás com os braços, arrastando a perna inútil ao gritar de dor. Ele se largou contra a parede, o peito subindo e descendo com a respiração entrecortado.

— Dezoito.

— Mãe! — chamou Gavin, com pânico na voz.

— Eu amo tanto vocês dois — falou Mirabelle, com a voz embargada, ao pisar na escada-rolante. E antes que Gavin pudesse

dar um passo para a frente, ela começou a se mover com rapidez pelos degraus estreitos, em direção a Danny.

— Dezessete.

— Sienna! — gritou Danny lá de baixo, com a voz fraca, trêmula e tão baixa que ela mal conseguiu ouvir por cima da atividade frenética lá fora. — Violet Whitney Hastings — disse ele, e sua cabeça foi para trás e bateu na parede.

— Dezesseis.

— Vinte e três, setenta e quatro... — grunhiu Danny. *O que você está dizendo, Danny?* Ele tentou respirar, mas acabou tendo um acesso de tosse, e o pescoço dele pendeu para o lado.

— Quinze.

Gavin soltou um rosnado de pânico e frustração, do fundo de sua garganta, e ajustou Sienna nos braços. Ele avançou um passo na direção de Mirabelle, mas então deu meia-volta, o rosnado se transformando em um soluço quando ele abriu a porta diante deles com um chute, Sienna se segurando com força nos braços dele conforme avançavam. *Para longe dali.*

— Quatorze.

Sienna entendeu. Ela sabia. Se ficassem e tentassem obrigar Mirabelle a ir com eles, todos morreriam. Ela havia feito uma escolha. Mais uma vez, estava entre os filhos, e agora tinha escolhido Danny, porque da primeira vez não havia feito isso.

A respiração de Gavin soprava na sua bochecha. Tendo adentrado mais ainda o prédio, Sienna não conseguia mais ouvir a contagem, mas recitava os números na cabeça.

Treze.

Gavin atravessou correndo a sala que não tinham explorado com minúcia, a que continha as pistas para o endereço de Mirabelle. A sala que, tivessem eles tido tempo para examinar, teria sido seu túmulo, todos enterrados sob destroços, tal qual o mestre dos jogos havia planejado.

Doze.

Gavin disparou pela segunda porta, indo para a externa pela qual tinham entrado. O que ele ia fazer? Arrancar o alarme da parede? Assim eles jamais conseguiriam sair. Usar um aríete? Não teriam tempo. A cabeça dela ficou enevoadada, e a dor a atravessou feito uma onda vermelha.

Onze.

Danny havia falado números para ela. Quais tinham sido? *Vinte e três*, dissera ele. *Setenta e quatro*.

Violet Whitney Hastings.

Mãe.

Tudo vinha de tão longe, entrando e saindo da sua mente.

Dez.

Gavin correu de uma porta para a outra, entrando na sala que antes tinha sido uma cozinha, ergueu a perna e chutou o armário que haviam posto na frente da porta.

— A tabela periódica — murmurou ela. Ele havia usado o nome da mãe... o código para tudo aquilo. *A resposta final*. O mundo estava se fechando. Ela sentia tanto frio, tanto, tanto frio. Sua mandíbula não queria se mover. Violet... V... número atômico 23. Era isso, não era? Pensara nisso havia um instante. Desesperada, tentou conjurar a imagem da tabela que estudara com tanto empenho, mas a mente não cooperava. *Tão frio. Dói. Deus, como dói*. Whitney... W... Não conseguia se lembrar o que significava ou mesmo se o número atômico era 74.

Nove.

A respiração de Gavin saía em suspiros audíveis conforme atravessavam a cozinha, o bater dos pés dele fazendo sua perna ricochetear e latejar com uma dor terrível. Mas era necessário. *Rápido. Rápido.*

— As iniciais têm a ver com os números da tabela periódica — falou ela, com voz arrastada. — Violet. Vinte e três. Whitney. Setenta e quatro. — Ele correu para a área aberta e de pé-direito alto pela qual ele havia entrado, aquela onde Danny os havia obrigado a brincar da versão doentia de esconde-esconde enquanto atirava

neles. Sienna agora podia ver, com olhos turvos, que era um segundo andar, e Gavin correu para a porta.

Oito.

Violet Whitney Hastings. *H... Hastings... hidrogênio.*

— Acho que é o primeiro bem no topo — conseguiu dizer quando parou derrapando diante da porta, o painel piscando. Seu fôlego saía em arquejos. — Vinte e três, setenta e quatro — repetiu ele. — Quais são os últimos dois dígitos, Si? — Ele soava desesperado, em pânico, e ela soube que deveria estar assim também, mas, em vez disso, flutuava... à deriva. *Quanto sangue eu perdi?* Hidrogênio estava no topo da tabela. O primeiríssimo. Ela estreitou os olhos, revirando o que a mente havia retido. *Por favor.*

Sete.

Ou hidrogênio ficava do outro lado?

— Si — ele praticamente gritou. — Si! — Ele precisava dela. Gavin precisava dela. *Não, não, o outro lado é He. Hélio. Hidrogênio é o número um.*

— Um — ela conseguiu dizer. *Tem de ser.*

Ele bufou uma respiração. Consequia sentir o cheiro do suor dele. Seu medo. Viu-o brilhando na sua testa.

— Um — repetiu Gavin. — Dois, três, sete, quatro... zero, um, porque são seis dígitos, Si.

Ela não respondeu. Não conseguia mover a língua.

Seis.

Ele ergueu a mão. Trêmula. Gavin estava com medo, com tanto medo, e embora seu coração estivesse batendo tão, tão devagar, se aquelas fossem as últimas batidas, cada uma seria por ele. *Eu te amo.*

Com um som estrangulado e uma respiração ofegante, ele digitou os seis números. *Uma chance. Uma chance.* Era tudo o que tinham.

O alarme soltou um bipe, e a luz vermelha se apagou quando a porta se abriu com um clique. Gavin soltou um lamento baixinho, abrindo a porta com o ombro conforme disparava para a noite, com

Sienna firme em seus braços.

Cinco.

Ele correu, os pés batendo no concreto, o ar doce da noite atingindo o rosto de Sienna quando ela o sentiu projetar o corpo para a frente, apertando-a com tanta força que doía, e ela deixou escapar um gemido bem baixinho quando o mundo piscou e se desconectou.



Violet saiu da escada-rolante e foi na direção de Danny. Seu filho. O olho dele, o esquerdo que já estava começando a inchar, se abriu. Ele piscou para ela, e mesmo o rosto estando ensanguentado, os traços distorcidos por causa dos ferimentos, ela viu descrença... depois assombro... *alívio*. Era desnudo e visceral, o olhar que ele talvez tivesse lhe dado se ela tivesse aberto o armário naquele dia, não o demônio. Correu pelos últimos degraus e se abaixou no chão ao lado dele.

— Estou aqui — disse ela.

— Quatro — veio a voz lá de fora, através do megafone.

Corra, Gavin, corra!

Danny desabou na direção dela, e ela passou os braços ao redor dele, apoiando a cabeça dele em seu colo, afagando seu cabelo. *Macio. Tão macio quanto ela se lembrava.*

Gavin e Sienna conseguiriam sair. Ela sabia que conseguiriam.

Não deixaria Danny, não dessa vez.

— Três.

— Mãe — sussurrou Danny, virando-se para ela como uma criança, agarrando-lhe a bainha da camisa com o punho, enterrando o rosto em sua barriga.

Violet o embalou. Ele era o seu Danny. Não importava quem ele tivesse sido, quem tivera que ser, ele morreria como o seu menino. Nos braços da mãe, os braços dos quais ele tinha sido arrancado muito, muito antes de estar pronto.

— Dois.

Ele se virou mais inteiramente para ela, e ela sentiu a umidade das lágrimas dele se infiltrando pela sua blusa. Segurou-o com força, cantarolando baixinho, e o embalou como embalava Gavin naquele dia, muito tempo atrás, quando se esconderam no closet.

Ela se inclinou para a frente, agarrou o corpo dele junto do seu, protegendo-o.

— Estou aqui — sussurrou ela de novo.

— Um.



Quatro meses depois

O olhar de Sienna se prendeu no garotinho sentado sozinho em uma mureta de pedra nos limites do terreno, usando um graveto para desenhar no chão o que pareciam ser formas aleatórias. A mulher que administrava o local disse que ele costuma ficar lá, completamente sozinho. Sienna entendia. O menino havia aprendido a encontrar consolo no próprio isolamento. Era o que ele tinha que fazer e, agora, talvez, não conseguisse mais fazer diferente. Sienna, Gavin e Kat se aproximaram, e a cabeça do menino se ergueu conforme eles se aproximavam.

— Oi, Trevor — disse Sienna, abrindo um sorriso leve para ele, e uma geleira se estabeleceu entre suas costelas. Não queria deixar o garoto nervoso, mas ela estava nervosa também. Queria fazer aquilo direito. Deixá-lo à vontade. Por isso, tinha pedido a Kat para vir junto, as duas haviam formado o que ela esperava ter sido uma dupla reconfortante no dia que haviam entrado no apartamento da avó dele e o encontrado sozinho. *Resgate-o*. A perna de Sienna doeu só um pouco quando ela se agachou diante do menino. Ele parou de mover o graveto, olhando-a com curiosidade de início, mas aquela expressão logo se transformou no que ela imaginou ser indiferença ensaiada. — Você se lembra de mim? Eu sou a detetive Walker. — Ela olhou para trás. — E aquela é a detetive Kozlov.

Kat sorriu.

— Oi, Trevor, que bom ver você.

Os olhos do menino se demoraram nela por um instante antes de se voltarem para Gavin, a cautela se infiltrando.

— Aquele é o meu marido, Gavin — continuou, ao sorrir para Gavin. *Marido*. A palavra ainda a fazia perder o fôlego. Eles haviam se casado um mês depois daquela noite terrível no Cassino Royale. *Não vamos desperdiçar nem mais um minuto*, ele tinha dito. E ela concordara de todo o coração. Minutos eram preciosos. *Segundos*. Quem sabia disso melhor do que eles?

Gavin deu um passo adiante e estendeu a mão.

— Oi, Trevor.

O garoto a encarou por um segundo antes de estender a dele e apertar a mão oferecida. Gavin se afastou, flexionando a mão para cima como se o cumprimento do menino fosse forte o suficiente para causar dor.

— Nossa, você tem um aperto e tanto — disse Gavin. Os lábios de Trevor se inclinaram um pouquinho, e o coração de Sienna ficou mais leve. *Inspire, expire*.

— Vocês vieram para me levar para outro lugar? — perguntou ele, e seu olhar foi para os rabiscos na terra. *Sempre se mudando. Nunca ficando. Deve ser assim que ele se sente*. Distraído, ele arrastou o graveto para lá e para cá.

— Estamos aqui para te perguntar se aceita ir morar com a gente. Para sempre.

O olhar dele disparou para cima, e os olhos grandes encontraram os dela.

— Morar com... vocês? — Ele olhou para trás dela, primeiro para Kat, depois para Gavin, e de volta para ela.

Sienna assentiu.

— Comigo e com Gavin. Kat vai gostar de te visitar na nossa casa de vez em quando.

— Eles têm uma casa bem legal, Trevor. Posso garantir — encorajou Kat, sorrindo.

A testa pequena baixou, mas Sienna jurava ter visto a esperança brilhar nos olhos dele, pequena e distante, bruxuleante, mas estava lá.

— Vocês... me querem?

Ela soltou o respiração, o coração constricto, e Sienna estendeu a mão para pegar a dele.

— Sim, Trevor. Queremos. Nós queremos você. Queremos que vá morar com a gente. Queremos te dar um lar e ser sua família se... se você quiser a gente também. Não precisa responder agora. Pode decidir. Passamos alguns meses arrumando o que acreditamos ser uma casa bem legal. Você pode ir dar uma olhada e decidir se gosta ou não de lá, tudo bem?

Ele piscou e assentiu.

— Tu-tudo bem.

Lágrimas queimaram o fundo dos olhos de Sienna quando ela olhou por cima do ombro, para Kat e Gavin. Ele sorriu, deu um passo adiante e se agachou ao lado dela para que ficasse da altura do menino.

— Obrigado, Trevor, por nos dar uma chance. — Ele pegou a mão de Sienna e a apertou. — Vai nos deixar muito felizes. A gente sabe que você perdeu pessoas. E que foi difícil. A gente perdeu pessoas também. — Ele pigarreou, mas não antes de Sienna ouvir a dor. — Mas temos esperança... bem, temos esperança de podermos ajudar um ao outro a sarar.

Sienna e Gavin haviam se apoiado durante o pior de tudo aquilo, do luto, dos funerais, da forma como a mídia havia caído em cima da história cheia de assassinatos e sacrifícios, fraude e terror. Kat tinha sido uma amiga leal e uma fortaleza para Sienna, e Ingrid a protegera profissionalmente, a cada passo do caminho. Tendo se passado apenas quatro meses, ainda havia muita cura pela frente. Mas Sienna e Gavin estavam mais fortes por isso também, cada um assumindo de onde o outro deixava, ambos decidindo que era hora de receber um garotinho perdido em seu lar e no coração. Sienna tinha a forte sensação de que Mirabelle aprovaria.

Trevor assentiu, com a expressão séria. Compreendendo a situação de um jeito que um garotinho jamais deveria compreender. Todos ficaram de pé, e Trevor pegou a mão de Gavin.

— Eu posso ajudar — ofereceu ele.

— Ótimo — respondeu Gavin. — A gente apostava nisso. E eu sou muito bom em fazer apostas vencedoras. Vou te contar quando chegarmos em casa, ok?

Casa.

— Ok. A gente pode ir agora?

— Pode — disse Sienna. — Vamos. — E ela pegou a outra mão de Trevor. Kat se juntou a eles enquanto atravessavam o jardim juntos.

Sienna não via a vida como um jogo, pelo menos não do jeito que Danny via. Não acreditava que todos eram peões com que brincar. A vida podia ser difícil e injusta, mas, assim como Mirabelle e Argus lhe ensinaram, a vida também tinha magia, e havia amor nos lugares mais inesperados. Entrelaçou o braço com o de Kat, segurando firme a mão de Trevor ao lançar um sorriso para Gavin. Supunha que nem sempre havia resposta quando se tratava de razões importantes, mas de uma coisa tinha certeza: sempre que se recebia uma ou precisava criar a própria, não havia nada mais importante do que uma equipe forte verdadeiramente excelente.

Fim



Existem muitos tipos de equipes. Tenho sorte por ter as melhores das melhores tanto na vida pessoal quanto na profissional.

À Kimberly Brower, que me dá cobertura em tudo. Todo autor deveria ter a sorte de ter uma agente igual a você.

À Marion Archer, que me ajudou a organizar e polir os primeiros rascunhos desta história. Obrigada por saber o que eu queria dizer quando eu mesma não sabia e por me ajudar a encontrar as palavras certas.

À minha equipe de edição da Amazon, com quem trabalhei pela primeira vez, Charlotte Herscher, Maria Gomez, Riam Griswold e Bill Siever. Estou diante da excelência. Vocês me desafiaram e me inspiraram, e minha gratidão não tem limites. Vocês quatro são muito, muito *inteligentes*. Mal posso esperar para repetirmos a dose!

Aos meus amados leitores. Vocês tornam tudo isso possível. Obrigada do fundo do meu coração por escolherem meus livros quando há tantos outros por aí.

A todos os blogueiros de livros, instagrammers e booktokers que são tão generosos com o próprio tempo e talento. Valorizo cada um de vocês.

Ao meu marido. Me unir a você foi a melhor decisão que tomei na vida.

Mia Sheridan



Entre em nosso site e viaje no nosso mundo literário.

Lá você vai encontrar todos os nossos
títulos, autores, lançamentos e novidades.



Acesse [Loja Editora Charme](#)

Além do site, você pode nos encontrar em nossas redes sociais.

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[Instagram](#)

[Tik Tok](#)

Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Copyrights](#)
3. [Dedicatória](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Capítulo 18](#)
22. [Capítulo 19](#)
23. [Capítulo 20](#)
24. [Capítulo 21](#)
25. [Capítulo 22](#)
26. [Capítulo 23](#)
27. [Capítulo 24](#)
28. [Capítulo 25](#)
29. [Capítulo 26](#)

30. [Capítulo 27](#)
31. [Capítulo 28](#)
32. [Capítulo 29](#)
33. [Capítulo 30](#)
34. [Capítulo 31](#)
35. [Capítulo 32](#)
36. [Capítulo 33](#)
37. [Capítulo 34](#)
38. [Capítulo 35](#)
39. [Capítulo 36](#)
40. [Capítulo 37](#)
41. [Capítulo 38](#)
42. [Epílogo](#)
43. [Agradecimentos](#)
44. [Editora Charme](#)